



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

LEANDRA ALENCAR SOARES LIMA DE PASSO

**SE A VIDA IMITASSE A ARTE: MEDIAÇÕES EM REDE NA CULTURA
PARTICIPATIVA DOS FÃS DE LITERATURA *QUEER* COMO ESTÍMULO PARA
ADAPTAÇÕES AUDIOVISUAIS**

FORTALEZA

2025

LEANDRA ALENCAR SOARES LIMA DE PASSO

SE A VIDA IMITASSE A ARTE: MEDIAÇÕES EM REDE NA CULTURA
PARTICIPATIVA DOS FÃS DE LITERATURA *QUEER* COMO ESTÍMULO PARA
ADAPTAÇÕES AUDIOVISUAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Informação. Área de concentração: Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento.

Orientadora: Profa. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante Lima.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- P11s Passo, Leandra Alencar Soares Lima de.
Se a vida imitasse a arte : mediações em rede na cultura participativa dos fãs de literatura queer como estímulo para adaptações audiovisuais / Leandra Alencar Soares Lima de Passo. – 2025.
225 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Fortaleza, 2025.
Orientação: Prof. Dr. Lídia Eugênia Cavalcante Lima.
1. Mediação. 2. Literatura LGBTQIAPN+. 3. Cultura Participativa. 4. Estudos de gênero e sexualidade.
5. Vermelho, Branco e Sangue Azul. I. Título.

CDD 020

LEANDRA ALENCAR SOARES LIMA DE PASSO

SE A VIDA IMITASSE A ARTE: MEDIAÇÕES EM REDE NA CULTURA
PARTICIPATIVA DOS FÃS DE LITERATURA *QUEER* COMO ESTÍMULO PARA
ADAPTAÇÕES AUDIOVISUAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Informação. Área de concentração: Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento. Linha de Pesquisa: Informação, sociedade e cultura.

Aprovado em: 20/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante Lima (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Gisele Rocha Côrtes
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof. Dr. João Arlindo dos Santos Neto
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Laiana Ferreira de Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À toda a comunidade LGBTQIAPN+. Dedico a todas, todos e *todes* que estiveram aqui antes de nós, e para quem ainda vive e luta com coragem e amor. Desejo que suas vidas sejam celebradas pela eternidade.

AGRADECIMENTOS

Início esta seção do trabalho com a mente repleta de lembranças e um sentimento quase agridoce pairando no ar. Digo isto porque para mim sempre foi um desafio escrever esta parte antes de dar o ponto final pelo simples fato de existir muito amor em meu peito, do tipo que transborda, e que muitas pessoas e instituições me ajudaram nesta jornada de pesquisa, descobertas e desafios. Conter o meu carinho e gratidão em alguns breves parágrafos parece tão pouco, além do risco de cometer possíveis omissões. Contudo, prometo tentar o meu máximo para dizer o que sinto por todos, todas e todes.

Sendo assim, agradeço a Deus, que me protege e fortalece, assim como me ajuda a ser mais resiliente e sábia nos momentos em que preciso manter a mente sã.

Aos meus pais, Alinne e Rafael, que me deram a vida e todos os valores e ensinamentos que carrego com muito orgulho. Obrigada por investirem nos meus estudos, no meu futuro, nos meus sonhos e na minha educação, o maior presente que um filho pode receber. Obrigada por nunca desistirem de mim, nem por um segundo. Agradeço também aos meus pais que a vida me deu, Rodrigo e Dayane, a quem devo os abraços mais apertados e os sorrisos mais calorosos. Vocês são casados com meus pais de sangue e me deram a chance de ser amada por duas famílias! Obrigada pelos conselhos, pelas risadas, pelos incentivos e por acreditarem em mim com tanta fé.

À Universidade Federal do Ceará, pelo apoio acadêmico. Gostaria de agradecer por todas as oportunidades de crescimento pessoal e profissional desde a graduação e pela chance de realizar o mestrado numa instituição que amo desde pequena, quando passava de carro na frente do “prédio rosa” e dizia com todas as letras que estudaria ali se me fosse permitido.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará (PPGCI/UFC) por ser minha segunda casa nos últimos dois anos. Além disso, agradeço aos professores do corpo docente, que sempre me trataram com muito respeito, seja nas disciplinas, eventos, conversas pelos corredores e nas reuniões do colegiado em que participei como representante discente.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa. Graças ao apoio financeiro com a concessão da bolsa pude ter segurança para me dedicar aos meus estudos, participando de eventos do campo da Ciência da Informação e desenvolvendo a minha dissertação com paciência e criteriosidade. Pesquisar integralmente é um desafio constante, mas ter este tipo de auxílio durante o processo de escrita nos permite ir muito além de nós e pelo futuro da ciência brasileira.

À minha orientadora, a Professora doutora Lídia Eugênia Cavalcante Lima, uma das pessoas que mais admiro no mundo inteiro. Obrigada por cultivar em mim o amor pela docência e pesquisa desde a graduação, quando tive o privilégio de ser sua orientanda pela primeira vez. Agradeço a sua paciência, compreensão e dedicação comigo, pelas palavras afetuosas, pelas reuniões de orientação, pelas oportunidades em sala de aula durante e após o estágio de docência e por me respeitar como pessoa e pesquisadora. Por estes e tantos outros motivos eu não poderia ser mais grata por tê-la como orientadora na pós-graduação também.

Aos membros da banca avaliadora deste trabalho, minha orientadora, a professora doutora Lídia Eugenia Cavalcante Lima, a professora doutora Gisele Rocha Côrtes e o professor doutor João Arlindo dos Santos Neto, membros externos, respectivamente, e aos professores doutores Luiz Tadeu Feitosa e Laiana Ferreira de Sousa como suplentes. Deixo aqui meus agradecimentos desde a qualificação pela disponibilidade e por aceitarem fazer parte da minha trajetória no mestrado, bem como pelos apontamentos enriquecedores, generosos e atenciosos que tornaram a minha pesquisa tão bonita. Minha admiração por todos vocês é eterna!

À professora doutora Maria Giovanna Guedes Farias, atual coordenadora do PPGCI/UFC, que é como uma mãezona para mim (já falei pessoalmente, mas gostaria de deixar registrado aqui). Obrigada por fazer o inimaginável por todos nós, mestrandos. Agradeço do fundo do meu coração por me dar a chance de sonhar e fazer o que amo, pelos conselhos, pela paciência e pela confiança nestes últimos dois anos tão intensos. Tenho muita admiração pela senhora. Obrigada por existir!

À Veruska, secretária do PPGCI-UFC, que todas às vezes que precisei me recebeu com o seu amor maternal, de braços abertos e sorrisos encantadores. Obrigada por me ouvir, me aconselhar, me incentivar e segurar a minha mão dizendo tudo o que eu precisava ouvir como uma amiga e mãe.

Aos meus avós Juaneide, Cleyton, Dorilene e Leandro (*in memoriam*) por me apoiarem em todos os momentos possíveis, mesmo que em pensamento (te amo muito, vô). Sou grata por tudo, e acredito que sem as músicas que cantamos juntos, as risadas, os gestos de carinho mediante uma comida que gosto muito, as nossas piadas, as palavras de incentivo e tantos outros momentos que compartilhamos, eu não chegaria até aqui.

Aos meus irmãos, Cloe, Leandro (minha Luz) e Lorenzo, a quem atribuo como sinônimos da palavra amor no meu dicionário pessoal. Existe uma versão minha antes e depois do nascimento de cada um de vocês e eu genuinamente sou grata por dizer para quem

quiser ouvir que sou irmã dos seres mais solares, carinhosos, divertidos e inspiradores. Obrigada por me deixarem ser a sua irmã mais velha e mais coruja de todas.

Às minhas mosqueteiras Karoline, Juliana e Tayssa, as mulheres mais fortes e companheiras que alguém como eu poderia ter ao lado neste percurso acadêmico. A Karolzinha é aquela amiga que me chama de amora, cuida de mim e enche meu peito com uma paz e amor imensurável. Sou grata pela chance de dividir alguns dos meus momentos favoritos de 2023-2024 contigo, meu bem. A Juju é a razão, o elo que une nosso grupo e que nos guia com sua sabedoria e humor inigualável. E a Tayssa é a minha “esposa acadêmica” a quem devo tudo e mais um pouco, sem exageros ou floreios. Cada parágrafo de cada texto que escrevi contigo foi uma honra. Amo vocês, minhas meninas e pesquisadoras que admiro e que quero ao meu lado até o fim.

Aos meus amigos que são super importantes e queridos, que me acompanham e respeitam o meu tempo e que me dão força para continuar, me incentivando com suas palavras gentis, abraços apertados e ombros acolhedores quando preciso chorar e tagarelar. Deixo aqui meu agradecimento repleto de amor para Inara, Flávia, Letícia, Emanuel (Manu), Paula Kalliane, Izaias, Ítalo, Lidya Nagylla, Taynah, Laís, Andréina, Karyne, Amanda (Mahzinha), Louanne, Thaís Vitória, Swellen, Iasmin, Brenda, Fernanda e Bárbara. Agradeço por entenderem as minhas ausências em diversos momentos por motivo de estudo. Vocês são incríveis! E a boa notícia é que agora temos mais tempo juntos rs.

À Dona Cris, Fábiana, tia Socorro, senhor Giumar, senhor Geraldinho e todas as pessoas que trabalham na UFC e próximo à instituição, a quem devo meus sorrisos mais sinceros. Agradeço pelas conversas, pela gentileza, pelos cafés, pelos abraços e por sempre me desejarem um “bom dia/boa tarde” com alegria.

À minha psicóloga e à minha psiquiatra, profissionais maravilhosas, gentis e que com muito diálogo, paciência e delicadeza me ajudaram a chegar até aqui com o coração e a mente mais leves, dentro do possível.

Ao professor doutor Stephan Sandkötter, por todo o apoio concedido na nossa estadia em Vechta, na Alemanha. Três jovens em um país que fala um idioma que não temos fluência, duas delas viajando para fora do Brasil pela primeira vez na vida, e o senhor cuidou de nós do início ao fim. Agradeço demais pelas reuniões pré-viagem, pelo interesse constante em nossas pesquisas, pelas idas aos supermercados da cidade, pelo curso de Introdução à Sociedade Alemã que foi tão proveitoso, por nos apresentar seus alunos que logo viraram grandes amigos, pelo seu humor leve e descontraído e por todas as conversas. Nada disso teria sido possível sem o seu suporte, por isso sou grata.

À doutora Karolin Bubke, chefe da biblioteca da Universität Vechta que nos recebeu com um brilho nos olhos e um profissionalismo admirável. Tenho muitos motivos para agradecê-la, mas tentarei ser breve – e um pouquinho menos emocionada. Primeiramente, obrigada por nos tratar como bibliotecárias. Tenho muito orgulho da minha formação, mas você nos prestigiou em cada segundo da nossa estadia pelas profissionais e pesquisadoras que somos, e isso me deixou ainda mais motivada para continuar a minha jornada. Obrigada pelas visitas às bibliotecas de Bremen, pelos cafés deliciosos e por nos dar autonomia e espaço de falar nas discussões com outros colaboradores. E é claro, obrigada por me levar até o muro de uma das igrejas de Bremen onde encontramos uma mensagem que vou carregar comigo enquanto eu viver: “Nós vamos continuar lutando até que todos estejamos seguros.” Nunca vou me esquecer do seu respeito por mim, pela minha pesquisa e da nossa conversa sobre pessoas que são vítimas da homofobia na Alemanha, no Brasil e no mundo. Como você mesma disse, estamos conectadas.

À equipe da VBSA Brasil, que me acolheu com tanto carinho que permaneço sem graça até hoje por tamanho zelo. Vocês são incríveis e o trabalho que desempenham em prol de Vermelho, Branco e Sangue Azul é tão bonito que fica impossível não sentir o amor de vocês pela obra, pelo filme e pelo que fazem em cada publicação. Já disse isso para cada um, mas vou repetir aqui para ficar registrado: somos amigos e vocês podem contar comigo.

À pessoa que escreveu a obra que motivou esta pesquisa, Casey McQuiston. Elu não faz ideia de que uma brasileira diretamente de Fortaleza - CE fez todo esse movimento porque ama demais as suas palavras reconfortantes, mas aqui estou eu. Se um dia minha pesquisa chegar até você, espero que saiba que seu livro mudou a minha vida. Henry e Alex são personagens ficcionais, mas encontrei grandes amigos nas páginas do seu livro. Obrigada por isto. Obrigada por tudo.

Aos meus cachorros, Prince e Bowie, meus dois grandes amores e melhores amigos, que me encheram de “lambeijos” e trouxeram conforto para o meu peito nos momentos em que me senti indisposta, triste e desmotivada. Sentir o cheirinho de terra molhada nas patinhas de vocês sempre me ajudou a manter a calma. Amo vocês, meus bebês.

Por fim, à comunidade LGBTQIAPN+ do Brasil e do mundo. “Juntos somos mais fortes” não é uma frase de efeito, mas uma afirmação necessária. Obrigada por continuarem amando, lutando, produzindo, resistindo e brilhando.

E aqui me despeço. É isto.

Até logo, pessoal! ♥

A verdade é que cada pessoa queer tem o direito de se assumir nos seus próprios termos e no seu próprio ritmo. Elas também têm o direito de escolher não se assumir. A conformidade forçada do armário não pode ser respondida com a conformidade forçada ao sair dele. Isso não é sobre vergonha. Isso é sobre privacidade e o direito fundamental à autodeterminação, que são exatamente os princípios pelos quais a luta pela libertação queer sempre foi travada. (Red, White and Royal Blue, 2023, tradução nossa).¹

¹ No original (filme): “The truth is every queer person has the right to come out on their own terms, and on their own timeline. They also have the right to choose not to come out at all. The forced conformity of the closet can not be answered with the forced conformity in coming out of it. This isn’t about shame. This is about privacy and the fundamental right of self-determination which are exactly the principles on which the struggle for queer liberation has always been fought.”

RESUMO

Este estudo aborda as práticas de mediação da informação promovidas por intermédio da cultura participativa de fãs de literatura LGBTQIAPN+ nas redes sociais digitais e os impactos resultantes das interações entre os leitores e produtores de conteúdo na internet. Neste sentido, destaca-se a interação do *fandom* de *Vermelho, Branco e Sangue Azul* (VBSA), livro de Casey McQuiston adaptado para filme. Assim, a pesquisa tem como objetivo geral investigar as práticas de mediação informacional e o vínculo estabelecido pela cultura participativa sob o olhar da comunidade leitora da referida obra. Em consonância, foram articulados os seguintes objetivos específicos: a) verificar como a Mediação, a Teoria *Queer* e a Cultura Participativa se articulam no contexto da relação entre fãs, obras literárias e adaptações audiovisuais, com ênfase na comunidade LGBTQIAPN+; b) analisar a percepção dos criadores de conteúdo do website e do perfil na rede social X (antigo Twitter) “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil” acerca do seu papel na disseminação de informações sobre o romance estudado; e c) examinar se as práticas mediadoras realizadas pelos fãs da obra influenciaram a sua adaptação fílmica. No que se refere aos procedimentos metodológicos, corresponde a uma pesquisa de natureza aplicada, com abordagem qualitativa, exploratória-descritiva quanto aos objetivos e um levantamento bibliográfico e documental, além do método fenomenológico utilizado para nortear o estudo. Para a etapa de coleta, os instrumentos escolhidos foram a entrevista estruturada com os administradores da “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil” e um questionário *online* destinado aos seguidores da referida página na rede social digital X. A interpretação dos dados foi realizada consoante os pressupostos da Análise de Conteúdo. Os resultados apontam para o reconhecimento dos fãs, isto é, na perspectiva dos grupos de produtores e consumidores participantes da pesquisa, como essenciais para a popularização das obras no âmbito digital. Conclui-se que as práticas de mediação da informação realizadas pelos fãs, sobretudo aqueles que administram páginas na internet e disseminam informações, desempenham uma notável influência no processo de adaptação das produções literárias para produtos audiovisuais. Além disso, identifica-se que essas ações mediadoras também contribuem para a criação e fortalecimento de ambientes digitais inclusivos e acolhedores para a comunidade LGBTQIAPN+, bem como reforçam a importância e o envolvimento dos fãs nas transformações culturais, políticas e sociais.

Palavras-chave: mediação; literatura LGBTQIAPN+; cultura participativa; estudos de gênero e sexualidade; Vermelho, Branco e Sangue Azul.

ABSTRACT

This study addresses the information mediation practices promoted through the participatory culture of LGBTQIAPN+ literature fans on digital social networks and the resulting impacts of interactions between readers and content producers on the internet. In this sense, the interaction of the fandom of Red, White and Royal Blue (RWRB), a book by Casey McQuiston adapted for film, stands out. Thus, the general objective of the research is to investigate information mediation practices and the bond established by participatory culture from the perspective of the reading community of the aforementioned work. In line with this, the following specific objectives were articulated: a) to verify how Mediation, Queer Theory, and Participatory Culture are articulated in the context of the relationship between fans, literary works, and audiovisual adaptations, with an emphasis on the LGBTQIAPN+ community; b) to analyse the perception of the creators of the website and social media profile X (formerly Twitter) 'Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil' regarding their role in disseminating information about the novel studied; and c) to examine whether the mediating practices carried out by fans of the work influenced its film adaptation. In terms of methodological procedures, this is an applied research study with a qualitative, exploratory-descriptive approach to its objectives and a bibliographic and documentary survey, in addition to the phenomenological method used to guide the study. For the data collection stage, the instruments chosen were structured interviews with the administrators of 'Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil' and an online questionnaire for followers of that page on the digital social network X. Data interpretation was carried out according to the assumptions of Content Analysis. The results point to the recognition of fans, that is, from the perspective of the groups of producers and consumers participating in the research, as essential for the popularisation of works in the digital sphere. It is concluded that the practices of information mediation carried out by fans, especially those who manage internet pages and disseminate information, have a notable influence on the process of adapting literary productions to audiovisual products. In addition, it is identified that these mediating actions also contribute to the creation and strengthening of inclusive and welcoming digital environments for the LGBTQIAPN+ community, as well as reinforcing the importance and involvement of fans in cultural, political and social transformations.

Keywords: mediation; LGBTQIAPN+ literature; fan culture; gender and sexuality studies; Red, White and Royal Blue.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Edição experimental (0 ed) Jornal Lampião da Esquina, abril de 1978....	47
Figura 2 -	Rosely Roth lendo a ed. 7 do Boletim ChanacomChana, abril de 1985....	49
Figura 3 -	Nova configuração da bandeira LGBTQIAPN+.....	54
Figura 4 -	Significado das cores e símbolos da bandeira LGBTQIAPN+.....	54
Figura 5 -	Lista de livros mais contestados de 2023 nos Estados Unidos.....	62
Figura 6 -	Jovens segurando livros de temática LGBTQ+ na Bienal do Rio de Janeiro	64
Figura 7 -	Linha do tempo do livro “Verão de lenço vermelho” publicada pela Editora Seguinte.....	65
Figura 8 -	Dimensões da Mediação da Informação.....	74
Figura 9 -	Pôster promocional de <i>RuPaul's Drag Race</i>	107
Figura 10 -	Elenco e equipe de <i>Moonlight</i> recebendo o Oscar de melhor filme.....	109
Figura 11 -	Fluxo Teórico-Conceitual da Pesquisa.....	112
Figura 12 -	Diagrama com as relações teóricas da pesquisa.....	114
Figura 13 -	Descrição das etapas da análise de conteúdo.....	120
Figura 14 -	Perfis localizados no X (antigo Twitter).....	122
Figura 15 -	Página “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil” no X (antigo Twitter)	123
Figura 16 -	Página inicial do site “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil”.....	124
Figura 17 -	<i>Post</i> de divulgação da pesquisa.....	126
Figura 18 -	Anúncio do filme <i>Vermelho, Branco e Sangue Azul</i>	131
Figura 19 -	Anúncio da sequência do filme Vermelho, Branco e Sangue Azul.....	132
Figura 20 -	Popularidade de <i>Vermelho, Branco e Sangue Azul</i> e <i>Barbenheimer</i>	144
Figura 21 -	Anúncio do sorteio dos convidados para a exibição brasileira.....	145
Figura 22 -	Publicação relacionada ao Dia Nacional do Orgulho LGBTQIAPN+.....	182

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Mediação Informacional, Cultural e da Leitura no âmbito digital.....	91
Quadro 2 -	Fundamentação Teórica da Pesquisa: Temas, Subtemas e Autoria.....	117
Quadro 3 -	Categorias de Análise da pesquisa.....	121
Quadro 4 -	Inserção dos fãs no <i>fandom</i>	166
Quadro 5 -	Experiências com o livro.....	167
Quadro 6-	Opiniões sobre a história antes do lançamento do filme.....	171
Quadro 7 -	Relação dos fãs com o livro e o filme.....	172
Quadro 8 -	Impactos da história na vida das pessoas.....	174
Quadro 9 -	Percepções das práticas de mediação da informação.....	177
Quadro 10 -	Impactos da história na vida das pessoas.....	186
Quadro 11 -	Expectativas para a sequência do filme.....	190

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Faixa etária dos participantes.....	161
Gráfico 2 -	Identificação de cor/raça.....	163
Gráfico 3 -	Identidade/Expressão de Gênero.....	164
Gráfico 4 -	Orientação sexual dos participantes.....	165
Gráfico 5 -	Motivações para fazer parte do <i>fandom</i>	170
Gráfico 6 -	Contribuições sociais da equipe da VBSA Brasil nas redes sociais <i>online</i> ..	179
Gráfico 7 -	Relevância da <i>fanbase</i> brasileira.....	184

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Trabalho realizado pela equipe da VBSA Brasil.....	176
Tabela 2 -	Percepções sobre a adaptação de <i>Vermelho, Branco e Sangue Azul</i>	183

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABGLT	Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
ALA	<i>American Library Association</i>
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
ANCINE	Agência Nacional de Cinema
ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
BENANCIB	Base de Dados do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
BCI	Biblioteconomia e Ciência da Informação
BRAPCI	Base de Dados em Ciência da Informação
BRDE	Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul
CEDOC	Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott
CI	Ciência da Informação
CoLIS	<i>International Conference on Conceptions of Library and Information Science</i>
CUS	Grupo de Pesquisa em Cultura e Sexualidade
EBC	Empresa Brasileira de Comunicação
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
ENAP	Escola Nacional de Administração Pública
FYC	<i>For Your Consideration</i>
GALF	Grupo de Ação Lésbico-Feminista
GGB	Grupo Gay da Bahia
GT	Grupo de Trabalho
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
HQ	Histórias em Quadrinhos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LBL	Liga Brasileira de Lésbicas
LF	Grupo Lésbico-Feminista
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, <i>Queer</i> , Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e demais orientações sexuais, identidades e expressões de gênero
MP	Medida Provisória

PcD	Pessoas com Deficiência
SAG-AFTRA	<i>Screen Actors Guild-American Federation of Television and Radio Artists</i>
STF	Supremo Tribunal Federal
TED	<i>Technology, Entertainment and Design</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
VBSA	Vermelho, Branco e Sangue Azul
WGA	<i>Writers Guild of America</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	20
2	TEORIA <i>QUEER</i> , UMA TAPEÇARIA RICA E COMPLEXA.....	30
2.1	Reflexões sobre gênero, sexualidade e identidades.....	34
2.2	Movimento LGBTQIAPN+ no Brasil: história, luta e transformação.....	43
2.3	Representações LGBTQIAPN+ na literatura: questionando a “moral e os bons costumes”.....	56
3	MEDIAÇÕES E A BUSCA PELO PERTENCIMENTO.....	68
3.1	Mediação da Informação: promovendo o protagonismo social.....	71
3.2	Mediação Cultural: vínculos entre apropriação e empoderamento.....	77
3.3	Mediação da Leitura: apropriações leitoras e ambiências afetivas.....	84
4	A CULTURA DA CONVERGÊNCIA E O OLHAR DO OUTRO.....	93
4.1	Cultura Participativa, Cultura de fãs e as mídias digitais.....	96
4.2	Conquistando os espaços: o sujeito <i>queer</i> e as adaptações audiovisuais.....	103
5	ESTABELECENDO AS RELAÇÕES METODOLÓGICAS.....	113
5.1	Caracterização da pesquisa.....	113
5.2	Coleta e análise de dados.....	119
5.3	Campo da pesquisa.....	121
5.4	Universo da pesquisa.....	125
6	APOSTO QUE PODERÍAMOS FAZER HISTÓRIA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	128
6.1	Das páginas para as telas: as facetas de <i>Vermelho, Branco e Sangue Azul</i>	128
6.2	Análise à luz das entrevistas e do questionário.....	133
6.2.1	<i>Administradores do site/portal</i>	134
6.2.2	<i>Seguidores da página</i>	160
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	193
	REFERÊNCIAS.....	198
	APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	215
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS SEGUIDORES.....	217
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	223
	ANEXO A – E-MAIL ENVIADO A EQUIPE DA VBSA BRASIL.....	225

1 INTRODUÇÃO

Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver. Não é mais o caso de pedir a ela, como ocorria na adolescência, que me preservasse das feridas que eu poderia sofrer nos encontros com pessoas reais; em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las.

(Todorov, 2009, p. 23)

Seja por meio da escrita ou de manifestações das mais variadas naturezas, desde os primórdios da humanidade que buscamos sanar nossa inesgotável sede por conhecimento, por descobertas e pela vontade de nos expressar. No decorrer dos séculos, inúmeros registros foram feitos, muitos perdidos, destruídos e censurados, enquanto outros resistiram mesmo com as adversidades. Assim, após a Segunda Guerra Mundial, em meados da década de 60 a Ciência da Informação (CI) consolidou-se principalmente por se tratar de um período marcado por um cenário geopolítico competitivo e de grande *boom* informacional, o que resultou em uma necessidade não apenas de registrar o que era produzido — sendo estas publicações científicas e de outros cunhos — como também da valorização, reprodução e acesso à informação confiável e de modo mais dinâmico (Araújo, 2018).

Com a globalização, a popularização da internet e o surgimento das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC), ter acesso à informação e ao conhecimento, bem como expressar opiniões, direitos e anseios de maneira imediata, tornou-se algo cada mais possível. Ao discutir as formas de expressão, inúmeros significados podem ser atribuídos ao termo, que vão desde o ato de manifestar gestos e palavras até ditos populares e movimentos de diversos âmbitos.

Sob esse viés, o movimento LGBTQIAPN², caracterizado como civil, social e político, tem como propósito combater preconceitos e promover a igualdade entre as pessoas, além do respeito à diversidade. No entanto, antes de avançar na história para os dias atuais — momento em que o acrônimo se apresenta com as letras L (lésbicas) G (gay) B (bissexual) T (transsexuais e travestis) Q (*queer*) I (intersexo) A (assexual) P (pansexual) N (não-binário) +

² Ressalta-se que, embora haja dúvidas acerca de qual uso da sigla seja o mais correto, todas as opções são adequadas. No decorrer desta pesquisa usaremos com frequência as siglas LGBTQIA+ e LGBTQIAPN+ para se referir a comunidade e ao movimento. A escolha de uso destas nomenclaturas tem como intuito visibilizar as identidades de gênero e orientações sexuais com uma representação mais inclusiva do movimento e das vivências *queer*.

(símbolo de inclusão para outras identidades de gênero e orientações sexuais) — é preciso salientar que a composição da sigla, nem sempre foi esta, mas foi evoluindo segundo as necessidades informacionais, culturais, sociais e políticas e as compreensões da própria comunidade conforme diálogos promovidos pela mesma acerca das suas representações.

As pessoas LGBT ou *queer*, antes negligenciadas em diversos âmbitos da sociedade, foram, segundo suas ações e afirmações, reivindicando seus espaços, inclusive no cenário acadêmico, com contribuições cruciais sobre suas vivências e aspectos culturais (Oliveira; Gomes; Costa, 2020). Nesse contexto, conforme a redefinição promovida por Butler (2003), Foucault (1999), Sedgwick (1990), Warner (1991; 1993) e demais teóricos(as) do campo, nos últimos anos o termo *queer* pode ser visto como um movimento teórico-ativista, bem como uma expressão identitária, fora da ideia de cis/heteronormatividade³ e padronizadora da sociedade. A utilização da palavra no título da pesquisa e em vários outros momentos nas seções posteriores a esta dá-se pela sua abordagem enquanto termo guarda-chuva, visto que sua definição está para além das identidades de gênero binárias e das orientações sexuais, homo e heteronormativas.

Se tratando de produções literárias, a palavra *queer* também é usada para descrever, em muitos casos, a literatura com temática LGBTQIAPN+, ou seja, de obras que apresentam gêneros diversos – romance, terror, drama, ficção científica, fantasia – assim como as narrativas com protagonistas heterossexuais, contudo, no caso dessa literatura, os personagens principais são figuras representativas do movimento LGBTQIAPN+, como gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, assexuais, pansexuais, travestis e as demais partes que integram a comunidade e não se identificam com os padrões binários, isto é, masculino/feminino.

Convém ressaltar que, do mesmo modo que as narrativas cisheteronormativas, a literatura LGBTQIAPN+ também não é atual, pois existem traços de sua origem marcados em manuscritos, poesias e grandes obras de séculos passados. Neste sentido, salientamos a epopeia “Ilíada” de Homero — recentemente readaptada para um romance gay na obra intitulada “A Canção de Aquiles”, escrita pela norte-americana Madeline Miller —, que para alguns estudiosos cabe interpretações nas entrelinhas sobre a relação entre Pátroclo e Aquiles, além dos poemas de Safo, que viveu no século VI a.C. e se tornou um ícone lésbico anos mais tarde por escrever sobre amor e desejo feminino, em especial sobre relações entre mulheres.

³ Consiste em um conceito que considera apenas relacionamentos pela ótica heterossexual, isto é, entre pessoas do sexo oposto como ideal, certa, normal. Esta perspectiva muitas vezes busca enquadrar pessoas LGBTQIAPN+, que são marginalizadas e perseguidas, numa imposição social de comportamentos de gênero e sexualidade padronizados. Estudos como os de Warner (1991; 1993) e Sedgwick (1990) foram pioneiros na discussão sobre o termo no âmbito da Teoria *Queer*.

No que diz respeito ao Brasil, acredita-se que o ponto de partida para a abordagem dessa temática na produção literária nacional ocorreu por meio da publicação do livro “O Bom Crioulo” do escritor cearense Adolfo Caminha em 1985, por trazer na sua narrativa a história de um relacionamento homoafetivo inter-racial.

Neste sentido, Silva (2012, p. 86) argumenta que a partir do momento em que se define “[...] uma obra como a ‘iniciadora’ do processo de canonização de uma lista de obras gays é porque a representação dos sujeitos gays já tem se consolidado em determinados discursos artísticos” ou demonstra que existem demandas de ordem financeira e identitária e uma produção não mais incipiente acerca da temática. Na literatura mundial e brasileira, várias autorias se destacaram como representantes notáveis do movimento *queer*, podendo citar Caio Fernando Abreu, Cassandra Rios, Álvares de Azevedo, Audre Lorde, Virginia Woolf, Judith Teixeira e muitas outras (Costa, 2024; Sertório, 2024).

Nessa conjuntura, apesar de ainda existir muito preconceito, omissão e privação de direitos em vários países ao redor do mundo, o movimento pela representatividade LGBTQIAPN+ tem ganhado cada vez mais espaço e força em vários segmentos, como na literatura e nas telas de cinema e da televisão. No livro *Cultura das Mídias*, Santaella (1996, p. 38) questiona: “Quantos livros não se tornaram best-sellers devido a um filme?”, mas e quando o movimento ocorre de maneira contrária? E, se tratando de obras literárias com temática LGBTQIA+, o que tem sido feito para a sua popularização na internet ao ponto dessas narrativas virarem adaptações de longa-metragem e seriados televisionados ou popularizados em plataformas de *streaming*?

Embora também exista há bastante tempo, observamos nos últimos anos um aumento considerável de adaptações cinematográficas e televisivas de livros que tratam das vivências da comunidade LGBTQIAPN+. Logo, podemos exemplificar casos mais recentes como o filme “A Garota Dinamarquesa” lançado em 2015 e inspirado no livro de mesmo título do escritor David Ebershoff, “Com Amor, Simon” de 2018, adaptação de “Simon vs. A Agenda Homo Sapiens” de Becky Albertalli, ou a obra “Heartstopper”, da escritora e ilustradora Alice Oseman, que *a priori* ficou popular diante da sua publicação no formato *webcomic*⁴, até ser comercializada como um livro físico e posteriormente adaptada no formato de série pela plataforma de *streaming* Netflix no primeiro semestre de 2022. Atualmente a série possui três temporadas e um encerramento da história planejado no formato de filme, com previsão para lançamento em 2026, mas sem muitos detalhes.

⁴ Também chamadas de *webtoons*, correspondem as histórias em quadrinhos criadas e publicadas na internet de forma independente pelos seus criadores ou com o suporte de editoras.

Além disso, confirmações de futuras adaptações de obras literárias *queer* para o cinema ou por serviços de *streaming* como a *Netflix* e a *Prime Video* — encarregada pela adaptação de *Vermelho Branco e Sangue Azul*, romance aquileano⁵ de Casey McQuiston que é objeto de estudo desta pesquisa — têm demonstrado que existe tanto uma crescente demanda do público que consome literatura LGBTQIAPN+ e produções audiovisuais, quanto um movimento do mercado em produzir estes conteúdos como uma resposta a valorização de narrativas plurais e de identificar que a sociedade está diante de uma expansão promissora dessas narrativas representativas e diversas com enfoque em outros grupos sociais.

Desse modo, a paráfrase presente no título da pesquisa remete ao ensaio “A decadência da mentira”, no qual Wilde (2020, p. 45) argumenta que “a Vida imita a Arte muito mais do que a Arte a Vida”. Para Aristóteles, a premissa contrária, isto é, de que a arte imita a vida, seria a perspectiva correta. Contudo, escolhemos citar Oscar Wilde, um memorável escritor gay responsável pelo aclamado romance de ficção gótica “O retrato de Dorian Gray”, com o intuito de provocar questionamentos acerca das contribuições artísticas, sobretudo no âmbito audiovisual, como sendo um reflexo contra-hegemônico e de resistência da sociedade, ou ao menos um retrato da nossa imaginação e do anseio por aquilo que gostaríamos de replicar.

Neste estudo, partimos do pressuposto de que, se de fato a sociedade mimetiza aquilo que é visto e reproduzido nas diversas formas de arte, podemos concluir que as pessoas são influenciadas pelas representações artísticas e, neste acordo entre realidade e ficção, moldam suas vivências e percepções daquilo que as cerca. Desse modo, ao adaptar a história de um livro para as telas da televisão e do cinema, é esperado que na maioria das vezes o público que irá consumir o conteúdo possa se identificar, seja com as características físicas ou com a história que está sendo contada. Se tratando das narrativas que se distanciam, desafiam ou questionam os padrões determinados pela ótica da branquitude⁶, do patriarcado⁷ e da

⁵ Corresponde ao termo usado para descrever a relação romântica e/ou sexual entre dois homens, independente de suas orientações sexuais. Para a relação amorosa entre duas mulheres, o termo “sáfica” é utilizado. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/termos-juvelicos-genero-atracao-aquileano-safica/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

⁶ De acordo com Bento (2022), a branquitude é compreendida como uma relação de dominação, privilégio e racismo estrutural, refletindo as posições sociais que pessoas brancas ocupam nas sociedades. Essa dinâmica perpetua desigualdades raciais, sustentadas pela ideologia de branqueamento, sendo um construto social que implica vantagens simbólicas e materiais a estas pessoas, muitas vezes naturalizado ou não questionado. Em consonância, Garcês-da-Silva *et al.* (2024, p. 3) declaram que a branquitude “pode ser entendida como a influência histórica e atual do domínio e privilégio brancos”, evidenciando seu impacto contínuo que molda normas sociais e relações de poder.

⁷ Pateman (1988) e Aguiar (2000) definem o patriarcado como um sistema de dominação e poder, que incorpora aspectos como a sexualidade, a reprodução humana e as relações entre homens e mulheres, dentro de um contexto análogo a escravidão, ou seja, que estabelece relações de subordinação e desigualdade de gênero contínua, mesmo em sociedades onde há uma separação bem definida entre o espaço público e o privado.

heteronormatividade, estas produções possuem um significado ainda mais profundo, visto que a presença de personagens, protagonistas ou coadjuvantes, não brancos e LGBTQIAPN+ sempre foi tratada como algo desafiante e repleto de artimanhas para se concretizar.

Vale salientar que essas adaptações da literatura *queer* para o cinema e a televisão têm contribuído não apenas para a influência do gosto pela leitura de milhares de jovens — algo que se justifica pelo fato de essas adaptações materializam as narrativas, transcendendo os limites da imaginação durante o ato de ler, assim como sua capacidade de movimentar uma legião de fãs ao redor do globo por meio das trocas e interações propiciados pelas redes sociais *online* —, como também para promover, por intermédio da ficção, um mundo mais justo e crível para aqueles que anseiam pela representatividade nos meios midiáticos. É por meio da cultura participativa, isto é, do processo em que os fãs participam ativamente da produção, divulgação e disseminação de conteúdos midiáticos, que muitos sujeitos interagem em comunidades, na maioria das vezes *online*, compartilhando conhecimentos, assim como criando e se apropriando daquilo que consomem (Jenkins, 2009). Nessa perspectiva, estes assumem um terceiro papel fundamental nesse processo de produção e consumo da informação: tornam-se mediadores.

Diante do exposto, esta pesquisa tem como ponto de partida a seguinte pergunta norteadora: Como as práticas de mediação da informação realizadas pelos leitores na internet podem contribuir para a popularização da literatura de temática LGBTQIAPN+? Em busca de resposta a esta indagação, nos respaldamos sobretudo no universo leitor do livro *Vermelho, Branco e Sangue Azul*⁸, assim como sua adaptação fílmica.

Por conseguinte, definimos como **objetivo geral** investigar as práticas de mediação informacional e o vínculo estabelecido pela cultura participativa sob o olhar da comunidade leitora da obra *Vermelho Branco e Sangue Azul*. Consoante à proposta apresentada, elencamos os seguintes **objetivos específicos**:

- a) Verificar como os conceitos de Mediação, Teoria *Queer* e Cultura Participativa se articulam no contexto da relação entre fãs, obras literárias e adaptações audiovisuais, com ênfase na comunidade LGBTQIAPN+;

⁸ Buscando diferenciar as menções do filme e livro, bem como do título do portal que carrega o mesmo nome, ao longo da pesquisa usaremos itálico — ou seja, *Vermelho Branco e Sangue Azul* — para nos referir as obras e aspas quando o foco for o portal, referido como “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil”.

- b) Analisar a percepção dos criadores de conteúdo do *website* e do perfil na rede social *X* (antigo Twitter)⁹ “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil” acerca do seu papel na disseminação de informações sobre o romance estudado;
- c) Examinar se as práticas mediadoras realizadas pelos fãs da obra influenciaram a sua adaptação filmica.

Em relação às **justificativas**, esta pesquisa tem como motivação contribuir tanto para a CI quanto as demais áreas do conhecimento como a Comunicação, Estudos Literários e afins, e para a comunidade LGBTQIAPN+, buscando ter relevância nos âmbitos científico, acadêmico, social e pessoal.

No segmento da pesquisa científica, as produções acerca da temática LGBTQIAPN+ ainda representam uma parcela reduzida. No que tange a agenda de pesquisas e discussões da CI brasileira, embora o campo esteja cada vez mais ativo no que se refere a oportunizar espaços para o diálogo e a visibilidade de grupos minorizados – podendo citar como exemplos a recente criação, em 2021, do Grupo de Trabalho 12 (GT-12) pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) intitulado “Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades”, bem como o aumento exponencial de artigos, trabalhos completos, resumos expandidos, livros, capítulos de livros e demais produções que podem ser acessadas e recuperadas na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), no *website* do Selo Nyota e na Base de Dados do ENANCIB (BENANCIB) –, ainda há um longo caminho a ser percorrido na literatura científica da Biblioteconomia e da Ciência da Informação (BCI).

Para exemplificar, realizamos um breve levantamento na BENANCIB utilizando os termos LGBT, LGBTQIA+, LGBTQIAPN+ e *queer*, com recorte temporal dos últimos 10 anos (2014-2024). Assim, foram recuperados 31 trabalhos dos anais do ENANCIB, sendo que um deles foi recuperado 2 vezes, portanto a amostra foi de 30 produções. Destas, 27 são trabalhos completos, 1 resumo expandido e 2 na modalidade pôster. Os anos de 2023 e 2024 destacaram-se pela maior produtividade, com nove publicações, e isso se deve a criação do GT-12, que ano após anos tem contribuído como um espaço dinâmico e que evidencia, como a própria ementa indica, as pesquisas e suas aplicações sobre raça, classe, gênero, sexualidades e interseccionalidades (ANCIB, 2024). Em seguida, os anos de 2022, 2018 e

⁹ Nesta pesquisa, a partir desta menção, salvo em algumas seções com o intuito de resgatar a lembrança do antigo nome, buscamos nos referir a rede social digital anteriormente conhecida como *Twitter* apenas por seu título atual, ou seja, *X*, para evitar repetições ao longo do texto.

2017 apresentaram três publicações cada, enquanto 2019 contabilizou dois trabalhos e 2016 apenas uma produção. Em contrapartida, os anos de 2014, 2015, 2020 e 2021 não tiveram publicação alguma recuperada na base de dados.

Utilizamos a mesma delimitação temporal e termos em relação a BRAPCI, resultando em 103 artigos, mas após a remoção das 8 repetições, 95 artigos foram contabilizados. Entre 2014 e 2024, verificamos que apenas o ano de 2015 não registrou produção científica. Assim como os trabalhos recuperados na Base do BENANCIB, todos os artigos na BRAPCI demonstraram diferentes abordagens, áreas temáticas e afins, contudo, estes possuíam o mesmo foco neste público e em suas vivências. Diante dos resultados, concluímos que os números são promissores e nos levam a refletir que, embora os campos da BCI apresentem outros enfoques desde a sua consolidação, para superar possíveis lacunas existentes no que se refere aos estudos sobre grupos marginalizados e ampliar a quantidade de pesquisas que priorizem e incorporem a diversidade e a inclusão, é necessário que a BCI e suas autorias continuem investigando e produzindo não apenas sobre a comunidade LGBTQIAPN+, como também sobre os demais grupos sociais sub-representados, posto que ter acesso à informação e produzir informação para todos, *todes* e *todas* é um direito coletivo, e faz parte da nossa responsabilidade social enquanto profissionais da informação.

Por isso que a CI, sendo um campo social que visa lidar não apenas com aspectos conceituais e tecnológicos, mas também com as necessidades informacionais da contemporaneidade e os fenômenos sociais, precisa diante de seu caráter interdisciplinar posicionar-se para, segundo Araújo (2018), discutir e relacionar em seu escopo os aportes teóricos de outras áreas e assim buscar respostas para os questionamentos na esfera informacional, especialmente aqueles que dizem respeito aos grupos minorizados como a comunidade LGBTQIAPN+.

No ponto de vista acadêmico, a pesquisa está alinhada a Linha de Pesquisa 2, “Informação, Sociedade e Cultura”, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará (PPGCI/UFC), que apresenta como foco de estudo em sua ementa “[...] às investigações científicas centradas em contextos sócio-culturais, educacionais, políticos e organizacionais no que concerne aos fenômenos oriundos das sociedades [...]” (Universidade Federal do Ceará, [2024], não paginado). Todavia, esta se configura como a primeira dissertação do PPGCI/UFC centrada em produções literárias e audiovisuais de temática LGBTQIAPN+, e mediante sua disponibilidade no Repositório Institucional da UFC, esperamos que outras pesquisas sejam desenvolvidas em prol da comunidade LGBTQIAPN+ e nas suas experiências, histórias,

memórias e escritos. Além disso, esta dissertação busca fortalecer e contribuir para os estudos da subárea da Mediação, segmento este que ano após ano tem possibilitado um leque de investigações e aprofundamentos teóricos e conceituais no campo da CI, que pode fundamentar inúmeros estudos relacionados às identidades e expressões sexuais e de gênero.

Para nomear o título da pesquisa, bem como a terceira seção posteriormente, nos apoiamos na visão apresentada por Araújo (2016, p. 13) no artigo “Novo quadro conceitual para a ciência da informação: informação, mediações e cultura” ao utilizar o termo no plural, ou seja, **mediações** ao invés de apenas mediação, tendo em vista que dessa forma é possível “contemplar a multiplicidade de ações, de atores, de instituições, enfim, de interferências, intencionais, orientadas consciente ou inconscientemente segundo determinados valores e objetivos, no acervo social do conhecimento.” Além disso, adotamos essa perspectiva da pluralidade da palavra visando abordar mais de um tipo de mediação interligado aos processos de apropriação e circulação da informação, pontos fundamentais para esta pesquisa. Contudo, é válido destacar que, embora estes sejam elementos importantes em todos os tipos de mediação, estes não são o seu único foco, pois cada uma das mediações (da informação, cultural e da leitura) possuem propósitos específicos que não se limitam aos aspectos citados.

Para a última justificativa – aquela que talvez seja a mais íntima e pessoal –, é necessário solicitar permissão, por um breve instante, para um relato em primeira pessoa desta autora. Em 2019, Casey McQuiston não fazia ideia de que, ao lançar seu primeiro livro, estaria mudando a minha vida para sempre. Infelizmente não conheci a história de Alex e Henry de imediato; foi apenas em 2022 que resolvi dar uma chance à obra, depois de muita relutância por nunca encontrar o momento “ideal” para dar início a leitura.

E por falar em certezas, Petit (2008, p. 17) estava certa ao escrever que “a leitura permanece uma experiência insubstituível, [...] a necessidade de narrativas, a necessidade de simbolizar nossa experiência fazem nossa especificidade humana”, pois quando mais precisei, *Vermelho, Branco e Sangue Azul* (VBSA) me achou, cuidou de mim e disse nas entrelinhas que está tudo bem ser uma jovem bissexual que deseja se encontrar nas páginas dos livros que lê. Nos momentos finais da graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), firstprince¹⁰ segurou minha mão e mostrou que “o amor é indomável” (McQuiston, 2019, p. 343), que ser uma pessoa *queer* é motivo de orgulho, que a literatura

¹⁰ Nome dado pelos fãs e pela pessoa autora do livro *Vermelho, Branco e Sangue Azul* para o *ship* (vocábulo usado para falar de casais na ficção) de Alex e Henry. O termo “firstprince”, que numa livre tradução seria “primeiro príncipe”, corresponde à junção das palavras em inglês *first*, no sentido de Primeiro Filho dos Estados Unidos, isto é, o personagem de Alex, e *prince* relacionado ao personagem de Henry, que na história do livro é o príncipe da Inglaterra.

para a comunidade LGBTQIAPN+ existe, importa e deve ser cada vez mais lida e apreciada. Não falar sobre eles seria o mesmo que negar uma parte muito importante de quem eu sou.

Por este motivo, escolhi VBSA, o livro e o filme, que de maneiras distintas são importantes para mim e para milhares de pessoas ao redor deste mundo tão vasto e repleto de histórias que se entrelaçam de algum jeito por intermédio do amor. Encerro minha justificativa dizendo que trazer a obra escrita por Casey McQuiston e o filme dirigido por Matthew López para o campo da Ciência da Informação foi a melhor decisão que poderia tomar, sobretudo pelo fato de que são dois universos escritos e idealizados por pessoas que fazem parte da comunidade e acreditam na importância de representações felizes para nós, pessoas *queer*. Este objeto de estudo me escolheu, se entrelaçou com os meus princípios e meus anseios enquanto pesquisadora, e por isso sou grata.

No que concerne à estrutura da dissertação, esta pesquisa é composta por sete seções, incluindo a **Introdução** com a apresentação da temática, dos objetivos e das justificativas. Portanto, as demais seções que compõem o estudo estão divididas da seguinte maneira:

Na **seção dois** apresentamos uma breve discussão fundamentada pelos escritos de diversas autorias que abordam os estudos da Teoria *Queer* como Beauvoir (2008), Butler (2003), Louro (1997, 2004), Foucault (1999), Sedgwick (1990) e demais pesquisadores das Ciências Sociais e da Ciência da Informação. Além disso, discutimos as nomenclaturas da sigla LGBTQIAPN+ e suas mudanças ao longo da história, os dilemas vivenciados pela censura política, escrita e social, bem como os movimentos e grupos responsáveis pelas conquistas dos seus direitos. Ademais, destacamos a literatura LGBTQIAPN+ e o enfrentamento à censura desta no âmbito do Brasil e no mundo.

A **seção três** dá continuidade às discussões teóricas abordando sobre os aspectos socioculturais da mediação. Nesse sentido, discutimos sobre a Mediação da Informação, bem como as Mediações Cultural e da Leitura, assim como a importância que as práticas mediacionais têm para propiciar apropriações leitoras, empoderamento e protagonismo social. Outrossim, ressaltamos as possibilidades de mediação no ambiente digital, discutindo como os leitores também podem ser mediadores por intermédio das ações da cultura participativa.

Na **seção quatro**, última parte do referencial teórico, discurremos acerca dos aspectos conceituais da Cultura Participativa e da Cultura de Fãs, traçando alguns aspectos relacionados a Cultura de Massa e Consumo e como os impactos da produção midiática do cenário pop tem contribuído de maneira determinante para ditar padrões e tendências na sociedade. Ademais, relacionamos os elementos da cultura de fã com as ações realizadas pela comunidade LGBTQIAPN+ e destinadas a promover as pessoas *queer* nos diferentes tipos de

mídia, explanando também a busca pela representatividade na era da tecnologia e das redes sociais, bem como no âmbito das adaptações audiovisuais.

Consequentemente, na **seção cinco** são esclarecidas as etapas do **percurso metodológico** da pesquisa, que se configura como de natureza aplicada, com abordagem qualitativa e pressupostos exploratórios e descritivos no que diz respeito aos objetivos. Além disso, realizamos um levantamento de caráter bibliográfico e documental para a fundamentação teórica. As fontes documentais consultadas foram matérias jornalísticas, fotografias, leis brasileiras e informações publicadas em *websites*. O método escolhido para respaldar o estudo foi o fenomenológico, devido às características do objeto e do público estudado. Como instrumentos, definimos a entrevista estruturada e o questionário, cujos dados coletados foram analisados e interpretados conforme os princípios da técnica da Análise de Conteúdo, com base em Bardin (2011).

Em seguida, a **seção seis** apresenta a **análise e discussão dos resultados** da pesquisa, obtidos por meio das entrevistas realizadas com os administradores do portal/site “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil”, que também são responsáveis pelos perfis relacionados ao filme e ao livro nas redes sociais *online X, Instagram, Threads e Bluesky*, além dos dados coletados com a aplicação de um questionário *online* e voltado para os seguidores da página VBSA Brasil na rede social digital *X*.

Por fim, a **seção sete** dispõe as **Considerações Finais**, na qual discutimos como os objetivos da pesquisa foram atingidos e os resultados da análise, bem como as possíveis contribuições desta para a CI e a sociedade, em especial para a população LGBTQIAPN+. Além disso, a dissertação ainda conta em sua estrutura com as referências bibliográficas, três apêndices e um anexo.

Os apêndices foram listados da seguinte maneira: o primeiro apresentando o roteiro das entrevistas, o segundo correspondendo ao questionário aplicado a uma amostra de fãs da obra/filme *Vermelho, Branco e Sangue Azul* que acompanham o trabalho realizado pela página VBSA Brasil na rede social *online X* e o último com o modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) enviado aos entrevistados que participaram do estudo, e que também foi incluído no questionário respondido pelos seguidores. Já o anexo exibe a captura de tela do e-mail enviado para a equipe da “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil” em um contato prévio para solicitação das entrevistas.

2 TEORIA *QUEER*, UMA TAPEÇARIA RICA E COMPLEXA

Um novo tempo há de vencer
 Pra que a gente possa florescer
 E baby amar, amar, sem temer
 Eles não vão vencer
 Baby, nada a de ser em vão
 Antes dessa noite acabar
 Baby escute, é a nossa canção

(Flutua - Johnny Hooker part. Liniker)

Embora pareça ser recente, a palavra *queer* não diz respeito a algo novo do vocabulário de determinados grupos sociais – e nem sempre teve o significado que lhe é atribuído hoje em dia, de representatividade e ausência de rótulos para minorias¹¹ sexuais e de gênero, isto é, pessoas não heterossexuais e não cisgêneras. Miskolci (2009, p. 151) declara que no passado o termo *queer* possuía outra conotação, usado como “um xingamento que denotava anormalidade, perversão e desvio”, ou seja, como uma ofensa a comunidade LGBTQIAPN+ e seus representantes. Nas palavras de Guacira Lopes Louro (2004, p. 7-8), o *queer* é o estranho, mas, ao mesmo tempo, assume outros sentidos.

[...] é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina.

Durante a Parada Gay de Nova York, realizada no ano de 1990, mais especificamente nos protestos realizados por manifestantes do grupo político Coalizão de Aids pelo empoderamento (formando a sigla em inglês conhecida como ACT UP) – importante grupo nova-iorquino que teve como um de seus fundadores o ativista Larry Kramer, figura célebre na luta contra a Aids –, houve a circulação entre as pessoas ali presentes de um manifesto que surgiu como uma resposta a violência e ao preconceito sofridos por indivíduos da comunidade: o Manifesto *Queer Nation*.

¹¹ Utilizamos os termos “minoría”, “minorizado” e “sub-representado” ao longo da pesquisa para se referir à exclusão, marginalização e opressão sistêmica que grupos como mulheres, pessoas com deficiência (PcD), negros, povos indígenas e a comunidade LGBTQIAPN+ enfrentam. No entanto, é importante ressaltar que estes não são minorias por aspectos quantitativos, afinal, no Brasil há mais mulheres do que homens segundo dados mais recentes do Censo Demográfico do IBGE (2023). Neste sentido, Passo, Nunes e Cavalcante (2023, p. 3) explicam que a palavra minoria não expressa a noção de uma “[...] questão demográfica, mas de como as relações sociais e os padrões estabelecidos podem fomentar preconceitos e intolerâncias impulsionados por aqueles que apresentam as características consideradas dominantes.”

O texto apresentava chamadas de alerta e reflexões acerca da situação vivenciada no país pelas vítimas dos estigmas em relação a Aids e do descaso dos representantes políticos que viraram as costas para os indivíduos, como o até então na época presidente norte-americano e republicano Ronald Reagan, que ignorou a epidemia e deixou milhares de pessoas morrerem durante o seu mandato. Ao usar o termo *queer*, o manifesto traz alguns apontamentos e ressignificações, a saber:

Ser queer não é sobre um direito à privacidade; é sobre a liberdade de ser público, de simplesmente sermos quem somos. Significa enfrentar a opressão diariamente: homofobia, racismo, misoginia, a intolerância dos hipócritas religiosos e o nosso próprio desprezo. (Fomos cuidadosamente ensinadas a odiar a nós mesmas). E agora, é claro, significa combater um vírus também, e todos aqueles homofóbicos que estão usando a AIDS para nos varrer da face da terra. [...] significa levar um outro tipo de vida. Não é sobre o mainstream, margens de lucro, patriotismo, patriarcado ou sobre ser assimilado. Não é sobre diretores executivos, privilégio e elitismo. É sobre estar nas margens, definindo nós mesmas; é sobre desfazer gênero e segredos, sobre o que está abaixo do cinto e, profundo, dentro do coração (Manifesto Queer Nation, 2016, p. 3-4).

Nesse sentido, Oliveira, Gomes e Costa (2020, p. 60, grifo dos autores) argumentam que numa perspectiva histórica “os *queers* tiveram sua reputação manchada ou se resumiram a ser objeto de estudo”, contudo, passaram a se apropriar das discussões e reivindicar seus direitos. Tendo seu surgimento nos Estados Unidos por meio do campo dos estudos culturais, de gênero e na teoria feminista, a Teoria *Queer* consolidou-se mediante movimentos ativistas e acadêmicos, que foram responsáveis por dar voz e espaço àqueles que eram desvalidados, oprimidos, perseguidos e assassinados, grupos considerados minorias sociais, historicamente privados de seus direitos fundamentais e vistos como abjetos¹² (Butler, 2003).

Contudo, a teoria passou a ganhar força e fundamentação acadêmica e científica por intermédio de duas obras lançadas em 1990, que foram responsáveis por dar início não apenas a reapropriação do termo, como também marcar o começo dos estudos *queer*: os livros “*Epistemology of the Closet*” (em português Epistemologia do Armário) de Eve Kosofsky Sedgwick e “Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade” de Judith Butler. Ambas as obras discutem as questões de gênero pelo ponto de vista da estruturação e regulamentação de identidades e expressões sexuais e de gênero pela sociedade ocidental,

¹² Baseado no conceito de “abjeção” proposto por Julia Kristeva, Butler (2003, p. 190-191) explica que o abjeto “[...] designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente ‘Outro’. Parece uma expulsão de elementos estranhos, mas é precisamente através dessa expulsão que o estranho se estabelece”. Neste sentido, a teórica propõe que este termo está relacionado àquilo que é excluído, negado ou marginalizado, sendo considerados como “abjetos” aqueles que não se encaixam nos padrões hegemônicos de gênero e sexualidade normatizados pela sociedade.

bem como pela abordagem da performatividade e das repetições coletivas, indo contra as noções de binariedade (Butler, 2003).

Além disso, outro livro que impulsionou os estudos *queer*, e as pesquisas não apenas de Butler (2003) e Sedgwick (1990) como de outros teóricos da área, foi “História da sexualidade I: a vontade de saber” de Michel Foucault, lançado em 1977, cujas discussões provocadas sobre as relações de poder, identidade e sexualidade marcaram forte influência para a consolidação do campo, repercutindo até hoje nas Ciências Sociais. De acordo com Miskolci (2011, p. 38) diferente da perspectiva estadunidense, “no Brasil os questionamentos e problematizações *queer* adentraram primeiro pela universidade”, isto é, ao final da década de 1990 com reflexões sobre os escritos de Judith Butler e com a publicação de Guacira Lopes Louro na Revista Estudos Feministas (Miskolci, 2011).

Ao tratar da Teoria *Queer* nesta pesquisa, ressaltamos a afirmação de Oliveira, Gomes e Costa (2020, p. 62) ao declarar que estes “sujeitos [pessoas *queer*] até então marginais, vislumbram na Teoria *Queer*, uma tentativa de existir socialmente, através da ocupação e visibilidade nos espaços públicos e políticos”. Através das produções científicas, dos relatos e das iniciativas de apropriação de espaços físicos e virtuais é possível validar cada vez mais suas existências e a importância de se lutar por elas.

Vale ressaltar que apesar destes estudos focados na compreensão dos fenômenos sociais, dos sujeitos e suas experiências e contextos serem durante muito tempo preocupação de outras áreas do conhecimento, com a ruptura do paradigma custodial¹³, a CI e seus pesquisadores também passaram a investigar e promover a representatividade de pessoas LGBTQIA+ e demais grupos sociais e étnico-raciais, mesmo que os estudos sobre sexualidade e os de gênero, por exemplo, ainda sejam incipientes e de “[...] expressão tímida diante dos outros estudos no campo”, porém promissores, com um crescimento exponencial de pesquisas e de autores engajados com a sua responsabilidade social (Romeiro, 2019, p. 40). Contudo, é importante salientar que esta literatura científica tem crescido exponencialmente. Conforme mencionado na introdução desta dissertação, a partir da criação do GT-12 – inaugurado no XXII ENANCIB, realizado em Porto Alegre, no ano de 2022, e sob a coordenação das professoras doutoras Izabel França de Lima (UFPB) e Maria Aparecida Moura (UFMG) –, houve uma maior inserção de pesquisas voltadas para a população negra,

¹³ O paradigma custodial da Ciência da Informação era definido, sobretudo, pela perspectiva tecnicista, patrimonialista e de salvaguarda, ou seja, de uma linha mais tradicional da profissão e do profissional, que era visto como o “guardião” da informação em bibliotecas, arquivos e centros, tendo seus afazeres práticos como prioridade em relação às “eventuais preocupações teóricas e reflexivas” (Silva, 2009, p. 78).

LGBTQIAPN+, indígena e demais grupos sub-representados nos estudos do campo (Passo; Nunes; Cavalcante, 2023).

Neste estudo, para discutir sobre a comunidade LGBTQIAPN+ e a importância que obras *queer* tem para essa população, seja na literatura, nas mídias digitais, no audiovisual e no campo científico, traremos previamente um aprofundamento com foco nas construções de gênero, sexualidade e identidades, bem como das relações de poder, pois não há como abordar a Teoria *Queer* sem considerar e refletir sobre essas dinâmicas que a envolvem. Por isto, será necessário, em primeira instância, contextualizar os termos e teorias que são alicerces teóricos da pesquisa. Assim, a palavra *queer* será usada com mais de um significado, atribuída a função de expressão identitária, ou seja, para se referir às pessoas que não se identificam conforme os padrões binários, além de representar as orientações sexuais que não são heterossexuais e compõem a sigla LGBTQIAPN+. No cenário da pesquisa, o termo se relaciona muitas vezes às representações na literatura e no audiovisual.

Desta maneira, o subtítulo desta seção faz referência direta a passagem do livro *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, de Casey McQuiston, objeto de estudo desta pesquisa. A citação em foco reporta o momento em que o protagonista, Alex Claremont-Diaz, está conversando com sua irmã June e comenta que a “Bissexualidade é realmente uma tapeçaria rica e complexa” (McQuiston, 2019, p. 185). Apesar do trecho se referir a orientação sexual do personagem que está em processo de autodescoberta, para dar nome a seção da pesquisa a frase assume uma amplitude criativa, pois a Teoria *Queer* é um campo de estudo que entende as orientações sexuais e as identidades e/ou expressões de gênero como construções sociais, considerando que os indivíduos são seres complexos e fluidos, como uma tapeçaria e a sua estrutura de fios e bordados detalhistas e cheios de história.

Assim, nesta primeira seção, contemplamos o arcabouço teórico da pesquisa sobre os estudos de gênero, sexualidade e identidade, sobretudo as discussões provocadas pelas principais autorias que fundamentam os estudos *queer* como Butler (2003), Louro (1997, 2004), Foucault (1999), Beauvoir (2008), Scott (1995), Miskolci (2009, 2011) e demais pessoas teóricas das Ciências Sociais. Além disso, serão abordados alguns pesquisadores da CI que dialogam sobre as questões de gênero e diversidade sexual, podendo citar Bufrem e Nascimento (2012), Santos, Targino e Freire (2017), Romeiro (2019), Santos (2020), Martins (2021) e outras autorias que contribuíram no livro “Do invisível ao visível: saberes e fazeres das questões LGBTQIA+ na Ciência da Informação”, lançado em 2019 pelo Selo Nyota.

A primeira parte teórica do estudo apresenta reflexões acerca dos conceitos de identidade, gênero e sexualidade à luz dos teóricos citados, bem como as nomenclaturas da

sigla LGBTQIAPN+, as mudanças que afetaram a comunidade ao longo da história na perspectiva brasileira e os principais grupos e movimentos responsáveis pelas conquistas dos seus direitos, como o movimento feminista no Brasil e no mundo, a rebelião de Stonewall em 1969, o surgimento do jornal brasileiro *Lampião da Esquina* (1978-1981) e outros veículos informativos como o *Boletim ChanacomChana* (1982-1987), além das alterações da bandeira LGBTQIAPN+ e os impactos resultantes na comunidade. Por fim, discutimos a literatura com protagonismo *queer* e os caminhos para o combate à censura e ao preconceito.

2.1 Reflexões sobre gênero, sexualidade e identidades

O que é ser mulher? O que é ser homem? Quais os desdobramentos que levam as pessoas a dizer que “azul é cor de menino e rosa é cor de menina” ou que uma peça de roupa tem gênero? Quem definiu o que são ou não as “brincadeiras/brinquedos de menino” e brincadeiras/brinquedos de menina”? Em sua tese de Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Soares (2016, p. 173) explica que todas essas divisões “aparece[m] como natural com o objetivo de operar as leis de gênero e estabelecer a heteronormatividade desde a mais tenra idade”, isto é, são normas de gênero e sexualidade construídas e mantidas socialmente para internalizar comportamentos, vestimentas, falas, cores, gestos, atividades e objetos sob o viés heteronormativo, gerando expectativas daquilo que consideram como “exemplos” de masculinidade e feminilidade.

Começamos esta subseção com reflexões e breves questionamentos que por muitos anos – e para algumas pessoas – continuam reverberando na sociedade contemporânea, sobretudo nos discursos daqueles que dizem defender “a moral e os bons costumes”, mesmo após tantos diálogos, produções acadêmicas e transformações sociais, com o intuito de gerar as primeiras provocações acerca do que será abordado posteriormente. Contudo, antes de aprofundar os conceitos dos termos que dão nome a seção, gostaríamos de destacar um marco para a história do movimento feminista que, na discussão suscitada, abre as portas para os debates que serão provocados na primeira subseção do estudo.

No segundo volume de sua famosa obra intitulada *O Segundo Sexo*, a existencialista Simone de Beauvoir nos leva diretamente para a frase atemporal que marcou milhares de indivíduos e pesquisas sobre os estudos de gênero, nas ciências sociais e demais campos, ao declarar que não se nasce uma mulher, mas se torna (Beauvoir, 2008). A autora continua o seu raciocínio explicando que as noções de feminilidade e masculinidade são muito mais do que uma definição biológica e/ou psíquica, pois após o nascimento o que importa para o

recém-nascido são as sensações e não os rótulos impostos pelos pais, visto que eles sequer têm noção de algo que não seja instintivo, percebendo só depois, pouco a pouco, o que está ao seu redor.

Além disso, Beauvoir (2008) discorre sobre o privilégio e a opressão masculina e como a visão patriarcal difundida desde os primórdios repercute até os dias atuais nas desigualdades entre mulheres e homens e na relação com os comportamentos que performamos em sociedade, sendo o último ponto fator central do que foi refletido até aqui, ou seja: somos seres em construção suscetíveis a mudança até o nosso último suspiro.

Apesar de ser vista como uma discussão polêmica no âmbito social, ao debater a perspectiva de que gênero é uma construção coletiva, Butler (2003 p. 24) dialoga sobre a veracidade do significado de gênero para os indivíduos, isto é “os significados culturais assumidos pelo corpo”, partindo do pressuposto de que aquilo que está na superfície, visível aos olhos, não corresponde necessariamente a identificação individual de alguém.

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável (Butler, 2003, p. 195).

Bufrem e Nascimento (2012, p. 201) explicam que embora seja utilizado e entendido como o mesmo que sexo, “nas ciências sociais o termo gênero expressa as diferenças construídas socialmente, independentemente de qualquer base biológica”, portanto não está relacionado aos órgãos genitais, mas as identidades dos sujeitos. Embora o trabalho seja anterior, em consonância com as ideias de Beauvoir (2008), mencionamos Scott (1995, p. 86), que fundamenta o conceito de gênero como algo vinculado à “forma primária de dar significado às relações de poder”, visto que corresponde à constituição social atribuída nas distinções observadas nas relações dos indivíduos e nos seus aspectos físicos, características estas sustentadas pelo discurso, nas instituições, nas relações sociais e tantos outros. Isto posto, podemos concluir que sexo biológico e gênero apresentam definições particulares, e não sinônimas.

Em conformidade, Cortês *et al.* (2019, p. 424) enfatizam que a “narrativa cisgênera equipara sexo e gênero e desconsidera as variáveis históricas que permeiam os ideais de ‘feminino’ e ‘masculino’ e a própria diversidade de formas dos corpos concretos – andróginos, intersexuais, grandes, pequenos, altos e baixos”, atribuindo o mecanismo de imposição e naturalidade àquilo que corresponde, na maioria das vezes, aos padrões

estabelecidos pela sociedade, pela cultura e pelos ideais estéticos construídos e disseminados por décadas a fio de uma estrutura cisgênera e heterossexual. Foucault (1999) explica que na dinâmica entre poder e sexo, aqueles que não reproduzem e nem performam o padrão cisheteronormativo dito como “normal”, são considerados párias pelo coletivo, algo observável a partir da marginalização da comunidade LGBTQIAPN+, por exemplo.

Essas construções sociais de gênero (Haraway, 2004) de matriz heteronormativa são observadas desde cedo, quando meninas e meninos são ensinados pela família, pela escola e pelo sociedade a performar um papel de gênero tido como correto para si, ditando as roupas, o comportamento, as falas e por fim, mesmo que implicitamente, os gestos segundo suas características biológicas, mas é importante ressaltar que nada disso define uma pessoa, pois ela pode ir, em contrapartida, aos ideais da heterossexualidade compulsória¹⁴ e da cisgeneridade normativa (Butler, 2003; Castells, 1999; Jesus, 2012; Louro, 2004; Rich, 1980).

As noções reguladoras de binariedade são, portanto, limitantes, tanto para descrever a performance, identidade e/ou expressão de um indivíduo – ou seja, *drag queens*, *drag kings*, transformistas, *crossdressers*, gênero fluido¹⁵, *queer*, travestis, agênero¹⁶, entre outras –, como também o seu sexo biológico, ponto em que destacamos o apagamento de intersexuais nas pesquisas e nas narrativas sociais. Com o propósito de garantir clareza e contextualização adequada, apresentamos neste estudo uma breve explicação sobre as expressões dinâmicas e performáticas de gênero.

Sendo assim, *drag queens*, *drag kings* e transformistas são termos usados para definir artistas que performam gênero de forma teatral, exagerada e caricata, sendo, muitas vezes, uma expressão artística, de entretenimento ou crítica aos padrões morais, éticos, sociais, políticos e estéticos (Jesus, 2012). Os *crossdressers*, por outro lado, são as pessoas que praticam o *crossdressing*, isto é, que usam vestimentas e acessórios associados a outro gênero, independentemente de sua identidade ou expressão cotidiana (Santos, 2020).

No tocante ao entendimento sobre identidade de gênero, Santos (2020, p. 73) a conceitua como o “modo como a pessoa se percebe e se expressa individual e socialmente, seja homem ou mulher, independente ou não de sua anatomia”, e assim estabelece os três grupos principais, a saber:

¹⁴ Cunhado pela primeira vez pela teórica feminista Adrienne Rich (2010) no ensaio intitulado “Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence” (Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica) em 1980, o termo corresponde as pressões sociais e culturais para se conformar em uma sociedade que impõe a heterossexualidade como padrão, reprimindo outras identidades sexuais.

¹⁵ Sendo parte do espectro não-binário, o termo corresponde às pessoas cuja expressão de gênero não é fixa, mas fluida, podendo variar ao longo da vida.

¹⁶ Termo usado por pessoas que não se identificam com qualquer gênero ou rejeitam categorizações de gênero.

- a) Cisgênero: corresponde aos sujeitos que se identificam e reproduzem de maneira psicológica e social aquilo que é designado pelo seu sexo biológico (mulher cis e homem cis);
- b) Transgênero: pessoas que se identificam de maneira psicológica e social com um gênero distinto daquele atribuído ao nascer (mulher trans e homem trans); e
- c) Não-binário: diz respeito aos indivíduos que questionam a binariedade e os rótulos, transitando entre os gêneros e não reproduzindo as expectativas sociais.

Nessa conjuntura, a denominação travesti, tendo o seu surgimento e sendo mais utilizada em países latinoamericanos, corresponde a identidade das “pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero” (Jesus, 2012, p. 17). É relevante ressaltar que as travestis utilizam o artigo feminino para autorreferência, aspecto este que colabora para a reivindicação da identidade de gênero, sem desconforto em relação aos seus corpos, pois a autodenominação vai muito além da anatomia, sendo um ato político de afirmação e busca pelo reconhecimento social e respeito, e não pela aceitação sobre a estrutura corporal (Santos, 2020). Nesse contexto, a linguagem atua como um mecanismo de inclusão, resistência, visibilidade e pertencimento, consoante às discussões sobre construção e performatividade de gênero suscitadas ao longo da pesquisa (Butler, 2003; Haraway, 2004).

Nesse sentido, muito se tem discutido na atualidade sobre os pronomes relacionados às identidades de gênero – como ela/dela para se referir as mulheres cis e trans e ele/dele usado por homens cis e trans. No entanto, nos últimos anos houve um movimento em busca da aceitação e inclusão de pronomes neutros na língua portuguesa para ser utilizado pelas pessoas que se identificam como *queer* e não-binário, sendo os pronomes elu/delu.

Apesar de o uso da linguagem neutra em português ter uma resposta de aceitação dúbia e de sofrer censura por parte da sociedade, no inglês muitos utilizam *they/them* para se referir às pessoas não-binárias. Além disso, outros países também possuem alternativas na língua falada e escrita. No idioma alemão, por exemplo, também existem pronomes neutros e mais inclusivos usados por seus falantes, chamados de neopronomes¹⁷, como *dier/dies*, *sier/sies* e *xier/xies*, entre outros.

¹⁷ Termo usado para definir as palavras criadas em vários idiomas com o propósito de oferecer mais opções além dos pronomes tradicionais, numa alternativa de inclusão para pessoas não-binárias, *queer* ou que subvertem o sistema da binariedade.

No universo desta pesquisa, o uso do pronome será feito eventualmente para falar de Casey McQuiston, pessoa responsável pelo livro *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, que é o nosso objeto de estudo. McQuiston considera-se não-binário e utiliza *they/them* como identidade de gênero, o que na língua inglesa torna-se mais favorável, pois as palavras já configuram neutralidade, como *author* (autor/autora); para esta pesquisa, no entanto, Casey McQuiston terá menções como “autore/escritore” ou pessoa autora.

Outrossim, é importante salientar que identidade de gênero e expressão de gênero possuem dimensões distintas. Portanto, a identidade é a percepção individual que alguém tem sobre si, seja consoante ao sexo biológico ou não, enquanto a expressão está relacionada a manifestação da sua identidade, seja pelo uso de roupas e acessórios pelo comportamento e as interações coletivas, seu nome (de nascimento ou social), formas de falar e demais características associadas a aparência de um indivíduo (Jesus, 2012).

No que concerne à sexualidade humana, Foucault (1999) argumenta que a progressão do capitalismo foi fundamental para desencadear a divisão dos indivíduos por meio das suas práticas sexuais, assim como as relações de poder. A sexualidade para o autor corresponde ao “conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais, por meio do desdobramento de uma complexa tecnologia política”, que assume significado por meio dos discursos e das estruturas de poder (Foucault, 1999, p. 119). Nesse sentido, entendemos que ela está presente em várias esferas: nas relações sociais, sexuais, políticas, econômicas, na produção cultural, científica e tantas outras.

Segundo o material de estudo do curso Promoção e Defesa dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+ (Brasil, 2023, p. 19), a sexualidade

[...] diz respeito a nossas formas de sentir desejo, prazer, construir afetos, nos relacionarmos com outras pessoas e com o nosso próprio corpo. A forma como construímos e vivenciamos a nossa sexualidade marca definitivamente nossa experiência de vida, produzindo histórias de amor e de prazer, mas também de opressão, discriminação e violências. Afinal, nós não vivemos nossa sexualidade apenas numa dimensão “privada”, mas, desde cedo, ela será construída na relação com toda a sociedade.

A história da sexualidade é marcada por diversos entrelaces, constantemente se reinventando e sendo colocada em foco nos diferentes discursos, épocas e contextos, muito além da dimensão de sexo biológico, tendo em vista que compreende também os “desejos, sensações, comportamentos, fantasias, emoções, identidade” (Santos, 2020, p. 71). Quando relacionada à orientação sexual, a sexualidade diz respeito aos aspectos da atração sexual e

afetiva; quanto a identidade e/ou expressão de gênero, pode ser associada à performance (Butler, 2003), à percepção estética e ao comportamento.

Assim, diante da diversidade de abordagens sobre sexualidade, e considerando as experiências e vivências de cada pessoa, inserimos o conceito de orientação sexual à discussão. De acordo com o documento dos Princípios de Yogyakarta (2007, p. 7), a orientação sexual é concernente a “capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas”, ou seja, trata-se de um processo de descoberta de uma questão social, afetiva, histórica e política da vida humana (Louro, 2004; Santos, 2020).

Quanto às orientações sexuais, baseado em Jesus (2012), no curso Promoção e Defesa dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+ promovido pelo Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (Brasil, 2023) e disponibilizado na plataforma *online* da Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), bem como nas mudanças ocorridas no movimento LGBTQIA+, discorreremos sobre os termos e suas seguintes especificidades:

- a) Heterossexual: pessoas que sentem atração sexual e afetiva por outras de gênero oposto a sua identificação pessoal;
- b) Homossexual: indivíduos que sentem atração sexual e afetiva por pessoas do mesmo gênero que o seu (lésbicas, gays);
- c) Bissexual: sujeitos que sentem atração afetivo-sexual por pessoas de qualquer gênero, podendo ter preferência por um gênero específico;
- d) Pansexual: pessoas que sentem atração afetivo-sexual por outras independente da identidade de gênero;
- e) Assexual: pessoas que não sentem atração sexual, independente do gênero, por outros indivíduos;
- f) Demissexual: pessoas que podem sentir atração sexual após desenvolver algum vínculo afetivo com outro alguém.

Após conceituar gênero e sexualidade, evocamos uma reflexão acerca da concepção da identidade de uma pessoa e os caminhos que nos conduzem até a representatividade da população LGBTQIAPN+, foco deste estudo. Louro (1997, p. 27) infere que:

O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento —

seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação.

Para a autora, assim como as noções de gênero e sexualidade, a identidade condiz com algo mutável, e não como algo predeterminado desde a formação no útero de nossas mães. Diante da complexidade das dinâmicas sociais, é importante pensar que mesmo no contexto das lutas sociais e políticas podem existir padronizações que, de certo modo, contribuem para a exclusão de determinados grupos, ou seja, controlando e impondo regras às identidades e comportamentos das pessoas dentro dos próprios grupos, como as pessoas trans na categoria gênero ou bissexuais ao falar de sexualidade, por exemplo. Nessa conjuntura, Butler (2003, p. 21) observa que as noções binárias de masculino/feminino e mesmo os discursos empregados com a intenção de promover liberdade, igualdade e “com propósitos emancipatórios”, continuam propensos a excluir e/ou reproduzir opressão estruturais nas relações, seja pela ideia de que todos “nascem assim” ou pelos mecanismos de poder.

Em palestra ministrada em um evento TEDx, realizado na capital *Salt Lake City* no formato de conferência TED¹⁸, a professora de Psicologia e Estudos de Gênero da Universidade de Utah, nos Estados Unidos, Lisa Diamond trouxe um argumento diferente e reflexivo sobre o discurso “Born This Way”, que ganhou força em 2011 com o lançamento da música de mesmo título da cantora estadunidense Lady Gaga, tornando-se um hino para a comunidade LGBTQIAPN+ que reverbera até os dias de hoje. Na palestra, Diamond (2018) explica que essa abordagem partindo da premissa de que indivíduos *queer* “nasceram assim”, apresenta três problemáticas no discurso de igualdade, sendo elas (Diamond, 2018, 01:02 min, tradução nossa):

- 1) não é algo cientificamente preciso;
- 2) não é legalmente necessário; e
- 3) é injusto.

Em consonância com os teóricos abordados nesta subseção, a pesquisadora esclarece alguns pontos que fundamentam sua perspectiva e o entendimento da fluidez da orientação sexual e identidade e/ou expressão de gênero dos indivíduos. No vídeo da palestra, Diamond (2018) aponta que a estratégia de aceitação e igualdade promovida pela narrativa *born this*

¹⁸ Trata-se da sigla “Tecnologia, Entretenimento e Design”. São conferências independentes e sem fins lucrativos que tem como intuito disseminar ideias, pesquisas e discussões sobre determinados assuntos que podem ser do interesse de comunidades locais ao redor do mundo, ocorrendo no formato TEDx (TED, 2019). Desse modo, a iniciativa possui canais na plataforma YouTube onde as palestras são disponibilizadas gratuitamente.

way pode ser prejudicial para a comunidade, pois limita a complexidade das experiências individuais dos sujeitos, das quais muitas vezes podem despertar após um longo tempo, e não necessariamente nas primeiras fases de desenvolvimento do ser humano. Dentre os exemplos citados pela pesquisadora, salientamos as pessoas bissexuais, que, na visão de uma parte da população são tratadas como pessoas indecisas, desviantes, com opção de escolha e que são mais fáceis de conseguir aceitação pública. No entanto, convém mencionar que esta falsa percepção da bissexualidade como mais aceita do que as demais orientações sexuais e identidades de gênero ignora as diversas formas de opressão, preconceito, negação, fetichização e invisibilidade que as pessoas bi enfrentam diariamente, seja dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+ como também na sociedade em geral.

Outro ponto a ser discutido é que este argumento de que orientação sexual e identidade de gênero são características fixas atribuídas ao ser humano desde o nascimento contribui para a perpetuação de estereótipos e categorização social, resultando inclusive na divisão dos grupos dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+. Para Diamond (2018), os indivíduos são seres fluidos, suscetíveis a ter múltiplas experiências sexuais e românticas durante a vida, assim como podem não se identificar com nenhum gênero ou com outro que não seja aquele performado anteriormente, o que corrobora com as ideias apresentadas por Beauvoir (2008), Butler (2003), Louro (1997, 2004), Foucault (1999), Sedgwick (1990), Scott (1995) e demais teóricos. Assim, a pesquisadora declara que numa conversa em que alguém diz apoiar a igualdade para a comunidade LGBTQIAPN+ “porque eles nasceram assim”, é importante repensar as palavras proferidas e reforçar que o motivo, na verdade, é outro: devemos apoiá-los porque é o certo a se fazer (Diamond, 2018, 14:23 min, tradução nossa).

Em Epistemologia do Armário, Sedgwick (1990) apresenta algumas reflexões acerca dos aspectos comportamentais dos seres humanos, especialmente sobre a percepção do outro e as relações com o armário no sentido figurativo, pois a expressão é usada mesmo na contemporaneidade para dizer que alguém “saiu do armário”, ou seja, assumiu a sua orientação sexual e por isso deixou de se esconder do olhar público.

Uma suposição subjacente ao livro é que as relações do armário – as relações do conhecido e do desconhecido, do explícito e do implícito em torno da definição homo/heterossexual – têm o potencial de ser peculiarmente reveladoras, de fato, sobre os atos de fala de forma mais geral (Sedgwick, 1990, p. 3, tradução nossa).

Desse modo, Sedgwick (1990) argumenta que mesmo de forma implícita, é possível revelar que a maioria dos aspectos da sociedade são vistos pelas lentes das divisões categóricas, ou seja, o bem e o mal, o certo e o errado, a mulher e o homem, e no caso da

discussão suscitada, entre o homo e o hétero. Podemos refletir que essa ideia está associada a maneira como a sociedade espera que as pessoas não falem ou escondam sua sexualidade, seja dizendo como os indivíduos devem fazê-lo por meio dos padrões estabelecidos, como também colocando obstáculos para que os sujeitos se sintam cada vez mais retraídos, reprimindo sobre quem são e guardando no armário para não serem vítimas dos preconceitos, da violência e do temor provocado pela opressão advinda de conservadores.

Butler (2003) explica que a padronização e reafirmação estabelecida pelo modelo da relação homem x mulher, seja nas falas, nas mídias ou por qualquer meio que possa atingir a coletividade, corrobora para um discurso que alimenta a perspectiva de indivíduos homossexuais – e de demais orientações – como imorais, vistos como uma ameaça a constituição tradicional familiar, e a ordem social, argumentos preconceituosos que não passam de falácias sem fundamentos.

Decerto homens brancos, cisgêneros e heterossexuais, privilegiados pelo sistema, são muitas vezes, os primeiros a censurar e atribuir culpa e responsabilidade aos demais grupos, enquanto a grande parcela da população LGBTQIAPN+, mesmo na atualidade, enfrentam percalços para viver uma vida digna, justa e segura. Em consonância ao pensamento, o documento dos Princípios de Yogyakarta (2007, p. 7) aponta que:

Muitos Estados e sociedades impõem normas de gênero e orientação sexual às pessoas por meio de costumes, legislação e violência e exercem controle sobre o modo com elas vivenciam seus relacionamentos pessoais e como se identificam. O policiamento da sexualidade continua a ser poderosa força subjacente à persistente violência de gênero, bem como à desigualdade entre os gêneros.

Martins (2021, p. 4) argumenta que quando o assunto é a LGBTfobia, “o senso comum faz as pessoas associarem as violências letais, agressões físicas e/ou verbais”, principalmente com os relatos de discriminação e assassinato de pessoas LGBTQIA+ sendo noticiados pelos veículos midiáticos. Contudo, existem outras formas de definir violência, como a afetiva, simbólica, econômica e sistêmica, todas legitimadas por discursos opressores (Martins, 2021). Isto posto, observamos que mesmo com as transformações sociais e as conquistas advindas do ativismo do movimento LGBTQIAPN+, nem todos os sujeitos *queer* possuem garantia dos seus direitos, pois ainda existem vários países ao redor do mundo onde ser homossexual é crime, como na Arábia Saudita, Irã e Nigéria, sendo atribuída em muitos casos a pena de morte.

Algumas das conquistas globais mais recentes que podemos citar são: a aprovação do casamento e da adoção por casais homoafetivos em 2024 na Grécia, a Tailândia reconhecida

em 2025 como o primeiro país do sudeste asiático a ter seu projeto de lei aprovado e entrando em vigor para a união entre casais do mesmo sexo e o Brasil com a aprovação da PL 580/2007 pela Comissão de Direitos Humanos, Minorias e Igualdade Racial da Câmara dos Deputados em novembro de 2024, cujo intuito é assegurar o direito ao casamento homoafetivo no país e que teve como relatora a deputada trans Erika Hilton.

Embora tenhamos destacado as vitórias do Brasil e do mundo, é importante apontar que no território brasileiro, sobretudo nos últimos 2 anos, alguns projetos da bancada conservadora e de direita entraram em tramitação com o intuito de restringir acessos e direitos à população LGBTQIAPN+. Portanto, isso demonstra que ainda há muito a ser feito para que pessoas *queer* possam viver em harmonia, sem que seus direitos sejam negados e questionados ou que suas vidas sejam colocadas em risco.

2.2 Movimento LGBTQIAPN+ no Brasil: história, luta e transformação

Ao longo da história, sobretudo da comunidade LGBTQIAPN+, vários momentos foram determinantes para os avanços das conquistas pelos direitos da população *queer* no Brasil e no mundo. Seja pela aprovação da união estável de casais homoafetivos ou das leis com penalidade as práticas de discriminação como a Lei Estadual de São Paulo nº 10.948/01, pouco a pouco este grupo social tem alcançado seus direitos, mesmo que a passos lentos e desafiadores, enfrentando inclusive alguns retrocessos.

Todavia, é importante refletir que o cenário nem sempre foi esse e que antes de termos filmes, séries e livros com protagonistas LGBTQIAPN+, foi necessária uma série de ações movidas pela resistência e pela coragem de pessoas *queer* que impulsionaram o movimento e continuam proporcionando essa realidade que muitas vezes parece ser colocada em jogo por poderes políticos.

Para Quinalha (2022) não há apenas uma versão da história do movimento a ser contada, sobretudo pelo fato de que as histórias LGBTQIAPN+ são múltiplas como a própria sigla o é, com perspectivas distintas e marcos individuais e coletivos que refletem seus contextos e vivências. No entanto, o autor alega que cabe ao pesquisador(a) escolher o ponto de partida para relatar os fatos ocorridos. Na realidade deste estudo, partimos de um momento que deixou um legado inegável na comunidade, reverberando não apenas nos Estados Unidos como em diversos outros países.

Assim, reconhecida pelo seu impacto e pela luta de lésbicas, gays, drag queens e travestis, frequentadores de um bar em Nova York que enfrentaram a polícia para defender

seus direitos de amar e existir, cerca de 55 anos após o ocorrido, a Rebelião de Stonewall permanece viva e efervescente no pensamento e nas pesquisas de pessoas *queer*. Na coletânea *Stonewall 40 + o que no Brasil?* (2011), o autor Leandro Colling e demais pesquisadores brasileiros da Teoria *Queer* que participaram do evento que resultou a obra – organizado pelo grupo de pesquisa em Cultura e Sexualidade (CUS) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) – trazem algumas reflexões sobre este momento histórico para a comunidade LGBTQIAPN+ e a perspectiva do cenário nacional ao longo dos anos. Ao tratar da revolta de Stonewall em 1969, Ribeiro (2011, p. 153) comenta:

Foi em um bar gay chamado Stonewall, em Nova York, há pouco mais de 40 anos, que gays, lésbicas, travestis e drag queens se uniram pela primeira vez para lutar contra a intolerância. Pela primeira vez todos eles se sentiram iguais – por serem diferentes. Iguais por causarem estranhamento ao padrão heteronormativo da sociedade. Eram queers, esquisitos.

A repercussão da rebelião não é segredo para ninguém; seu impacto foi tão imensurável que para muitos estudiosos e para a própria comunidade a data tornou-se referência como o pontapé representativo do movimento LGBTQIAPN+, sendo o dia 28 de junho escolhido como Dia Internacional do Orgulho LGBT, comemorado anualmente na mesma data do ocorrido de 1969. Contudo, é crucial salientar que apesar da Rebelião de Stonewall ser considerada o marco inicial, não podemos esquecer de mencionar na discussão sobre a influência e a força advinda do movimento feminista, que impulsionou os primeiros passos para a ruptura com a perspectiva patriarcal e heteronormativa.

Como afirmam Bufrem e Nascimento (2012, p. 201) a origem dos estudos de gênero tem como ponto de partida o movimento feminista, “que passou a se utilizar do termo gênero no sentido mais literal, como o modo de constituição da relação social entre os sexos”. Nesse sentido, Castells (1999, p. 172) argumenta que o impacto causado pelos movimentos sociais,

[...] do feminismo em particular, nas relações entre os sexos deu impulso a uma poderosa onda de choque: o questionamento da heterossexualidade como norma. Para as lésbicas, separar-se dos homens, origem de sua opressão, foi a consequência lógica, se não inevitável, de sua visão da dominação masculina como o motivo pelo qual as mulheres se encontram em situação tão precária. Para os gays, o questionamento da família tradicional e as relações conflitantes entre homens e mulheres proporcionaram uma abertura para explorar novas formas de relacionamentos pessoais, inclusive novas formas de vida familiar, as famílias gays. Para todos, a liberação sexual, sem limites institucionais, tomou-se a nova fronteira da auto-expressão.

Por conseguinte, observamos que o movimento LGBTQIA+ tem seu fortalecimento marcado pela colaboração com outros grupos minoritários, sobretudo mulheres, negros e

indígenas, e pelo movimento de contracultura (Santos; Targino; Freire, 2017). Para além de Stonewall, concomitantemente o movimento feminista brasileiro foi de grande influência para o “embrionário movimento LGBT” no país, tendo em vista que com o apoio das mulheres, sobretudo das lésbicas que reivindicavam seu direito a liberdade de expressão e sexual, bem como de constituir suas famílias e de realizar uma união conjugal, outros grupos foram empoderados e incentivados a fazer o mesmo (Espindola, 2015, p. 4).

Sobre a história da população LGBTQIA+ no Brasil, podemos observar que, apesar da forte censura, ameaças e perseguições, o movimento tomou forma principalmente durante o período da Ditadura Militar que assolava o país. Por volta da década de 70, vários acontecimentos foram decisivos e marcantes para a comunidade LGBTQIAPN+ brasileira, a começar pelo surgimento do Grupo Somos de Afirmação Homossexual (ou apenas Somos)¹⁹ em São Paulo – tendo como primeiro título Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais –, seguido da fundação do Grupo Gay da Bahia (GGB) em 1978 e 1980, respectivamente, ambos fundamentais para a história do movimento no Brasil e pela validação das pautas políticas levantadas pelo público pertencente à comunidade.

Além disso, vale destacar que no mesmo período houve a formação do primeiro grupo de lésbicas a partir do Somos, o Grupo Lésbico-Feminista (LF), como uma reação contra os episódios machistas e as tensões provocadas entre os membros. Em relação ao GGB, sua existência resiste até os dias de hoje, sendo uma das organizações essenciais não somente em expandir os diálogos e pautas da comunidade para o Nordeste, como também no combate às formas de violências, assim como na promoção da conscientização e na luta pelos direitos das pessoas *queer* (Santos, 2020).

Já o LF continuou com suas atividades até o ano de 1981, todavia, devido alguns fatores e conflitos que impulsionaram a dispersão de suas participantes, houve uma separação do grupo. No entanto, naquele mesmo ano, motivadas em dar continuidade a sua atuação na militância lésbica, Rosely Roth e Miriam Martinho fundaram o que passou a ser o Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF).

Nessa perspectiva, Ribeiro (2011, p. 155) argumenta que foi necessário dez anos após Stonewall para que o Brasil começasse a dar os primeiros passos “pró-gay”, e que a criação de grupos como o Somos e o GGB foram cruciais para dar “mais visibilidade aos

¹⁹ De acordo com a edição de número 12 do Jornal Lâmpião da Esquina (citado por Quinalha, 2021, p. 103) publicada em maio de 1979, o Grupos Somos adotou este nome tanto para homenagear uma publicação periódica argentina intitulada *Somos*, bem como pelo fato de ser uma palavra de cunho “expressivo, afirmativo, palindrômico [...], rico em semiótica e sem contraindicações.”

não-heterossexuais”, bem como para lutar pelo reconhecimento dos direitos da população LGBTQIA+ brasileira.

Em paralelo, no final da década de 70, com o aumento das movimentações políticas e sociais suscitadas pelo movimento LGBTQIAPN+, houve também o surgimento e a publicação de um importante jornal brasileiro, o popular *Lampião da Esquina* (1978-1981), feito por pessoas homossexuais e pensado para eles (Vanin; Oliveira, 2019). Tendo seu início em abril de 1978 e circulando até julho de 1981, o *Lampião da Esquina* foi um pilar do movimento LGBTQIAPN+ no país, sobretudo por trazer um conteúdo voltado para a comunidade, como cartas dos leitores, relatos, imagens de ícones e *sex symbols* da época, reportagens com figuras célebres e um teor político e reflexivo forte para o período de censura vivenciado, abordando principalmente textos sobre a liberdade e o combate a repressão.

Vanin e Oliveira (2019) declaram que, na sua edição experimental de número zero publicada em abril de 1978, o *Jornal* apresentou as suas diretrizes com as definições estabelecidas pelo conselho editorial a respeito do seu comprometimento, a saber:

O que nos interessa é destruir a imagem padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dada aos demais e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que se desejaria ter. Para acabar com essa imagem-padrão, LAMPIÃO não pretende solucionar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz (*Lampião da Esquina*, abril de 1978, p. 2 citado por Vanin; Oliveira, 2019, p. 322).

Apesar de não ser mais publicado em nenhum formato físico ou digital – na atualidade, o *Jornal Lampião da Esquina* estabeleceu-se como uma “fonte histórica importante para a pesquisa e a construção de identidades marginalizadas pelo sistema” (Vanin; Oliveira, 2019, p. 323). Desse modo, é possível encontrar a coleção de exemplares do jornal completa e escaneada disponível para leitura e pesquisa em todo o mundo no *website* do Grupo Dignidade, como uma iniciativa do projeto Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott, o CEDOC, cujo título é uma homenagem ao ativista e fundador do Grupo Gay da Bahia. Na figura a seguir podemos vislumbrar a edição inaugural do periódico.

Figura 1 - Edição experimental (0 ed) Jornal Lampião da Esquina, abril de 1978²⁰



Fonte: Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott - CEDOC (2021).

Na obra *Devassos no Paraíso*, Trevisan (2018) apresenta um breve relato de um episódio envolvendo o ex-presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, na época professor universitário, que comprava e lia o *Jornal Lampião da Esquina*, mas sem que as pessoas soubessem, pois devido à sua posição social, ler um jornal com conteúdos homossexuais não era considerado algo “apropriado”. Este argumento era um reflexo da sociedade heteronormativa patriarcal da época, mas que infelizmente não se distancia de alguns comentários que poderiam ser propagados hoje em dia por uma sociedade, em certos aspectos, igualmente conservadora.

Quando, nos idos de 1970, o então professor universitário Fernando Henrique Cardoso comprava o jornal *Lampião da Esquina* na Livraria Kairós, em São Paulo, e mandava embrulhá-lo, isso mostra sem dúvida que ele era um dos poucos intelectuais de esquerda tentando estar antenados com seu tempo; mas também evidencia como não era de bom-tom, nem sequer a um intelectual antenado, sair por aí exibindo um

²⁰ Disponível em:

https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/0-ed-jornal-lampiao-da-esquina-abril-1978/?order=ASC&orderby=date&perpage=12&pos=0&source_list=collection&ref=%2Fjornal-lampiao-da-esquina-1978-1981%2F. Acesso em: 18 fev. 2024.

jornal que a mídia chamava de “porta-voz dos homossexuais” (Trevisan, 2018, p. 27-28).

Outrossim, vale ressaltar que na mesma época houve o surgimento do Boletim ChanacomChana (1982-1987), uma publicação proeminente do cenário da imprensa feminista formada pelo Grupo Lésbico-Feminista (LF) e posterior Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF), buscando um distanciamento das pautas masculinas e tendo um foco mais centrado nas mulheres, sobretudo nas questões lésbicas. Destacamos que apesar da circulação ter durado no formato de boletim, como um *fanzine* com textos, fotografias e colagens, antes disso, em 1981 foi publicada uma única edição do jornal pelo LF.

Outro ponto a ser mencionado é que sua venda acontecia no Ferro’s Bar, no centro de São Paulo, e que após uma briga no dia 19 de agosto de 1983 envolvendo dos donos do estabelecimento e um grupo de lésbicas frequentadoras do espaço, o ocorrido passou a ser reconhecido tempos depois como “Stonewall brasileiro”²¹, devido às suas similaridades com o episódio nos Estados Unidos em junho de 1969 (Carvalho, 2019; Silva; Cordão, 2021). É válido ressaltar que antes da revolta acontecer, outros episódios de violência verbal e física foram relatados pelas frequentadoras, que comentavam sobre a perceptível implicância dos donos em relação à venda do boletim no local pelas integrantes do GALF (Passo; Lobo, 2024). Ao discutirem sobre a vida de Rosely Roth, assim como seu legado e trajetória no Movimento Lésbico-Feminista Brasileiro, Passo e Lobo (2024, p. 63) descrevem os principais acontecimentos que levaram ao ato no Ferro’s Bar:

Em 23 de julho de 1983, semanas antes do acontecimento, enquanto Rosely e outras mulheres do GALF vendiam o boletim, o proprietário e os funcionários as expulsaram por meio da força física. A polícia foi chamada e nada fez para a situação ser resolvida justamente. Logo, sob a liderança de Rosely, um protesto foi combinado para dia 19 de agosto do mesmo ano, levando a imprensa alternativa, ativistas LGBTs, feministas e políticos para frente do bar. Em torno das 21h30, várias pessoas entraram no bar anunciando o ato. Na ocasião, o bar estava lotado. Dentre o público que tomava conta do local, também havia a presença de frequentadoras de longa data, outras nem tanto. Além disso, algumas pessoas estavam ali pela primeira vez, motivadas pelo anseio de participar da manifestação ou de simplesmente entender o que estava acontecendo. Tida como uma das principais figuras para o estopim do Levante, Rosely também marcou presença, participando ativamente do confronto.

Por conseguinte, a manifestação teve sua cobertura comentada e estampada na capa da edição de número 4 do Boletim ChanacomChana. Diante da sua relevância para o

²¹ CARVALHO, Ketryn. **Chanacomchana**: Conheça a história do Stonewall brasileiro. Observatório G, 2019. Disponível em: <https://observatoriog.com.br/noticias/cultura/chanacomchana-conheca-a-historia-do-stonewall-brasileiro>. Acesso em: 18 fev. 2024.

movimento lésbico brasileiro, o dia 19 de agosto passou a ter um significado duplamente importante, tornando-se também a data escolhida para celebrar o Dia Nacional do Orgulho Lésbico (Passo; Lobo, 2024). O registro fotográfico abaixo, no entanto, mostra a ativista Rosely Roth, uma das responsáveis pelo periódico, enquanto lê a edição de número 7 publicada em 1985.

Figura 2 - Rosely Roth lendo a ed. 7 do Boletim ChanacomChana, abril de 1985



Fonte: Folhapress (1985).

No auge dos anos de 1980, assim como em outras partes do mundo, o Brasil também enfrentou a epidemia do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), causador da Aids. Devido ao aumento dos casos envolvendo homossexuais, muitas manifestações foram feitas fomentando preconceitos e discursos de ódio velado e declarado por meio de ameaças físicas e verbais. No entanto, também na mesma época foram estabelecidas políticas públicas de saúde voltadas para atender essa parcela da população, tanto no que se refere ao avanço de pesquisas como na disseminação de informações confiáveis sobre prevenção, tratamento e cuidados (Santos; Targino; Freire, 2017).

Entre a década de 1980 e o começo dos anos 2000, o movimento LGBTQIAPN+ brasileiro passou por uma série de percalços, como o aumento dos casos de violência, além de ser alvo da censura política e artística, da discriminação e dos embates com indivíduos conservadores. Os anos 2010 não foram tão diferentes, visto que o número de casos de LGBTfobia aumentou exponencialmente. Cavalcanti, Pajeú e Bufrem (2022, p. 302) explicam

que a censura “[...] se faz presente a todo tempo em maior ou menor grau, segundo os cenários se mostrem oportunos ao cerceamento e/ou manipulação da informação, podendo ser percebida em todos os regimes políticos”, afetando principalmente minorias sociais e indivíduos que não encaixam nos valores, nas normas e nos comportamentos ditados pelo discurso da moral e dos bons costumes dos “cidadãos de bem”²² – expressão cunhada pelo ex-presidente da república Jair Bolsonaro e representantes políticos da direita brasileira para justificar seus discursos e ideais pautados na figura e nas falas do que a extrema-direita brasileira configura como “família tradicional”, isto é, com uma visão do que seria ideal segundo a perspectiva cristã em termos de comportamento e valores morais.

Estamos em 2024 e os progressos e mudanças em relação ao que foi citado não foram tão drásticos quanto deveriam ser, afinal de contas, segundo relatórios do Grupo Gay da Bahia e da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), em 2023 o Brasil continuou batendo o recorde como o país com mais mortes – homicídios e suicídios – de pessoas LGBTQIAPN+ no mundo, permanecendo a 15 anos consecutivos no topo da lista de assassinatos de transexuais e travestis, sendo esta uma dolorosa realidade que permeia a nação (Grupo Gay da Bahia; ANTRA, 2024).

Além disso, mesmo com os avanços e leis de proteção e garantia de direitos, a população LGBTQIA+ ainda sofre com os discursos de ódio e a possibilidade de ter seus direitos ameaçados. A exemplo, durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, que exerceu o seu mandato de 2019 a 2022, o Brasil enfrentou um período de muitos retrocessos, desinformação e ataques do então Presidente à população LGBTQIAPN+.

Embora o mandato do ex-presidente tenha se iniciado em 2019, Jair Bolsonaro já realizava declarações públicas conservadoras, pejorativas e preconceituosas contra mulheres, negros e a comunidade LGBTQIAPN+ antes de sua presidência. Como deputado, Bolsonaro declarou em entrevista a edição de junho de 2011 da revista masculina *Playboy* que ele “seria incapaz de amar um filho homossexual”, afirmando que teria vergonha, e que ter vizinhos homossexuais seria motivo para desvalorizar o seu imóvel (Bergamo, 2022; Terra, 2011).

Outro episódio ocorreu em sua participação no jornal da emissora Record em 2012, onde o então deputado federal anunciou ser “preconceituoso com orgulho”, além de várias

²² Costa (2021, p. 7) explica que a expressão “está associada a um tipo de patriotismo ufanista e conservador evidenciado pelo slogan da campanha bolsonarista: ‘Brasil acima de tudo, Deus acima de todos’”, impulsionado pelo populismo da direita no cenário político brasileiro. Nesse sentido, o autor ainda observa que a reprodução deste discurso é usada para defender um ponto de vista de preconceitos e repressão, isto é, do sentimento de ódio contra aqueles que não reproduzem os mesmos comportamentos e falas – como os partidos de esquerda, os veículos de comunicação convencionais (televisão e rádio) e os movimentos a favor dos direitos humanos e representativo de grupos identitários.

falas ofensivas em trechos exibidos pelo programa e em matéria publicada pelo El País Brasil com um vídeo anexo apresentando um compilado das suas declarações, das quais citamos: “[...] eu falei que não ia estuprar você porque você não merece” para a deputada Maria do Rosário; “[...] Foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio mulher” sobre sua filha Laura Bolsonaro; e “As minorias têm que se curvar às majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem” (El País Brasil, 2018; Record, 2012).

Além disso, ao analisar os discursos do ex-militar sobre a temática de gênero e sexualidade e seus comentários racistas, machistas, xenofóbicos e homofóbicos, Miguel (2021, p. 6) relembra momento de homofobia que marcou boa parte de sua candidatura durante as eleições presidenciais em 2018:

Esta percepção — de que “desordem de valores” e ameaça marxista andam juntas — chegou a Bolsonaro ainda em meio a seus 28 anos de apagada atuação no Congresso Nacional. Ele entendeu ou intuiu que a chamada “agenda moral” daria um reforço importante à sua pregação anticomunista. Um episódio que marca esta virada foi a oposição ao programa de combate à homofobia nas escolas, apresentado em 2011 pelo então ministro da Educação, Fernando Haddad, que viria a ser seu principal adversário nas eleições presidenciais de 2018. Bolsonaro liderou a oposição ao programa, que descrevia como sendo uma política de promoção da homossexualidade ou mesmo da pedofilia. Deu a ele a alcunha de *kit gay* — e o fato de que esta expressão tenha ganhado curso no debate público mostra como a extrema-direita foi capaz de moldar o ambiente em que ele ocorreu.

Estas são apenas algumas das inúmeras situações, pois houve diversas ações, declarações e desarticulações de políticas antes, durante e depois de seus mandatos em cargos políticos que afetaram diretamente grupos minorizados, sobretudo a comunidade. Neste sentido, salientamos que seu discurso de ódio foi amplamente noticiado pelos meios de comunicação midiáticos como jornais, revistas, telejornais, blogs, portais e veículos independentes, como podcasts e demais fontes informacionais.

Dentre as ocorrências de sua gestão na presidência do Brasil, elencamos algumas relacionadas à população LGBTQIAPN+, a saber: o corte de verbas para projetos LGBTQIA+, como a suspensão do edital do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) em parceria com a Agência Nacional de Cinema (ANCINE) e da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC) voltado para produções com foco na diversidade e sexualidade; suas falas homofóbicas em eventos religiosos, nos seus perfis em redes sociais e nas demais aparições públicas presidenciais; a assinatura da Medida Provisória (MP) 870/19, modificando os ministérios e excluindo a população LGBTQIAPN+ das diretrizes e políticas destinadas à promoção dos Direitos Humanos com a criação do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, comandado por Damares Alves, na época ministra; entre

tantas outras situações de desrespeito promovidas por Bolsonaro e seus aliados da extrema-direita (Esquerda Diário, 2022; Miguel, 2021; Niklas, 2019). Os anos de mandato presidencial de Jair Bolsonaro foram marcados por um discurso de ódio e intolerância que permanece até hoje, mesmo após as eleições de 2022 que elegerem o atual presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva – assumindo o cargo pela terceira vez –, sendo este um representante da esquerda e que defende os direitos da população LGBTQIAPN+ e a valorização da arte e da cultura no país.

Dando continuidade a nossa linha temporal, retomamos o período entre a década de 1980 e os anos 2000-2010, relatamos alguns pontos positivos, como a realização da primeira parada LGBTQIA+ do Brasil, que, de acordo com Espindola (2015), aconteceu na cidade de São Paulo em 1997. Além disso, foram alcançados direitos fundamentais para a comunidade, como a criminalização da LGBTfobia – vinculada à Lei nº 7.716/89 de crimes de discriminação ou preconceito –, o reconhecimento do Supremo Tribunal Federal (STF) acerca da união estável entre pessoas do mesmo sexo²³, entre outras conquistas. Nesse sentido, Santos (2020, p. 84) expõe:

Em 2011 o Supremo Tribunal Federal (STF), por unanimidade de votos, reconheceu as relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo como entidades familiares. Em 2013 o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprova Resolução 175, que impede os cartórios brasileiros de se recusarem a celebrar casamentos civis ou converter uniões estáveis homoafetivas em casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. Em março de 2018, o STF julga procedente o direito à identidade de gênero das pessoas trans, permitindo a alteração de prenome e sexo em seus registros civis diretamente nos cartórios, sem a necessidade de autorização judicial, laudo médico ou mesmo cirurgia de redesignação sexual, como estava sendo feito. Por fim, em junho de 2019, a ampla maioria dos ministros do STF criminalizou as práticas de LGBTfobia, equiparando-as ao crime de racismo, sendo também inafiançável e imprescritível.

Outrossim, além do GGB, do Grupo Somos e dos demais mencionados anteriormente, vale salientar a formação de outras organizações, que Facchini (2005, citada por Santos, 2020) sinaliza como essenciais para as articulações e avanços do movimento no Brasil, são eles: a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT); a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA); a Liga Brasileira de Lésbicas (LBL); a Rede Afro LGBT, assim como a Aliança Nacional LGBTQ+ e a Rede GayLatino no âmbito da América Latina, todos fundamentais não apenas para os avanços da comunidade LGBTQIAPN+ no país como também dos demais grupos étnico-raciais, sociais e

²³ Embora a união estável tenha sido reconhecida em 2011 pelo STF, recentemente a Comissão da Câmara aprovou um projeto de lei inconstitucional que proíbe o casamento homoafetivo, o que coloca mais uma vez os direitos conquistados pelos indivíduos pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+ em risco.

marginalizados na esfera brasileira (Santos, 2020). Em relação à sigla que representa a comunidade LGBTQIAPN+ e suas nomenclaturas, Quinalha (2021, p. 98) declara que:

Nos anos 1970 e 1980, “Movimento Homossexual Brasileiro (MHB)” era a expressão mais utilizada para designar o conjunto de militantes formado por homossexuais, havendo uma notória exclusão de bissexuais e pessoas trans dos espaços de organização nessa primeira fase. Somente durante os anos 1990 é que o movimento passou a ser também referenciado como GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), GLT (gays, lésbicas, travestis), GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e travestis) e, mais recentemente, LGBT, para contemplar, expressamente, um arco mais amplo de identidades de gênero e de orientações sexuais.

Além destas, outras variações foram e continuam sendo usadas pela comunidade no dia a dia e em alguns textos e pesquisas, como LBTT, LGBTQ, LGBTI+, LGBTQ+ e LGBTQIA+. Embora a sigla tenha passado por algumas alterações, sua versão mais atualizada é a LGBTQIAPN+, com a inclusão do P representando a pansexualidade, isto é, a orientação sexual que corresponde aos indivíduos que sentem atração sexual por outros independente de sua identidade de gênero, e da letra N representando a identidade de gênero não-binário. Neste estudo, usamos tanto LGBTQIA+ como LGBTQIAPN+ para nos referir ao movimento e a comunidade, porém, priorizando a segunda versão pelo viés mais inclusivo.

As múltiplas abreviações da sigla não possuem uma regra de uso nos contextos, pois o que importa é que sejam usadas para representar, unificar, incluir e conscientizar a população sobre a diversidade nas identidades de gênero e de orientações sexuais. A inclusão do símbolo de adição (+) permite com que outros grupos que não são explicitamente anunciados possam ser representados nas discussões e no movimento, como os espectros aromânticos ou aromanticidade, que corresponde às orientações românticas dos indivíduos.

Ademais, outra mudança foi a criação da nova versão da bandeira LGBTQIAPN+, lançada no Brasil no dia 27 de novembro de 2022 pelo Grupo Arco-Íris durante a 27ª Parada do Orgulho LGBTQIA+, realizada no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro. Apesar de ter passado por várias alterações no decorrer dos anos e dentro do próprio movimento, a atualização da bandeira como conhecemos hoje ocorreu nos anos de 2018 e 2021 e foi pensada pelos designers Daniel Quasar e Valentino Vecchietti, respectivamente, responsáveis pela inclusão das cores da bandeira trans, do movimento pela luta antirracista e o símbolo do orgulho intersexo. Ainda conforme a matéria do Jornal Estado de Minas, a representação das cores na lateral esquerda simboliza o progresso dos movimentos retratados, sendo bem aceita pela comunidade (Caixeta, 2022).

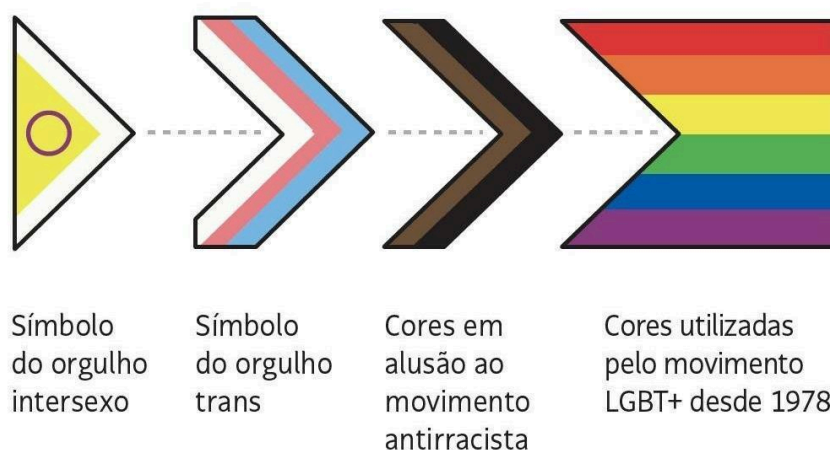
Figura 3 - Nova configuração da bandeira LGBTQIAPN+



Fonte: Jornal Estado de Minas.²⁴ Acesso em: 25 fev. 2024.

A Figura 3 é pertinente à nova estrutura da bandeira arco-íris, usada comumente nas paradas de orgulho pelo Brasil e ao redor do globo, enquanto a Figura 4 apresenta a explicação de cada parte que a compõe. Vale ressaltar que apesar dessa versão ser usada pela comunidade LGBTQIA+ para representar o movimento na totalidade, as identidades de gênero e orientações sexuais que englobam a sigla também possuem suas próprias bandeiras, com estilos, cores e símbolos que se relacionam com a diversidade e as especificidades de cada uma (lésbicas, gays, transexuais, bissexuais, pansexuais, assexuais e demais grupos).

Figura 4 - Significado das cores e símbolos da bandeira LGBTQIAPN+



Fonte: Folha de São Paulo.²⁵ Acesso em: 25 fev. 2024.

²⁴ CAIXETA, Izabella. **Nova bandeira LGBT inclui cores trans, intersexo e da luta antirracista**. Estado de Minas, 2022. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/12/07/noticia-diversidade,1430519/nova-bandeira-lgbt-inclui-cores-trans-intersexo-e-da-luta-antirracista.shtml>. Acesso em: 25 fev. 2024.

²⁵ LUCCA, Bruno. **Nova bandeira LGBT+ inclui símbolos trans, intersexo e antirracismo**. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em:

É importante ressaltar que assim como em outras nações do mundo, o movimento LGBTQIA+ brasileiro é plural, e corresponde não apenas às identidades de gênero e orientações sexuais dos indivíduos, mas engloba também outras características, incluindo na discussão as pautas étnicas, sociais, políticas e culturais.

Desse modo, a luta por respeito e por uma representatividade positiva, ou seja, com campanhas de conscientização e combate aos preconceitos, com a presença de figuras políticas que reforçam a importância do ativismo – como a deputada trans Erika Hilton que luta pelos direitos das pessoas negras, mulheres e de toda a comunidade LGBTQIAPN+ –, assim como a criação e disseminação de conteúdos como programas televisivos, filmes, quadrinhos e o protagonismo de personagens *queer*, negros, indígenas, mulheres e demais grupos minoritários no audiovisual e na literatura são algumas das ações que corroboram para o avanço não apenas de um único movimento, mas de vários outros em sintonia.

Neste processo de produção de conteúdos, os fãs são figuras essenciais para dialogar os interesses coletivos com o produto que estão consumindo, independente do seu formato. A partir dessa troca entre produtor e consumidor, a linha tênue existente nessa relação, estabelecida principalmente pelo advento da internet, propiciou não apenas o surgimento de novas práticas de acesso, criação e divulgação da informação, como, ao mesmo tempo, possibilitou uma plataforma para reivindicações desses grupos.

Nesse sentido, ao falar posteriormente sobre a cultura participativa e cultura de fãs no estudo, serão discutidas as representações hodiernas acerca do *queer* nas mídias, considerando alguns fatores como a aceitação dos públicos, a produção independente e a importância das interseccionalidades²⁶, isto é, da relação entre gênero, orientação sexual, raça e demais marcadores sociais observados nos personagens. Mais adiante discutiremos sobre a interseccionalidade com um aprofundamento teórico respaldado por autoras como Crenshaw (2002) e Akotirene (2019), a fim de esclarecer como os sistemas de opressão e privilégios atuam e afetam a vida das pessoas de uma forma que não é isolada, mas como uma dinâmica de sobreposição dessas categorias. No entanto, em primeira instância contextualizamos as

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/12/nova-bandeira-lgbt-inclui-simbolos-trans-intersexo-e-antirracismo.shtml>. Acesso em: 25 fev. 2024.

²⁶ Cunhado pela professora, feminista e ativista norte-americana Kimberlé Crenshaw em 1989, o conceito de interseccionalidade está diretamente relacionado às experiências de mulheres negras, sobretudo no contexto dos Estados Unidos. Nesta perspectiva, Crenshaw (2002, p. 177) consolidou e definiu a interseccionalidade como “uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação.”

representações literárias, sobretudo no cenário brasileiro, e os dilemas provocados pela censura e pelo preconceito contra narrativas *queer*, mesmo nos dias atuais.

2.3 Representações LGBTQIAPN+ na literatura: questionando a “moral e os bons costumes”

Desde os primórdios da civilização humana, a censura sempre se fez presente. Na Grécia e na Roma Antiga, no período da invenção da imprensa e em vários outros momentos da história de diversas nações, as práticas de controle, privação de direitos, silenciamento e limitação de acesso informacional se manifestaram de inúmeras formas, sobretudo na repressão de “expressões artísticas e literárias, tradicionalmente questionadoras dos costumes” e das regras impostas pelos governantes e figuras de poder (Cavalcanti; Pajeú; Bufrem, 2022, p. 316). Apesar de parecer ser algo que ficou no passado, nos últimos anos tem-se observado cada vez mais tentativas de ataques à democracia e às manifestações artísticas, assim como da violação da liberdade de expressão das pessoas pautadas por uma ideologia neoconservadora. Apoiados pelo discurso da moral e dos bons costumes, instituições como a igreja, o Estado e grupos políticos de diferentes instâncias são os principais agentes de controle dos comportamentos e do consumo.

Analisando o contexto brasileiro, Cavalcanti, Pajeú e Bufrem (2022, p. 302) constataam que “devido a um passado recente no qual a censura foi instituída como política de Estado, remanesce um saudosismo à prática da restrição da informação não alinhada aos valores assumidos pelas elites no poder”, provocado principalmente pelos posicionamentos da direita e da visão conservadora difundida por figuras públicas como o ex-presidente Jair Bolsonaro e demais representantes políticos que compartilham dos mesmos ideais, sustentados por preconceitos, Fake News e alienação das mídias e dos cidadãos.

O historiador Roger Chartier (1998, p. 36) evidencia que “o direito de exercer a censura e a definição daquilo sobre o que ela deve ser exercida são sempre objeto de rivalidades agudas, muito reveladoras das tensões sócio-políticas que marcam uma sociedade em um momento dado de sua história”. Logo, conclui-se que as disputas por domínio de um grupo, nação e afins por regimes totalitários e autoritários, bem como as tensões sociais observadas em determinados contextos históricos, tem como objeto deste controle a informação.

Nesse sentido, ao discutir os aspectos da censura, Santos (2021) observa que o Estado exerce poder de controle por meio da informação, isto é, do seu acesso e uso ou da negação

destes à população, numa tentativa de restringir o conhecimento e ter domínio sobre a opinião pública. Além disso, os mecanismos de silenciamento atuam fortemente na expressão dos sujeitos. No período da Ditadura Militar brasileira (1964-1985), por exemplo, diversos artistas foram vítimas da repressão, muitos deles inclusive perseguidos e exilados do país e tendo seus trabalhos vetados pelos censores. Para as minorias, especialmente a comunidade LGBTQIAPN+, o cenário também não foi favorável, pois os “mecanismos censórios” (Sampaio, 2021, p. 40) foram responsáveis por banir as diversas formas de arte produzidas por indivíduos *queer* – música, literatura, teatro e tantas outras – com a intenção de apagar suas vivências, expressões e existências físicas e simbólicas, exercendo controle sobre suas vidas públicas e privadas (Quinalha, 2022).

Um dos principais exemplos deste período é o de Cassandra Rios, pseudônimo de Odete Pérez Rios, que foi uma das mais perseguidas e censuradas autoras brasileiras na época da Ditadura Militar no país (Silva, 2024). A escritora teve grande parte de seus livros vetados pelo regime devido ao conteúdo erótico homossexual feminino presente nas suas obras, considerados impróprios por ferir “os valores familiares, tradicionais e cristãos”²⁷ estabelecidos pelo governo militar. Nesse sentido, Sampaio (2021) discorre a respeito da presença de indivíduos *queer* nas mídias e as dificuldades enfrentadas neste momento que assolou o país, marcado por situações de violência física, verbal e principalmente informacional.

Há, neste sentido, um jogo de tensões entre a visibilidade LGBTQIA+ e a censura que se consolidou à época da Ditadura Militar. Este jogo de tensões é também um jogo de tensões informacionais, uma vez que o silenciamento das sexualidades dissidentes é o impedimento do trânsito de informações que nos representam em desfavor de estereótipos e apagamento de nossas vivências e afetos. Personagens homoafetivos e transexuais que apareciam na grande mídia, por meio de anúncios publicitários e novelas; artistas ‘fora do armário’, geralmente homossexuais e transexuais estereotipados, sofriam neste período, com esta censura, com a violência institucionalizada de Estado, das mais diversas formas, o que dificultou a constituição de memórias coletivas favoráveis a esta comunidade. A dificuldade, destacamos, perpassa também pelo exercício dos jogos informacionais, que reforçam o protagonismo das narrativas hegemônicas e cisheteropatriarcais, na forma de discursos hegemônicos invisibilizantes, discriminatórios, criminalizantes e

²⁷ Destacamos entre aspas os termos “valores familiares, tradicionais e cristãos” para relatar a visão ideológica imposta no período do regime para justificar as políticas repressivas e autoritárias cujo intuito era punir aqueles que viviam suas vidas de maneira oposta à determinada pelo discurso opressor. Contudo, ressaltamos a importância de se combater esta perspectiva preconceituosa e nociva nos dias atuais, tendo em vista que a constituição de família não se fundamenta na base heteronormativa (marido, esposa e filhos), e que a estrutura tradicional não deve anular as outras formações de núcleos familiares, héteros ou *queer*, que são igualmente válidas. Além disso, o argumento conservador, fortalecido no Brasil durante o mandato do ex-presidente da república Jair Bolsonaro, de que apenas os princípios cristãos são válidos é um equívoco, posto que ignora e apaga toda a diversidade de crenças e valores de outras religiões.

patologizadores da diversidade sexual, gerados, entre outros fatores, pelo que podemos tratar de **violência informacional** (Sampaio, 2021, p. 40-41, grifo nosso).

A violência informacional, como observamos, pode apresentar-se em várias facetas, indo desde a privação ao acesso, da invisibilidade dos sujeitos, até os apagamentos de registros e memórias. Octaviano, Rey e Silva (2000, p. 67) relatam que durante o período do Governo Collor, “os meios de comunicação noticiaram que o presidente Collor de Mello julgava que certos programas eram impróprios para a televisão, por atentarem contra a moral e os bons costumes do povo brasileiro”. Em vários países – e mesmo no Brasil – inúmeros livros são considerados proibidos, alvos da censura e retirados de espaços como escolas e bibliotecas. Do mesmo modo, Malta, Flexor e Costa (2020, p. 2) observam que [...] a censura ocupou as páginas da história para evitar a palavra escrita antagônica, materializada de diversas formas, mas invariavelmente promovendo violência simbólica”. Diante disso, podemos notar que de todas as formas de censura artística, os ataques relacionados à mídia e a escrita parecem sustentar-se com persistência mesmo na contemporaneidade.

Ao tratar sobre a repressão à comunidade LGBTQIAPN+ e a censura aos equipamentos e produtos culturais, Quinalha (2021, p. 177) explica que no Brasil existiam dois tipos de práticas censórias:

[...] a político-ideológica e a moral. Os argumentos que sustentam a leitura de que havia duas censuras, basicamente, são de que, em primeiro lugar, a censura moral já existia antes mesmo da ditadura. Aliás, é verdade que o Brasil contava já com uma tradição censória dos costumes bastante antiga e que se manifestou em diferentes períodos da história política e cultural do país, inclusive naquele considerado democrático, entre 1945 e 1964. Foi nos anos 1940, por exemplo, que se criou o Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP), responsável pela censura das "diversões públicas" (teatro, cinema, música, rádio, casas de espetáculo, entre outros) e que, em 1972, já sob a ditadura militar, se tornou a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP).

No que tange à censura no contexto literário, Chartier (1998, p. 23) explana que “a cultura escrita é inseparável dos gestos violentos que a reprimem”. A história da censura escrita, sobretudo aquela que está relacionada a literatura e a circulação de livros para a grande massa, pode ser contada muito antes do surgimento da imprensa, quando a leitura era algo voltado para a elite, com pouquíssimos textos disponíveis para o público e um número ainda menor de pessoas alfabetizadas. Nessa perspectiva, Santos (2021, p. 55) comenta:

A história da leitura é carregada, de um lado, por eventos que contribuíram para o aumento dessa prática, como por exemplo a invenção da imprensa de Gutenberg e a consequente disponibilização de um maior número de textos, bem como a ampliação

do processo de alfabetização dos indivíduos ocorrido especialmente na Europa pós Idade Média. Por outro lado, vários outros fatores, paradoxalmente, coibiram as práticas de leitura durante toda história, inclusive hoje: a censura e o preconceito.

O século XVIII na Europa foi marcado, entre tantos acontecimentos, pela censura de livros. Chartier (1998, p. 23) afirma que os textos considerados “subversivos pelas autoridades religiosas ou políticas” eram interditados e passavam a compor listas de livros proibidos, como o Índice Católico dos Livros Proibidos (*Index Librorum Prohibitorum*) numa tentativa de impor a autoridade da igreja e reagir à Reforma Protestante e a produção desenfreada de textos que não correspondiam aos escritos religiosos (Burke, 2002).

Isto nos leva a perceber que o aumento desenfreado da produção informacional provocada pelo advento da imprensa de Gutenberg não trouxe apenas os louros, mas uma série de consequências para a humanidade, bem como a forma de ler e produzir textos. O historiador Peter Burke (2002, p. 175) observa que a invenção e uso da imprensa de tipos móveis de fato acarretou uma grande produção dos volumes de livros, assim como uma “necessidade de novos métodos de gerenciamento da informação”.

Nesse sentido, houve o surgimento de novas profissões e a valorização de outras – como os bibliotecários, que se tornaram indispensáveis na organização e gestão da informação –, o desenvolvimento de práticas de comércio e também de conhecimento, afinal de contas, o livro pode assumir vários significados, ou seja, ser um “produto manufaturado, obra de arte, mercadoria comercial e veículo de ideias” (Darnton, 1998, p. 197).

No entanto, estes avanços também foram acompanhados de um longo período de proibição e clandestinidade no comércio livreiro, visto que muitas obras não eram aceitas pelas autoridades, mas isto não as impedia de serem consumidas. Chartier (1998) relata que nas civilizações antigas, sobretudo no século XVIII antes das grandes revoluções, o controle censório era exercido por figuras políticas e religiosas, que disputavam para assumir o poder sobre a população em diferentes âmbitos, mas principalmente no acesso à informação e a literatura que não fosse de cunho religioso.

Neste contexto, Darnton (1992, p. 37) sinaliza que

Embora no século XVIII Paris fosse a capital das Luzes e o grande centro da edição legal, havia uma contradição entre Luzes e legalidade. Graças à censura, à polícia e ao monopólio da comunidade dos livreiros e impressores de Paris, quase todos os livros que inovavam em literatura e filosofia eram editados fora da lei.

O autor explica que, embora os textos fossem considerados ilegais – sobretudo por líderes religiosos –, não tinham a obrigatoriedade de serem queimados ou destruídos quando

descobertos, pois as autoridades sabiam que, ao denunciar e entregar os livros ao carrasco, estariam contribuindo para a curiosidade do público nestes, uma vez que aquilo que é proibido costuma instigar ainda mais o interesse das pessoas, tornando-os um sucesso (Darnton, 1992).

A partir do momento de impressão, as narrativas clandestinas passaram a desafiar os limites impostos pelo Estado e pela igreja da época. Contudo, Robert Darnton também ressalta que no processo de criação e circulação do livro, para que estes pudessem ser comercializados e divulgados no mercado, precisavam estar listados em catálogos. Para as obras ilegais, os editores “[...] nunca faziam constar de seus catálogos informações comprometedoras; já as relações de obras legais, que circulavam abertamente, traziam seus nomes e endereços” (Darnton, 1998, p. 27). Além disso, as obras filosóficas eram mais caras, muitas vezes chegando a custar o dobro do valor de uma versão pirateada, com oscilações nos preços dependendo das condições que fossem favoráveis aos comerciantes ou da quantidade de edições produzidas e vendidas (Darnton, 1998).

O grande diferencial da literatura clandestina do século XVIII estava na sua possibilidade de acesso a temáticas que assumiam um caráter político e crítico, mas também cultural, social, erótico e tantos outros que eram censurados pelas autoridades, visto que “depois de aprender a ler, as pessoas comuns não se restringiam à leitura da Bíblia, como desejaria o clero” (Burke, 2002, p. 174). Sobre as principais características transformadoras do livro ilegal, Darnton (1992, p. 11, grifo nosso) discorre:

O livro ilegal – tratado de filosofia, libelo político e crônica escandalosa – corrói a ideologia monárquica e seus pilares – o rei, a Igreja e os bons costumes – pelo uso sistemático, desenfreado e desmesurado das seguintes armas: zombaria, escárnio razão crítica e histórica, pornografia, irreligião e materialismo hedonista. A literatura clandestina **propõe opiniões, recusa as normas, suspeita da autoridade** e reconstrói as hierarquias.

Alinhados à perspectiva do historiador, Malta, Flexor e Costa (2020, p. 2) observam que “[...] a censura ocupou as páginas da história para evitar a palavra escrita antagônica, materializada de diversas formas, mas invariavelmente promovendo violência simbólica”. Desse modo, grandes autores da literatura tiveram suas obras proibidas e listadas no *Index Librorum Prohibitorum*, podendo citar Jean-Jacques Rousseau, Victor Hugo, Martinho Lutero, Galileu Galilei, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir – citada nesta seção –, Alexandre Dumas e tantos outros. Dentre os nomes apontados destacamos o de Beauvoir na discussão, pois apesar de atualmente ser uma das teóricas mais importantes no campo dos estudos feministas, no passado a escritora e ativista foi censurada por seus ideais

progressistas, principalmente por abordar assuntos como a liberdade dos sujeitos, as questões de gênero com enfoque na sexualidade feminina e a crítica ao estabelecimento de normas moralizantes.

Além dos textos científicos e filosóficos de pesquisadores como Butler, Foucault, Beauvoir, Sedgwick e demais autorias, a temática *queer* na literatura do passado e do presente pode ser encontrada em obras de vários gêneros, indo desde o romance até a aventura e fantasia. Malta, Flexor e Costa (2020, p. 2) analisam que “a literatura infantojuvenil se mostrou um terreno frutífero” para se discutir e apresentar protagonismo *queer*, pois os jovens sentem maior necessidade de encontrar nas narrativas que leem vivências que sejam equivalentes às suas ou que possam ajudá-los a entender quem são e qual é o seu lugar no mundo.

Nesta perspectiva, vale ressaltar que o objeto de estudo desta pesquisa – isto é, o livro *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, de Casey McQuiston – dialoga, mesmo que num cenário fictício, diretamente com os pontos destacados, pois sendo uma narrativa que aborda não apenas a presença de protagonistas *queer* como também as questões de autodescoberta, atração sexual e padrões sociais e culturais, demonstra que a literatura para o público jovem encontra-se disposta a combater preconceitos e debater temas importantes com seriedade e de forma que seja compreensível para o seu público. Assim, as autoras Malta, Flexor e Costa (2020, p. 2) também analisam que as

Narrativas que discutem orientação sexual e expressões não binárias de gênero esbarram em obstáculos, especialmente para compor as páginas destinadas a crianças e a adolescentes. O enfrentamento a essas barreiras desbordou, recentemente, uma série de títulos literários voltados a esse público, antes impensado, dando forma a uma insólita arena que sustenta embates de cunho político.

Não obstante, isso não significa que as tentativas de censura no contexto atual sejam menores ou menos nocivas. No âmbito dos Estados Unidos, a *American Library Association* (ALA) tem realizado há 20 anos relatórios acerca das proibições de livros em escolas e bibliotecas no país. A pesquisa, que é realizada anualmente, verifica relatos de bibliotecários de diversas cidades do país, além de notícias e denúncias que são compiladas e apresentadas em infográficos e documentos oficiais da ALA. No último relatório disponibilizado em maio de 2024 referente às informações coletadas no ano anterior, a associação relatou que cerca de 4.240 títulos foram alvo de censura nos ambientes informacionais, dados estes que são consideravelmente preocupantes quando examinamos os motivos para tal.

Ao relatar os ataques do conservadorismo brasileiro as obras que tem como foco outros sujeitos que não atendem as visões normativas e padronizantes, ou seja, que reproduzem os mecanismos de poder da branquitude, cisheteronormatividade e patriarcado, Lima e Santos (2019, p. 59) discutem que as diversas tentativas de “[...] censura que as bibliotecas estão passivas de sofrerem nos faz refletir que elas são sim instrumentos de transformação da sociedade”, pois o acesso à informação dá às pessoas a oportunidade, sobretudo para a comunidade LGBTQIAPN+, de encontrar obras que possam retratar suas vivências e assim entender e lutar pelo seu lugar no meio de tantas adversidades.

Figura 5 – Lista de livros mais contestados de 2023 nos Estados Unidos



Fonte: American Library Association (2024).²⁸

²⁸ Disponível em: <https://www.ala.org/bbooks/frequentlychallengedbooks/top10>. Acesso em: 10 jul. 2024.

Num breve recorte da lista documentada pela ALA, dos dez livros apontados na figura acima como os mais “desafiadores”, seis apresentaram como um dos motivos listados para a restrição e banimento a presença de personagens LGBTQIA+ ou a discussão sobre temáticas referentes à comunidade nas narrativas, consideradas impróprias para o público de unidades de informação como escolas, universidades e bibliotecas (American Library Association, 2024). Lima e Santos (2019, p. 63) argumentam que este “retrocesso implicado pela censura às temáticas de gênero e diversidade sexual nas bibliotecas vai à contramão dos dispositivos internacionais de defesa dos direitos humanos.” Assim como nos Estados Unidos, o Brasil também apresentou nos últimos anos casos de censura literária relacionada à comunidade LGBTQIAPN+, com destaque para as obras destinadas ao público infantojuvenil.

Um dos episódios mais recentes ocorreu em setembro de 2019, quando a *graphic novel* da *Marvel Comics* “Vingadores - A cruzada das crianças”, lançada entre os anos de 2010-2012 e desenvolvida por Allan Heinberg e Jim Cheung, foi alvo de censura por apresentar, segundo o ex-prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, conteúdo LGBTQIA+ julgado como impróprio para a faixa etária infantil. A cena em questão mostrava um beijo entre os personagens Wiccano e Hulkling, dois jovens super-heróis homens que fazem parte da equipe dos Jovens Vingadores. Ao discutir *webcomics* de temática *queer* e o protagonismo literário de jovens LGBTQIA+, Passo (2022, p. 15) discorre sobre o referido acontecimento:

Na Bienal do Rio de Janeiro em 2019, o até então prefeito Marcelo Crivella tentou censurar a obra “Vingadores - A cruzada das crianças” que apresentava numa das páginas uma cena de beijo do casal, alegando que possuía conteúdo sexual para menores. O Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro proibiu a tentativa de censura do prefeito, contudo, o presidente do tribunal acabou autorizando a ordem do prefeito de recolhimento dos livros de histórias em quadrinhos, mas não demorou para que a obra esgotasse das prateleiras da bienal em poucas horas, pois todos os exemplares foram vendidos.

Apesar de aprovada a ordem de recolhimento, no dia 6 de setembro de 2019, o YouTuber e influenciador digital Felipe Neto se manifestou contra a decisão tomada, destacando sua indignação por meio de um vídeo disponibilizado no seu canal no YouTube. Por ter um público majoritariamente infantojuvenil, Neto se dispôs a distribuir de maneira gratuita na Bienal do Livro como forma de protesto cerca de 14 mil exemplares das obras com temática e protagonismo *queer* que estavam à venda no evento e foram compradas por ele com o intuito de barrar a tentativa de censura (Malta; Flexor; Costa, 2020). Na ocasião, os

livros foram embalados em plástico preto pela sua equipe e apresentavam uma etiqueta colada no centro com os dizeres “este livro é impróprio para pessoas atrasadas, retrógradas e preconceituosas”, conforme mostra a figura a seguir.

Figura 6 – Jovens segurando livros de temática LGBTQ+ na Bienal do Rio de Janeiro



Fonte: Fernando Souza/AFP (2019).²⁹

Decerto a censura relacionada a obras *queer* não é algo hodierno; no entanto, a persistência desta revela que ainda há muito o que ser feito no que concerne aos direitos da comunidade LGBTQIAPN+ de ter suas histórias contadas e disponibilizadas ao público. Nessa perspectiva, Borges (2014, p. 11) relata que a discriminação social acerca de grupos sociais marginalizados também repercute na literatura gay, lésbica e *queer* brasileira, “incluindo cartas, diários, ficção narrativa, teatro e poesia que retratam e dão expressão a sexualidades não normativas”, que enfrentam o mesmo tratamento que as pessoas fora das páginas. O autor ainda argumenta que embora o Brasil seja o país com a mais célebre e populosa parada do orgulho LGBTQIAPN+ no mundo, é também a nação com a maior incidência de casos de violência e censura relacionados a vida, as histórias e produções da comunidade LGBTQIAPN+ (Borges, 2014).

Mundialmente, casos recentes como o da HQ da Marvel citada anteriormente, ou do romance russo “Verão de lenço vermelho” das autoras Katerina Silvánova e Elena Malíssova, são exemplos de como, apesar de avançarmos algumas casas para o progresso, ainda seremos

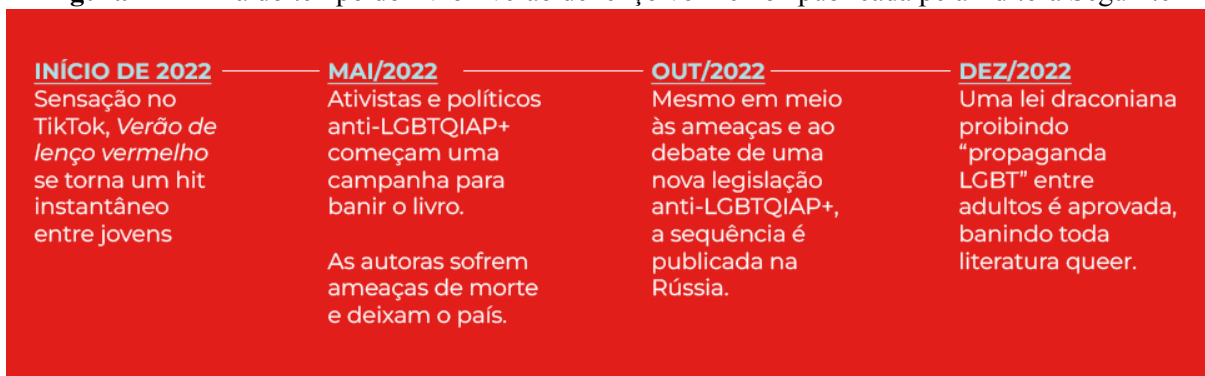
²⁹ Disponível em:

<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1644039076607265-publico-faz-fila-para-receber-livros-lgbt-na-bienal-do-livro-do-rio>. Acesso em: 18 jul. 2024.

puxados de volta para aquilo que nos aprisiona e viola os direitos conquistados com sacrifícios, luta e resistência. Ainda que este tipo de literatura encontre dificuldade para alcançar as prateleiras e o mercado editorial, Passo e Cavalcante (2024, p. 4) comentam que “no cenário brasileiro algumas editoras têm demonstrado uma tendência em publicar obras mais representativas e empoderadoras para pessoas LGBTQIAPN+, em especial para a juventude”, sejam estas traduções de obras estrangeiras ou originais escritos por autores nacionais, como o livro *Conectadas*, de Clara Alves.

Como exemplo de traduções, lançado este ano no Brasil pela Editora Seguinte, o “Verão de lenço vermelho” é um romance que se tornou famoso na rede social TikTok e conta a história do relacionamento proibido entre dois garotos no período dos anos 80 na antiga União Soviética. Contudo, mesmo com o sucesso na internet e com o público jovem, o livro sofreu várias tentativas de censura até ser banido na Rússia, o que também acarretou uma série de ameaças a vida das autoras. A Figura abaixo apresenta a linha do tempo elaborada pela Editora Seguinte explicando a situação do livro, das autoras e da literatura LGBTQIAPN+ no país de origem desde a sua publicação até o ano de 2022.

Figura 7 – Linha do tempo do livro “Verão de lenço vermelho” publicada pela Editora Seguinte



Fonte: Editora Seguinte (2024).³⁰

Em “A arte de ler: ou como resistir à adversidade”, a antropóloga Michèle Petit discute sobre o poder da literatura e da leitura de transformar a vida dos sujeitos, inclusive em momentos de crise. Ao relatar algumas situações, a autora defende a perspectiva de que a leitura nos ajuda a resistir às dificuldades, nos tornar conscientes do mundo e das realidades que nos cercam, além de atuar como refúgio e catalisador de mudanças políticas, culturais e sociais. Consoante, na argumentação sobre o papel dos movimentos sociais na luta pelos

³⁰ Disponível em:

<https://www.amazon.com.br/Ver%C3%A3o-len%C3%A7o-vermelho-Sucesso-TikTok/dp/8555343291>. Acesso em: 20 jul. 2024.

direitos daqueles que foram silenciados historicamente, sobretudo por meio da escrita, Petit (2010, p. 135-136) comenta:

Tomar a palavra e a pena, eis o objetivo de vários movimentos sociais no decorrer da história, unindo homens e mulheres que não tinham voz e não aguentavam mais outros falando em seu lugar. A intenção de difundir a cultura escrita é também, claro, a de não deixar o monopólio do sentido e das narrativas nas mãos dos poderes políticos, econômicos, simbólicos ou domésticos (que sempre foram muito ambivalentes com os seus rivais, os livros), e desses demagogos, extremistas religiosos, gurus ou charlatões que, em tempos de crise, se metem a falar rapidamente.

Por meio da escrita, diversos indivíduos encontram morada onde lhe falta acolhimento físico; as palavras surgem como acalento e reafirmação para muitas pessoas que não encontram suporte em seus núcleos familiares ou na sociedade de modo geral. Para os sujeitos *queer*, diante de tantos abusos, censuras e privação de direitos experienciados, a existência de narrativas e de personagens LGBTQIAPN+ que são protagonistas de suas histórias é algo necessário “não apenas para levantar bandeiras e dar voz àqueles que sempre foram silenciados, mas também combater o preconceito e a violência por meio de uma das maiores forças da humanidade: o poder das palavras” (Passo, 2022, p. 31). Em consonância ao argumento apresentado, dialogamos com Silva (2012, p. 101) que, ao tratar das obras voltadas para o público gay no contexto brasileiro, expõe o seguinte raciocínio:

[...] em tempos de diversidade sexual, poderíamos dizer que a publicação de textos brasileiros de temática homoerótica talvez, numa comparação extremamente mal formulada, poderia ser equiparada às paradas gays, momentos em que os sujeitos considerados homoafetivos ou simpatizantes juntam-se com um objetivo comum: exibir para os não gays e para os que ainda não se assumiram gays o valor que estes sujeitos têm numa sociedade que está se abrindo para uma política de legalização das relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo.

As liberdades artística, política e cultural são direitos de todos, portanto, não deve existir espaço para preconceitos e intolerâncias. Discursos suscetíveis a violência e discriminação devem ser constantemente questionadas e combatidos, para que cada vez mais as sociedades possam progredir para uma convivência igualitária e digna. Desse modo, a literatura pode ser uma forte aliada, assim como as produções audiovisuais. A validação, visibilidade e celebração de vivências *queer* nos meios de comunicação e informação é algo fundamental para impulsionar a conquista de direitos e o surgimento e circulação de novas histórias nas prateleiras físicas e virtuais, bem como nas telas de cinema e televisão.

Ainda sobre o papel transformador da literatura, sobretudo com foco na comunidade LGBTQIAPN+, Borges (2024, p. 2) defende que

A literatura propicia um espaço para que pessoas LGBTQIAP+ sejam lidas, vistas e ouvidas, ajudando a quebrar estereótipos e preconceitos e a promover uma maior compreensão e aceitação da diversidade sexual e de gênero. A literatura também pode inspirar empatia, além de ajudar a criar um sentimento de comunidade e pertencimento, algo especialmente importante para pessoas LGBTQIAP+ que historicamente foram marginalizadas e tiveram suas experiências e vivências sub-representadas na literatura e na mídia de grande circulação.

Como vimos nesta seção, ao longo da história humana diversas pessoas *queer* foram excluídas, censuradas e invisibilizadas, tendo suas narrativas apagadas e questionadas. Contudo, a literatura tem uma importância crucial nesse cenário de desigualdades e estigmas, pois, através das vozes, gestos e palavras, pode contribuir não apenas com um espaço de inclusão e de pertencimento, mas, ao mesmo tempo, desafiar os estereótipos e as discriminações. Neste sentido, autorias como Butler (2003), Soares (2016), Romeiro (2019), e demais citadas ao longo desta dissertação apontam que resistir aos mecanismos de poder é um ato de subversão política dos corpos, pois demonstram que estes construtos sociais binários são intencionais, performáticos – a exemplo da heterossexualidade compulsória – e muitas vezes opressores, sendo necessário desestabilizá-los, seja pela representação na literatura, cinema, televisão e na participação ativa na sociedade.

Assim, discutimos nas próximas seções como essas ações de visibilidade por intermédio das mídias, da literatura e das trocas no âmbito físico e digital realizadas por fãs, em especial, leitores, podem ser determinantes para fortalecer os laços de pertencimento e dar continuidade às conquistas da comunidade LGBTQIAPN+. Desse modo, a próxima seção tem como intuito abordar os conceitos de Mediação da Informação, Cultural e da Leitura, e como estas se articulam com os princípios da cultura participativa, sobretudo nos ambientes digitais, por meio das práticas mediadoras de fãs.

3 MEDIAÇÕES E A BUSCA PELO PERTENCIMENTO

[...] somos seres de linguagem e seres de narrativas, e estas possuem um valor reparador. Todo ser humano sente, de modo vital, necessidade de ter à sua disposição espaços onde encontrar mediações ficcionais e simbólicas.

(Petit, 2010, p. 288)

A Ciência da Informação, logo após alcançar sua consolidação por volta da década de 60, e tendo sua atenção voltada para a informação como ponto de partida para as discussões teóricas da área, buscou tratar de vários aspectos informacionais com abordagens distintas, porém centralizadas no seu objeto de estudo. A partir da multiplicidade de pensamentos, da adoção de paradigmas, bem como do avanço de pesquisas interdisciplinares, o campo foi se desenvolvendo e estabelecendo suas próprias teorias e subáreas da forma como conhecemos na atualidade (Araújo, 2018).

No que diz respeito aos seus subcampos de estudo, Araújo (2018) indica a Informação Científica e Tecnológica como o primeiro segmento, seguido das pesquisas em Representação e Recuperação da Informação como segundo e os Estudos dos Usuários da Informação em terceiro entre as teorias contemporâneas da CI. Além destas, o autor também destaca as seguintes subáreas: Gestão da Informação, Economia Política da Informação e Estudos Métricos da Informação, que “começaram seu processo de constituição ainda nas décadas de 1960 e 1970, mas efetivamente se legitimaram nas duas décadas seguintes”, com o aumento do interesse de pessoas pesquisadoras da área pelas referidas temáticas (Araújo, 2018, p. 38).

Capurro (2003) identifica que a Ciência da Informação desenvolveu-se pela evolução de três paradigmas epistemológicos: o físico, o cognitivo e o social. Concentrando-se no último nomeado, Araújo (2018) explicita que o marco histórico para o começo da abordagem social na CI se deu por conta da *I CoLIS – International Conference on Conceptions of Library and Information Science*, onde inúmeros pesquisadores colocaram em questão o "modelo teórico vigente dentro da CI", e a partir disso apresentaram outros posicionamentos com os novos rumos que a pesquisa da área poderia tomar (Araújo, 2008, p. 9).

A Mediação tem se inserido como uma teoria da subárea dos estudos sobre os sujeitos, um eixo temático de pesquisa que começou com uma visão voltada para o papel do profissional em promover um vínculo entre o registro informacional e o usuário em unidades de informação, como uma ponte que interliga ambos os lados numa troca direta. Contudo,

hoje em dia assume outras atribuições atreladas a sua função primordial, contribuindo também para pesquisas de caráter sociocultural.

Nesse sentido, Feitosa (2016, p. 104) explica que ao fortalecer a ideia de que a mediação deve ser entendida como uma ponte que liga um ponto a outro, esvazia as suas definições, visto que “não se observa as complexidades epistemológicas que se debruçam sobre ele: desde as mediações culturais até suas variáveis interacionistas em vários campos do saber.” É a partir dessa ruptura de mediação como “travessia” informacional entre mediador e usuário que a Ciência da Informação avança seus estudos e insere novas perspectivas.

No contexto brasileiro, autorias como Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, Sueli Bortolin, Henriette Ferreira Gomes, João Arlindo dos Santos Neto, Ana Amélia Lage Martins, Lídia Eugênia Cavalcante, Luiz Tadeu Feitosa, Maria Giovanna Guedes Farias e Marcos Aparecido Rodrigues do Prado são alguns dos exemplos que podemos citar ao refletir sobre os estudos acerca da Mediação, seja no âmbito da Mediação da Informação, Cultural, Literária e das suas demais abordagens.

Como mencionado, os processos de mediação em sua base estão ligados principalmente ao fazer bibliotecário em ambientes como as bibliotecas e outras unidades de informação, mas não se limitam a este profissional enquanto único agente mediacional. Entretanto, a sua definição foi se aprimorando consoante os pensamentos dos teóricos da CI, “[...] passando da ideia de transmissão unilinear, concebida nas teorias clássicas e alicerçada na figura de um mediador ou de uma mídia, a um processo onde intervêm diferentes agentes técnicos, sociais e culturais” (Marteleto; Couzinet, 2013, p. 3).

Decerto uma das características mais marcantes quando se pensa em mediação é a sua capacidade de proporcionar um diálogo entre o usuário e a sua necessidade informacional. No entanto, esta tenciona ir muito além da premissa de intervenção para a construção do saber, pois promove também uma criticidade, acolhimento e entendimento do mundo, fatores que possibilitam aos seres humanos serem mais conscientes de seu papel na sociedade.

Desse modo, ao versar sobre acolhimento como parte integrante das ações de mediação da informação em bibliotecas, Prado (2020) defende que este não se limita as práticas tradicionais de atendimento ao usuário, posto que sua finalidade é garantir a representatividade, identificação e direitos dessas pessoas, independente de onde a ação mediadora ocorra, isto é, presencialmente ou não. Portanto, acolher significa atender as demandas informacionais, bem como proporcionar autonomia, vínculos, familiaridade e protagonismo aos usuários (Prado, 2020).

No que tange a mediação pelo prisma da CI, notamos que existem inúmeras maneiras de identificar suas manifestações, bem como perspectivas plurais de compreendê-la e abordá-la. Logo, Silva (2009, p. 70) observa que esta

[...] manifesta-se na emergência de uma linguagem, de um sistema de representações comum a toda uma comunidade, a toda uma cultura. E, ao mesmo tempo, esse sistema de representação gera um sistema social, colectivo, de pensamento, de relações, de vida, ou seja, uma sociabilidade, que corresponde a uma forma de identificação social e é equivalente, na lógica da pertença, à identificação simbólica ao outro na lógica da filiação e da subjectividade.

Assim, a mediação atua diretamente na construção de identidades, do pensamento crítico, na identificação simbólica e nas relações sociais. Para Almeida Júnior e Bortolin (2007, p. 7), “a mediação faz parte do próprio objeto da área de informação [...] em relação à área de Ciência da Informação, o seu objeto passaria a ser mais a mediação do que a informação”. Dentro da CI, os estudos sobre mediação da informação têm se destacado, principalmente com a abordagem da mediação da informação no ambiente digital, que possibilita uma disseminação mais ampla e diversificada por atingir vários grupos sem as fronteiras geográficas como impedimento.

Isto posto, é possível assimilar que a mediação, a cultura e a leitura possibilitam explorar na coletividade tudo aquilo que toca, fascina e influencia os indivíduos tanto nas suas particularidades quanto nos grupos que pertencem. É inclusive por meio das ações culturais que as pessoas são tomadas pela sensação de pertencimento, e assim torna-se parte de um determinado grupo social. É por meio da coletividade que, inseridas em grupos, as pessoas definem, ressignificam e criam palavras, gestos e expressões. A informação move o mundo, mas antes disso move internamente cada um de nós, nossos anseios, sonhos e desejos.

Assim, buscando um enfoque mais sociocultural, nesta seção refletimos acerca das mediações e seus impactos na vida das pessoas. Consequentemente, discutimos os conceitos de mediação da informação, cultural e da leitura, entrelaçando-os com o intuito de firmar o debate acerca do papel das mediações para a formação dos indivíduos, bem como para o empoderamento destes, sobretudo por intermédio das práticas informacionais³¹ e as

³¹ Conforme Lloyd (2011, p. 285, tradução nossa), as práticas informacionais são compreendidas como as “[...] atividades e habilidades relacionadas à informação, constituídas, justificadas e organizadas por meio dos arranjos de um espaço social, e mediadas social e materialmente visando produzir entendimento compartilhado e acordo mútuo sobre formas de conhecer.” No âmbito da Ciência da Informação, estas correspondem as ações, interações e processos que envolvem o acesso, uso produção, apropriação e circulação da informação pelas pessoas, sejam individualmente ou em grupos, considerando suas motivações e contextos.

apropriações leitoras no âmbito digital. Outrossim, evidenciamos as principais ideias sobre as mediações abordadas na seção mediante um quadro conceitual.

Desse modo, estabelecemos diálogos entre autorias como Almeida Júnior (2009, 2015), Petit (2010), Almeida Júnior e Bortolin (2007), Gomes (2014, 2019, 2020), Araújo (2018), Feitosa (2016, 2017), Crippa e Almeida (2011), Nunes e Cavalcante (2017), Silva e Santos Neto (2017), Coelho (1997), Carvalho, Nascimento e Bezerra (2018), Assis e Santos (2022) e demais pessoas pesquisadoras da Ciência da Informação e de outros campos que versam as temáticas supracitadas. Destarte, destacamos a mediação realizada no âmbito digital e como o envolvimento dos leitores na produção de conteúdos, isto é, através da cultura participativa, pode ampliar e ressignificar as relações entre os indivíduos, as necessidades informacionais e os seus objetos de interesse, promovendo protagonismo social.

3.1 Mediação da Informação: promovendo o protagonismo social

Discutida com afínco por diversas áreas do conhecimento, a mediação possui uma variedade de interpretações. Nunes e Cavalcante (2017, p. 5), por exemplo, defendem que cada disciplina “[...] detém entendimentos particulares acerca do que pode ser considerado como mediação”, no entanto, nesta pesquisa não iremos dialogar as descrições estabelecidas por outros campos, mas nos debruçar nos conceitos consolidados pelo viés da CI. Logo, no que tange a referida área, temos observado nos últimos anos um aumento expressivo nas discussões sobre o seu conceito e as suas características fundamentais, sobretudo voltadas para os estudos da mediação da informação. Embora não conceitualizada de forma unânime nas esferas acadêmica e científica (Martins, 2019), existem definições que continuam repercutindo em inúmeros estudos do campo, e por isso são elas abordadas nesta pesquisa.

Nessa perspectiva, anualmente o Grupo de Trabalho 3 “Mediação, Circulação e Apropriação da Informação”, da Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB), recebe um volume significativo de trabalhos completos e resumos expandidos com contribuições singulares. Estas publicações e apresentações locais buscam debater as atividades, impressões conceituais, dispositivos mediacionais, estudos métricos e discussões epistemológicas, políticas, práticas, teóricas, sociológicas, históricas e antropológicas sobre mediação, circulação, leitura e apropriação da informação – como o próprio título e ementa do GT apontam –, exercidas em diversos contextos, bem como considerando aspectos relacionados a “emancipação social, decolonialidade, interseccionalidade, sustentabilidade, contra a desinformação, discriminações e violências”,

dialogando as visões das autorias da área com os estudos realizados ao longo dos seus anos de evento do ENANCIB (ANCIB, 2024, não paginado).

Partindo desta informação, apresentamos nesta subseção alguns dos conceitos amplamente abordados e consolidados para compreender sua definição a partir da ótica da CI. Sendo assim, ao discutir acerca dos estudos sobre os sujeitos e os fenômenos sociais resultantes da convivência e dos sentidos estabelecidos nas interações coletivas, Araújo (2018) enfatiza que a mediação está relacionada às práticas informacionais e aos estudos de usuários, que abordados no âmbito do paradigma social³², contribuem não apenas para a expansão da agenda de pesquisas da CI, como também para compreender os processos, os contextos e as manifestações advindas da vida em sociedade. Especificamente sobre a mediação da informação, o autor discorre:

Outra teoria recente é a da **mediação da informação**. Num primeiro momento, a ideia de mediação foi entendida como uma ação de “ponte”, de ligação, entre o acervo documental (por exemplo, de uma biblioteca) e a comunidade de usuários com suas necessidades. Depois surgiu a concepção de uma ação mais incisiva dos profissionais e das instituições como selecionadores e orientadores das leituras, como um filtro. Recentemente, a ideia de mediação sofreu uma mudança, enfatizando menos o caráter difusor (de transmissão de conhecimentos) e mais o **caráter dialógico dos serviços e sistemas de informação** (Araújo, 2018, p. 57, grifo do autor).

Ao abordar a mudança conceitual de mediação da informação, Araújo (2018) destaca essa transição do caráter difusor para a perspectiva dialógica, algo que repercute não somente no meio acadêmico, bem como na prática profissional da área, sobretudo na atuação de bibliotecários. Isto significa dizer que a noção de mediação como processo dialógico permitiu sair do campo unidirecional e tradicional para dar espaço ao mediador como alguém que colabora, interage, adapta, compartilha e valoriza a participação do usuário, tornando o acesso à informação mais dinâmico e acolhedor.

Almeida Júnior (2009) defende que o objeto de estudo da Ciência da Informação não é a informação propriamente dita, mas a mediação da informação, argumento este endossado por Feitosa (2016) em trabalho posterior. Pelo ponto de vista dos autores, não há como discutir no âmbito da CI o acesso informacional sem que *a priori* ocorra, neste processo de aquisição de saberes, uma ação mediadora. Neste sentido, uma das definições mais sólidas e

³² Segundo Araújo (2018), o paradigma social surge a partir das críticas em relação ao modelo anterior, o cognitivo, que considerava o usuário como alguém isolado da realidade. Desse modo, o autor explica que este novo paradigma, embora não implique necessariamente na substituição do cognitivo, apresenta a informação como algo dinâmico, priorizando uma perspectiva fenomenológica, com foco nas demandas informacionais, no uso e acesso à informação e no contexto social.

usadas na área foi estabelecida por Almeida Júnior (2015, p. 25, grifo nosso), que explica a mediação da informação, em seu conceito atualizado, como sendo

[...] toda **ação de interferência** – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais – direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; **visando a apropriação de informação** que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

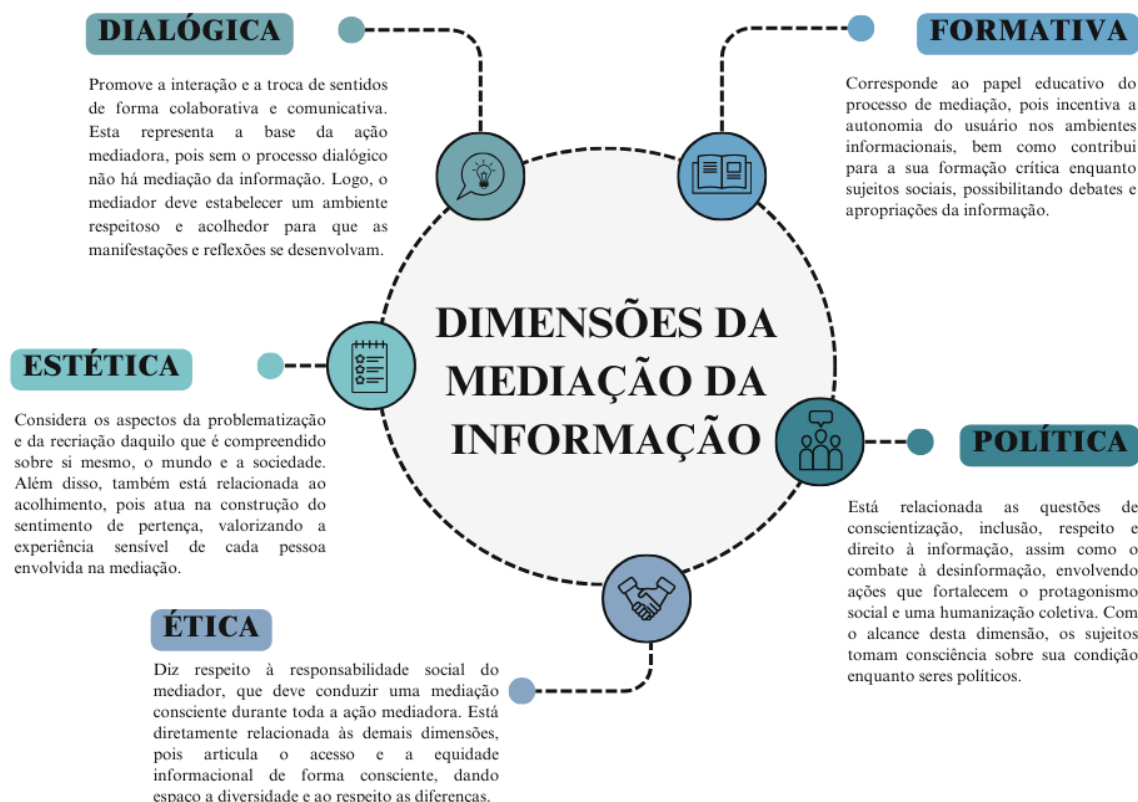
Tomando como base o conceito acima formulado pelo autor, buscamos realçar dois aspectos: o primeiro aponta a mediação como “ação de interferência” – ou seja, processo ativo que envolve a interpretação, modificação, valorização, organização, acesso e apropriação informacional, seja de forma explícita ou sutil, mas jamais neutra – e o segundo que coloca a apropriação da informação como foco na prática mediacional, visando uma transformação dos sujeitos e do contexto em que estão inseridos. Este último permeia toda a pesquisa, sendo contextualizado ao longo desta seção, sobretudo nas seções que abrangem as mediações cultural e literária.

No entanto, podemos iniciar a introdução das discussões sobre a apropriação da informação mencionando a perspectiva de Gomes (2014, 2020) ao defender que os indivíduos comprometidos com os processos de mediação encaminham-se para um anseio de acolhimento, pertença, reconhecimento e identificação; nas práticas mediadoras eles são os protagonistas, pois o acesso à informação lhes proporciona autonomia. Em consonância com as discussões apresentadas, Carvalho, Nascimento e Bezerra (2018, p. 478) argumentam que

A mediação da informação é um procedimento afirmativo e interativo, e preocupa-se não somente com a disponibilização de conteúdos para a comunidade de sujeitos a quem ela se destina, mas favorece também a internalização e construção de conhecimento, a partir da apropriação de informação.

Priorizando o enfoque para a questão da apropriação da informação como base fortalecedora para o protagonismo social, Gomes (2014, 2019, 2020) reflete a respeito das dimensões da mediação da informação, inicialmente discutindo sobre as dimensões dialógica, estética, formativa e ética, para em seguida incorporar a dimensão política e as contribuições destas para a formação dos sujeitos por meio de ações transformadoras e conscientes. Portanto, a fim de contemplar as cinco dimensões mencionadas, a figura abaixo apresenta as principais ideias fomentadas pela autora.

Figura 8 – Dimensões da Mediação da Informação



Fonte: Elaborado pela autora com base em Gomes (2014, 2020).

Partindo da percepção destas dimensões como elementos centrais da ação mediadora, Gomes (2019) argumenta que o protagonismo social pode ser incentivado pela mediação da informação, sobretudo quando a prática é realizada de forma consciente, visando fortalecer a autonomia e a participação das pessoas. Neste sentido, a autora aponta que a relação entre ambos “evidencia o apoio desta [mediação] a esse desenvolvimento, ganhando status nuclear no âmbito da relação entre a responsabilidade social do trabalho com a informação” (Gomes, 2019, p. 11). Portanto, diante desta explicação, observamos que quando as dimensões alcançam harmonia na execução das atividades mediacionais, o mediador consegue ampliar as possibilidades de resultados positivos acerca da promoção de criticidade, pertença, senso de coletividade, empoderamento pessoal e social, conscientização política e tantos outros elementos que contribuem para a formação de pessoas.

Ainda nesta linha de raciocínio, evidenciamos o ponto de vista de Farias (2015, p. 107) ao explicar que o ato de mediar deve ter como finalidade, independente de sua natureza, “promover o desenvolvimento do protagonismo social [das pessoas]”, algo que exige do “mediador [um] autoconhecimento profissional, tendo em mente que todas as ações devem ser realizadas sempre em conjunto, e de forma dialógica com todos os sujeitos envolvidos.” O

entendimento da responsabilidade social dos mediadores é fator primordial não apenas na conjuntura da atuação bibliotecária, como também na formação de mediadores de outros âmbitos (agentes culturais, contadores de história, museólogos etc.). Sobre as ações em prol do protagonismo social, apontamos o seguinte argumento:

[...] a mediação consciente da informação [rei]vindica a formação do profissional e intelectual orgânico, tendo sempre como norte sua intencionalidade de estar a serviço do protagonismo social, elemento essencial ao projeto humanizador do mundo, constituindo-se assim em contributo social da Ciência da Informação. Tal condição permite também defender que se considere a mediação da informação (com suas dimensões) como um fundamento da área. (Gomes, 2020, p. 19)

Sendo assim, é correto afirmar que a mediação permeia cada uma das funções e atividades executadas pelo profissional da informação, seja este bibliotecário, arquivista, museólogo, cientista da informação e demais profissões que atuam em ambientes informacionais. Vale ressaltar que esta nem sempre se faz presente de forma explícita, contudo, mesmo que não seja formalmente apontada nos fazeres cotidianos do profissional, é possível identificá-la nas ações realizadas por ele (Almeida Júnior, 2009). O mediador não é aquele que simplesmente fornece a informação, mas alguém que orienta seus usuários, apresentando os recursos e as possibilidades que estão à sua disposição para adquirir e se apropriar do conhecimento, bem como desenvolver habilidades e competências.

Na caracterização das ações mediadoras, Gomes (2014, p. 50) analisa que o intuito deste encontro entre mediador, usuário/indivíduo e objeto mediado

[...] é dependente do processo de comunicação, da adoção de linguagens e de dispositivos de comunicação, assim como do domínio dessas linguagens e dispositivos por parte do mediador, já que este é o agente de aproximação entre pólos e também aquele que deve promover o conhecimento e o domínio desses recursos por parte dos sujeitos envolvidos na ação mediadora.

Para Nunes e Cavalcante (2017, p. 6), diante de sua complexidade e sua gama de abordagens no campo da Ciência da Informação, a mediação

[...] também aparece envolta de temas como cognição, conhecimento, comunicação, competência, cultura, gestão da informação, leitura e outros. Isto demonstra a pluralidade de abordagens existentes em torno do próprio conceito de mediação, possibilitando com que este possa ser operacionalizável numa diversidade de investigações. Diversidade esta favorecida pela defesa de uma natureza interdisciplinar, ideia apontada numa significativa quantidade de pesquisas já realizadas na área, desde dissertações, teses, artigos em periódicos científicos ou anais de eventos.

Partindo da menção aos estudos da área, embora a premissa das ações mediadoras indique que as práticas ocorrem principalmente em ambientes como as bibliotecas, museus e centros culturais, por terem “em sua natureza intrínseca a função mediadora” (Almeida Júnior, 2009, p. 150), muitos pesquisadores têm observado uma ampliação dos cenários onde a mediação pode ser realizada. Dessa forma, observamos uma tendência emergente em destacar à mediação no contexto digital e as pesquisas relacionadas ao uso de ferramentas e dispositivos tecnológicos para auxiliar na dinâmica interacionista sem a necessidade de um contato ou encontro direto e presencial entre os envolvidos.

A integração entre o meio digital, recursos tecnológicos, mediadores e público mediado nas atividades de mediação contribuem para que estas alcancem novas perspectivas, além do avanço do próprio profissional no mercado de trabalho e na sua prática nas unidades de informação, pois a capacitação contínua, sobretudo voltada para o domínio e uso de ferramentas digitais, potencializa as ações que este profissional poderá executar. Como discutido por Crippa e Almeida (2011, p. 191), a incorporação das tecnologias nos processos cotidianos “[...] nos permitem ver o que não víamos antes, ao mesmo tempo que tornam o processo mais complexo, fazendo crescer as camadas de mediação e envolvendo indivíduos, grupos, instituições.”

Entretanto, embora as tecnologias possibilitem ampliações da mediação da informação e, em contrapartida, muitos profissionais ainda atuem de acordo com os métodos tradicionais, é válido salientar que um princípio específico precisa ser visto, repercutido e tratado como crucial, independentemente do contexto e das ações realizadas nas ações mediadoras: o usuário deve ser o protagonista no processo de acesso, recuperação, uso e apropriação da informação. Portanto, seja no espaço físico ou virtual, o papel do mediador é orientar, empoderar, acolher, educar, colaborar e garantir que a informação alcance as pessoas, mas que isto não ocorra de forma passiva.

Em virtude disso, Feitosa (2017, p. 7) argumenta que as formas como realizamos e estudamos as mediações pelo ponto de vista da Ciência da Informação “não podem se fossilizar na informação como matéria-prima, mas nas produções culturais, mediadoras e interacionistas”, que atuam diretamente na promoção do protagonismo social dos sujeitos. Isto significa dizer que a informação somente como dado corresponde apenas a uma junção de códigos e palavras registrados num suporte, mas o que fazemos com ela, ou seja, quando a inserimos em contextos e vivências particulares e coletivas, esta passa a ter um valor ainda maior do que apenas o de um registro informacional, visto que nos apropriamos e atribuímos significados. Essa aproximação entre mediação da informação e protagonismo social

impulsiona transformações tanto no acesso à informação quanto na construção de saberes e de uma sociedade mais justa, consciente e inclusiva, em especial quando se observa que

O protagonismo representa, em sua essência, uma ação de resistência contra a opressão, discriminação, *apartheid* social, rejeição, desrespeito e negação ao diferente, por esta razão, não se pode falar em protagonismo, omitindo-se que este ao mesmo que resulta da ação mediadora também a impulsiona e, por conseguinte, também reflete na dimensão política desta ação” (Gomes, 2019, p. 11).

Nesse tocante, a relação dialética entre protagonismo social e mediação da informação pode ir muito além se incorporada a atuação no contexto digital. Dessa forma, mencionamos como possíveis contribuições a descentralização das vozes, além da construção de uma rede colaborativa e que apoie diversos grupos sociais marginalizados e suas causas, combatendo preconceitos, promovendo o empoderamento e proporcionando um espaço que ultrapassa as barreiras geográficas, mas que conecta e reúne pessoas com interesses similares. No ciberespaço, essas práticas podem ser intensificadas por intermédio das ações mediadoras em atividades como os clubes de leitura *online*, disseminação de materiais como guias sobre determinados assuntos em páginas na *web* tais como *blogs*, fóruns, canais no *YouTube* e perfis em redes sociais digitais, capacitação através de cursos e oficinas, ações culturais que fortaleçam o acesso e a divulgação de manifestações artísticas realizadas por comunidades, desenvolvimento de habilidades de edição e produção de conteúdos, entre tantas outras.

3.2 Mediação Cultural: vínculos entre apropriação e empoderamento

Apesar de não existir um consenso acerca da definição de cultura, tendo em vista sua interpretação multifacetada, nesta subseção exploramos alguns conceitos estabelecidos por pessoas pesquisadoras da Ciência da Informação, Antropologia e Comunicação para alcançar o cerne do que pretendemos aprofundar conceitualmente, isto é, a mediação cultural. Os muitos desdobramentos sobre mediação cultural nas áreas citadas, em particular na CI, são fruto das múltiplas iniciativas – seja no âmbito científico, social e político – da sociedade em articular e compreender a respeito de manifestações complexas e simbólicas. Portanto, antes de conceitualizar a mediação cultural, cabe a nós, em primeira instância, entendermos do que se trata a cultura e a função das práticas mediadoras como fomentadoras de apropriação e empoderamento.

Para dar início às discussões, no âmbito da Antropologia, Geertz (2008, p. 4) define a cultura como “uma ciência interpretativa, à procura do significado”, isto é, que envolve o

estudo de símbolos, contextos e vivências para compreender quais são as interpretações e significados que lhe são atribuídos por um grupo ou pela sociedade. Em conformidade, Feitosa (2016, p. 102) descreve a cultura como “o processo através do qual o homem cria o algo onde antes imperava o nada. Esse algo é toda complexidade de criações simbólicas, de sentidos e significados que damos às coisas e ao mundo”. Ambos os autores corroboram que a cultura busca dar sentido e nomear àquilo que envolve as pessoas e englobam seu cotidiano, seja este algo material ou imaterial. Nesse sentido, no livro “O que é cultura”, são apresentadas duas noções para entendê-la:

A **primeira** dessas concepções preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que **caracteriza a existência social de um povo ou nação** [...] cultura refere-se a realidades sociais bem distintas. No entanto, o sentido em que se fala de cultura é o mesmo: em cada caso dar conta das características dos agrupamentos a que se refere, preocupando-se com a totalidade dessas características, digam elas respeito às maneiras de conceber e organizar a vida social ou a seus aspectos materiais. [...] Vamos à **segunda**. Neste caso, quando falamos em cultura estamos nos referindo mais especificamente ao **conhecimento, às ideias e crenças**, assim como às maneiras como eles existem na vida social (Santos, 1996, p. 24, grifo nosso).

Visando estabelecer e reforçar as concepções discutidas pelo autor, adicionamos a perspectiva de Silva e Santos Neto (2017, p. 31) que apresentam a seguinte explicação:

Cultura, portanto, se vista em seu sentido lato, pode ser compreendida como um conjunto de elementos que são incorporados pelo homem que vive em sociedade e, também aqueles, que são construídos a partir de sua inteligência, envolvendo seus gostos e comportamentos, posições e discursos, características e divergências, contextos e meio social.

Na estrutura social, somos constantemente envolvidos pelos padrões que a própria sociedade formula e dissemina, numa tentativa de agrupar os sujeitos conforme suas similaridades e, ao mesmo tempo, suas diferenças. Geertz (2008, p. 150) alega que “por intermédio dos padrões culturais, amontoados ordenados de símbolos significativos, que o homem encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive”. Em outras palavras, podemos dizer que é através da cultura que os sujeitos entendem o mundo e suas próprias questões pessoais, pois uma vez que analisamos aquilo que nos cerca e as influências das repetições da sociedade em nossas vidas, podemos entender a dinâmica social do todo e das comunidades apesar das diferentes interpretações e experiências de cada um. No âmbito desta pesquisa, buscamos analisar as percepções das pessoas inseridas no *fandom*³³ do livro e filme

³³ Trata-se de comunidades de fãs que interagem por interesses mútuos, produzindo e distribuindo conteúdos de diversas formas. John Fiske (1992) explica que o desenvolvimento de *fandoms* é algo comum e integrante da

Vermelho, Branco e Sangue Azul (VBSA) e como estes indivíduos observam e identificam as práticas de mediação realizadas por eles e pelos produtores de conteúdo.

Para Santaella (1996) a cultura é algo inseparável da comunicação, posto que as mídias e os meios comunicacionais como a televisão, a rádio, a internet e tantos outros reproduzem e anunciam elementos e condições culturais que moldam a sociedade. E, embora as mídias e a indústria cultural tenham como intuito, na grande maioria das vezes, de movimentar as massas para o consumo, as ações daqueles que estão inseridos no sistema cultural não resultam nos aspectos exclusivamente financeiros, pois a essência das práticas do consumismo muitas vezes está ligada a outras características como a identificação, a apropriação e o propósito de informar. Nestes casos, o atributo econômico é apenas uma consequência positiva para as empresas, as fábricas e produtores de forma geral. A cultura é, portanto, um sistema amplo, plural e híbrido, que se adapta aos contextos e promove mediações que resultam em conflitos, interpretações, negociações e trocas numa rede complexa (Canclini, 2015; Mendonça; Feitosa; Dumont, 2019).

No que concerne a relação com a mediação informacional, se for conferida à cultura a posição de núcleo das interações mediadoras, cabe, portanto, abordá-la como um sistema dinâmico e multidimensional que atua ativamente na circulação, apropriação e interação da informação (Mendonça; Feitosa; Dumont, 2019). Diante desta perspectiva, Silva e Cavalcante (2023) advogam que a partir dessa ótica, o processo de mediação e a apropriação informacional assumem uma dimensão hermenêutica associada a matriz antropológica e sociológica, que ressignificam o ato de mediar como um fenômeno cultural que constrói e reconstrói a informação por meio de interações simbólicas e sociais.

Ao discutir sobre mediação, Coelho (1997) advoga que mediar, sobretudo pelo prisma cultural, não tem necessariamente o foco de obter ou gerar fins lucrativos durante o processo de interação, mas possibilitar uma aproximação entre o objeto (uma obra de arte, uma música, um filme, etc.) e a audiência. Logo, o autor caracteriza este tipo de mediação como os processos

[...] cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividades e obras de cultura e arte. Essa aproximação é feita com o objetivo de facilitar a compreensão da obra, seu conhecimento sensível e intelectual - com o que se desenvolvem apreciadores ou espectadores, na busca da formação de públicos para a cultura - ou de iniciar esses indivíduos e coletividades na prática efetiva de uma determinada atividade cultural. [...] Os diferentes níveis em que essas atividades podem ser

cultura popular, sobretudo nas sociedades industriais, visto que os modos de consumo de um produto cultural vão além do ato de compra, pois os sujeitos buscam outros meios para usufruí-los. A ideia central por trás dessas formações grupais está no anseio de compartilhamento e pertencimento entre seus participantes.

desenvolvidas caracterizam modos diversos da mediação cultural, como a ação cultural, a animação cultural e a fabricação cultural (Coelho, 1997, p. 247).

Diante dos diferentes níveis de execução para uma atividade cultural elencados pelo autor citado, destacamos a ação cultural, pois esta se ramifica em outras quatro fases que dialogam diretamente com as discussões desta pesquisa, são elas: produção, distribuição, troca e uso (ou ação de consumo). Sobre cada uma delas, Coelho (1997, p. 31-32, grifo nosso) faz os seguintes apontamentos:

A **ação cultural de produção** tem por objetivo específico concretizar medidas que permitam a geração efetiva de obras de cultura ou arte. Seu público será tanto o profissional quanto o amador. A **ação cultural de distribuição** propõe-se criar as condições para que obras de cultura ou arte entrem num sistema de circulação que lhes possibilite o acesso a pontos públicos de exibição [...] A **ação cultural voltada para a troca** visa promover o acesso físico a uma obra de cultura ou arte por parte do público, de modo particular mediante o financiamento, no todo ou em parte, do preço da obra (preço de um livro, por exemplo) ou do ingresso que a ela dá acesso [...] a **ação cultural voltada para o uso** procura promover o pleno desfrute de uma determinada obra, o que envolve o entendimento de seus aspectos formais, de conteúdo, sociais e outros.

Cada uma dessas ações atravessa e se relaciona às práticas da cultura participativa, tópico que abordado posteriormente no estudo. Todavia, ao inseri-las no contexto desta seção, observamos que no processo de mediação cultural, elas se comunicam com os meios pelos quais os mediadores podem articular os saberes para o público que deseja ou que pode passar a querer se apropriar de um objeto cultural. Logo, o mediador desempenha uma função sociocultural e política.

A respeito das ações mediadoras e do papel do mediador no contexto cultural, verificamos que existem várias formas de democratizar e fomentar a cultura e os bens culturais. Nesse mesmo viés, Crippa e Almeida (2011, p. 192) alegam que estas práticas englobam uma série de elementos “[...] que vão das velhas concepções de ‘atendimento ao usuário’ à atividade de um agente cultural em uma dada instituição, [...] à construção de produtos destinados a introduzir o público num determinado universo de informações e vivências”, assim como ações de cunho jornalístico, ou aquelas voltadas para políticas de capacitação, acesso e uso de tecnologias de informação e comunicação, difusão do conhecimento científico, produção de conteúdos e tantas outras iniciativas. Assim, é importante ressaltar que os agentes de mediação não devem se limitar aos profissionais que conhecemos por exercer este papel, como os bibliotecários e museólogos, pois podemos citar

os artistas, curadores de exposições, agentes culturais e demais profissões que atuam com o propósito de facilitar o acesso à informação e a cultura (Nunes; Cavalcante, 2017).

Além disso, ao abordar a infoeducação e as ações mediacionais em ambientes como bibliotecas, museus e demais organizações informacionais, Perrotti e Pieruccini (2007) indicam três dispositivos que auxiliam os agentes de informação, a saber: a difusão cultural, a conservação cultural e a apropriação cultural. Isoladamente e também de forma unificada, cada um contribui para o desenvolvimento de determinadas competências do profissional e do usuário, seja para proporcionar o acesso e uso dos espaços, textos e objetos culturais, contribuir com o protagonismo dos sujeitos na busca por informações de forma ativa ou para aperfeiçoar as práticas da atuação do profissional no que se refere à conservação e tratamento de materiais, a organização de acervos e a disseminação dos conteúdos que estão à sua disposição.

Ao abordar a temática da mediação, Feitosa (2016, p. 102) defende que ela é, no seu cerne, cultural, apresentando apenas “sotaques diferenciados”, isto é, assumindo outras interpretações e conceitos que também são plurais, como a mediação da leitura e a mediação da informação. Nas ações mediacionais de caráter cultural, o mediador deve auxiliar os sujeitos – seja com o envolvimento de elementos culturais como a música, a dança, o teatro, filmes e afins – no processo de protagonismo e apropriação informacional, que posteriormente resultará no empoderamento das pessoas inseridas na prática mediadora, além de um sentimento de identificação e pertencimento.

Neste sentido, Santos, Sousa e Almeida Júnior (2021, p. 345) reiteram que os mediadores devem exercer seu papel com consciência, assim como compreender “o cenário em que os sujeitos estão inseridos e suas necessidades distintas no processo singular de apropriação da informação”, afinal de contas, a mediação corresponde a um processo constituído por sujeitos, contextos, objetos e interações que se entrelaçam e criam condições para a construção e compreensão informacional de si e do mundo (Silva; Cavalcante, 2023). No que concerne ao ato de mediar pelo viés da BCI, Carvalho, Nascimento e Bezerra (2018, p. 478) afirmam que a

[...] mediação no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação não se reduz a um ato de intermediação, mas envolve todas as ações que podem ser realizadas dentro e fora de um ambiente de informação com base em elementos como a cultura, educação e informação desencadeando transformações na vida da comunidade, assim também como a vida do mediador.

Na perspectiva da CI, trazemos o conceito de mediação cultural atribuído por Silva e Santos Neto (2017, p. 32), que para os autores tem como intuito o enfoque da “aproximação do público uma manifestação cultural (material ou imaterial), sendo que sua compreensão pode-se dar de diferentes formas, em virtude das especificidades dos grupos sociais” e, a partir disso, contribuir com a visibilidade dos sujeitos e suas representações e símbolos. Ainda sobre mediação cultural, Lima e Perrotti (2016, p. 162) declaram que esta “[...] requer do mediador competências e atitudes de um protagonista cultural, para atuar como tal junto a outros protagonistas, com conhecimentos interdisciplinares e consciência de sua função social.” Nas ações mediacionais o mediador é aquele que conduz o processo de complexas negociações de significados com o usuário, a informação desejada por ele e o meio onde esses acordos dialógicos acontecem (Nunes; Cavalcante, 2017).

Assim, no âmbito da mediação cultural, suas ações podem ser realizadas em

[...] instituições como bibliotecas, museus e teatros, além de uma rica variedade de espaços que venham a fomentar ações no âmbito da cultura, visando proporcionar uma aproximação dos públicos com obras de arte, livros, peças teatrais, exposições, espetáculos e demais atividades reconhecidas como sendo de caráter cultural (Nunes; Cavalcante, 2017, p. 10).

Outrossim, considerando tudo o que foi exposto, além das suas múltiplas formas e ambientes para alcançar os sujeitos, na sua complexidade a mediação está intrinsecamente ligada aos elementos centrais desta seção: a informação, a cultura, a apropriação e o empoderamento. Nesta subseção e em outros momentos da pesquisa, buscamos nos debruçar no foco dos três últimos, visando estabelecer as relações entre estes para compreender a mediação cultural e seu impacto na vida das pessoas.

Com base em Farias e Varela (2017), entendemos que a mediação é o processo no qual as pessoas conseguem apreender e ressignificar a informação, o que, consequentemente, contribui para uma autonomia que gera apropriação e empoderamento. Ao descrever esta última, Moura (2011, p. 55) argumenta que “[...] refere-se a uma expressão apropriada por Paulo Freire para designar a autodeterminação popular em tomar para si o curso das mudanças para o desenvolvimento e fortalecimento coletivos”, ou seja, trata-se do processo de transformação de um indivíduo isolado ou inserido em determinado grupo conforme os interesses destes em busca de algo. O empoderamento no contexto cultural pode ser identificado nas manifestações artísticas e políticas dos indivíduos, que de maneira isolada ou grupal, buscam dar vez e voz às suas representações, sejam elas literárias, audiovisuais, teatrais e tantas outras formas de arte.

Similar a Moura (2011), a escritora e feminista brasileira Joice Berth (2019, p. 91), também inspirada por Paulo Freire e demais autoras como Srilatha Batliwala, bell hooks³⁴, Angela Davis e outros, explica que a sua definição de empoderamento é uma “[...] aliança entre conscientizar-se criticamente e transformar na prática, algo contestador e revolucionário na sua essência.” Para Berth (2019), o ato de empoderar-se não se configura como algo isolado, mas como um processo de reconstrução de estruturas sociopolíticas historicamente enraizadas na sociedade. Isto implica uma ruptura com as múltiplas formas de opressão, preconceito e exclusão, visando novos alicerces que subvertem mecanismos de dominação e promovem relações emancipatórias e libertadoras.

Nesse mesmo sentido, Farias e Varela (2017, p. 93) definem o empoderamento como uma práxis transformadora, pois viabiliza de forma singular e coletiva que as pessoas consigam “[...] identificar metas e desenvolver estratégias para alcançá-las, promovendo ações efetivas para alcançar os objetivos ou desenvolvendo a capacidade de compreender a influência de seus atos sobre acontecimentos”. Por conseguinte, é válido salientar que o ato de empoderar-se envolve uma série de fatores, dos quais destacamos na discussão o político, cultural, social e literário.

Desse modo, o empoderamento político envolve a participação dos sujeitos nas decisões que afetam a vida comunitária e os grupos sub-representados. Como exemplos de iniciativas citamos as votações, reivindicações por direitos para grupos que na maioria das vezes são marginalizados, debates para a conscientização da sociedade e tantas outras ações. Na perspectiva de estudos feministas e do empoderamento de mulheres, Sardenberg (2018) observa que este corresponde a uma abordagem da libertação e autonomia, sobretudo pelo viés de que empoderar significa conscientizar e agir em prol da ruptura com as opressões.

Já o empoderamento cultural está relacionado à promoção do acesso à cultura em seus diversos âmbitos, bem como das afirmações de um grupo. Quando nos empoderamos culturalmente, reforçamos a importância das manifestações artísticas, dos símbolos, das histórias de um povo e da preservação da memória para gerações futuras.

Para compreender o empoderamento social, podemos analisar que este é intrinsecamente relacionado aos demais citados. Seu elo com o aspecto político reflete as ações de mobilização, sobretudo de grupos marginalizados como mulheres, negros, pessoas LGBTQIAPN+, indígenas e demais grupos minorizados, em virtude da conquista de seus

³⁴ Este é o pseudônimo usado pela ativista antirracista Gloria Jean Watkins, escolhido para homenagear a sua avó, Bell Blair Hooks. A escrita em letras minúsculas é proposital, visto que a autora acreditava que assim as pessoas manteriam o foco em suas obras e na importância das discussões suscitadas por ela, e não na pessoa, a escritora e figura pública (Caruso, 2021).

direitos. Já a ligação com o aspecto cultural pode ser observada através dos diversos tipos de ações que podem ser realizadas com o propósito de oportunizar a representatividade de determinados grupos. Assim, observamos o desenvolvimento de atividades voltadas para as comunidades, bem como o enfrentamento às discriminações e preconceitos, a busca pela liberdade de expressão e pela representação nos meios midiáticos, digitais e outros. Ações culturais como saraus, peças teatrais, shows musicais, assim como iniciativas de campanhas, paradas visando a promoção da diversidade, encontros, fóruns, assembleias e tantas outras são algumas das manifestações que auxiliam na obtenção deste aspecto.

Por fim, apresentamos o empoderamento literário, que consiste no ato de, através da literatura e da leitura, permitir com que as pessoas fortaleçam seus ideais, tornando-se críticas, conscientes e confiantes para reforçar seus pensamentos, validar suas lutas e reivindicar seus espaços. Uma característica que se destaca é a apropriação, que no universo dos leitores está relacionado às práticas informacionais de ressignificação e também de afirmações realizadas por eles visando a representação de seus interesses, que podem ser pessoais e coletivos, ou seja, o anseio pela identificação nas obras lidas. Assim, todos estes ganham força por intermédio das ações mediadoras.

No contexto da pesquisa, os aspectos social, político e literário se sobressaem, tendo em vista o objeto e o público estudados. Portanto, para aprofundar as discussões acerca das ações de mediação, especialmente quando falamos de literatura e de apropriação leitora, discutiremos a seguir o conceito de mediação da leitura e como as atividades mediadoras podem ser realizadas no âmbito digital sem perder o seu caráter afetivo.

3.3 Mediação da Leitura: apropriações leitoras e ambiências afetivas

Falar de literatura não é algo que pode ser resumido em uma simples frase, sobretudo quando nos deparamos com tudo o que advém dela e dos sentidos que pode ter. Enquanto escritos políticos, enuncia debates e provoca movimentos que refletem na massa; como narrativas fantásticas e fantasiosas, levam os leitores a sonhar e viajar por terras nunca exploradas na sua imaginação. Na forma de mitos, lendas e contos envolve seu público até a última página, numa relação sagrada e fiel. Para muitos sujeitos, é vista como o escape da realidade, mas é também a porta de entrada para a compreensão individual e também coletiva, bem como pontapé para o enfrentamento de injustiças e espaço para discussões que cruzam todos os campos humanos.

Além disso, a literatura está relacionada ao protagonismo, à autonomia e ao empoderamento das pessoas. Para Chartier (1998), o ato de ler possibilita a apropriação e produção de conhecimentos e significados, a criação de ideias e de uma identidade cultural, bem como a representação do leitor e da comunidade que faz parte.

Em consonância com Assis e Santos (2022, p. 107), defendemos a concepção de que a leitura assume inúmeros vieses segundo seus contextos, podendo ser um “ato político, cultural e afetivo”, atuando diretamente na formação dos sujeitos. A leitura é uma arte não passiva; ela transborda, revoluciona, provoca, informa e revigora os indivíduos (Certeau, 2013).

Ao discutir o processo de leitura, Dumont (2020, p. 23) advoga que este “não se efetiva em ações isoladas, nem mesmo lineares, e sim por uma complexa reação em cadeia de operações, sentimentos, desejos, especulação na bagagem de conhecimentos armazenados, motivações, análises, críticas.” A escola, a família, as bibliotecas e bibliotecários e demais ambientes e agentes de informação são os principais atores, em conjunto com o público leitor, dessa concepção de sentidos advindos da leitura e das trocas entre livro, leitor e mediador.

Através da leitura, mediadores incentivam os sujeitos a assumirem uma postura e um lugar de protagonistas sociais, que age, constrói e interfere, ressignificando suas ações e atuações no meio social do qual fazem parte e transformando o próprio contexto social (Assis; Santos, 2022, p. 107).

Assim, pelo olhar da Ciência da Informação, é possível verificar que as pesquisas sobre leitura estão intrinsecamente relacionadas aos estudos da mediação e das práticas informacionais. De acordo com Cavalcante (2018, p. 7) a mediação da leitura é compreendida “pelas relações dialógicas entre os sujeitos, o texto mediado e o ato mediador. É um diálogo constituído de múltiplas vozes e narrativas, de natureza dinâmica, flexível e crítica”, e, portanto, envolve vários aspectos na sua prática. No *e-book* “Mediações de Leitura: o ato de ler que nos conecta”, Cavalcante, Barreto e Sousa (2020, p. 23, grifo nosso) inferem que

A mediação da leitura é o diálogo que permite a convergência de saberes. É o encontro entre o que é dado a ler e a humanidade de quem lê. Na mediação da leitura acontece o **encontro transformador entre a realidade e a fantasia** por meio das linguagens.

A mediação da leitura, assim como as demais abordadas, é um processo de transformação, intervenção e interação no qual o mediador, isto é, o agente responsável por promover o acesso à necessidade informacional de um indivíduo, estabelece por meio daquilo que chamamos de ações mediacionais um vínculo entre o texto e a pessoa que deseja obter

conhecimento de algo ou acessar mundos para além da realidade vivenciada através das páginas de um livro. Todavia, essa troca não ocorre linearmente, afinal de contas, as ações podem ser manifestas de múltiplas formas e com inúmeros propósitos.

Seja para sanar uma dúvida, como parte de uma prática de Biblioterapia, pela busca de representações, pelo interesse nas atividades promovidas no ambiente de informação ou até mesmo no processo de letramento e formação de um sujeito, a mediação da leitura deve sempre levar em consideração alguns aspectos. Portanto, ao abordar o papel do mediador e a dinâmica do ato de mediar, Assis e Santos (2022) afirmam que a mediação da leitura deve considerar tanto o contexto quanto as experiências, conexões e reações de cada leitor. Desse modo, significa dizer que aspectos como **Onde?**, **Quando?**, **Por quê?** e **Como?** conduzir a leitura devem ser respeitados, priorizados e situados como norteadores para que a ação mediadora seja realizada com sucesso.

Isto posto, podemos dizer que o leitor reivindica e ressignifica os textos conforme as suas experiências e expectativas sobre aquilo que é lido. Um mesmo livro, dependendo de como é abordado, pode assumir outras roupagens quando consideramos os meios como o leitor pode acessá-lo, afinal, a leitura não é estática (Assis; Santos, 2022). No processo de mediação, o sujeito que possui a necessidade informacional deixa de ser um “mero receptor” para tornar-se “ator central do processo de apropriação” (Almeida Júnior, 2009, p. 97). Assim, Dumont (2020, p. 32, grifo da autora) argumenta que a apropriação do conhecimento por meio da leitura está relacionada a três características basilares, são elas:

- 1) o **contexto**, quando se verifica que a interpretação da leitura depende de fatores sociais e culturais da vivência do leitor; 2) o **sentido**, o como o leitor interpreta e significa as suas leituras; e 3) a **motivação**, que leva o sujeito a querer ler determinada obra.

Nesse sentido, Petit (2010, p. 289) argumenta que tanto a literatura como a cultura e a arte são o “algo de que nos apropriamos”, ou seja, que se tornam constantes em nossas vidas e passam a obter outros significados nas nossas vivências, e, portanto, deveriam ser de fácil acesso, pois quando se tem o contato com elas os sujeitos conseguem “discernir o que não viam antes, dar sentido a suas vidas, simbolizar as suas experiências”. É conveniente salientar que a leitura é a porta de entrada para viver múltiplas histórias através das páginas de um livro, mas é também a força motriz que ensina a população a viver sem as amarras dos preconceitos.

Cavalcante, Barreto e Sousa (2020) salientam que quando nos envolvemos com as histórias lidas, somos capazes de adquirir saberes e afetos, mas para além disso, conquistamos

autonomia, pois sendo sujeitos críticos, tomamos consciência do que está ao nosso alcance para promover as mudanças almejadas em busca de melhores condições e direitos. Outrossim, podemos ser mais que leitores, assumindo o papel de produtores de texto (autorias) e de conteúdo informacional.

Por isso que o mediador da leitura, conforme declara Almeida Júnior e Bortolin (2007, p. 3), deve sempre estimular sua prática, seja onde e como for, independente se o texto é “simples, complexo, permitido, proibido, sensual, erótico, informativo, científico, acadêmico, crítico, político, filosófico, ingênuo, religioso, sério, engraçado, de devaneio de lazer, popular, erudito, escrito, falado, imagético, filmico, cênico etc”, pois as produções textuais são pensadas para a sociedade, e certamente podem alcançar uma infinidade de públicos que, embora não compartilhem dos mesmos interesses, em determinado instante comungam com o anseio pela satisfação naquilo que desejam ler ou conhecer da vida, do mundo e de si.

No que concerne o âmbito digital, Cavalcante e Souza (2016) refletem sobre como as práticas de leitura e também da escrita de textos de diversas naturezas podem continuar progredindo e existindo neste meio. Desse modo, as autoras observam que “o surgimento de novos gêneros textuais e suas formas de produção, reprodução, difusão, mediação e apropriação por parte do leitor” tem, do mesmo modo, propiciados novas maneiras de pensar a atuação do profissional da informação (Cavalcante; Souza, 2016, p. 1).

Quanto às manifestações da literatura juvenil, Machado e Silveira (2020, p. 55) afirmam que o entendimento das novas tendências e abordagens destinado a este público “tem como intuito pensar as características dos textos, suas relações com o discurso sociocultural e como ela tem se configurado como expressão da experiência humana para os jovens leitores”. No contexto digital, podemos observar que cada vez mais leitores têm se inserido em comunidades destinadas ao diálogo por uma afinidade por algo e para a divulgação de obras.

Contudo, é importante salientar que mesmo com os avanços tecnológicos sendo facilitadores das práticas leitoras, a realidade brasileira revela que nem todos os jovens possuem acesso à internet e as redes sociais *online*, são alfabetizados e têm contato com obras literárias que correspondam aos seus interesses pessoais em ambientes como a escola e as bibliotecas de suas cidades. Sendo assim, Santos (2021, p. 65) afirma que

É certo que, independentemente do suporte ou até mesmo do gênero, a leitura sempre esteve ligada a uma elite – principalmente nos países em desenvolvimento –, a qual pode consumir o livro, justamente pela falta de instituições públicas (bibliotecas públicas e escolares) que possibilitem o acesso à leitura nos seus mais variados suportes.

Nesse sentido, as bibliotecas de várias partes do país têm contribuído bastante para promover o incentivo à leitura, porém este trabalho deve ser feito em conjunto com o governo e demais estruturas sociais como a escola e a família. Além disso, os mediadores devem sempre estar pensando em formas de alcançar os seus públicos, seja se adaptando aos novos meios, se inserindo no ambiente digital, e principalmente superando preconceitos.

Em sua quinta edição, disponibilizada no ano de 2020, a Pesquisa Retratos da Leitura³⁵ no Brasil, teve como foco da investigação conhecer o perfil e o comportamento do leitor de literatura e de livros em geral – seja no suporte impresso ou digital – no cenário brasileiro. Dentre as dificuldades e motivações apresentadas para justificar o baixo índice de leitura pelos entrevistados, os dados coletados apontaram como obstáculos a falta de tempo, o desinteresse dos jovens pela literatura, assim como o custo dos livros, que atualmente no Brasil encontra-se elevado. Outro fator ressaltado foi a priorização por atividades como utilizar as redes sociais, assistir televisão, sair com os amigos e usar a internet com múltiplos propósitos no seu tempo livre.

Não obstante, a pesquisa também demonstrou novos fatores que influenciam os leitores na aquisição de um livro: indicações advindas de influenciadores digitais e por clubes de leitura. Desta forma, evidenciamos o ambiente digital e os impactos que pouco a pouco as interações nas redes sociais *online* como *Tik Tok*, *Instagram* e a rede de vídeos *YouTube* têm exercido no aumento do interesse dos jovens por literatura de gêneros diversos. Ao articular a respeito dos leitores na atualidade, Cavalcante e Souza (2016, p. 3) reiteram que o uso da “expressão ‘ler na tela’ tornou-se habitual, evidenciando dinâmicas significativas no modo de comunicar-se dos indivíduos, na escrita, na forma de ler e de apropriar-se da leitura.”

Diante dessa conjuntura, salientamos que um ponto a ser considerado nas discussões acerca do interesse dos jovens em obras literárias também está na ausência de representatividade destes nos textos. Cabe aqui trazer os seguintes questionamentos: será que o brasileiro não lê ou o mercado editorial nacional não tem contribuído para o acesso à leitura desejada? E se as editoras investirem em autores e obras que são do interesse da grande massa e de determinados públicos e nichos de leitura, será que os dados ainda serão os mesmos ou não? Por fim, será que as pesquisas estão considerando a leitura reduzindo-a ao objeto livro? E o que acontece com os outros suportes e formatos como a leitura de histórias em

³⁵ Em 2019, a pesquisa foi realizada por meio da parceria entre o Instituto Pró-Livro e o Itaú Cultural. A amostra da quinta edição correspondeu a 8.076 entrevistas, tendo como foco a abrangência nacional. Na ocasião, a investigação considerou vários aspectos como escolaridade, renda, gênero, faixa etária e região, tendo como intuito verificar, também com novos indicadores, o perfil dos leitores e os hábitos de leitura dos brasileiros. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: 28 jul. 2024.

quadrinhos, cordéis, imagens, páginas na *web*, mangás e a leitura de mundo que Paulo Freire nos apresentou na obra “A importância do Ato de Ler” (1989)?

Em relação ao objeto livro, um exemplo disso ocorreu na última Bienal do Livro no Rio de Janeiro, realizada em 2023, onde foram vendidos mais de 5 milhões e meio de exemplares de diferentes editoras, além da presença de cerca de 600 mil visitantes durante os dez dias, números recordes se comparados com edições anteriores (Prado, 2023). Decerto não podemos estabelecer afirmações de que todos os livros comprados serão lidos pelos jovens, mas, por outro lado, é viável indicar que nestes eventos os preços costumam ser mais acessíveis, bem como o público tem a oportunidade de encontrar narrativas que dialoguem com seus gostos e pessoas que compartilham interesses similares aos seus. Sob essa perspectiva, salientamos a afirmação de Dumont (2020, p. 50) ao dizer que “ler é um trabalho de linguagem, no entanto, e principalmente, de pertencimento social”, no qual acrescentamos as representações como parte deste processo.

Para Chartier (1991) as representações correspondem às práticas que visam o reconhecimento de identidades sociais, seja pelas características em comum ou pelas manifestações que permitem aos sujeitos reconhecer seu lugar no mundo. Considerando estes aspectos, é necessário que os mediadores, na visão de Farias e Varela (2017), superem os preconceitos e pensamentos conservadores não apenas no quesito político, cultural e social como também no fazer profissional.

No entendimento das autoras, somente deste modo os agentes de informação poderão atender seus públicos com eficiência, pois a partir do momento que se tornam conscientes de sua responsabilidade social, sobretudo do seu papel na sua área de atuação, serão também aqueles que direta e indiretamente irão “incentivar a tolerância e abertura por parte dessa sociedade face à diversidade cultural e étnica dos que vivem à margem” (Farias; Varela, 2017, p. 93). Ainda sobre o papel social dos mediadores, destacamos Petit (2010, p. 142) ao enfatizar que

Longe de qualquer enfoque compassivo, caritativo, a maioria desses mediadores se insere, como foi dito, em uma problemática militante. Se são revestidos de utopias, conservam convicções bastante claras quanto aos direitos de cada um. E em uma época na qual os partidos políticos não o fazem, a leitura compartilhada lhes parece um meio de reunir as pessoas de um outro modo, de eliminar a repressão da fala e de produzir experiências estéticas transformadoras (além de favorecer a apropriação da cultura escrita).

Nesse sentido, também realçamos a percepção de Machado e Silveira (2020, p. 61-62) ao afirmarem que “entender as práticas de leitura de um determinado tempo [e grupo social] é

também entender as relações entre seus múltiplos atores-leitores, autorias, mercado editorial e cultural, cada um com suas especificidades.” Sobre o papel da apropriação da literatura nas representações de grupos minoritários, ou seja, toda forma de existência que se contrapõe a perspectiva da branquitude e cisheteronormativa, ressaltamos mais uma vez Petit (2010) ao relatar que, em casos onde a vida, os direitos, os símbolos e a dignidade de um indivíduo ou grupo é colocada em jogo, a leitura é aquela que dá ao leitor a força necessária para lutar.

Em conformidade, ao abordar as dimensões dialógicas da mediação da leitura – isto é, afetiva, simbólica, argumentativa, cognitiva e crítica –, Cavalcante (2018, p. 8) explica que por meio do desenvolvimento destas, mas em especial da dimensão crítica, “a pessoa que lê questiona, se inquieta, analisa, pondera, processa, identifica-se.” O ato de ler, como bem vimos no decorrer desta subseção, vai muito além da leitura no objeto livro. No entanto, independente da materialidade dos suportes textuais e do tipo de leitura realizada, é importante salientar que os impactos desta na formação social, política e cognitiva das pessoas são múltiplos.

Ao debater a inserção das ferramentas tecnológicas no processo de mediação da leitura, Passo (2022, p. 29) observa que estas têm contribuído para o surgimento de “ambientes mais amplos de produção e circulação” além de expandir as redes de comunicação entre as pessoas, pois para “se comunicar com alguém [...], obter informações, como notícias e até mesmo produções literárias, nós não precisamos mais nos locomover para outros lugares.” Assim, no contexto digital aspectos como o pertencimento, protagonismo, empoderamento e apropriação são oportunizados com mais autonomia e dinamicidade, possibilitando aos leitores inúmeras possibilidades de demandar que suas vozes sejam ouvidas e que os espaços sejam conquistados. Machado e Silveira (2020, p. 59) observam que nas novas práticas de leitura, em especial do público juvenil, a literatura

Por outro lado, como fenômenos próprios da produção cultural atual, emergem formas provenientes da inter-relação entre literatura e outras mídias, com o uso de múltiplos recursos materiais, que chamam para o consumo e buscam a participação do leitor/consumidor de diferentes formas. Surgem variadas narrativas com apelos e referências culturais compartilhadas, apresentando fragmentação das unidades narrativas e ritmos vertiginosos, que nos mostram um tipo de ficção – literária, televisiva, cinematográfica – muito familiar aos jovens.

Alinhada às reflexões apresentadas até o momento, a citação acima destaca como a produção textual e cultural contemporânea estão diretamente relacionadas à interconexão com outras mídias. Assim, a respeito da literatura, destacamos o pensamento de Jouve (2002, p. 22) ao declarar que “a leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e

de uma época”. Na contemporaneidade, esta relaciona-se com os movimentos estimulados pela cultura pop, em especial pela cultura de massa e pela cultura de fãs, que são determinantes para as expressões sociais do coletivo, assim como para a formação de grupos que se reúnem por um interesse comum. Isso pode ser visto tanto em produtos culturais como filmes, séries, músicas e manifestações literárias, quanto em eventos, festivais, encontros e feiras *geek*, por exemplo.

Consequentemente, na próxima seção abordamos a cultura da convergência, com foco nos desdobramentos da cultura participativa de fãs no ambiente digital, em especial os interesses da comunidade LGBTQIAPN+. Todavia, antes de partir para a seção seguinte, é necessário concluir as reflexões desta subseção estabelecendo as conexões entre as mediações da informação, da cultura e da leitura, bem como evidenciar as aplicações destas no âmbito digital e compreender como elas se articulam com os tópicos que explorados posteriormente na pesquisa, sobretudo na etapa de análise e discussão dos resultados.

Desse modo, o Quadro 1 corresponde à síntese das ideias apresentadas sobre as três abordagens de mediação que norteiam o estudo e a nossa compreensão acerca das suas ações que perpassam o fazer profissional da BCI, mas que também podem ser exercidas por outros profissionais mediadores, como discutido ao longo da seção, e com base nas definições estabelecidas por outras autorias.

Quadro 1 - Mediação Informacional, Cultural e da Leitura no âmbito digital

CONCEITOS DE MEDIAÇÃO	
Mediação da Informação	Processo de comunicação dinâmica entre o mediador, o usuário e a informação, tendo como intuito viabilizar o acesso, uso, compreensão, apropriação, reflexão e conscientização da informação por intermédio de ações que estimulem a autonomia dos sujeitos, gerando inquietações e novas interpretações a respeito de suas necessidades informacionais.
Mediação Cultural	Práticas que proporcionem o diálogo e o entendimento dos diferentes tipos de expressões artísticas e culturais em ambiências que promovam a valorização da diversidade, a participação coletiva e a construção e ressignificação colaborativa de signos nos diversos contextos onde essas ações sejam realizadas, considerando a multiplicidade dos públicos.
Mediação da Leitura	Ações voltadas para o desenvolvimento humano a partir do estímulo pelo interesse a leitura em seus vários suportes e formatos, bem como a sua compreensão e interpretação, aproximando e formando leitores por meio de uma rede crítica, reflexiva e afetiva.

Mediações no ambiente digital

Processo pelo qual se busca democratizar o acesso, circulação e apropriação da informação, considerando os diferentes contextos, realidades e públicos, sem que as limitações geográficas e físicas sejam fatores que impossibilitem a execução das práticas mediadoras. Assim, o mediador é aquele que promove o equilíbrio entre responsabilidade social, acessibilidade e uso de tecnologias.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No contexto digital, a mediação adquire novas dinâmicas. Em decorrência disso, podemos observar que as práticas mediadoras ainda apresentam os seus princípios basilares, contudo, também incorporam novas formas de interação, uso de plataformas e ferramentas, assim como outras linguagens, expandindo as possibilidades de circulação, produção, consumo e apropriação informacional, cultural e leitora. No entanto, convém analisar que estas atividades exigem uma reflexão mais aprofundada do mediador e do público mediado, visto que “a intensa produção da informação é, ao mesmo tempo, produção de uma aguda desinformação” (Martins, 2019, p. 151). Ter acesso à informação, bem como a possibilidade de elaborar, assimilar e usufruir conteúdos não significa necessariamente que aquilo é produzido e consumido para potencializar a autonomia, inclusão e acessibilidade das pessoas, pois da mesma forma que pode abrir portas para novas comunicações, também prejudica como filtramos e processamos o que estamos acessando.

Como debatido nesta seção, os elementos que compõem as mediações cultural e da leitura também possibilitam atividades no âmbito digital. Entretanto, observamos que para o nosso objeto de estudo e o contexto específico das ações realizadas na conjuntura da cultura participativa de fãs, sobretudo a atuação dos administradores do perfil escolhido para análise, correspondem às práticas de mediação informacional. Isto posto, verificamos que as ações promovidas por páginas na internet envolvem a divulgação, curadoria, organização e interação com a informação produzida e disponibilizada para o público que acompanha os portais como a “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil”, algo que veremos com mais detalhes na seção destinada à discussão dos resultados da pesquisa.

4 A CULTURA DA CONVERGÊNCIA E O OLHAR DO OUTRO

Ninguém considera essas atividades de fãs como uma cura mágica para os males sociais do capitalismo pós-industrial. Eles não substituem mudanças significativas, mas podem ser utilizados eficazmente para construir o apoio popular a essa mudança, desafiar o poder da indústria cultural para construir o senso comum da sociedade de massa, e para restaurar uma excitação muito necessária para a luta contra a subordinação.

(Jenkins, 1991 p. 198, tradução nossa)³⁶

Sendo um processo da Cultura da Convergência, não podemos abordar a Cultura Participativa sem antes discutir a primeira. Desse modo, cunhada e popularizada por Henry Jenkins (2009), a expressão “cultura da convergência” corresponde aos processos de interação e fusão entre as diversas formas de mídia, tecnologias e indivíduos, sendo este último responsável, por meio das ações promovidas pela sua participação ativa, pela criação, produção e disseminação de conteúdos informacionais. Este “fluxo de conteúdos” encontrados nos suportes midiáticos – podendo citar a televisão, o cinema, as redes sociais digitais e afins – como consequência das práticas interacionistas são resultados, antes de mais nada, dos anseios por “experiências de entretenimento” que satisfaçam suas necessidades enquanto fãs (Jenkins, 2009, p. 29).

Georgi (2015) observa que embora a palavra convergência possua um conceito abrangente, mas que muitas vezes seja relacionada com afínco a perspectiva dos estudos de mídias, sobretudo por pesquisadores como Jenkins, esta se aplica para além do enfoque dado pelo autor, tendo vista que se trata de um fenômeno relevante que pode ser estudado e abordado por diversas áreas acadêmicas como a física, matemática, estudos literários e os estudos culturais, por exemplo, podendo ser aprofundada para além da perspectiva de interação. No entanto, nesta pesquisa corroboramos com a abordagem de Jenkins, isto é, de que as mídias, as tecnologias e as práticas culturais, especialmente dos fãs, estão se sobrepondo e se integrando. A partir daí, surgem novas formas de produção, disseminação e consumo de conteúdo, como veremos no decorrer desta seção.

³⁶ No original: “Nobody regards these fan activities as a magical cure for the social ills of postindustrial capitalism. They are no substitute for meaningful change, but they can be used effectively to build popular support for such change, to challenge the power of the culture industry to construct the common sense of mass society, and to restore a much-needed excitement to the struggle against subordination.”

Por conseguinte, ao retratar a relação dos fãs com as adaptações de quadrinhos da *Marvel Studios* para o âmbito cinematográfico, bem como explicar a visão de Jenkins sobre a cultura da convergência, Costa (2017, p. 10) explica que esta

É uma relação que cria uma interação nunca antes vista entre tecnologias, indústrias, mercados, gêneros e, principalmente, públicos, pois, como o próprio autor atesta, a maior mudança está no campo cultural, nas formas de consumo, nas formas de compreensão, nas relações sociais que essas mudanças trazem. E isso transforma a cultura e a sociedade de alguma forma, mas em quais, talvez ainda não possamos responder.

Logo no capítulo introdutório do seu livro que leva no título a expressão supracitada, Jenkins (2009) anuncia a cultura da convergência como o processo em que as mídias tradicionais e as novas mídias interagem e se entrelaçam, assim como os conteúdos das grandes corporações midiáticas encontram as produções das mídias alternativas, e as dinâmicas entre produtor e consumidor de mídia ultrapassam aquilo que se espera e se relacionam de maneiras imprevisíveis e criativas. Neste sentido, a palavra convergência para Jenkins (2009, p. 29) “[...] consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando.” Isto posto, podemos observar que no meio digital, os consumidores – ou os fãs – não atuam mais como receptores passivos daquilo que estão acessando ou consumindo, pois a inserção em comunidades e as novas possibilidades de atuação advindas da invenção e expansão da internet tem proporcionado outras formas de pensar os produtos resultantes da cultura de massa e de interagir com eles nas múltiplas plataformas.

A partir daí surgem os conceitos de Cultura Participativa e Cultura de Fãs, que estão entrelaçados e representam as práticas dos sujeitos e de seus grupos em torno de um produto, filme, série, livro e demais produções no ambiente digital. Na obra “A Galáxia da Internet”, Castells (2003, p. 15) reflete como o advento dos ciberespaços permitiu com que as fronteiras geográficas não fossem mais um impedimento para as relações sociais entre os sujeitos, afinal a internet é “um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global.”

O autor acreditava que a invenção da internet substituiria os outros meios de comunicação e mídias tradicionais; no entanto, com o passar das décadas percebemos que elas não só conseguiram coexistir e se adaptar às mudanças tecnológicas, econômicas e sociais, como também ampliar o alcance informacional e a produção cultural (Castells, 2008). Deste modo, Castells (2003) argumenta que a cultura da internet é formada por quatro camadas

interligadas – tecnomeritocrática, hacker, comunitária virtual e empresarial –, cada uma com suas práticas, mas que, em conjunto, fomentam um pensamento baseado no que o autor chama de “ideologia da liberdade”. No contexto da pesquisa, o aprofundamento é centrado na cultura comunitária virtual, sobretudo na produção e circulação de conteúdo visando a criação de laços sociais digitais sem barreiras geográficas.

Assim, ao resgatar o foco da discussão para os fãs, salientamos as palavras de Canclini (2008, p. 24) ao declarar que “também se aprende a ler e a ser espectador sendo telespectador e internauta”, assim como se aprende a produzir sendo consumidor de algo ou entendendo as necessidades do seu público. Desse modo, Jenkins (2009, p. 343) observa que os fãs visualizam e entendem que

A cultura da convergência é o futuro, mas está sendo moldada hoje. Os consumidores terão mais poder na cultura da convergência – mas somente se reconhecerem e utilizarem esse poder tanto como consumidores quanto como cidadãos, como plenos participantes de nossa cultura.

A partir da citação acima, podemos observar que na época que foi lançado, o livro de Henry Jenkins já apontava como os fãs seriam figuras cruciais nos processos de criação e divulgação de conteúdo. Todavia, a internet naquele período já não é mais a mesma que conhecemos na atualidade, assim como a maneira de produzir textos mudou. Além disso, a barreira entre a função de consumidor e produtor já foi devidamente ultrapassada pelos fãs, pois estes perceberam que a relação de interdependência entre eles e as grandes indústrias, é mútua; hoje, com as inúmeras páginas na *web*, *blogs*, perfis em redes sociais digitais e tantas outras possibilidades de manter a fidelidade e a informação circulando sobre determinado produto midiático ou celebridades têm propiciando um novo jeito de pensar até que ponto os fãs têm influenciado as grandes produções contemporâneas.

Para fundamentar as discussões sobre a cultura participativa buscamos explicar nas próximas seções a relação entre as mídias digitais e a cultura de fãs, em especial o papel destes na disseminação de conteúdos por meio de suas práticas informacionais e mediadoras. Outrossim, apresentamos os conceitos de adaptação e apropriação direcionados às produções audiovisuais. Para isso, dialogamos com autorias como Jenkins (2009), Moura (2011), Shirky (2011), Gonzatti (2017, 2021), Sanders (2016), Fehrle (2019), Henn, Machado e Gonzatti (2019), Fiske (1992), Martino (2014), Acosta (2019), Dantas e Moura (2013), Georgi (2015) e demais pesquisadores(as) dos estudos literários, das mídias e dos fãs.

Ainda nesta seção abordamos alguns marcos *queer* segundo suas representações nas mídias, como o cinema e a televisão, para enfim chegar na contemporaneidade, com os espaços sendo conquistados, mesmo que a passos lentos e desafiadores.

4.1 Cultura Participativa, Cultura de fãs e as mídias digitais

Fenômenos como a “Beatlemania³⁷” desde meados de 1960, os recordes de audiência de shows em estádios como a *The Eras Tour* de Taylor Swift e festivais como o *Rock in Rio*, o fenômeno do *kpop* ao redor do mundo, e os fãs de heróis da *Marvel* e da *DC Comics* – que ano após ano saem de suas casas fantasiados de seus personagens favoritos ou simplesmente com algum acessório que possa identificá-los como parte do *fandom* – são apenas alguns dos exemplos mais conhecidos ao longo da história quando pensamos na palavra fã e na sua participação no cenário da cultura pop.

Vistos e tidos como fanáticos – afinal, a palavra fã deriva do inglês *fan*, que é a abreviação de *fanatic* –, com um comportamento histérico, fora do padrão e de adoração a celebridades e ícones da música, moda e cinema, foi durante muito tempo a principal descrição para aqueles que admiram algo ou alguém e consomem conteúdos e produtos relacionados ao seu objeto de interesse. No entanto, conforme Martino (2014), a concepção de fã ao longo da história da humanidade mudou, especialmente quando observamos que os fãs não se trata apenas de um grupo de pessoas interessadas em filmes, jogadores ou bandas, mas também desenvolvem seus próprios circuitos culturais, transformando-se em uma audiência ativa e produtiva.

Apesar da experiência do fã com as mídias e produtos culturais poder ser pública ou privada, para Thompson (1998) ser fã significa dizer que o sujeito, ao entrar no *fandom*, tem a possibilidade de fazer parte de algo maior, isto é, se inserir em comunidades onde as pessoas compartilham interesses e gostos similares. Nesse sentido, o vocábulo *fandom* é um termo utilizado para se referir de forma global à subcultura dos fãs, que é popular, mas tem como ponto de partida para a sua formação a união entre indivíduos que compartilham a mesma

³⁷ De acordo com Parizani (2021), o termo foi usado pela primeira vez pela imprensa mundial no dia 13 de outubro de 1963, após a realização de um show da banda britânica no programa de entretenimento *Sunday Night at the London Palladium*, que cantou apenas duas músicas: *She Loves You* e *Twist And Shout*. Na ocasião, foram tiradas diversas fotos das fãs do grupo, que estavam chorando e gritando por eles, algumas delas chegando até a desmaiar de emoção. A partir daí as imagens circularam nos veículos midiáticos e, portanto, surgiu a expressão “Beatlemania” para caracterizar a intensa e apaixonada relação dos fãs da banda e suas ações: grandes multidões em shows e nos demais locais onde eles fizessem algum tipo de aparições públicas, desenvolvimento de produtos relacionados a eles, influência na moda, em outros artistas da época e também no comportamento das pessoas no auge da carreira da banda *The Beatles*.

paixão, e a partir daí desenvolvem ações que dialogam com todos os envolvidos. Apesar de a experiência em *fandoms* ser algo de natureza pública ou privada (Acosta, 2019), ou seja, nem sempre dependendo de ações coletivas no que concerne o consumo e apropriação dos produtos culturais e midiáticos, trazemos a concepção de Dantas e Moura (2013, p. 3) para a conversa, que observam estas formações como “comunidades contemporâneas não homogêneas que se organizam em torno do consumo, fruição e ressignificação de bens culturais e entretenimento.”

Desse modo, sobre essas iniciativas promovidas pelos participantes dos *fandoms*, Martino (2014, p. 158, grifo do autor) comenta o seguinte:

Trocar informações com outros fãs, participar de encontros e eventos, dividir novidades e materiais, enfim, manter contato com os demais era fundamental para alimentar o fandom, do inglês, “*fan kingdom*”, isto é, o conjunto de fãs de um determinado produto da mídia. A partir das mídias digitais e da internet, essas conexões se tornaram mais fáceis e numerosas, garantindo uma visibilidade crescente à cultura dos fãs.

Embora as manifestações desses grupos aconteçam há anos, a internet possibilitou com que os fãs pudessem se conectar, discutir, compartilhar e criar sem limites de espaço e tempo. Além disso, a inserção nas redes sociais *online*, por exemplo, permitiu com que os *fandoms* alcançassem cada vez mais público, fortalecendo as comunidades globalmente e oferecendo plataformas para a produção colaborativa. Thompson (1998) argumenta que o uso dos meios de comunicação, e aqui inserimos a internet como um canal hipermídia onde essas ferramentas são atenuadas, resultam na geração de novas formas de ação e interação no espaço social, instituindo diferentes arranjos relacionais e reestruturando as dinâmicas de vínculos das pessoas com os outros e com sua própria subjetividade.

Em conformidade, trazemos o ponto de vista de Canclini (2008, p. 54) ao argumentar que, no contexto digital, as redes sociais *online* transformam práticas sociais e culturais, pois “alteram os modos de ver e ler, as formas de reunir-se, falar e escrever, de amar e saber-se amado à distância, ou, talvez, imaginá-lo.” Portanto, estas práticas correspondem às formas como as pessoas interagem com as indústrias midiáticas, consigo, com a coletividade e com os conteúdos publicados na internet. Nesse sentido, ao discutir sobre as oportunidades de conexão uns com os outros viabilizadas pelas redes sociais *online*, Moura (2011, p. 55) analisa que

As redes sociais, compreendidas como um conjunto de atores conectados por nós de relações de amizades, trabalho ou troca de informação, ampliaram imensamente as possibilidades de interconexão entre os sujeitos sociais na web e trouxe inúmeras

complexidades à participação social, que passou a ser realizada com a sobreposição de inúmeros aparatos tecnológicos.

Dentre as redes sociais digitais que mais possibilitam as interações e a disseminação de ideias e conteúdos atualmente, o aplicativo X – novo nome usado para descrever a antiga rede social Twitter, que desde o final de 2023 é chamada assim devido à aquisição da empresa pelo bilionário Elon Musk – é um dos exemplos que mais se enquadra nos processos de comunicação funcional e multimídia. Ao discutir suas funcionalidades, Santaella e Lemos (2010, p. 55) explicam que as ferramentas disponibilizadas pela referida rede social “fazem com que uma ideia possa se reproduzir de forma viral e instantânea ao redor do planeta em questão de segundos”. No universo da pesquisa, daremos atenção particular as páginas destinadas ao compartilhamento de informações acerca do livro *Vermelho, Branco e Sangue Azul* e filme homônimo.

Nesta rede social, são diariamente criadas por fãs inúmeras páginas, chamadas de portais, que ganham seus seguidores divulgando determinadas obras e os produtos culturais provenientes dela. Desse modo, corroboramos com a visão de Shirky (2011) ao afirmar que o compartilhamento de ideias, imagens e afins é o fator que determina as interações entre as pessoas, sendo a tecnologia vista como facilitadora neste processo. Jenkins, Green e Ford (2015) destacam que a ampliação e o desenvolvimento da comunicação em rede, sobretudo vinculada às práticas provenientes da cultura participativa, tem possibilitado a criação de novos recursos e ferramentas, bem como o surgimento de outras possibilidades de atuação, intervenção e produção para os grupos que historicamente enfrentam barreiras e lutam pelo direito de que suas vozes sejam ouvidas. Os autores afirmam que o público inserido no contexto digital desafia as políticas corporativas de grandes empresas, como a comercialização de conteúdos, baseada numa convicção moral individual e coletiva que, somada às ferramentas digitais, possibilitam a mobilização organizada e colaborativa, bem como o empoderamento desses sujeitos (Jenkins; Green; Ford, 2015).

A cultura de massa pode até ter influência na forma como os sujeitos consomem aquilo que a indústria cultural produz e dissemina, contudo, já não é mais a única que impacta a maneira como estes produtos serão vistos, escutados, comprados e compartilhados para a população. Desse modo, Silveira (2010, p. 69) reflete que a partir do momento em que decide “participar ativamente do processo de consumo, opinando e interagindo com a indústria midiática, ou, ainda, apropriando-se e ressignificando os produtos culturais, o fã modifica a lógica tradicional da circulação midiática e cultural”, pois ele também passa a ser produtor de conteúdo. Os fãs são, por natureza, engajados com o trabalho que executam, sendo

importantes mediadores no processo de disseminação e circulação dos conteúdos produzidos por eles e pelas empresas, e que isso muitas vezes é feito sem uma remuneração, pois a dedicação de seu tempo e a motivação inicial para realizar estas atividades é a paixão pelo material original e as possibilidades de divulgá-lo para o maior número de pessoas (Dantas; Moura, 2013; Jenkins; Ford; Green, 2015). Ao discutir sobre o fenômeno da cultura participativa, Silveira (2010, p. 12) comenta que

Em 1992, Henry Jenkins já apontava para a importância dos fãs como cultura participativa, motivado pelo fato de que estes sujeitos interferem ativamente no conteúdo distribuído pela mídia de massa e modificam-no a partir de suas necessidades e interesses. Com o passar dos anos, a importância dos fãs só aumentou. Hoje, eles são personagens centrais da mudança na forma de operar da mídia de massa. Os fãs são pioneiros na adaptação às novas tecnologias de comunicação e informação, e às mudanças nos processos de produção e consumo, estimulados pelos universos ficcionais e pela ampliação de ferramentas de participação que abrem espaço para maior visibilidade da comunidade de fãs.

Isto posto, podemos relacionar o ponto de vista de Shirky (2011) ao afirmar que a humanidade é formada por pessoas fundamentalmente individuais, mas que também anseiam pela interação social e as trocas advindas da convivência em grupo, aspecto este reforçado pelo senso de pertencimento. É possível observar que entretenimento e notícias não são os únicos conteúdos que conseguimos encontrar na internet, tendo em vista que também compartilhamos sobre nossas vidas, sonhos, conquistas, relacionamentos e demais informações que “também fluem pelos canais de mídia” e são acessadas pelas pessoas em qualquer parte do mundo (Jenkins, 2009, p. 45). Muitas vezes fazemos isso porque queremos ser vistos; outras pelo simples ato de compartilhar. As subculturas encontram no ambiente digital oportunidades de alcance diversas, sobretudo pelo fato de que nas redes sociais nós procuramos muitas vezes dialogar com aqueles que possuem ideias, desejos e lutas semelhantes.

Neste sentido, Vanin e Oliveira (2019) apontam que caracterizar a cultura LGBTQIAPN+ diante de tantas formações grupais da sociedade não é tão simples, pois suas manifestações são múltiplas e singulares. Além disso, a comunidade como um todo está inserida em vários segmentos políticos, econômicos e sociais. Contudo, pode-se pensá-la num primeiro instante como uma cultura de resistência, pois mesmo cercada durante muitos anos — e até hoje se de acordo com levantamentos estatísticos acerca das taxas de crimes cometidos contra pessoas LGBTs — por violência e preconceito, os indivíduos que a compõe lutam diariamente pelos seus direitos através de suas expressões em inúmeros meios e

contextos, principalmente no que se considera como cultura participativa (Vanin; Oliveira, 2019).

Assim, entendemos como cultura participativa o processo em torno da atuação dos consumidores diante de produções midiáticas e seu protagonismo na difusão cultural e informacional, ou seja, os indivíduos tornam-se agentes ativos do meio e não apenas receptores, pois as posições de produtor e consumidor se misturam ao ponto de, ao mesmo tempo em que consomem algo, tornam-se produtores de conteúdos diversos. A sua origem é anterior ao surgimento da internet, pois antes da criação de fóruns, blogs e perfis nas mídias digitais os seres humanos já produziam conteúdo cultural para satisfazer suas vontades, além de exercer um papel social e artístico. Desse modo, Jenkins (2009, p. 30) explica o seguinte conceito para o termo:

A expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. Nem todos os participantes são criados iguais. [...] E alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente do que outros.

Esse fenômeno tem se tornado cada vez mais popular na era digital, principalmente pelo fato da internet romper as barreiras invisíveis entre a criação e o consumo. A fidelidade e a criatividade são elementos de destaque para a cultura participativa, tendo em vista que um produto midiático, independente da sua origem, pode assumir inúmeras interpretações diante do entrelaçar entre produção de conteúdo e a cultura de fãs. A partir disso surgem as *fanarts*³⁸, *fanfics*³⁹, páginas na internet, fóruns e variados tipos de materiais de divulgação realizados por esses indivíduos que são peças-chave para a disseminação dessas obras. Quanto mais formatos variantes lhe forem atribuídos, mais chances o produto original terá de alcançar pessoas daquele nicho e de outros, além de contribuir para a formação de comunidades que desejam algo por um bem comum. No que tange a abordagem da cultura de fãs, trazemos a seguinte reflexão:

A compreensão do universo cultural dos fãs tornou-se uma temática fundamental no contexto da cultura participativa. Não é incomum para indivíduos se sentirem conectados a uma canção, um filme ou a um livro pelas empolgantes ideias ou histórias que esses dispositivos possam conter. Dessa forma, a identificação inspirada por essas conexões, nem sempre óbvias, pode estimular a criatividade dos

³⁸ Termo em inglês usado para descrever as ilustrações feitas por fãs publicadas na internet.

³⁹ Abreviação da palavra *fanfiction*. O termo *fanfic* é usado para descrever as narrativas ficcionais feitas por fãs e disponibilizadas em *websites* que são, na maioria das vezes, sem fins lucrativos, por se tratar de ambientes desenvolvidos segundo a premissa “de fãs para fãs”, sem o envolvimento de grandes empresas.

sujeitos no sentido de externalizar e compartilhar como obra os sentidos e significados dos produtos culturais dos quais é fã (Dantas; Moura, 2013, p. 2).

Assim, constatamos que, na sociedade contemporânea, o vínculo entre fãs e produtos culturais configura-se como um processo colaborativo e jamais passivo. Para Fiske (1992, p. 38, tradução nossa), “a conversa de fãs é a geração e circulação de certos significados do objeto do fandom dentro de uma comunidade local”, ou seja, inseridos nas comunidades, sejam elas físicas ou *online*, as discussões dos indivíduos sobre o objeto de interesse – um livro, uma série, um artista, um grupo musical, etc. – geram e compartilham significados específicos, contribuindo para surgirem outras formas de apreciá-lo, ao mesmo tempo que proporcionam um senso de coletividade e pertencimento entre aqueles membros que interagem e consomem o objeto em questão. Nesse sentido, Jenkins (2009) observa que a inserção na internet criou novas oportunidades e espaços para que os jovens pudessem partilhar suas paixões, afinal, todos podem expressar seus anseios em relação aos produtos midiáticos de seu interesse e alcançar algum tipo de valorização e reconhecimento por isso. Ao refletir sobre a produção de arte autoral feita pelos fãs, Lavin (2019, p. 110, tradução nossa) analisa que

Os estudos de fãs têm sido sensíveis a um tipo de mobilidade na participação online que tece entre as produções de cultura popular e de massa, enquanto a crítica de arte, com sua tradição de especialização de valor agregado, tem sido menos aberta a provocar interseções de culturas de massa/popular/arte influenciadas pela participação online e, quando o faz, uma tendência é categorizar a arte produzida nesse contexto como separada de outras produções artísticas.

A autora aponta que embora os estudos sobre a cultura de fãs reconheçam que a participação de sujeitos que produzem conteúdos artísticos seja válida, os críticos de arte tendem a abordar a arte influenciada pela interatividade e pelos meios como algo à parte, isto é, distinta ou separada das formas artísticas tradicionais. Contudo, para além dos estudos e a discussão sobre ser relevante ou não como arte, as indústrias já perceberam que as comunidades inseridas no universo *online* são criativas e podem levar o produto original – um filme, seriado televisivo, jogos e demais produtos – a alcançar outras proporções, como as iniciativas de *marketing* para a divulgação, exceto pelo fato de que os fãs não são pagos para tal, pois o fazem pelo simples prazer de compartilhar suas paixões uns com os outros.

É fato que as grandes corporações estão atentas para esses produtos e mobilizações feitas por fãs, pois mesmo que no final do dia decidam tomar decisões contrárias ao que esses grupos reivindicam, o público ainda exerce uma parcela de influência no que será produzido, afinal de contas, “os produtores precisam dos fãs tanto quanto os fãs precisam deles”, o que

configura uma relação de interdependência (Jenkins, 2009, p. 234). Neste sentido, Hutcheon (2013) argumenta que as adaptações têm um grande apelo financeiro, posto que os materiais dos quais se originam possuem comunidades fiéis de fãs, sendo uma opção segura para obter um retorno lucrativo para as grandes empresas, mesmo em momentos de instabilidade.

Ao discutir sobre as expressões da cultura pop, o doutor e mestre em Ciências da Comunicação Christian Gonzatti (2017, p. 183) destaca em sua dissertação de mestrado que este fenômeno tem como intuito

[...] movimentar o máximo possível desses elementos de identificação, pois sim, o principal interesse é o lucro, o retorno financeiro para as grandes indústrias, mas esse retorno só acontece quando os públicos podem, em um nível que garante esse retorno, identificarem-se. Isso cria uma rede em torno dessas produções que está integrada as formas como a sociedade reivindica, entende e consome os produtos da cultura pop.

Por meio desta perspectiva, torna-se viável inserir as discussões acerca da representatividade de minorias como mulheres, negros, pessoas com deficiência (PcD), indígenas e LGBT. Se tratando da comunidade *queer*, observa-se que na história da cultura pop esse movimento sempre tentou conquistar espaço nas produções midiáticas, e que por muito tempo sua representação ocorreu de forma caricata e negativa, contudo, parece estar tomando novos rumos, em especial com o incentivo e dedicação da cultura participativa por meio da literatura e das páginas na internet.

No segmento digital, enquanto criadores de conteúdo, os leitores assumem a posição de mediadores da informação e da leitura, pois atuam na divulgação de livros por meio de indicações, listas, vídeos, resenhas e principalmente diálogos com seus seguidores que fazem parte de uma comunidade literária. É por meio das mídias sociais, sobretudo com seus conteúdos interativos, que os leitores podem não apenas mediar a leitura como também alcançar pessoas de todas as partes do mundo num ambiente oportuno para a informação propagar-se de maneira rápida e eficaz, bem como divulgar novas histórias e autorias fora da bolha *mainstream*⁴⁰, além de contribuir direta e indiretamente na formação de novos leitores.

Diante da relação de fidelidade entre a obra e o fã, é notável na maioria das vezes que quando é anunciada a adaptação de um livro para filme ou série televisiva que possui uma ligação sentimental com os seus fãs, o que essa comunidade espera, acima de tudo, é o respeito ao conteúdo original. Se tratando de textos com temática voltada para a representação de personagens e histórias *queer*, observamos que esse anseio é o mesmo. Portanto, no que

⁴⁰ Que é convencional, comum a todos, popular. Filmes com bilheteria de grande alcance, ou seja, em escala global, como os chamados *blockbusters*, são considerados *mainstream*.

concerne às representações e a visibilidade LGBTQIAPN+ no meio audiovisual, discutiremos a seguir o cenário hodierno e algumas problemáticas e referências de protagonismo *queer* que podemos encontrar no decorrer das décadas.

4.2 Conquistando os espaços: o sujeito *queer* e as adaptações audiovisuais

Após dialogar sobre a cultura participativa, a cultura de fãs e suas ações em prol da visibilidade de grupos no âmbito digital, nesta subseção iremos explorar algumas das conquistas e manifestações da comunidade LGBTQIAPN+ nas grandes mídias inseridas na cultura pop, em especial nos produtos audiovisuais como seriados e filmes, além da importância das adaptações literárias para o público *queer*. Contudo, antes de apresentarmos algumas produções voltadas para o público LGBTQIA+, é preciso contextualizar um dos termos que norteia a subseção: a palavra adaptação.

Segundo a definição encontrada no Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2024, online), entende-se por adaptação o “1. Ação ou efeito de adaptar(-se); adaptamento. 2. Ato ou efeito de acomodar(-se); acomodação, ajustamento”. Sob esse viés, a palavra assume o sentido de adequação a uma condição, relacionada a fatores biológicos e de sobrevivência. Para esta pesquisa, no entanto, nos apropriamos do uso do vocábulo no contexto de modificação, ou seja, do ato de adaptar uma obra para outros formatos, com foco nas produções audiovisuais.

Quando pensamos em uma adaptação de livro, certamente os exemplos mais clássicos vem à tona, como as inúmeras versões e releituras de *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, ou o romance *Orgulho e Preconceito*, da escritora inglesa Jane Austen, adaptado nos formatos minissérie (1995) e filme (2005), além de obras mais recentes como a série de livros intitulada *As Crônicas de Gelo e Fogo* do norte-americano George R. R. Martin, que deu origem ao seriado televisivo *Game of Thrones* (2011-2019). No entanto, segundo Hutcheon (2013, p. 22), podemos observar que na atualidade as adaptações assumiram outras diversas formas, afinal de contas, estão presentes “nas telas da televisão e do cinema, nos palcos do musical e do teatro dramático, na internet, nos romances e quadrinhos, nos fliperamas e também nos parques temáticos”. Assim, Sanders (2016, p. 23, tradução nossa) define adaptação como aquela que

[...] está frequentemente envolvida na apresentação de comentários sobre um texto de partida. Isto é conseguido, na maioria das vezes, oferecendo um ponto de vista revisto do ‘original’, acrescentando uma motivação hipotética ou dando voz ao que o

texto silencia ou marginaliza. No entanto, a adaptação pode também continuar uma tentativa mais simples de tornar os textos ‘relevantes’ ou facilmente compreensíveis para novos públicos e leitores através dos processos de aproximação e atualização.

Sobre convergência midiática e as transformações provocadas pelos processos de transformação dos textos, Fehrle (2019, p. 21, tradução nossa) evidencia que os estudos de adaptação devem assumir um caráter interdisciplinar, sobretudo com o intuito de “visualizar adaptações convergentes e mídia de franquias não apenas em sua estrutura intertextual, mas também em sua estrutura social.” Neste sentido, o autor busca argumentar que no processo de adaptação de uma obra, jogo ou qualquer outro material, o primeiro universo – ou seja, a narrativa escrita – passa a coexistir com o outro universo – aquele que foi adaptado –, e a partir das relações entre eles torna-se necessário uma integração entre as disciplinas (podendo citar a Comunicação, o Cinema e a Literatura), bem como um olhar mais clínico e aprofundado para compreendê-los de forma isolada e unificada.

Outrossim, vale salientar que a perspectiva tradicional dos estudos de adaptação, isto é, baseada na crítica da fidelidade ao material original – uma visão hierárquica que impõe o texto original como superior às adaptações derivadas deste – tornou-se limitante, sobretudo porque as produções subsequentes são processos culturais que abrangem camadas de significados, interpretações e escolhas criativas e, portanto, não devem ser tratadas como menor valor (Hutcheon, 2013; Sanders, 2016). Além disso, outro fator a ser considerado é a recepção dos sujeitos, em especial as alterações que influenciam a estrutura de produção, distribuição e consumo e como estes produtos podem refletir ou não a sociedade e as mudanças desencadeadas por ela.

Pela perspectiva dos estudos literários, Georgi (2015) observa que nas últimas décadas houve uma série de transformações no que se refere às práticas de produção de textos, sua distribuição nos ambientes físicos e digitais e a sua recepção pelas massas, seja de forma abrangente ou em nichos específicos. As formas de ler e interagir com os escritos trouxe, na perspectiva dos fãs, novos meios de prolongar a experiência de consumo. Quando lembramos dos primeiros tipos de leitores, que liam de maneira contemplativa, individual e silenciosa, e nos deparamos com os da atualidade, podemos constatar que o ato de ler sofreu diversas transformações. O leitor inserido no ambiente digital possui novas necessidades; ele busca informações nas páginas da *web*, interage com outras pessoas de várias partes do país e do mundo, relata sua experiência com a leitura e produz conteúdos extras como os exemplos citados na seção anterior. Com isto, identificamos um forte vínculo emocional com as obras e as comunidades que fazem parte. Desse modo, Shirky (2011, p. 146) relata que

Todos os grupos têm um componente emocional – emoções, de fato, mantém os grupos unidos. A participação em grupos apresenta ao indivíduo tamanho grau de dificuldades e oportunidades que, sem um comprometimento emocional, muitos grupos seriam desfeitos à aparição do primeiro problema real.

Na era digital, com as possibilidades de circulação dos conteúdos e pela experiência da interatividade entre os sujeitos, os textos literários passam a encontrar novos sentidos, sobretudo pelo amplo alcance de diálogo sobre as histórias, que são divulgadas, ressignificadas e reconhecidas no contexto da internet. Isso vale para as adaptações dessas narrativas, pois quando existe um vínculo com a obra original, o público costuma discutir e comparar as versões, mas se essa relação não é identificada, podemos observar que na maioria das vezes os espectadores também desenvolvem um interesse pelos livros posteriormente. Sobre isso, Sanders (2016, p. 17, tradução nossa) discursa:

Parte do puro prazer da experiência de leitura ou da experiência do espectador no que diz respeito à adaptação – e não peço desculpa por ter introduzido o prazer na equação no início deste estudo – deve ser a tensão entre o familiar e o novo, e o reconhecimento de semelhanças e diferenças, tanto entre textos como entre nós, enquanto leitores e receptores.

Ao discutir sobre a percepção pública, Sanders (2016, p. 2, tradução nossa) argumenta que “como leitores, espectadores e críticos, também precisamos reconhecer que a adaptação e a apropriação são fundamentais para a prática e, na verdade, para o prazer da literatura e das artes em geral”, ou seja, embora muitos apresentem o ponto de vista que um é melhor do que o outro, ou que as adaptações prejudicam o conteúdo original – como, por exemplo, o livro que serviu de inspiração para o roteiro –, é importante ressaltar que ambos podem coexistir e ter valor simbólico para diferentes públicos que o consomem.

A escritora Virginia Woolf (1926, p. 309 citada por Hutcheon, 2013, p. 23), apesar de criticar a sétima arte – isto é, afirmando que sua função era simplificar a literatura, tornando-a uma vítima do audiovisual – também reconhecia que esta “tem ao seu alcance inúmeros símbolos para emoções que até hoje não encontraram expressão” apenas nas páginas dos livros e no imaginário de cada pessoa. Ao refletir sobre a natureza de uma adaptação, Costa (2017, p. 7) argumenta que embora dialogue com outras obras e seja diretamente influenciada por elas, de forma singular corresponde também como

o encontro de diversas vozes sociais e ideológicas. Ela não é uma cópia pura e simplesmente, ela será algo específico como obra, será um enunciado único que não deixará de dialogar com outros enunciados, mas que não dependerá, no que concerne

às mais variadas construções de sentido, do seu ‘original’ para que possa ser compreendida de forma mais ampla e abrangente. A adaptação pode e deve existir sem o seu ‘original’.

Diante da perspectiva do autor, reiteramos que as adaptações audiovisuais não dependem do seu conteúdo de origem (livros, jogos e afins) para obter valor e ser relevante a um público ou ter sentido próprio, afinal, pode ser apreciada pelo que ela é. Todavia, ressaltamos que nas comunidades de fãs é inegável a expectativa em torno da fidelidade entre o que está presente no original e aquilo observável nas telas, por exemplo.

No que concerne à literatura de temática LGBTQIAPN+, nos últimos anos várias narrativas com foco nos sujeitos de sexualidades dissidentes (Quinalha, 2021) tem se tornado mais proeminente no cenário cinematográfico e televisivo. O que antes parecia ser um interesse apenas voltado para histórias com protagonismo heterossexual, agora também corresponde a uma parcela de produções que trazem além do protagonismo e as vivências *queer*, outras representatividades que não reproduzem os padrões e estereótipos da branquitude, bem como da visão patriarcal, isto é, colocando mulheres em situações de submissão e de dedicação exclusiva aos afazeres domésticos.

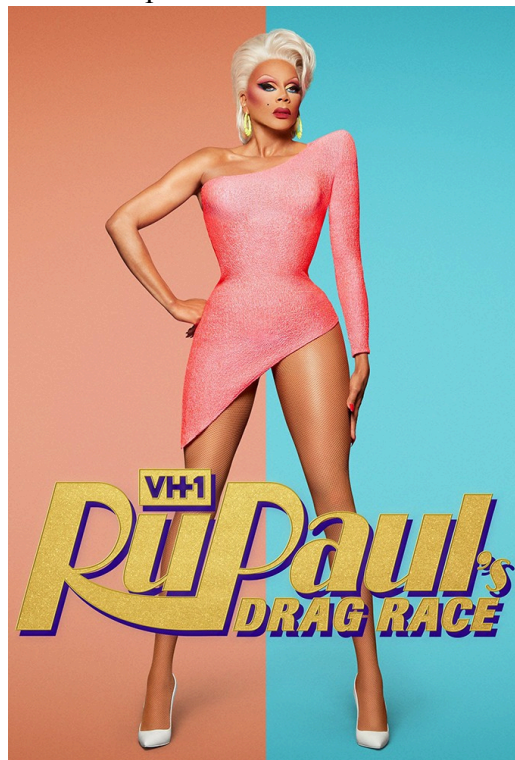
Contudo, os retratos *queer* no audiovisual não existem apenas como fruto de adaptações de obras literárias. Desse modo, podemos citar como exemplos fora desta perspectiva o reality show *Queer Eye* (2018) da Netflix, – que além do original norte-americano possui uma versão brasileira e outra alemã – apresentado por cinco especialistas, sendo eles: Antoni Porowski, Bobby Berk, Jonathan Van Ness, Karamo Brown e Tan France, bem como uma das representações mais emblemáticas da contemporaneidade: o programa de competição entre *drags* intitulado *RuPaul's Drag Race*, que existe desde 2009 e atualmente está na sua 16ª temporada. Sobre o *reality*, Henn, Machado e Gonzatti (2019) trazem as seguintes informações:

consiste em uma disputa de *drag queens* pelo título de “*America's Next Drag Superstar*”. A atração, dividida em episódios de, em média, 45 minutos de duração, é comandada pela icônica *drag queen* RuPaul e já teve onze temporadas. O programa, nos Estados Unidos, é exibido pelo canal Logo. No Brasil, já foi exibido pelo VH1 e pelo Multishow (Henn; Machado; Gonzatti, 2019, p. 203).

Sendo um grande sucesso no segmento televisivo, o *reality show* permanece sendo um dos mais populares não apenas entre *drag queens*, como por grande parte do público que faz parte da comunidade LGBTQIAPN+ e telespectadores que apoiam a causa *queer*. A figura

abaixo apresenta um dos inúmeros pôsteres de divulgação das temporadas do programa com a presença de RuPaul no centro.

Figura 9 - Pôster promocional de *RuPaul's Drag Race*



Fonte: World of Wonder, VH1 (2022).⁴¹

Vale ressaltar que o programa não possui apenas sua transmissão norte-americana, mas também em outras partes do globo. Lançada em 2023, a versão brasileira do *reality*, intitulado *Drag Race Brasil*, segue o mesmo formato da produção norte-americana e acompanha drag queens brasileiras em busca do reconhecimento e do grande prêmio. Atualmente a franquia possui várias versões ao redor do mundo, incluindo o *RuPaul's Drag Race Global All Stars*, que entre suas participantes anunciadas para a competição trouxe uma das *queens* favoritas da primeira edição brasileira, a artista Miranda Lebrão.

Além de *realities*, os serviços de *streaming* têm disponibilizado cada vez mais seriados e filmes com protagonistas e coadjuvantes LGBTQIAPN+ em diversas categorias: comédia, romance, série policial, filmes de herói e tantos outros. O mesmo vem ocorrendo com o cinema, que apesar de ter produções *queer* datadas desde meados dos anos 20 – o filme alemão *Anders als die Andern* (1919)⁴², considerado por muitos historiadores e pesquisadores

⁴¹ Disponível em: <https://www.adorocinema.com/series/serie-29484/foto-detalhada/?cmediafile=21891745>. Acesso em: 3 ago. 2024.

⁴² Título em português: Diferente dos Outros (1919). Trata-se de um filme mudo do cinema alemão.

de cinema como um dos primeiros títulos dedicados ao público gay –, não há como negar que nas últimas décadas houve um aumento excepcional de longas-metragens.

Louro (2008, p. 87) analisa que, mesmo aos poucos, “alguns filmes passam a representar os/as ‘desviantes’ de um modo ‘positivo’, desejável, e/ou a desenvolver a narrativa a partir da ótica desses sujeitos.” No processo de adaptação de obras literárias para o audiovisual, é possível destacar diversos exemplos de filmes, seriados, minisséries e produções de outras naturezas com protagonismo, na grande maioria das vezes, cisheterossexual. O mesmo ocorria nas histórias de teor romântico, nas quais o casal principal era formado por um homem e uma mulher cisgênero com um final frequentemente clichê.

Gonzatti (2017, p. 183) observa que, no cenário pop, em especial nas representações cinematográficas, “[...] as pessoas que fogem à lógica heternormativa são predominantemente estereotipadas, principalmente quando encarnam a feminilidade, ridicularizadas, colocadas como vilãs ou suicidas.” No começo dos anos 2000, quando um personagem gay aparecia num longa-metragem *hollywoodiano*, por exemplo, em muitos casos este era a figura de alívio cômico, o sujeito engraçado e melhor amigo dos protagonistas, caricato e afeminado. No caso da representatividade feminina sáfica – isto é, mulheres que amam romanticamente outras mulheres, como as lésbicas e bissexuais –, muitos estereótipos foram abordados e reproduzidos nas produções, com as mulheres apresentando características masculinizadas, tendo como pano de fundo a premissa da traição de seus parceiros, bem como a violência e seus corpos sendo sexualizados.

Na atualidade, o envolvimento de pessoas LGBTQIA+ – diretores, roteiristas, elenco e afins –, tem contribuído para uma representatividade que não coloca o sujeito *queer* numa situação de ridicularização, pois o olhar crítico e o desejo por reconhecimento de suas vivências possibilita com que os sujeitos que vivem essas realidades possam contar histórias genuinamente identificáveis para o referido público. Contudo, vale salientar que mesmo com esses personagens sendo interpretados por atores que não fazem parte da comunidade – visto que alguns são heterossexuais –, isso não apaga a importância de suas interpretações para o telespectador que anseia identificação nas produções midiáticas. No caso da adaptação de *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, os protagonistas não são interpretados por pessoas *queer*; todavia, é possível notar um comprometimento com a história contada, além do fato de que outros atores e membros da equipe são parte da comunidade LGBTQIAPN+.

Séries aclamadas pela crítica e populares na transmissão por emissoras de televisão e serviços de *streaming* como *Queer as Folk* (2000-2005), *The L Word* (2004-2009), *Glee* (2009-2015), *Pose* (2018-2021), *Heartstopper* (2022-em exibição), *Sex Education*

(2019-2023), *Anne Rice's Interview with the Vampire* (2022-em exibição) e *Fellow Travelers* (2023) são algumas das produções marcantes dos anos 2000 a 2020 com a presença de personagens LGBTQIAPN+, sendo estes protagonistas e coadjuvantes, do cenário televisivo.

Além disso, vencedores da célebre premiação do Oscar como Priscilla, a Rainha do Deserto de 1995 (melhor figurino), Tudo Sobre Minha Mãe de 2002 (melhor filme estrangeiro), O Segredo de *Brokeback Mountain* de 2006 (melhor direção, melhor roteiro adaptado e melhor trilha-sonora) e *Moonlight: Sob a Luz do Luar* de 2016 (melhor filme, melhor ator coadjuvante e melhor roteiro adaptado) são apenas alguns dos vários exemplos simbólicos que marcaram o reconhecimento de produções com temática LGBTQIA+ no cinema, embora algumas partes da sigla ainda sofram para encontrar narrativas que representem suas vivências. Isto é algo que exige um aprofundamento posterior acerca dos motivos que corroboram para tantos cancelamentos e pouco alcance de produções sáficas no audiovisual, por exemplo, especialmente séries produzidas por serviços de *streaming* como a *Netflix* e a *Prime Video*.

Figura 10 - Elenco e equipe de *Moonlight* recebendo o Oscar de melhor filme



Fonte: Chris Pizzello (2017).⁴³

Dirigido pelo cineasta Barry Jenkins, o longa-metragem conta a história do protagonista Chiron em três fases da sua vida: infância (com o apelido de *Little*), adolescência e fase adulta (reconhecido como *Black*). O filme aborda temas como bullying, sexualidade, autodescoberta, identidade, expectativas sociais em torno da masculinidade negra, relações familiares – sobretudo com sua mãe Paula –, entre outros. Além disso, o roteiro foi baseado

⁴³ Disponível em: <https://rollingstone.com.br/noticia/oscar-2017-la-la-land-moonlight/>. Acesso em: 3 ago. 2024.

na peça de teatro *In Moonlight Black Boys Look Blue*, de Tarell Alvin McCraney, um texto semiautobiográfico que não foi integralmente adaptado como no original, mas trouxe ambas as visões de Jenkins e McCraney para as telas.

Obras como *Moonlight* são fundamentais para discutir temas sensíveis e comumente observados na sociedade. Portanto, saber que esta teve seu reconhecimento – mesmo com o fatídico episódio da confusão ao anunciar *La la land* do diretor Damien Chazelle como o grande vencedor da estatueta, para segundos depois perceberem o erro e declarar que o envelope correto anunciava *Moonlight* como campeão da noite – numa premiação como o Oscar demonstra que, embora o caminho seja repleto de obstáculos, preconceitos e intolerância, a comunidade LGBTQIAPN+ tem conquistado espaços que antes pareciam ser impossíveis. Além disso, produções como *Moonlight* trazem à tona nos seus personagens as interseccionalidades, isto é, as relações de raça, gênero, orientação sexual, classe e demais marcadores sociais, e como podemos compreender e discutir as opressões e desigualdades da vida real através da ficção.

Ainda que o termo interseccionalidade tenha sua origem de discussão no movimento feminista negro, seu entendimento consolidou-se como um importante aporte teórico para a análise das múltiplas formas de exclusão e subjugação que mulheres negras sofrem na sociedade. Nas palavras de Akotirene (2019, p. 24), a interseccionalidade é um instrumento que permite o desenvolvimento da “[...] criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem”. No entanto, também podemos discutir sobre as “condições que atravessam corpos” a partir de outras perspectivas além das mulheres (Akotirene, 2019, p. 27).

Especificamente sobre *Moonlight*, observarmos os aspectos da interseccionalidade presente de modo marcante na vida do protagonista Chiron, sobretudo nas interseções entre sexualidade, identidade racial e classe social. Crenshaw (2002) explica que, embora os sistemas estejam entrelaçados, estes não atuam de forma isolada. Isto ocorre, pois, ainda que moldem desigualdades sociais, estes marcadores também geram conflitos complexos entre si e, de forma simultânea, ocasionam várias formas de desempoderamento e opressão em diferentes dimensões e cruzamentos.

A respeito de *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, apesar de questões como racismo estrutural, pobreza ou religião não serem aprofundadas, outros aspectos são destacados pela narrativa. Dentre estes, podemos citar o fato de que Alex é latino – herança mexicana por parte de pai e norte-americano pela mãe –, enquanto Henry é branco e pertence à realeza

britânica, o que traz nuances culturais e de poder ao relacionamento dos dois que, embora privilegiados, também precisam lidar com a repressão de sua sexualidade (no caso de Henry).

Neste sentido, Akotirene (2019) salienta que apesar de apenas algumas dimensões de quem somos sejam discutidas, nossas identidades são sempre múltiplas e sobrepostas, afinal, cada parte de quem somos e das nossas experiências importam. Na perspectiva de produções filmicas, Louro (2008, p. 94) argumenta que [...] o cinema, como tantas outras instâncias, pluraliza suas representações sobre a sexualidade e os gêneros [e] proliferam possibilidades de sujeitos, de práticas, de arranjos e, como seria de se esperar, proliferam questões.” O cinema é entretenimento, mas também um espaço para debates políticos, desestabilizar normas estruturais da sociedade, bem como promover representações, que podem ser bem-vistas ou não pelo público.

Sobre a presença de personagens não brancos que fogem dos padrões cisheternormativos, em especial no cinema, a autora enfatiza que hoje em dia as identidades de gênero e orientações sexuais parecem ter mais visibilidade no meio audiovisual, embora ainda seja notório o uso de estereótipos ou representações mais contidas dos personagens (Louro, 2008). Por sua vez, ao discutir sobre a popularidade e a inserção de sujeitos *queer* nas produções literárias e audiovisuais, Kies (2024, p. 6, tradução nossa) expõe que

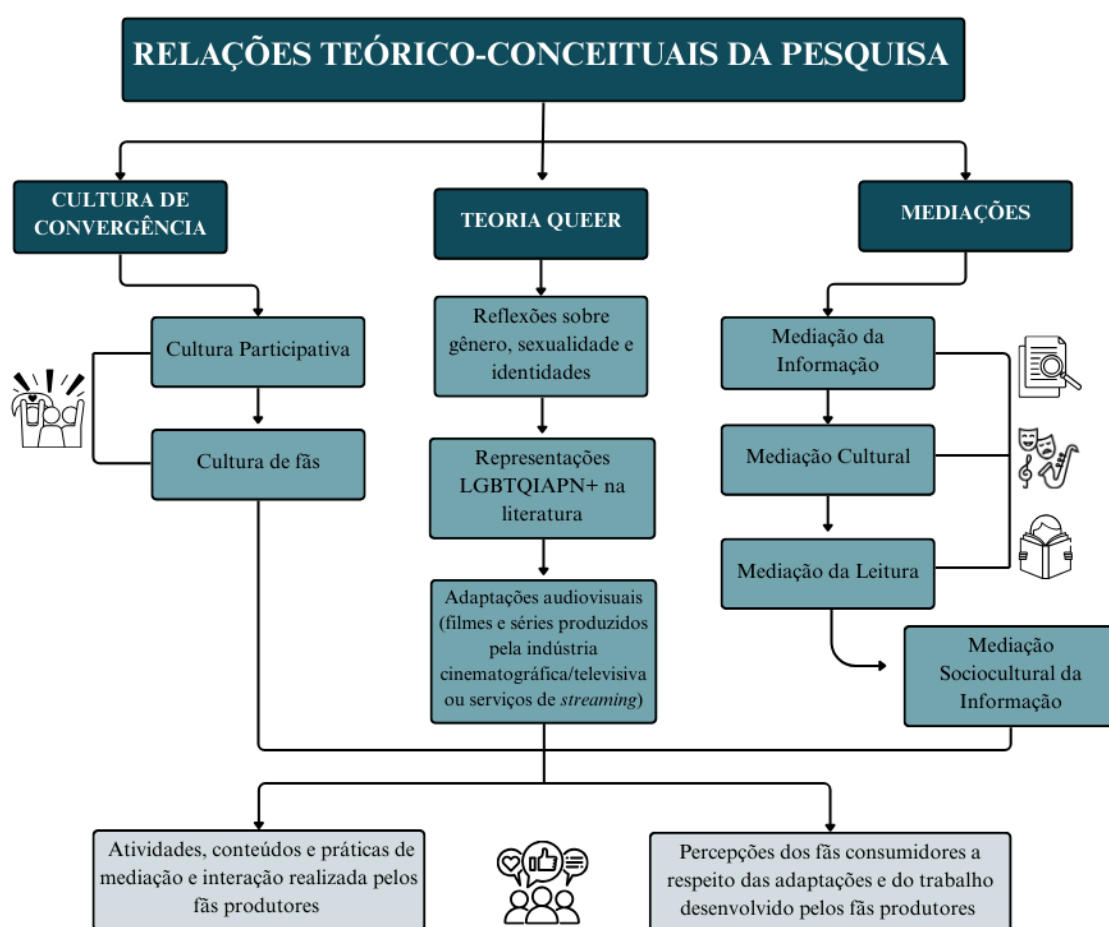
O romance e o erotismo com pares do mesmo sexo têm sido publicados há séculos, embora muitas vezes obscurecidos, clandestinos ou moralizados de forma a refletir os valores sociais hegemônicos. No entanto, nos últimos anos, as grandes editoras começaram a publicar romances LGBTQ e a vendê-los em grandes lojas como a Target, e comédias românticas LGBTQ podem ser transmitidas na Netflix e na Lifetime. A Hallmark, a produtora mais prolífica de comédias românticas e dramas românticos para a televisão americana, começou a incluir personagens LGBTQ. [...] [porém] O romance sáfico permanece menos consumido nos mercados mainstream.

Assim como Louro (2008), Kies (2024) reconhece que houve uma abertura mercadológica e de entretenimento para histórias LGBTQIAPN+, todavia, também destaca que a visibilidade sáfica ainda é desigual se comparada com as produções aquileanas, refletindo desafios ainda mais profundos de representatividade, investimentos por parte das empresas e aceitação social. Isso nos mostra que histórias gays possuem uma comercialização mais proeminente, sinalizando múltiplos fatores para seu consumo, sendo algo que deve ser investigado em pesquisas futuras, como mencionamos anteriormente. E, embora o romance escolhido como objeto deste estudo tenha como foco um relacionamento amoroso entre homens, não podemos deixar de abordar esta problemática na discussão, afinal de contas,

quando discutimos sobre produtos culturais e midiáticos LGBTQIAPN+ estamos falando de toda a comunidade.

Por fim, visando estabelecer as conexões entre os três pilares da pesquisa (Teoria *Queer*, Mediação e Cultura Participativa) conforme os diálogos suscitados nas seções teóricas, a Figura 11 demonstra um panorama das relações conceituais que nos levam até o nosso objeto de estudo. A construção do fluxograma nos possibilitou compreender a trajetória conceitual da pesquisa e o cruzamento das temáticas.

Figura 11 – Fluxo Teórico-Conceitual da Pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Na seção de introdução, apresentamos alguns exemplos de obras literárias com protagonismo LGBTQIAPN+ que foram adaptadas para filme e série televisiva/de serviços de *streaming*. Dentre os títulos citados, destacamos *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, de Casey McQuiston, lançado em 2023 como uma produção em longa-metragem, e é objeto de estudo deste trabalho. Sendo assim, as próximas seções correspondem aos procedimentos metodológicos e a discussão dos resultados obtidos.

5 ESTABELECENDO AS RELAÇÕES METODOLÓGICAS

Os relatos de que se compõe essa obra pretendem narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho, significará delimitar um campo. Com isto, se precisará igualmente uma ‘maneira de caminhar’, que pertence aliás às ‘maneiras de fazer’ de que aqui se trata. Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante do seu objeto.

(Certeau, 2013, p. 35)

Após o aprofundamento teórico e os diálogos firmados entre as temáticas discutidas nas seções anteriores, podemos dar início a explicação da metodologia adotada, responsável por nortear os caminhos da pesquisa. Começamos por trazer alguns elementos importantes acerca da obra estudada. Em *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, os protagonistas Alex e Henry são representantes políticos importantes que vivem em países diferentes. Na história, a relação de ambos pode ser vista tanto por uma perspectiva geopolítica – afinal, ambos representam figuras de poder em suas respectivas nações – como romântica, devido à relação que acabam desenvolvendo no decorrer da narrativa. No título desta seção, buscamos estabelecer, assim como na obra que é objeto de estudo, uma relação, visando proporcionar uma intertextualidade com o livro. Contudo, diferente do que Casey McQuiston propõe na construção do relacionamento entre os seus personagens, nesta parte da pesquisa definimos e discutimos as características do percurso metodológico, determinando cada elemento do estudo e entrelaçando para que os resultados sejam satisfatórios.

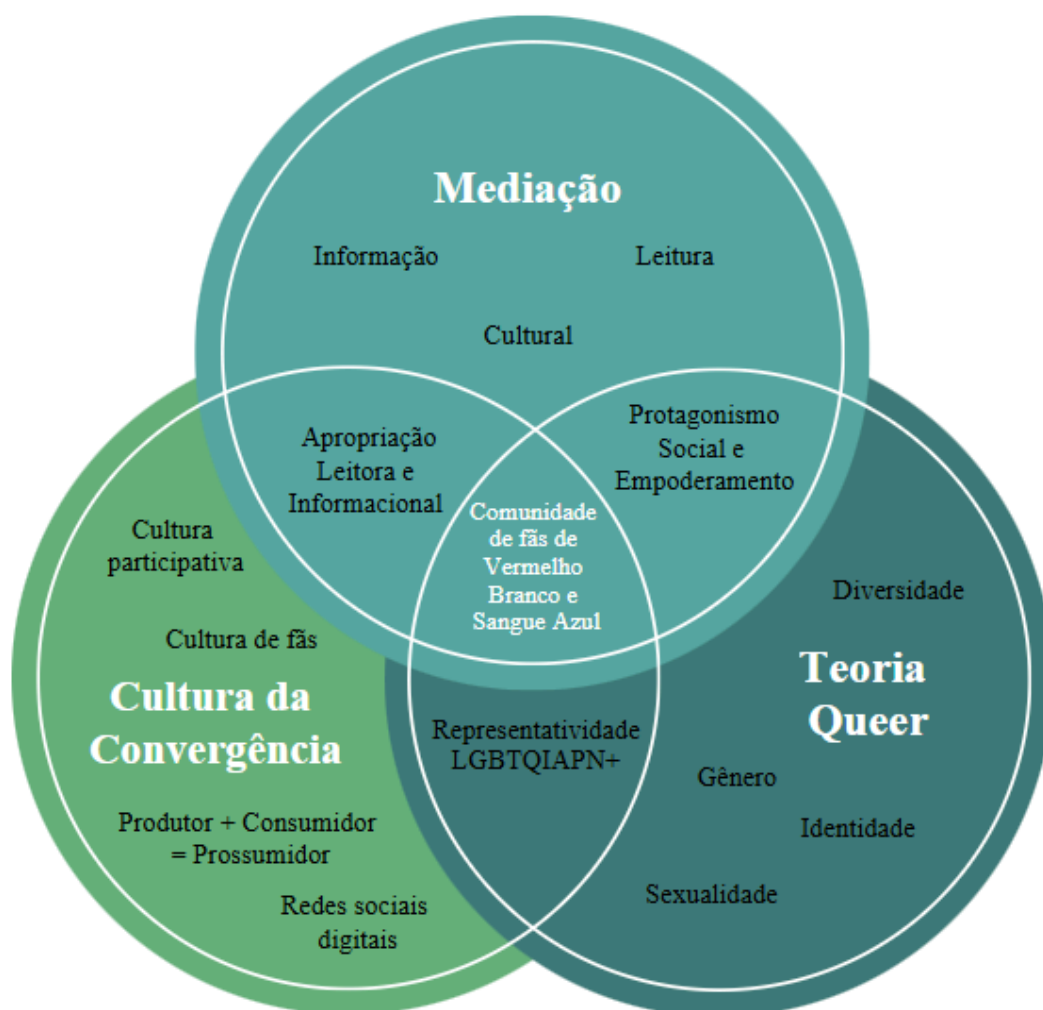
A seguir, discorreremos sobre a metodologia aplicada na investigação, isto é, a natureza, a escolha da abordagem, do método, as técnicas de coleta de dados e o procedimento de análise. Além disso, introduzimos o campo e o universo da pesquisa.

5.1 Caracterização da pesquisa

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa parte de uma investigação de natureza **aplicada**. Silveira e Córdova (2009, p. 35) indicam que estudos com esta natureza tem como intuito “gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos, envolvendo os interesses locais do pesquisador, da área e do público ao qual a pesquisa se destina.

No que tange a abordagem, optamos pela **qualitativa**, tendo em vista a compreensão das questões em torno da relação entre a Mediação da Informação, da Cultura e da Leitura e a Cultura Participativa promovidas pelo público leitor em prol da representação e protagonismo literária da comunidade LGBTQIAPN+ na contemporaneidade, bem como fator determinante para as adaptações audiovisuais das obras, em especial do livro Vermelho Branco e Sangue Azul, de Casey McQuiston.

Figura 12 - Diagrama com as relações teóricas da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Assim, ao falar das características do objeto na abordagem qualitativa, Chizzotti (2000, p. 79) esclarece que este “não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações”. Em consonância, Minayo (2012, p. 21) explica que a pesquisa qualitativa “responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, [...] com o universo dos significados, dos motivos, aspirações,

das crenças, dos valores e das atitudes", portanto, trata-se de uma abordagem com enfoque nos elementos que não podem ser quantificados, mas que impulsionam o aprofundamento e compreensão dos fenômenos sociais, dos sujeitos envolvidos nos processos coletivos e no vínculo entre indivíduo, comunidade e objeto, o que permite um melhor entendimento de aspectos subjetivos por trás do que é estudado na pesquisa (Chizzotti, 2000).

Aliado à abordagem qualitativa, o método escolhido para nortear a pesquisa foi o **fenomenológico**, tendo como intuito responder à problemática definida em seções anteriores, bem como compreender e investigar os aspectos da vivência dos sujeitos inseridos no contexto do *fandom* estudado. Marciano (2006, p. 186) argumenta que a relação entre a Fenomenologia e a Ciência da Informação é perceptível, sobretudo pelo fato de que “a primeira conceitua a linguagem como origem e expressão do conhecimento, ao passo que a última situa o documento, sua principal fonte de estudo, como veículo do conhecimento codificado e formalizado por meio da linguagem.” Outro ponto destacado pelo autor é a que percepção de si e do mundo, características fundamentais dos estudos fenomenológicos, são vistos como fenômenos informacionais no âmbito da CI (Marciano, 2006).

Inicialmente concebida como uma corrente filosófica por teóricos como Edmund Husserl, Max Weber e Alfred Schütz, a fenomenologia também é caracterizada como uma abordagem científica, isto é, método de investigação no âmbito metodológico que se dedica a compreender a essência das experiências vivenciadas pelos indivíduos e aquilo que está no seu entorno (Minayo, 2004). Nesse sentido, Gil (2008, p. 15) aponta que o enfoque fenomenológico tem como intuito “resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado”, que no universo da pesquisa é traduzido nas manifestações do *fandom* referentes ao livro e ao filme *Vermelho, Branco e Sangue Azul*.

Ao definir a palavra fenômeno, Bicudo (1997, p. 17) declara que o termo “significa o que se mostra, o que se manifesta, o que aparece”. Portanto, o fenômeno pode ser observado, interpretado e experienciado de diversas formas. No que se refere à perspectiva científica, Bicudo (1997, p. 20) declara que

A essência do fenômeno é mostrada pela realização de uma pesquisa rigorosa que busca as raízes, os fundamentos primeiros do que é visto (compreendido) e o cuidado com cada passo dado na direção da verdade ("mostração" da essência). O rigor do pesquisador fenomenólogo se impõe a cada momento em que interroga o fenômeno e ao seu próprio pensar esclarecedor.

Para alcançar o cerne do fenômeno e formular questões sobre o mesmo, o pesquisador precisa, em primeira instância, pôr em prática a *Epoché*, ou seja, suspender suas crenças,

preconceitos, suposições e ideias acerca do mundo, dos sujeitos, do objeto estudado e do que já foi visto a respeito dele, para então ter sua concentração destinada inteiramente naquilo que deseja compreender (Marciano, 2006). Desse modo, poderá analisar e entender o fenômeno sem distorções. Assim, de acordo com Sanders (1982 citado por Marciano, 2006, p. 184), o enfoque fenomenológico deve partir de quatro questionamentos, sendo eles:

- 1) Como o fenômeno ou experiência sob investigação pode ser descrito?
- 2) Quais são os invariantes ou comunalidades, ou seja, os elementos comuns ou temas emergentes em tais descrições?
- 3) Quais as possíveis reflexões acerca desses temas?
- 4) Quais são as essências presentes nesses temas e reflexões?

Considerando estes aspectos propostos nas perguntas acima, partimos para as outras etapas da pesquisa. Assim, para a fundamentação do estudo empírico, realizou-se uma pesquisa **bibliográfica** que, segundo Bentes Pinto e Cavalcante (2015, p. 15), configura-se como etapa essencial para o desenvolvimento de toda pesquisa científica, independente de sua natureza, pois sem um respaldo científico torna-se “impossível conhecer o estado da arte dos temas que motivaram a escolha do objeto de estudo.” Destarte, o levantamento bibliográfico do aporte teórico partiu de uma exploração em bases de dados como a Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), *SciELO*, Google Acadêmico e Portal de Periódicos da CAPES, bem como o catálogo *online* da biblioteca da Universidade de Vechta, na Alemanha, além de livros, dissertações e teses sobre as temáticas discutidas no estudo. A revisão bibliográfica teve como intuito assimilar de forma clara e coesa os conceitos de gênero, sexualidade, identidade, cultura participativa, cultura de fãs, mediação e apropriação leitora.

A pesquisa realizada no catálogo *online* da Universidade de Vechta deu-se devido ao período do mês de abril de 2024 em que a autora do estudo esteve na Alemanha, por intermédio de uma experiência de intercâmbio proveniente do convênio entre a Universidade Federal do Ceará e a Universidade de Vechta, que lhe proporcionou coletar dados bibliográficos para o estudo. O material selecionado corresponde a artigos e livros nos idiomas inglês e português.

Outrossim, foram utilizadas fotografias, reportagens de jornais *online* e *websites* que pudessem apresentar dados relevantes e complementares às ideias discutidas, mesmo sendo fontes secundárias, pois configuram materiais informacionais e, portanto, uma pesquisa de caráter **documental**. Consoante a perspectiva de Bentes Pinto e Cavalcante (2015),

ressaltamos que o uso de documentos nos estudos permite ampliar o foco inicial de produções como livros e artigos, englobando outros suportes e formatos.

Além do arcabouço teórico da CI, a pesquisa analisou as temáticas estudadas também sob a ótica da Comunicação, da Biblioteconomia e dos Estudos Literários, por se tratar de campos que são correlatos à CI e com contribuições significativas para o referido estudo. No Quadro 2, é possível visualizar as autorias que subsidiaram os fundamentos teóricos da pesquisa. Neste, constam as principais temáticas discutidas no estudo e sua localização nas seções previamente apresentadas.

Quadro 2 – Fundamentação Teórica da Pesquisa: Temas, Subtemas e Autoria

Assunto Principal	Subtemas	Autorias
Teoria Queer	Gênero e Sexualidade	Beauvoir (2008); Brasil (2023); Bufrem; Nascimento (2012); Butler (2003); Castells (1999); Cortês <i>et al.</i> (2019); Diamond (2018); Foucault (1999); Haraway (2004); Jesus (2012); Louro (1997, 2004); Martins (2021); Miskolci (2011); Oliveira; Gomes; Costa (2020); Princípios de Yogyakarta (2007); Romeiro (2019); Santos (2020); Santos; Targino; Freire (2017); Scott (1995); Sedgwick (1990).
	Contexto Histórico do Movimento LGBTQIAPN+	Bufrem; Nascimento (2012) Cavalcanti; Pajeú; Bufrem (2022); Espindola (2015); Miguel (2021); Miskolci (2009, 2011); Passo; Lobo (2024); Quinalha (2021, 2022); Ribeiro (2011); Santos (2020); Santos; Targino; Freire (2017); Silva; Cordão (2021); Trevisan (2018); Vanin; Oliveira (2019).
	Literatura e Censura	Borges (2024); Burke (2002); Cavalcanti; Pajeú; Bufrem (2022); Chartier (1998); Malta; Flexor; Costa (2020); Darnton (1992, 1998); Octaviano; Rey; Silva (2000); Passo (2022); Passo; Cavalcante (2024); Petit (2010); Quinalha (2021, 2022); Sampaio (2021); Santos (2021); Silva (2012); Soares (2016).
Mediação	Mediação da Informação e Protagonismo Social	Almeida Júnior (2009, 2015); Almeida Júnior; Bortolin (2007); Araújo (2018); Assis; Santos (2022); Carvalho; Nascimento; Bezerra (2018); Farias (2015); Feitosa (2016, 2017); Gomes (2014, 2019, 2020); Marteleto; Couzinet (2013); Martins (2019); Nunes; Cavalcante (2017); Silva (2009); Silva; Santos Neto (2017).
	Mediação Cultural e Empoderamento	Berth (2019); Carvalho; Nascimento; Bezerra (2018); Coelho (1997); Crippa; Almeida (2011); Farias; Varela (2017); Feitosa (2016); Geertz (2008); Lima; Perrotti (2016); Mendonça; Feitosa; Dumont (2019); Moura (2011); Nunes; Cavalcante (2017); Perrotti; Pieruccini

		(2007); Santaella (1996); Santos (1996); Santos; Sousa; Almeida Júnior (2021); Sardenberg (2018); Silva; Santos Neto (2017).
	Mediação da Leitura e Apropriações Leitoras	Almeida Júnior (2009); Almeida Júnior; Bortolin (2007); Assis; Santos (2022); Cavalcante (2018); Cavalcante; Barreto; Sousa (2020); Cavalcante; Souza (2016); Certeau (2013); Chartier (1991, 1998); Dumont (2020); Farias; Varela (2017); Jouve (2002); Machado; Silveira (2020); Passo (2022); Petit (2010); Santos (2021).
Cultura da Convergência	Cultura Participativa e Cultura de Fãs	Acosta (2019); Canclini (2008); Castells (2003, 2008); Costa (2017); Dantas; Moura (2013); Fiske (1992); Gonzatti (2017); Jenkins (2009); Jenkins; Green; Ford (2015); Lavin (2019); Martino (2014); Moura (2011); Santaella; Lemos (2010); Shirky (2011); Silveira (2010); Thompson (1998).
	Adaptações, Intersecções e Representações <i>Queer</i> nas mídias	Akotirene (2019); Costa (2017); Crenshaw (2002); Fehrle (2019); Georgi (2015); Gonzatti (2017); Henn; Machado; Gonzatti (2019); Hutcheon (2013); Kies (2024); Louro (2008); Sanders (2016).

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Quanto aos objetivos geral e específicos, estabeleceu-se a combinação de pressupostos **descritivos e exploratórios**. A combinação de ambos, conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 188) tem como intuito descrever completamente determinado fenômeno “[...] para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas”. Para o primeiro tipo, Silveira e Córdova (2009) indicam que os estudos descritivos exigem do pesquisador um aprofundamento das informações acerca daquilo que se deseja pesquisar para que então sejam estabelecidas as relações entre as variáveis. Portanto, para explanar as temáticas abordadas, sobretudo as práticas mediacionais e de disseminação da informação promovidas pela cultura participativa, bem como compreender as características do objeto e público estudados, fez-se necessária a adoção da pesquisa descritiva.

Quanto ao caráter exploratório, Triviños (1987) esclarece que esses estudos possibilitam que o pesquisador amplie suas percepções acerca de uma problemática. Além disso, Köche (2011, p. 126) afirma que a principal característica deste tipo de pesquisa é “descrever ou caracterizar a natureza das variáveis que se quer conhecer”, isto é, explorar e mapear as características de temas desconhecidos ou pouco aprofundados no contexto científico. No âmbito desta pesquisa, definimos como a intenção de compreender a relação entre leitores e obras *queer*, assim como as motivações que levam esses textos literários a ganharem adaptações em outros meios para além da escrita.

5.2 Coleta e análise de dados

No que concerne ao procedimento da coleta de dados, utilizamos como instrumento a técnica da **entrevista**, tendo como sujeitos entrevistados os criadores de conteúdo do site “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil” – sendo estes também administradores de outros perfis nas redes sociais *online* X (antigo Twitter), *Instagram*, *Threads* e *Bluesky*, destinados à divulgação da obra de Casey McQuiston e do filme de mesmo nome. O uso da entrevista nos permitiu observar de forma detalhada as nuances que um questionário, sobretudo com o uso de perguntas fechadas, não conseguiria captar inicialmente, ou seja, opiniões, experiências, motivações e sentimentos dos entrevistados em relação às versões de *Vermelho, Branco e Sangue Azul*. Além disso, dispusemos da oportunidade de interpretar as respostas obtidas considerando elementos como a linguagem não verbal – expressões faciais, emoções, tom de voz, postura – e o contexto social, político e cultural dos participantes.

Logo, Triviños (1987) classifica os tipos de entrevistas em três, sendo elas: estruturada, livre, semiestruturada. Esta pesquisa optou por adotar a estruturada, visto que se espera conceber um roteiro fechado e permitir ao investigador obter as certezas que impulsionam a investigação, além de propiciar que a atenção do entrevistado não mude conforme o tema discutido. Marconi e Lakatos (2003, p. 197) argumentam que para este tipo de entrevista, é necessário a realização de um questionário bem elaborado e que seja aplicado “de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano.”

Em sintonia à técnica da entrevista estruturada, optamos também pelo uso do **questionário online** como segundo instrumento de pesquisa, com o intuito de coletar respostas dos seguidores da “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil” na rede social *online* X. Assim, foram formuladas questões mistas (fechadas e abertas) visando obter informações proporcionais, isto é, que pudessem resultar em respostas livres e, ao mesmo tempo, padronizadas. Gerhardt *et al.* (2009, p. 71) ressaltam que a utilização do questionário visa “levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas” e demais percepções do público participante.

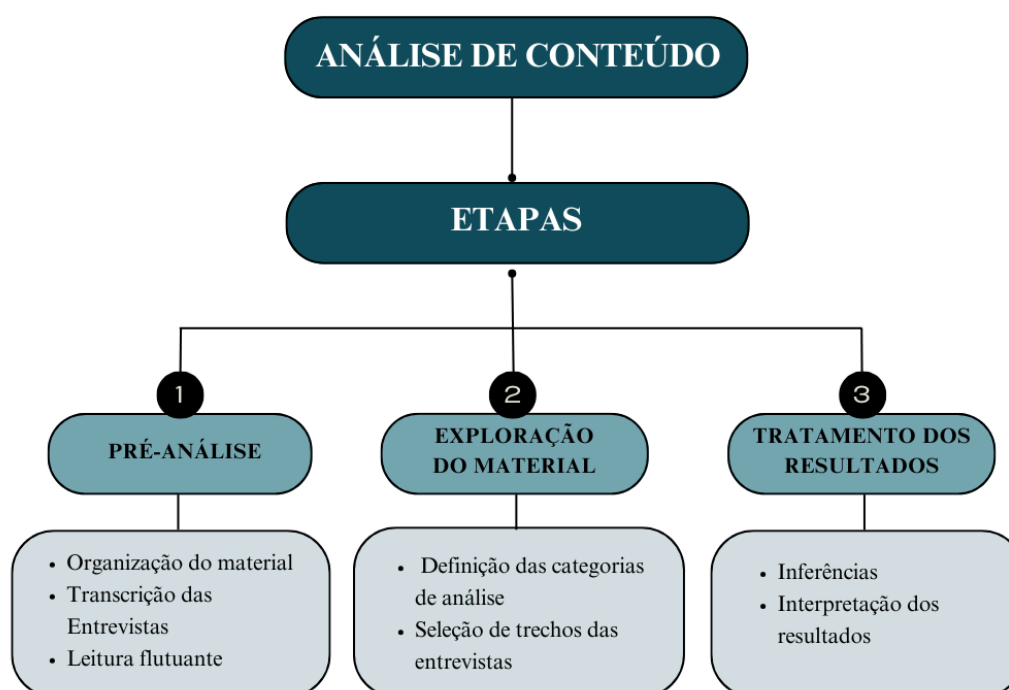
As perguntas para ambas as técnicas foram formuladas em consonância com a problemática definida na pesquisa, e o roteiro a ser seguido apresenta alguns questionamentos que se repetem entre os grupos – 1) Administradores do site/portal e 2) Seguidores da página –, bem como perguntas específicas para cada grupo de participantes. O roteiro com a listagem das perguntas pode ser encontrado nos Apêndices A e B da pesquisa.

No que se refere à análise das informações obtidas pelas entrevistas, optamos pelo método de **Análise de Conteúdo** proposto por Bardin (2011), uma vez que se debruça ao estudo das tradições, crenças, experiências, motivações, atitudes, valores, tendências e demais aspectos inerentes ao ser humano, bem como apresenta versatilidade ao se adaptar aos objetos estudados. Ao definir o método, a autora explana que este corresponde a

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a **inferência** (Bardin, 2011, p. 11, grifo nosso).

Sua utilização na pesquisa tem por finalidade averiguar as percepções dos entrevistados sobre as práticas mediacionais da cultura participativa e a relação dos leitores e fãs com o livro e o filme de *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, segundo as categorias temáticas determinadas. De acordo com Bardin (2011), esta técnica se divide em três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados da pesquisa, isto é, dos dados coletados. Desse modo, a figura abaixo demonstra as etapas da análise de conteúdo na realidade deste estudo conforme a coleta das respostas dos entrevistados.

Figura 13 - Descrição das etapas da análise de conteúdo



Fonte: Elaborado pela autora com base em Bardin (2011).

A etapa da pré-análise é crucial, pois se trata da fase de organização. Para a realidade desta pesquisa, corresponde aos processos de organização e transcrição das entrevistas realizadas, bem como da leitura flutuante, visando conhecer e se familiarizar com as respostas obtidas. Em seguida, partimos para a exploração do material. Bardin (2011, p. 146) explica que “a partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve procurar um sistema de categorias”, para que os dados coletados sejam representados e assim compreendidos.

No que tange às categorias de análise, estas foram definidas em consonância com o roteiro das perguntas, tendo sua formulação relativa aos aspectos da cultura de fãs (1, 2 e 4), bem como às práticas mediacionais da cultura participativa (3). Assim, conforme a compreensão do método proposto por Bardin (2011), o quadro abaixo apresenta as quatro categorias estabelecidas para esta pesquisa.

Quadro 3 - Categorias de Análise da pesquisa

Etapa 2: exploração do material - definição das categorias de análise
1) Caracterização do tipo de fã (produtor ou consumidor)
2) Experiência como fã no <i>fandom</i>
3) Práticas de mediação e da cultura participativa na internet
4) Percepções acerca da adaptação audiovisual da obra

Fonte: Elaborado pela autora com base em Bardin (2011).

Por fim, chegamos ao tratamento dos resultados obtidos, buscando estabelecer as relações entre os objetivos da pesquisa, as respostas dos entrevistados e os diálogos com o aporte teórico discutido *a priori* por meio das inferências da pesquisadora diante do que foi coletado. Consideramos que desta forma a pesquisa pode contribuir para a produção científica e de caráter sociocultural acerca da temática de representatividade e de literatura LGBTQIAPN+ no campo da CI.

5.3 Campo da pesquisa

Após definir os procedimentos metodológicos, partimos para o campo da pesquisa. No entanto, antes de defini-lo, foi necessário, em um primeiro instante, verificar quais mídias os fãs da obra *Vermelho, Branco e Sangue Azul* estão inseridos.

Apesar de o *fandom* possuir uma plataforma ou mídia específica e própria para o compartilhamento de ideias como *websites*, blogs e fóruns – ressaltamos o *site*⁴⁴ lançado no dia 24 de agosto de 2024, durante o desenvolvimento desta pesquisa –, observamos que boa parte dos indivíduos continuam atuando ativamente nas redes sociais *Instagram*, *X*, *Threads* e *Bluesky*, dando destaque para a primeira e para a segunda devido à ampliação das comunidades leitoras, o surgimento de influenciadores como os *Booktokers*⁴⁵ e a criação de páginas destinadas a divulgar conteúdos feitos de fãs para fãs.

Desse modo, inicialmente, definimos a rede social *online X* como ambiente mais propício para a investigação, tendo em vista a flexibilidade da plataforma, bem como o número de páginas destinadas à divulgação do livro de Casey McQuiston e o filme inspirado na obra. Embora apresente alcance global e fácil diálogo com o público jovem, o aplicativo de compartilhamento de vídeos, conhecido como TikTok, possui ferramentas limitantes, como a publicação exclusiva de vídeos e fotos, diferente do X que permite aos seus usuários publicar textos no formato de posts – anteriormente chamados de *tweets*. No que concerne a perspectiva brasileira, foram identificados alguns canais de divulgação de conteúdo na plataforma X, elencados na figura a seguir:

Figura 14 - Perfis localizados no X (antigo Twitter)



Fonte: Elaborado pela autora com base em capturas de tela do X/Twitter (2024).

⁴⁴ Idealizado pela equipe responsável por administrar o perfil “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil” na rede social X, trata-se do primeiro site dedicado ao livro e ao filme. Disponível em: <https://vbsabrazil.com.br/>. Acesso em: 25 ago. 2024.

⁴⁵ Expressão usada para descrever influenciadores digitais que trabalham com criação e disseminação de conteúdo na internet destinado à comunidade leitora na rede social de vídeos, TikTok. A palavra “booktoker” é a junção de livro em inglês com o sufixo “toker” derivado do nome da referida rede social.

Com exceção do perfil “Red, White & Royal Blue on Prime”, que é a página oficial e internacional criada pelo serviço de *streaming* da *Amazon Prime Video*, todas as outras opções listadas são brasileiras e destinadas à divulgação de conteúdos relacionados ao livro e ao filme que são objetos de estudo desta pesquisa. Além disso, a página da Editora Seguinte está presente na lista devido ao fato de ser a editora responsável pela obra no Brasil, bem como por publicar, com certa frequência, postagens sobre o livro, o filme e os outros trabalhos de Casey McQuiston, também traduzidos pelo selo editorial.

Para a realização desta pesquisa, delimitamos como foco o perfil intitulado “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil”, um portal oficial com curadoria feita por fãs. Além da página no X, é possível encontrá-los no *TikTok*, *Instagram* e *Threads*, porém com menor constância das postagens se comparada com a primeira rede social citada. O perfil foi criado em fevereiro de 2022 e desde então segue atuando na disseminação de conteúdos sobre o livro, a pessoa autora, o filme e o elenco da adaptação.

Figura 15 - Página “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil” no X (antigo Twitter)



Fonte: X (2025). Captura de tela realizada no dia 26/03/2025.

Com a suspensão⁴⁶ da rede social digital no Brasil no dia 30 de agosto de 2024 – na época com previsão de retorno por tempo indeterminado –, optamos por adaptar o campo da pesquisa para o website intitulado “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil”. Todavia, pouco tempo depois, a rede social *online* X voltou a ativa após cumprir as condições estabelecidas pela legislação brasileira, mais precisamente no dia 8 de outubro de 2024, o que nos permitiu manter o foco original sem comprometimento do estudo.

Figura 16 - Página inicial do *website* “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil”



Fonte: <https://vbsabrasil.com.br/>. Captura de tela realizada no dia 10/09/2024.

A figura 16 corresponde a página inicial do *website* brasileiro dedicado a VBSA, onde podemos encontrar informações sobre o livro e filme homônimo, elenco da adaptação, entrevistas, homenagens, sobre o portal e os meios de contatá-los. Apesar de termos escolhido seguir com a página no X, consideramos pertinente apresentar nesta seção o trabalho desenvolvido pela equipe para além dos perfis nas redes sociais *online*, posto que o *site* é uma extensão das atividades desempenhadas.

⁴⁶ Durante o desenvolvimento desta pesquisa, a rede social ficou suspensa e bloqueada para uso no Brasil por 39 dias devido à decisão judicial do Supremo Tribunal Federal (STF) por ordem do ministro Alexandre de Moraes. O motivo do impedimento decorreu do descumprimento do atual dono, Elon Musk, das solicitações feitas pelo ministro conforme a legislação brasileira, isto é, ter um representante legal para a plataforma no país.

5.4 Universo da pesquisa

Em relação ao universo da pesquisa, os participantes foram divididos em dois grupos: os administradores do site e da rede social digital *X* e uma amostra de seguidores da página no *X* que são fãs da obra, pessoas estas envolvidas no processo de criação e consumo de publicações sobre VBSA na internet. No que se refere ao número de entrevistados, corroboramos com a visão de Fischer (2004, p. 4) ao declarar que na amostragem de uma pesquisa, “[...] mais importante do que a quantidade de sujeitos é a validade, extensão e qualidade dos testemunhos que se pretende obter”, logo, é necessário estabelecer critérios para a seleção. Desse modo, tivemos como intuito dividir a coleta de dados a partir dos dois grupos mencionados anteriormente, buscando obter as percepções tanto daqueles que produzem os conteúdos na plataforma como também aqueles que interagem com as publicações e fazem parte do *fandom*.

Para as entrevistas, entramos em contato previamente com os administradores da VBSA Brasil por e-mail no dia 23 de janeiro de 2025 solicitando a participação, bem como pedimos a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), presente no Apêndice C, visando atestar o comprometimento em manter os dados coletados apenas para fins de pesquisa e as informações pessoais em sigilo. Devido à localização geográfica da autora e dos participantes, ou seja, por não residirem na mesma cidade, optamos pela realização das entrevistas via chamada de vídeo na plataforma Google Meet e por áudios via WhatsApp, conduzidas nos meses de janeiro e fevereiro.

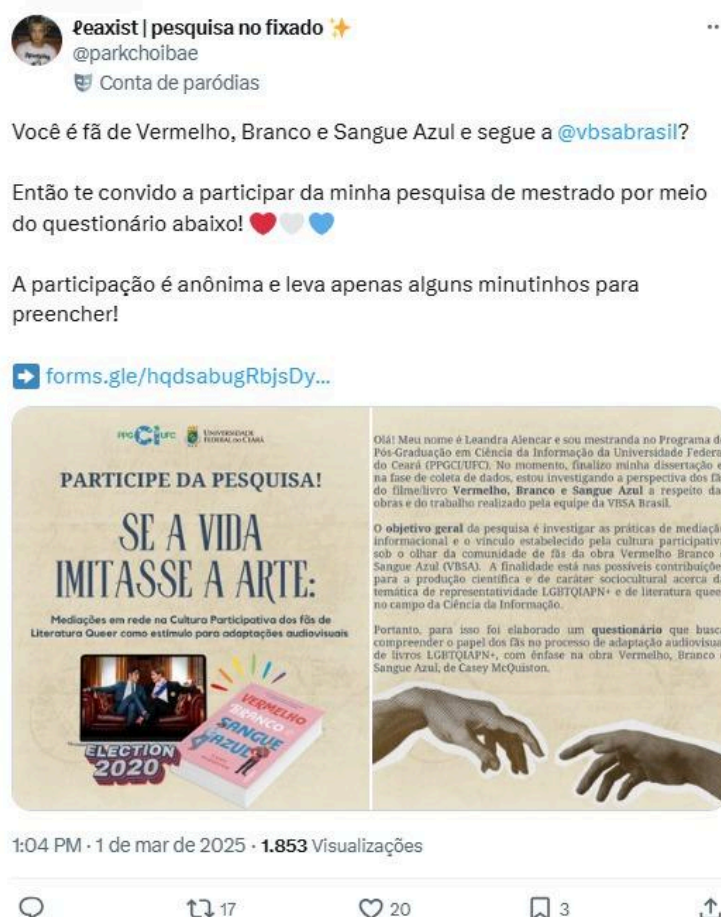
A motivação para entrevistá-los teve sua origem no nosso interesse em compreender a perspectiva dos fãs produtores de conteúdo a respeito das atividades desempenhadas no seu dia a dia enquanto responsáveis por portais dedicados a produtos culturais como livros, filmes, séries e demais produções. No que se refere aos seguidores, buscamos coletar suas percepções com o propósito de assimilar a relação entre consumo, apropriação e ressignificação, temas caros a esta dissertação.

Em relação ao questionário, o pré-teste foi aplicado nos dias 15 e 16 de fevereiro de 2025 com foco no WhatsApp, publicado na ferramenta de Atualizações/Status do aplicativo e enviado para alguns contatos, com intuito de verificar possíveis problemas ou inconsistências. Lakatos e Marconi (2003) afirmam que antes da aplicação e circulação de um questionário é necessário que este seja testado com uma amostra reduzida, mas que apresente características similares ao público que irá responder à versão final após as observações e ajustes. O pré-teste recebeu seis respostas, além de comentários de seus participantes separados do formulário,

que deixaram sugestões de como a estrutura das perguntas poderia ser modificada de forma mais coesa e objetiva.

Após alterações com base nos resultados do pré-teste, o questionário foi disponibilizado na internet, no perfil pessoal da autora deste trabalho na rede social X, no dia 19 de fevereiro de 2025 e permaneceu aberto até o dia 10 de março de 2025. No entanto, no dia 1º de março foi realizada uma segunda postagem mais elaborada, acompanhada de elementos visuais e explicativos para chamar a atenção do público-alvo, o que ajudou no aumento da coleta de respostas. Ambas as publicações obtiveram o engajamento de vários seguidores, incluindo da página VBSA Brasil, que fez a divulgação conjunta no perfil oficial na rede social X. Ao todo, foram coletadas 52 respostas, as quais discutiremos na seção seis da dissertação mediante gráficos, tabelas, quadros e inferências.

Figura 17 - Post de divulgação da pesquisa



Fonte: X (2025). Captura de tela realizada no dia 26/03/2025.

Dessa forma, advém na próxima seção analisar a relação dos administradores da página, e dos seguidores que responderam ao questionário, com ambas as versões de

Vermelho, Branco e Sangue Azul, sobretudo a identificação das práticas mediacionais dos fãs na rede social X. No entanto, no primeiro momento da análise, discutiremos sobre a história do livro, o relacionamento dos protagonistas, a trajetória até a sua adaptação lançada em 2023, sua popularização, as indicações e o reconhecimento do filme em importantes premiações e na internet, bem como a confirmação da sequência.

6 APOSTO QUE PODERÍAMOS FAZER HISTÓRIA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A vocês, especificamente, digo: eu vejo vocês. Eu sou um de vocês. Enquanto eu tiver um lugar nesta Casa Branca, vocês também terão. Eu sou o primeiro-filho dos Estados Unidos, e sou bissexual. A história vai se lembrar de nós.

(McQuiston, 2019, p. 244).

Esta seção contempla os resultados e discussões dos dados coletados após a condução das entrevistas realizadas com os administradores do site/portal “Vermelho, Branco e Sangue Azul Brasil”, bem como da aplicação do questionário *online* com uma amostra dos seguidores da referida página na rede social *online* X (antigo Twitter). No entanto, antes de apresentar as inferências e relações entre as respostas fornecidas pelos participantes da pesquisa e a fundamentação teórica abordada em seções anteriores, ressaltamos que a estrutura da análise foi dividida em duas subseções, visando compreender o objeto de estudo escolhido com devido aprofundamento, para em seguida articular conexões entre a obra (livro e filme) com as informações obtidas, a fim de garantir coerência com os objetivos do estudo.

Sendo assim, a primeira subseção corresponde à apresentação de *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, livro de Casey McQuiston, e os caminhos que levaram a sua adaptação fílmica em 2023, além dos processos para a confirmação de uma sequência. Destarte, a segunda compreende à análise dos dados coletados. Para tanto, ela foi subdividida em duas partes. A primeira é dedicada à etapa das entrevistas, as quais, após os processos de transcrição e leitura flutuante, os relatos dos participantes foram organizados e debatidos com a finalidade de identificar padrões, significados, preferências e estilos semelhantes. A segunda parte contempla os resultados obtidos por meio do questionário *online*, disponibilizado no perfil pessoal da autora desta pesquisa na rede social *online* X.

6.1 Das páginas para as telas: as facetas de *Vermelho, Branco e Sangue Azul*

Na abertura dos agradecimentos de seu livro de estreia, Casey McQuiston relata que tudo começou em 2016, mas foi apenas em maio de 2019 que os Estados Unidos e o restante do mundo conheceu *Vermelho, Branco e Sangue Azul* (VBSA) – do original “Red, White & Royal Blue: A Novel” – pela primeira vez. Como reflexo de seu impacto, a obra entrou para a lista de *best-sellers* do *New York Times* em junho de 2019 (Kies, 2024).

Inicialmente publicado pela *St. Martin's Press*, um dos selos que pertence à casa editorial britânica *Macmillan Publishers*, e meses mais tarde no mesmo ano no Brasil pela Editora Seguinte – selo jovem da Companhia das Letras –, *VB SA* é um romance contemporâneo e LGBTQIA+ que coloca o leitor num cenário conhecido, isto é, as eleições dos EUA; no entanto, para além do contexto político estadunidense apresentado na obra ficcional, vemos aflorar o relacionamento entre duas figuras públicas e os desdobramentos desta relação.

Narrado em terceira pessoa, o livro acompanha a história pelo ponto de vista do protagonista Alex Claremont-Diaz, um jovem norte-americano, birracial de vinte e um anos e filho do Senador da Califórnia, Oscar Diaz, e da primeira mulher eleita como presidente dos Estados Unidos, Ellen Claremont. Apesar de ser filho de pais divorciados, Alex cresceu cercado por política de ambos os lados, o que o faz aspirar seguir os passos de seus genitores, diferente de sua irmã mais velha, June. Junto a sua irmã e sua melhor amiga Nora, neta do vice-presidente, eles formam o Trio da Casa Branca e são celebridades queridas pela mídia. Paralelo ao desenvolvimento da vida política da mãe de Alex e da sua rotina como primeiro-filho e estudante de Políticas Públicas, descobrimos em determinado momento da obra que ele não possui uma boa relação com o príncipe da Inglaterra, Henry George Edward James Fox-Mountchristen-Windsor de Gales, por quem parece nutrir um sentimento que ele declara como “ódio” até então mútuo.

Contudo, após ser convidado para o casamento do príncipe Philip, o irmão mais velho de Henry e Beatrice, e destruir o bolo da celebração como resultado de uma discussão acalorada entre ele e o príncipe Henry, ambos são obrigados a desenvolver, ou ao menos fingir em um primeiro instante, uma relação amigável e cordial perante a imprensa de seus países e aos olhos do mundo inteiro. Isso acontece devido aos comentários dos portais de notícias, que dão início a uma série de publicações questionando a possível instabilidade na relação entre a Casa Branca e o Palácio de Buckingham.

Desse modo, com a ajuda de representantes das relações-públicas dos dois lados, Alex e Henry se veem obrigados a explicar que tudo não passou de um mal-entendido e que são amigos de longa data, dando início a vários encontros públicos para mostrar às pessoas que está tudo bem entre eles. Nesse meio tempo, enquanto começam a frequentar eventos juntos e passar mais tempo na companhia um do outro, seja fisicamente ou por mensagem e trocas de e-mails, acompanhamos o desenrolar da relação deles, que começam a se conhecer de verdade e a nutrir sentimentos românticos. No entanto, somente meses depois, na festa de Ano Novo organizada por Alex na Casa Branca, que algo inacreditável – na perspectiva de

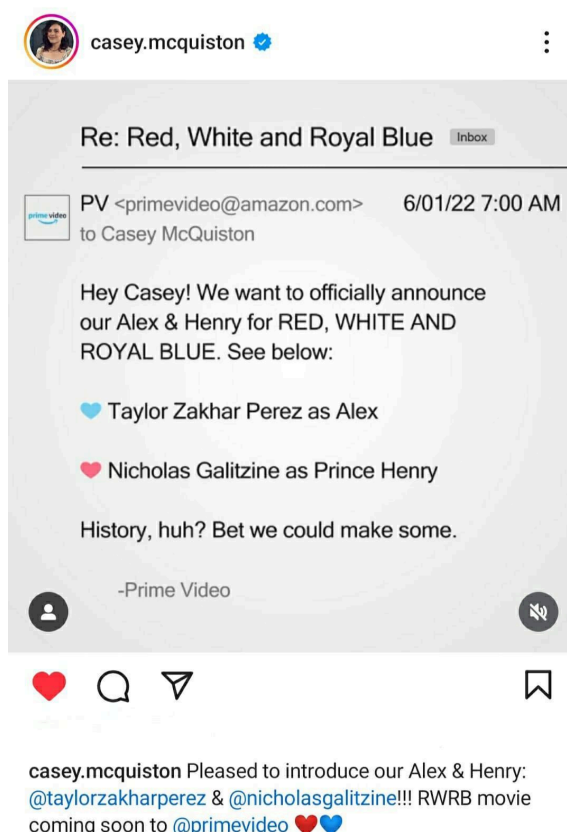
Henry por ser um homem e príncipe e na de Alex por não imaginar ser possível – acontece: eles se beijam e então tudo muda.

Entretanto, dar início a um relacionamento romântico não poderia ser mais arriscado. Sendo duas figuras de extrema relevância no cenário político internacional, Alex e Henry se encontram numa situação delicada: para Alex, sua mãe está no meio de uma campanha eleitoral buscando a recandidatura para a presidência nas eleições de 2020; Henry, por outro lado, foi criado por uma família rigorosa, e por ser príncipe da monarquia mais famosa do mundo não pode “se dar ao luxo” de viver como gostaria e nem de amar quem quisesse. Porém, mesmo com os desafios, a relação vai se desenvolvendo. É graças aos sentimentos que passa a ter por Henry, e pelos e-mails trocados com ele com trechos de escritos e curiosidades sobre relacionamentos LGBTQIAPN+ da história da humanidade, que Alex começa a fazer vários questionamentos sobre si – como se descobrir bissexual – e sobre seu papel na política, principalmente o que pode fazer para ajudar milhares de pessoas sendo filho de quem é.

Alex sempre conheceu a história gay americana — afinal, a política de seus pais foi parte dela —, mas foi só quando se descobriu que começou a se envolver nela como Henry. Ele está começando a entender o que palpitou em seu peito na primeira vez em que leu sobre Stonewall, por que se emocionou com a decisão do Supremo de legalizar o casamento entre pessoas do mesmo gênero em 2015. Ele começa a correr atrás do atraso em seu tempo livre: Walt Whitman, as leis de Illinois de 1961 que descriminalizaram a atividade homossexual, as revoltas deflagradas pelo assassinato do ativista Harvey Milk, *Paris is Burning*. Ele afixou uma foto sobre a mesa no trabalho, um homem num protesto nos anos 1980 com uma jaqueta que diz SE EU MORRER DE AIDS — NÃO ME ENTERREM — SÓ LARGUEM MEU CORPO NA ESCADARIA DO MINISTÉRIO DA SAÚDE (McQuiston, 2019, p. 154-155).

O livro possui características da fórmula tradicional de boas comédias românticas, como a relação “amor e ódio” entre os protagonistas, as situações engraçadas, a tensão romântica e sexual e um final satisfatório e feliz, no entanto, sob uma perspectiva que não é heteronormativa, pois Alex é bissexual e Henry é gay. Contudo, por ser tão cativante e discorrer sobre temas como autodescoberta, representatividade *queer* e birracial, o livro de estreia de Casey McQuiston teve o seu sucesso imediato impulsionado nas redes sociais *online*, sobretudo no *TikTok*. Sendo uma das obras mais bem sucedidas atualmente entre o público jovem, em especial, adolescentes e adultos, não demorou para que o best-seller fosse reconhecido fora das páginas do livro e dos perfis de fãs na internet, repercutindo inclusive em rumores e especulações a respeito de uma adaptação para filme, o que logo se concretizou. Em junho de 2022 a *Prime Video*, serviço de streaming da Amazon, anunciou que a adaptação do livro seria lançada por eles e que estava em processo de produção.

Figura 18 - Anúncio do filme *Vermelho, Branco e Sangue Azul*



Fonte: *Instagram* (2022). Captura de tela realizada no dia 30/07/2024.

A publicação acima foi feita em conjunto no perfil de Casey McQuiston, usando um vídeo com um *template* muito semelhante a um e-mail fazendo referência aos e-mails trocados pelos protagonistas no livro. Nesta, foram revelados os atores que dariam vida aos personagens principais: Taylor Zakhar Perez encarregado por ser o Alex e Nicholas Galitzine como príncipe Henry, dois nomes novos e com poucos trabalhos no currículo.

No decorrer dos meses de 2022, os fãs tiveram poucas notícias relacionadas ao filme, apenas imagens vazadas das filmagens e alguns vídeos oficiais dos protagonistas com Casey no *set*. Porém, no dia 3 de julho de 2023, a *Prime Video* divulgou o primeiro *teaser* da adaptação, apresentando uma prévia do que estava por vir com uma cena mostrando a relação antagônica entre Alex e Henry. Logo após, no dia 6 de julho o trailer foi publicado no canal oficial no YouTube e nos perfis nas redes sociais da *Prime Video*.

Lançado no dia 11 de agosto de 2023, o filme foi um sucesso instantâneo; conquistou o topo da lista de mais assistidos da plataforma em diversos países e permaneceu nessa posição por várias semanas. Apesar de ter estreado num período complicado em Hollywood – afinal de contas, a indústria estava passando por uma greve de reivindicação de direitos para as categorias artísticas do audiovisual lideradas pelo *Writers Guild of America* (WGA) – o

sindicato de roteiristas dos Estados Unidos, em português – e pelo *Screen Actors Guild-American Federation of Television and Radio Artists* (SAG-AFTRA), o sindicato norte-americano de atores, e por apoiar a paralisação, membros da equipe de produção e o elenco de *Vermelho, Branco e Sangue Azul* não pode promover o filme –, a divulgação foi intensa por parte da Amazon, com publicações constantes nas redes sociais *online* e exibições locais mesmo sendo um filme de um serviço de *streaming*.

Diante do seu impacto e logo após o fim da greve, os atores puderam falar sobre o projeto, publicando imagens da época das gravações do filme e interagindo com os fãs, o que aumentou ainda mais sua popularidade. Assim, no dia 10 de maio de 2024, durante um evento na Califórnia da *Prime Video* intitulado *For Your Consideration* (FYC) houve a exibição do longa-metragem com a presença do diretor, elenco e Casey McQuiston. Depois de muita repercussão na internet pelos fãs e portais de notícias, o diretor Matthew López confirmou a sequência, que atualmente está em processo de produção e desenvolvimento de roteiro. Em seguida, a própria *Prime Video*, através dos seus perfis nas redes sociais *online*, publicou sobre a continuação com uma imagem marcante: um bolo de casamento destruído, simbolizando como tudo começou entre Alex e Henry.

Figura 19 - Anúncio da sequência do filme *Vermelho, Branco e Sangue Azul*



Fonte: *Prime Video* Brasil (2024). Captura de tela realizada no dia 29/07/2024.

Em virtude da popularidade literária e fílmica de *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, bem como do surgimento de notícias como a tão aguardada confirmação de sua sequência pelos fãs, além da indicação do filme em diversas premiações norte-americanas, podendo citar o prestigiado *Emmy Award*, e a vitória dupla nas categorias “*GLAAD Media Queer Fan Favorite Award*” e “*GLAAD Media Award for Outstanding TV Movie*” no *GLAAD Media Award* de 2024 – premiação dedicada a representatividade LGBTQIAPN+ no âmbito audiovisual –, é possível observar o seu sucesso em ambos os formatos, assim como destacar a aceitação do filme por um grande público.

Por conseguinte, após apresentar ambas as variações de *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, partimos para os resultados coletados a partir das entrevistas e questionário *online* seguindo os grupos de participantes **1) Administradores do site/portal** e **2) Seguidores da página**, conforme estabelecido previamente na seção de metodologia.

6.2 Análise à luz das entrevistas e do questionário

Dando início às discussões da subseção designada a análise das respostas obtidas com a utilização dos instrumentos de coleta, e consoante aos objetivos específicos da pesquisa, apresentamos a percepção dos fãs de *Vermelho, Branco e Sangue Azul* a respeito das práticas mediadoras e participativas no contexto digital e a relação destes com ambas as versões da obra – livro e filme homônimo – a partir dos relatos obtidos.

Desse modo, os blocos temáticos das entrevistas foram estruturados conforme as categorias estabelecidas na seção metodológica da pesquisa, com exceção da primeira categoria, isto é, a **Categorização do tipo de fã (produtor ou consumidor)**, pois esta foi observada na divisão dos dois grupos de participantes do estudo. Logo, os administradores do site/portal correspondem ao grupo produtor, embora também consumam conteúdos relacionados ao filme e ao livro, além do material original, como fãs, enquanto os seguidores atuam como consumidores. No entanto, diferente do segundo grupo, os administradores do portal estão mais envolvidos com os processos de curadoria, criação e disseminação da informação, assumindo a função de mediadores, como discutimos a partir dos seus relatos.

Para tornar a apresentação mais compreensível e objetiva, dividimos os depoimentos dos fãs conforme as suas funções no *fandom*. No que concerne à ilustração dos dados, utilizamos recursos como gráficos, quadros e tabelas. Por fim, ressaltamos que, com a finalidade de manter anônima a identificação dos participantes, utilizamos na primeira

subseção o termo “Entrevistada/Entrevistado” e na segunda o termo “Participante” seguido do número identificador com a ordem em que as pessoas responderam, respectivamente.

A seguir evidenciamos os relatos dos integrantes do portal “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil” e o cruzamento dos seus depoimentos com as autorias que fundamentaram as seções teóricas previamente debatidas.

6.2.1 *Administradores do site/portal*

Esta subseção corresponde a análise do primeiro instrumento de coleta utilizado, a entrevista estruturada. O roteiro das perguntas (Apêndice A) foi desenvolvido consoante à lógica dos assuntos abordados no estudo, dividindo as questões em blocos nomeados a partir das categorias temáticas formuladas na seção metodológica da pesquisa, a saber:

- Experiência como fã no *fandom*;
- Práticas de mediação e da cultura participativa na internet;
- Percepções acerca da adaptação audiovisual da obra.

Como mencionado, a primeira categoria, **Caracterização do tipo de fã (produtor ou consumidor)**, não foi contemplada nas questões, visto que o processo para sua identificação foi anterior à condução das entrevistas. Desse modo, o grupo que participou desta etapa foi os administradores do *website/portal* “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil”, também responsáveis pelos perfis nas redes sociais *online* de mesmo nome. As entrevistas foram realizadas entre os dias 31 de janeiro e 24 de fevereiro de 2025, conforme a disponibilidade dos membros da equipe.

Sendo assim, atualmente a página conta com oito administradores – sendo sete mulheres cis e um homem cis –, amostra inicial da pesquisa. Vale mencionar que o número de participantes foi além do esperado, pois tínhamos como referência a percepção pessoal de que páginas organizadas por fãs não costumam apresentar tantos integrantes gerenciando os conteúdos publicados. Em um primeiro momento, todos os membros da equipe aceitaram participar da pesquisa, contudo, por motivos pessoais, uma das administradoras do portal precisou recusar sua participação, e por isso prosseguimos com a amostra de sete pessoas.

A maioria dos depoimentos foi obtida em conversas no aplicativo de mensagens WhatsApp via áudios, pois com as atribuições cotidianas, a maior parte dos entrevistados não conseguiu encontrar um horário adequado para as chamadas de vídeo via plataforma *Google*

Meet, além de não se sentirem confortáveis com essa opção. No entanto, duas pessoas aceitaram realizar a videochamada, gravadas com ambos os consentimentos. O conteúdo das entrevistas foi transcrito e analisado por diversas vezes, o que nos permitiu selecionar trechos específicos que serão abordados ao longo desta subseção.

Portanto, o primeiro bloco de perguntas compreendeu a categoria **Experiência como fã no fandom**, tendo como propósito reunir percepções a respeito da relação dos entrevistados com o livro *Vermelho, Branco e Sangue Azul* e as motivações para ingressar como administradores do portal e perfis nas redes sociais *online*, bem como publicar conteúdos relacionados à obra literária e o filme homônimo na internet. Partindo do princípio, a primeira pergunta teve como finalidade saber como/quando os integrantes conheceram o livro e se tornaram fãs da obra. Desse modo, observamos através dos relatos que os entrevistados tiveram experiências distintas. Para ilustrar, selecionamos dois depoimentos para fundamentar nossos comentários.

Eu conheci o livro em 2021, após assistir uma série que me despertou muito interesse e eu comecei a pesquisar coisas que fossem parecidas e a internet dizia muito Vermelho, Branco e Sangue Azul. Eu não era uma pessoa que lia, eu nunca tive o costume de ler; nunca consegui ler. Vermelho, Branco e Sangue Azul foi o primeiro livro que eu li, que despertou uma paixão enorme. E foi em julho de 2021 que eu li a obra. E foi basicamente dessa maneira que eu me tornei fã. Depois que eu li, eu fiquei completamente obcecada, e eu quis saber tudo e ir atrás de tudo, e não tinha... tinha muita pouca informação ainda naquela época. Tanto sobre o livro, tinha literalmente somente o livro, tinha as fanarts, e uma informação que ia ter uma adaptação. Inclusive eu descobri a adaptação no dia que eu acabei o livro. E no momento que eu acabei, eu fui pesquisar no Google sobre ele, pra ver se eu achava alguma informação, e eu descobri que ia ter uma adaptação, pela Amazon Studios. E eu lembro que eu liguei pra minha irmã e comecei a literalmente pular no meio do quarto, de felicidade que ia ter algo a mais, assim, sobre o livro (Entrevistada 6).

Bom, eu tive dois conhecimentos da obra, que uma foi quando teve a pré, começou a ter a pré-venda, né? Acho que era pré-venda ou venda, eu vi passando na tl [timeline] do Twitter, né? Pela própria editora, que é distribuidora no Brasil, e poucas semanas depois um amigo meu me indicou o livro. Ele falou sobre o livro, e aí eu fui falando, nossa, eu vi tudo e tal, e ele me indicou. Nisso que ele me indicou, tinha acabado, acho, que de liberar as vendas do livro e etc., porque ainda estava até com um brinde, tanto que eu tenho até hoje o brindezinho que foi da pré-venda, e foi quando eu comprei, né? Comprei, li, me apaixonei, amei. Dali pra frente foi só história, literalmente (Entrevistado 7).

Constatamos por meio dos depoimentos que os caminhos que levaram cada um dos entrevistados até a obra foram motivados por vias diferentes, às quais citamos: a indicação de amigos, o interesse por histórias LGBTQIAPN+, as publicações e comentários de terceiros a respeito do livro nas redes sociais, e a escrita de um trabalho de conclusão sobre saúde trans e a busca por literatura representativa como foi o caso da Entrevistada 3. Já para alguns dos

respondentes, como a Entrevistada 6, *Vermelho, Branco e Sangue Azul* foi o seu primeiro contato com literatura *queer* – embora não tenha sido o único produto cultural LGBTQIAPN+ consumido, pois no seu relato há a informação de que ela tinha assistido uma série televisiva – que lhe cativou desde o princípio e influenciou sua decisão em procurar cada vez mais informações acerca da história. De toda forma, todos os integrantes da equipe destacaram a conexão emocional com a obra e os personagens, aspecto fundamental para o desenvolvimento dos passos iniciais que levam a cultura participativa, afinal, a identificação é um dos elementos supracitados não só nas entrevistas como posteriormente nas respostas coletadas com a aplicação do questionário destinado aos seguidores.

Em seguida, com a intenção de descobrir o nível de envolvimento dos entrevistados com a obra, etapa preliminar para entender as motivações que os levaram a publicar conteúdos na internet, perguntamos sobre a importância do livro para cada um, o que resultou em depoimentos muito emotivos, dos quais destacamos dois a seguir.

Então, é muito, muito difícil explicar, mas tentando colocar sentimento nas minhas palavras, é mais do que um romance entre o Alex e o Henry, ele é sobre identidade, sobre aceitação, sobre quebrar paradigmas, sobre... a gente está falando sobre uma família que está na presidência e outra que está ali naquele contexto de realeza, né? E eu achei incrível, incrível demais. A coragem de existir plenamente, enfrentando essas dificuldades, essa pressão social, ainda mais nesse tipo de ambiente que a gente sabe, que é... assim, um pouco a gente sabe, claro, a gente nunca vai experimentar isso como é estar lá na realeza e passar por isso, eu não tenho absolutamente nenhuma ideia. Mas a gente imagina, né, quão difícil é pra esse tipo de ambiente e é o que a gente fica curioso, assim, né? Pelo menos eu tenho uma mente muito criativa, então eu sempre fico tipo, ah, como que deve ser pra fulano, enfim. Ele mostra que amor e política não precisam ser termos isolados, as nossas histórias pessoais também são histórias que moldam o mundo, né? O Alex, meu Deus, o Alex, sou completamente apaixonada por esse personagem! Tem algo muito, muito, muito poderoso em ler sobre um personagem que não tem todas as respostas, que erra, que tem uma paixão insana, maluca e dá vontade, dá vontade de ser assim também, sabe? Pelo menos comigo é assim. E você aprende e luta pelo que acredita, é difícil no começo ser vulnerável, ainda mais naquele contexto, não tem como não se apaixonar, sabe? E vê um romance queer retratado, com tanta leveza, com personagens... eu fiz uma tatuagem de uma cena que passou um segundo no filme, no caso. Tem tanta leveza, tem profundidade ao mesmo tempo e eu acho que isso é raro. E ele veio no momento que se você pensar bem, foi perfeito. O timing fez a diferença, eu acho (Entrevistada 3).

A importância que tem pra mim, no meu ponto de vista, eu tava em um momento complicado, passando por um momento complicado, assim, na minha vida mesmo. E eu não lia, como eu te falei, então eu tava bem perdida, assim, sabe? Em tudo. Eu não tinha algo que me ajudasse em momentos que eu precisava de algo pra aliviar a mente ou algo assim, sabe? E Vermelho, Branco e Sangue Azul foi a minha primeira experiência dessa forma, foi o meu primeiro livro. Então, ele me ajudou muito nesse momento onde ele trouxe uma clareza e onde eu percebi que tinha um outro mundo que eu podia explorar com sentimentos diferentes (Entrevistada 6).

As entrevistadas relataram que a história, no seu ponto de vista, superou a categoria de romance, pois para além do envolvimento romântico dos protagonistas, o livro trouxe discussões profundas a respeito da aceitação, identidade, visibilidade *queer*, ruptura de paradigmas, enfrentamento de preconceitos e o fortalecimento do protagonismo LGBTQIAPN+ nas narrativas literárias, também surtindo como uma válvula de escape. A Entrevistada 3, por exemplo, enfatizou a importância que a obra teve para ela a ponto de inspirá-la a fazer uma tatuagem como uma homenagem e para reforçar como essa história e seus personagens mudaram sua vida. Em conformidade, a Entrevistada 6 revelou que o livro proporcionou acolhimento em um período difícil, sendo, ao mesmo tempo, sua primeira leitura LGBTQIAPN+, e, portanto, algo significativo e memorável.

Os demais depoimentos também reforçaram o caráter transformador da história, que os ajudou a entender sobre política, autodescoberta e o interesse por outros livros, além de propiciar conexão emocional e pessoal com outras pessoas. Nesse entendimento, Petit (2010, p. 93) reforça que a leitura e a literatura libertam, emancipam, e “ajuda[m] a dar forma aos lugares onde viver, a se lançar e abrir caminhos.”

Por conseguinte, em conformidade as ideias apresentadas, destacamos as palavras de Assis e Santos (2022, p. 113) que, ao debaterem sobre as características da leitura, argumentam o seguinte: “A emoção, a identificação e os questionamentos fazem parte do processo [de leitura] e colaboram para a formação crítica e autônoma do leitor e ressignificam esse sujeito durante a ação.” Portanto, é comum encontrarmos em relatos semelhantes aos descritos mais acima falas que indiquem a leitura como uma experiência emotiva, prazerosa, questionadora, transformadora e esclarecedora.

A terceira questão teve como propósito saber a respeito das motivações para publicar conteúdos relacionados à obra na internet, na qual tivemos a oportunidade de entender os caminhos que levaram a formação da equipe que foi crescendo aos poucos, algo que também foi observado na pergunta posterior. Como descobrimos ao longo dos depoimentos, a Entrevistada 6 foi a responsável pela criação do perfil no X e nas outras redes sociais *online*, mas o *website* foi planejado pela integrante que não pôde participar das entrevistas com o apoio dos demais membros.

Sendo assim, pouco a pouco os atuais e ex-administradores foram ingressando na equipe por convites, como relata a Entrevistada 5: “*Na verdade, foi um convite da [Entrevistada 6]. Ela que teve a ideia de criar a página e nós já éramos muito amigas, muito próximas, porque a gente já tinha uma outra página de um outro artista. E aí, como ela sabia*

que eu tinha conhecimento na área, ela me chamou para fazer parte e eu entrei.” Além deste, selecionamos mais dois relatos para fundamentar nossas considerações.

Eu não sei fazer nada pela metade, eu sou uma pessoa muito intensa, então tudo que eu faço, eu faço da melhor forma possível e eu queria muito poder traduzir os conteúdos para o Brasil, poder fazer com que as pessoas conhecessem mais da história, conhecessem mais dos atores, conhecessem mais do que estavam querendo mostrar ali naquela obra de uma hora e quarenta e cinco e tem tanta coisa que pode durar dez horas. E eu me senti muito tocada pela história e acredito que eu precisava de mais, eu precisava dar passos por mim mesma para fazer com que a voz dessa história nunca morresse. E que ela fosse além daquele livro e pra que a gente pudesse alcançar as pessoas e fazer com que elas se lembrassem desse sentimento. Eu acredito que tanto a história no livro quanto a história no filme despertaram os sentimentos positivos nas pessoas. E eu acho que quando você tem uma fanbase, quando você tem uma página, quando você tem qualquer coisa que é relacionada a uma história, toda vez que existe uma publicação, toda vez que você se dispõe a falar sobre essa história, você traz aquele sentimento de volta e eu acredito que é isso. O que eu quero é fazer com que esse sentimento ele sempre seja lembrado no coração das pessoas. O sentimento dessa história e esse sopro que eu cheguei a falar no outro áudio, o sopro de esperança que ele, traz. Eu quero que esse sopro sempre se renove. Então eu me senti, eu senti a necessidade de buscar por uma forma de ser ativa na comunidade de Vermelho, Branco e Sangue Azul, além das minhas próprias redes sociais. E aí eu escolhi o VBSA Brasil (Entrevistada 1).

Eu vou... Tem uma pergunta específica, né, sobre o portal, então eu vou comentar um pouco o momento anterior ao portal. Assim, quando eu li o livro, eu já... É que a gente fica com aquela vontade, né, de falar sobre, de ter um espaço para falar sobre aquilo. E às vezes parece que só conversar com os amigos não é o suficiente, né? É... então [pausa] Desde o livro eu já postava algumas coisas, já falava sobre o personagem, já falava sobre a história. Só que com a chegada, com o anúncio da adaptação, isso, assim, cresceu exponencialmente, sabe? Era um conteúdo muito diferente para poder falar sobre. E então, eu acho que falar na internet sobre a história, como um todo, vem de um lugar muito daquela empolgação que a gente tem, né? Quando a gente ama alguma coisa, quando a gente se apaixona por alguma coisa e a gente quer falar aos quatro ventos sobre aquilo. Então, minha motivação foi essa paixão, sabe? Essa vontade de dividir com o mundo o que eu tava sentindo em relação a essa história (Entrevistada 2).

Os depoimentos supracitados sugerem que o envolvimento com a “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil” foi motivado não apenas pelo amor a história, como também pelo anseio em fazer parte da comunidade de fãs e partilhar com outras pessoas que pudessem entender as dimensões afetivas nutridas em relação à obra. O desejo em manter e renovar a conexão com a narrativa e a esperança despertada por ela durante a leitura foi algo apontada pela Entrevistada 1, que viu na chance de criar e divulgar conteúdos sobre o livro e posteriormente acerca do filme como uma forma de estabelecer novos vínculos e amplificar as mensagens encontradas na história.

Por sua vez, a Entrevistada 2 declarou que a paixão pelo livro foi a força motriz necessária para que buscasse por um espaço para engajar sobre o anúncio da adaptação, mas

principalmente externar seus sentimentos com outras pessoas. As semelhanças identificadas nos depoimentos mostram que a formação de *fandoms* vai além do entretenimento. Nestas comunidades, os fãs encontram ambientes de celebração, fazem novas amizades, perpetuam suas experiências pessoais e se apropriam das informações, saindo da atmosfera da admiração e transformando sua afetividade em ações concretas. Estabelecendo este pensamento como alicerce, evidenciamos nesta conversa a perspectiva de Machado e Silveira (2020, p. 63, grifo nosso) que, ao discutirem sobre as novas práticas de leitura na contemporaneidade, conduzem a seguinte reflexão:

Embora todas as práticas de leitura e seus objetos sejam considerados válidos e constituidores de leitores, a leitura literária vai ocupar uma posição diferenciada no processo de humanização, propiciando a imersão multifacetada nos problemas do mundo e das pessoas, promovendo o **exercício de reflexão** e de **tomada de consciência de si e da realidade**, ensinando a partir da própria vida, para assim, levar o leitor a olhar criticamente convenções, contextos e histórias únicas [...].

Desse modo, ainda que contribua para a formação de leitores, a leitura literária também atua como uma poderosa ferramenta para explorar a criatividade, evocar mudanças e estabelecer novos vínculos. Em complemento a este raciocínio, questionamos aos entrevistados em que momento ingressaram como parte da equipe que faz a curadoria e publicação no portal de notícias “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil”, e, assim como alguns relataram anteriormente, foi um processo de convite, mas que ocorreu em situações distintas. Alguns dos membros estão desde o começo da página, outros foram convidados após a pré-estreia brasileira. Ademais, tiveram integrantes que foram chamados para compor a equipe antes do lançamento do filme, durante o período de divulgação.

Eu meio que dei spoiler no áudio acima, mas foi de 2023 para 2024. Eu entrei em 1º de janeiro, eu recebi a honra de entrar. Eu já acompanhava o portal sem conhecer as pessoas antes e tal. A primeira coisa que eu fiz, depois de ler o livro, foi ver se tinha alguma fanpage e eu fui atrás. Sempre admirei o trabalho, adoro fanbases no geral e amei a VBSA. Fiquei muito feliz que tinha. Surgiu a oportunidade de conhecer essas pessoas e quando eu conheci eu não tinha ideia que eram administradores ou criadores da página. Foi uma coincidência do universo mesmo e a gente conversava muito, era só um grupinho e aí me chamaram e eu com... muito medo! Eu aceitei. Medo porque eu nunca fiz isso na vida, sempre fui fangirl, nunca tive fanbase, e é diferente, eu sei que é diferente, eu antes já sabia e hoje eu tenho certeza, e fazer parte desse projeto que mantém uma comunidade formada e compartilha esse amor só me deixa muito feliz (Entrevistada 3).

Eu ingressei logo após a estreia do filme, né? No caso a pré-estreia que foi a que teve uma pré-estreia no Brasil. Eu fui um dos sorteados, né, pelo próprio portal. Pra mim, poder ir foi uma realização de um sonho, foi uma noite mágica que eu acho que eu nunca, nunca, nunca, nunca vou me esquecer, né? E já era uma coisa que eu tinha interesse, porque como eu falei, tipo, eu já fazia parte desse mundo de ter um

portal, fazer parte de um portal, então fazer parte de um portal que eu acreditava, que ainda mais tinha me dado uma oportunidade e de algo que eu amo... era incrível, então foi quando rolou o convite e obviamente eu não poderia [risadas] fugir nunca, então, porque foi um enorme prazer (Entrevistado 7).

Os comentários extraídos das entrevistas 3 e 7 intensificam a discussão abordada por Fiske (1992), Jenkins (2009) e Dantas e Moura (2013) ao discutirem sobre a participação dos fãs na comunidade e o desejo de contribuir com algo que ama e acredita. O fã é aquele que se emociona, comenta, compra e reproduz discursos, mas também é aquele que sai da zona de consumo e atua ativamente, se for de seu interesse, nas práticas da esfera que faz parte. A partir disso, notamos nos relatos dos entrevistados 3 e 7 que ambos encaram essa transição com muita responsabilidade, orgulho e gratidão. Outrossim, os dois tiveram a oportunidade de conhecer outros integrantes da equipe na pré-estreia brasileira antes de ingressar na equipe do portal, um exemplo prático de como os vínculos são naturais e fortalecem o senso coletivo de pertencimento que sustenta uma *fanbase*.

A respeito do equilíbrio entre a vida pessoal e o tempo concedido aos compromissos da *fanbase*, perguntamos aos membros da equipe se é possível conciliar ambas as atribuições sem prejudicar nenhum dos lados. Nossa pretensão foi averiguar se existe uma organização do que é feito e se gerenciar o portal, mesmo que com tantas pessoas envolvidas, é algo viável quando consideramos que estes fãs fazem esse trabalho de forma gratuita, muitos inclusive atuando no mercado de trabalho ou frequentando a escola e a universidade – a segunda sendo a realidade mais próxima dos entrevistados, considerando que todos são adultos, com idades entre 18 e 26 anos. Outro ponto que ressaltamos é a relação dos administradores com áreas que possuem ligação com as temáticas da pesquisa, como Cinema e Fotografia, ou com a vivência dos personagens da história, como Direito, enquanto outros atuam em campos distintos como a Química, o que nos levou a perceber que, independente das similaridades com a natureza do objeto estudado, o vínculo estabelecido pode partir tanto da experiência profissional/acadêmica quanto de interesses pessoais que não estão necessariamente relacionados aos assuntos versados no livro e filme.

A partir disso, observamos que todos os integrantes comentaram sobre a dificuldade de separar as demandas do portal com as responsabilidades e necessidades pessoais como a família, a saúde e os relacionamentos, e mesmo aqueles que consideram “*tranquilo, porque de verdade nós temos uma equipe*” como relatou o Entrevistado 7, verificamos que essa percepção vem acompanhada do entendimento de que uns ajudam aos outros. Relacionado a isto, destacamos o seguinte depoimento:

Não é fácil [risadas]. Nem sempre é fácil. A fanpage VBSA tem muitos administradores, né? Talvez se comparado a outras fanpages que talvez tenham uma ou duas pessoas, no máximo três. Acho que eu conheço. Então temos muitos administradores. Cada um tem uma rotina, cada pessoa tem uma carreira completamente diferente, tem uma idade diferente, mas somos todos jovens ali na faixa dos 20, né? E a organização é essencial. Nem sempre foi muito organizado, mas o trabalho em equipe, o apoio, conversas, como é a sua rotina, é ter compreensão sobre as diferenças. Tem gente do Brasil inteiro, né? Eu sou a que mora da região norte, não tem outra ADM que é da região norte. Enfim, a gente divide tarefas, a gente tenta se comunicar ao máximo sobre como, ah, tipo, “hoje tanta coisa eu não vou poder, alguém pode?” ou tipo “gente, eu tava postando aqui, só que eu vou ter que sair porque aconteceu alguma coisa”, a gente sempre avisa, né? A gente respeita o momento de cada um, a gente entende que todos estão aqui porque querem e amam muito e tenta, tipo, trazer, não muito um senso de obrigação, mas de forma leve, claro, mas também compreensível (Entrevistada 3).

Assim como a Entrevistada 3, os demais respondentes informaram que a tarefa de conciliar as obrigações cotidianas com as demandas da página é um processo desafiador, mas que em momento algum a vida pessoal foi preterida ao trabalho desempenhado pela equipe, com exceção da Entrevistada 6 por motivo de hiperfoco afirmado por ela em relação ao seu envolvimento com a página, algo descoberto pelo diagnóstico recente de transtorno do espectro autista (TEA) e Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD). Em relação ao mesmo tópico, a Entrevistada 5 expressou que,

Na página a gente tem um lema, né, que é de, tipo, a gente sempre respeitar as nossas obrigações pessoais e, tipo, a comunicação é muito importante entre nós, então, tipo, quem trabalha, quem estuda sempre precisa preservar a sua vida pessoal e dar prioridade pra isso. Então, a gente sempre... a gente sempre posta e faz as coisas de acordo com o tempo que a gente tem livre, porque as nossas obrigações pessoais são mais importantes e vem em primeiro lugar. É também pelo fato de que a gente faz porque gosta, é tipo, veio de um hobby. Trouxe frutos muito bons pra gente, graças a vocês que acompanham, mas ele veio de um hobby, porque a gente ama o livro e cresceu o Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil. Nasceu, na verdade (Entrevistada 5).

A última pergunta da seção buscou identificar marcos significativos como celebrações, conquistas, experiências emocionais e afins que reforçam o senso de realização coletiva dos membros da equipe. Nosso intuito não foi listar acontecimentos, mas compreender os vínculos internos para além das trocas interativas com os seguidores da página. Desse modo, as respostas fornecidas foram bem semelhantes, com ênfase para a pré-estreia do filme realizada no Brasil e o reconhecimento do trabalho da *fanbase* pela *Prime Video*, como discutido nos relatos a seguir.

Eu acho que todo o reconhecimento que nós temos da Prime Video é muito importante. Não pelo fato de a Prime ser a responsável pelo filme, mas pelo fato de que alguém tão importante quanto a Prime acreditar no trabalho da nossa página. Mas eu acredito que é uma coisa muito... parece muito pequena, mas pra mim foi

muito importante porque existiram alguns momentos que a gente fazia watch parties, que eram os momentos em que você assistia o filme junto com as pessoas, né? E existiam momentos que as pessoas estavam ali pela décima vez, sabe? Pela terceira, quarta, quinta, décima vez as pessoas estavam lá pra assistir o filme junto com você. E todos aqueles streamings em que as pessoas paravam o que elas estavam fazendo pra se juntar à nossa fanbase, por mais que não tivesse muita gente, mas saber que aquelas pessoas estavam ali pra dividir aquele momento com você, foi sempre muito importante pra mim. E eu acho que você ver o quão longe o filme chegou faz com que exista um sentimento de “poxa, talvez eu tenha ajudado nisso, talvez o pouco que eu fiz no meu papel tenha ajudado o filme a crescer e tenha ajudado o filme a chegar onde está, porque eu acreditei na história”, e eu talvez trouxe alguma coisa para a fanbase e para a comunidade, que fizeram com que as pessoas continuassem interessadas e fizessem que a história crescesse em potencial e se tornasse o filme mais assistido da Prime Video em algum momento. E eu acho isso muito importante. É muito importante você ver que as pessoas continuam assistindo aquela história (Entrevistada 1).

Eu acho que foi o que eu citei da pré-estreia do filme. Eu acho que foi algo surreal assim pra todo mundo. A gente teve uma administradora, a [Entrevistada 2], que foi para Los Angeles, para a pré-estreia de lá, que foi muito grande. Eu não sei, ela vai falar muito melhor do que qualquer outra pessoa sobre isso. E aqui eu tive a oportunidade de ir na pré-estreia do Brasil, que teve aqui no Brasil, em São Paulo. Então assim, acho que isso foi... Eu não era da equipe da página ainda, mas como foi logo depois, eu me senti parte daquilo, sabe? Porque lá no momento, meio que eu fiquei muito grudada nas meninas, e a gente já conversava antes, eu só não era oficialmente [parte da equipe] ainda. Então, eu acho que aquele foi um ponto muito forte, muito alto, de realização, assim, sabe, para todo mundo. Porque a gente acabou indo num negócio muito foda como convidados, dessa obra que a gente tanto ama, sabe? E acho que juntou mais ainda todo mundo, e porque a gente conseguiu viver coisas que a gente nunca imaginou viver, sabe? E acho que isso fortalece todo mundo, e todo mundo vai indo junto pela gratidão e pelo amor mesmo que tem pela obra (Entrevistada 4).

A menção de práticas como as *watch parties* – isto é, eventos que possibilitam com que as pessoas se reúnam *online* para assistir e comentar sobre filmes e episódios de séries sem precisar sair de casa ou estar no mesmo lugar –, as conversas com os seguidores, o contato com a *Prime Video* e a oportunidade de estar presencialmente nas pré-estreias brasileira e norte-americana demonstraram algumas das recompensas de realizar um trabalho na internet, mesmo que isso signifique não receber nenhum tipo de retorno financeiro.

Ao versar sobre as dimensões da mediação da informação, Gomes (2020) observa que quando ocorrem diálogos interativos, reflexivos e colaborativos nas práticas mediadoras, os sujeitos alcançam no processo mediador a dimensão estética, que emerge a partir do momento em que a informação é consumida, vivenciada e apropriada. No contexto dos fãs e das trocas provenientes da cultura participativa e das ações mediadoras no âmbito digital, podemos relacionar o engajamento das comunidades com os aspectos dialógico e estético, que resultam em compensações simbólicas, afinal, as pessoas frequentam eventos e espaços físicos e *online*, como perfis na internet, em virtude desses ambientes proporcionarem novas experiências, pertencimento, aceitação e vínculos com os produtos culturais e outras pessoas.

Logo, essa explicação está intrinsecamente conectada aos depoimentos da equipe da VBSA Brasil, posto que existe um prazer estético advindo da criação de um espaço seguro, interativo e acolhedor, além das realizações apontadas, como as viagens a Los Angeles e São Paulo para as pré-estreias presenciais do filme e o reconhecimento da *Prime Video*. Não há dúvidas de que as empresas que produzem essas adaptações são as que mais lucram nessa relação, todavia, os benefícios desse envolvimento vão além do dinheiro, sobretudo quando consideramos que as ações dos fãs têm outras motivações (Jenkins; Green; Ford, 2015).

Nessa perspectiva, Costa (2017) argumenta que a estética transmidiática da cultura de convergência tem exigido cada vez mais dos consumidores, o que tem ocasionado mudanças no processo informacional de como esses produtos são apropriados. Portanto, são esperadas mais visualizações, interações, recordes de vendas e assinaturas, e tantas outras atividades que impactam não apenas nas dinâmicas econômicas, como também sociais, políticas e culturais.

Outro aspecto relevante foi apontado pela Entrevistada 1 ao comentar que o longa-metragem alcançou o status de filme mais assistido da *Prime Video*. Além deste feito, VBSA também se tornou a terceira comédia romântica mais reproduzida de todos os tempos pelo serviço de *streaming* segundo dados da empresa (Almeida, 2023), entrando inclusive para listas importantes e sendo assunto de matérias divulgadas por veículos midiáticos no seu ano de lançamento.

Um exemplo disso é o aplicativo *Letterboxd*, uma rede social que permite aos seus usuários registrarem sua opinião sobre filmes, curtas-metragens, documentários e produções menores, como minisséries. Contudo, a plataforma também possibilita acompanhar os comentários dos amigos, criar listas e personalizar o perfil e a utilização do aplicativo/site, ofertando mais opções para aqueles que assinam a versão *Pro* ou *Patron*. O sistema é atualizado semanalmente com os títulos mais assistidos, além de disponibilizar com frequência regular novas informações sobre obras em andamento, recém lançadas ou em fase de produção, bem como artigos de opinião de seus colaboradores.

Assim, após sua estreia, *Vermelho, Branco e Sangue Azul* alcançou um ótimo desempenho na referida plataforma, sendo um dos filmes mais populares da semana, atrás apenas do fenômeno *Barbenheimer*⁴⁷. A imagem a seguir contém a captura de uma postagem da VBSA Brasil, publicada no X no dia 14 de agosto de 2023, a respeito deste feito.

⁴⁷ Corresponde a uma expressão popularizada durante o período de divulgação e estreia dos filmes Barbie e Oppenheimer, lançados originalmente no dia 20 de julho de 2023. O seu lançamento mútuo gerou muita repercussão na internet e nas redes sociais, envolvendo memes, códigos de vestimenta, reportagens, iniciativas de marketing intenso e uma movimentação cultural e econômica surpreendente e inovadora na indústria cinematográfica (Cooban, 2023).

Figura 20 - Popularidade de *Vermelho, Branco e Sangue Azul* e *Barbenheimer*



Fonte: X (2025). Captura de tela realizada no dia 26/03/2025.

Além disso, outro depoimento que gostaríamos de destacar é o da Entrevistada 6, que pontuou vários momentos considerados marcantes na sua trajetória como parte da equipe, muitos deles similares aos relatados pelos seus colegas. No seu relato, foram mencionadas conquistas de público, ou seja, em relação ao número de seguidores, assim como a oportunidade de os membros da equipe irem às pré-estreias brasileira e norte-americana a convite da *Prime Video*, serviço de *streaming* da *Amazon*. Outra conquista pontuada foi a existência do filme, que materializa os desejos dos membros em visualizarem seus personagens favoritos existirem na vida real. Porém, destacamos um trecho em específico alinhado aos relatos dos outros entrevistados, mas que reforça a importância do vínculo dos administradores com os seguidores do portal.

Outra realização foi a première do Brasil, porque essa, de ADM na época era eu, a [Entrevistada 5], o [ex-membro da equipe] e a [Entrevistada 2]. A [Entrevistada 2] estava em Los Angeles, o [ex-membro da equipe] acabou não podendo ir na de São Paulo, mas eu e a [Entrevistada 5] fomos. E lá também a gente conheceu outras pessoas, que inclusive hoje em dia são ADMs do Portal [...] Foram pessoas que foram selecionadas. [...] Então, por exemplo, foram feitas escolhas aleatórias. [...] Então foi realmente escolhido pelo texto, e a gente mandava ali, e foi um momento muito lindo, porque a gente leu tanta coisa linda. Ali também foi uma realização, porque aquele post realmente deu pra ver o amor que as pessoas têm pela obra,

porque foram textos absurdos de lindos, a gente se emocionou muito lendo. Eu acho que foi a decisão mais difícil da minha vida, foi levar essas quatro pessoas, porque a vontade era de levar todo mundo que dava. Mas realmente foi um evento muito fechado, então a quantidade de fãs não foi tão grande, mas por realmente ser um evento menor, não seria uma exposição tão grande. Até porque o filme não tem uma exposição pra você passar no cinema, em local nenhum, tirando essa pré-estreia que teve (Entrevistada 6).

A escolha desta passagem teve como finalidade mostrar a relação da página com os fãs e como este momento especial da exibição do filme foi algo compartilhado com os seguidores tanto na forma de conteúdo como na oportunidade de convidar quatro pessoas para acompanhar a equipe na pré-estreia brasileira. Para ilustrar o relato da Entrevistada 6, trouxemos a captura de tela da postagem feita em parceria com a *Prime Video Brasil* no dia 04 de agosto de 2023 anunciando o sorteio de 4 ingressos, dois no perfil do *Instagram* e dois no *X*, visto que estas são as plataformas mais utilizadas pelo portal e com os públicos mais interativos.

Figura 21 - Anúncio do sorteio dos convidados para a exibição brasileira



Fonte: X (2025). Captura de tela realizada no dia 26/03/2025.

Embora Acosta (2019) perceba as recompensas de fazer parte de um *fandom* como a proximidade e observação ao invés da participação e do envolvimento afetivo, interações

como esta apresentam outra perspectiva, afinal de contas, assim como os seguidores, a equipe da VBSA Brasil também é fã da história, e os depoimentos mostram que essas pessoas gostam de estar em contato com os seus semelhantes, criando vínculos muito especiais que vão além do acesso e disseminação da informação.

Dando seguimento a análise, o segundo bloco reuniu questões relacionadas a categoria **Práticas de mediação e da cultura participativa na internet**. O intuito desta seção foi captar as atividades desenvolvidas pela equipe, bem como identificar as práticas de curadoria, organização, disseminação e circulação da informação no âmbito digital. Outrossim, buscamos identificar as percepções dos entrevistados a respeito das contribuições da página e da comunidade de fãs para a popularização do livro e do filme e como as ações desempenhadas pelo portal auxiliam no combate a preconceitos e desigualdades, além de fortalecer o empoderamento de seus seguidores.

Desse modo, perguntamos num primeiro momento quais funções cada entrevistado executa como parte da equipe e, se possível, descrever sobre as ações realizadas. Houve um consenso entre os integrantes de que não existem funções específicas, pois todos se ajudam. Contudo, alguns relataram preferências por determinadas práticas como a edição de vídeos, tradução de conteúdos do inglês para português, compartilhamento de publicações de textos, *fanarts* e afins.

A nossa equipe ela não é setORIZADA. Como todos nós temos muitas atividades fora da fanbase, nós não temos como ter uma pessoa que faz só isso, uma pessoa que só faz isso e outra pessoa que só faz aquilo. Então quem está disponível faz o que tem que ser feito. Mas muito do que eu faço é a parte de tradução e edição de vídeos para fanbase. E tudo que é relacionado à correção de textos que são publicados. Essa é a minha parte principal. Mas, o que tiver que ser feito, o post que tiver que ser feito, a gente faz. Não tem tempo ruim. A nossa equipe é uma equipe muito unida, então é muito fácil de se trabalhar nessa questão. A gente consegue fazer com que o resultado final sempre seja muito positivo para todo mundo que está ali (Entrevistada 1).

Acho que não tem uma função definida, acho que ninguém tem, sabe? Todo mundo faz um pouco de tudo, mas basicamente são as postagens, né? Em geral, postar fanart, às vezes, uma edit, uma frase junto com alguma foto, até mesmo postagens sobre autore, sobre os atores, sobre algo que seja relevante, né, pra nossa obra. Mas, em geral, todo mundo faz um pouco de tudo, sabe? Na medida do alcance, né? Tipo assim, porque eu não tenho ainda, não consigo fazer um edit, infelizmente, eu não sei, né? [risadas] Mas a gente tem nossas anjas que sabem fazer, então... mas todo mundo faz um pouco de tudo (Entrevistado 7).

Em consonância aos aspectos citados, ressaltamos Jenkins, Green e Ford (2015) que, ao debaterem sobre a cultura de fãs, observam que estes apresentam habilidades inovadoras e uma *expertise* notável relacionada ao uso de plataformas digitais e ferramentas tecnológicas, o

que possibilita novas formas de interagir e produzir conteúdos na internet. Apesar das funções exercidas pelos administradores não serem bem definidas, os depoimentos apontam que a equipe é unida e reconhece a importância de organizar, publicar e interagir de forma colaborativa, respeitando uns aos outros e suas vidas fora da página.

A respeito da verificação das informações publicadas no *site* e nas redes sociais e os rumores sobre ambas as versões da história, elenco e *autore/escritore*, indagamos de que maneira a equipe realiza o trabalho de curadoria antes, durante e após a publicação. Neste seguimento, os entrevistados salientaram que todo o processo é feito de forma muita cuidadosa, com diálogo e pesquisa em várias fontes.

A gente sempre pega de fontes oficiais, sabe, de... É porque assim, é complexo isso, porque a gente é uma página de fã e a gente surta por qualquer coisa, todas as coisas, como qualquer outro fã, mas a gente sabe da responsabilidade que a gente tem pra postar na página. Então a gente sempre tenta pegar as informações de fontes oficiais, tipo da Variety, desses veículos de comunicação dos Estados Unidos, assim, que são fortes e que a gente sabe que são confiáveis, tipo, Deadline, enfim, e do próprio diretor. A gente vê se o Matthew acaba publicando, se Casey autore acaba divulgando também, então a gente não posta nada muito no desespero. A gente talvez vê alguma coisa na timeline, alguém meio berrando ali que deu alguma coisa, a gente pega e vai procurar para ver se realmente saiu algum veículo oficial ou é só rumor. As vezes a gente até posta, dependendo do rumor, como um rumor, sabe? Mas a gente sempre esperou informações oficiais para serem postadas. Então, por exemplo, o elenco, o próprio diretor que postou, né? E aí a gente falou, não, beleza. E acho que por ser uma página de fã também, permite a gente fazer isso de [postar] rumor, mas identificar como rumor e não se levar como verdade, porque não é profissional, né? Então, foram pouquíssimas vezes que isso aconteceu, mas acredito que no começo tenha acontecido de ter levado o rumor como rumor mesmo. Tipo, ter a sequência. [...] A gente respeita muito todo mundo, então a gente não posta rumores a respeito de vida pessoal deles, a respeito de qualquer coisa que não seja de Vermelho, Branco e Sangue Azul, sabe? No portal a gente posta única e exclusivamente coisas relacionadas a eles e a obra, sabe? A gente não abre espaço para outras coisas. Às vezes a gente posta eles em algum evento muito grande, por exemplo, Oscar, enfim, mas são pontuais e acho que é isso (Entrevistada 4).

Nós não publicamos nada que não tenha certeza, não gostamos de publicar rumor, né, algo do tipo “um insider falou”, algo do tipo, não. Gostamos de certezas, é, até porque estamos lidando com pessoas. Nós já somos pessoas muito ansiosas, né, que ficam alvoroçadas sobre o assunto e não queremos transmitir isso às pessoas que nos seguem. Então a gente sempre quando aparece alguma coisa assim, a gente manda no nosso grupo, todo mundo vê, a gente tenta procurar mais sobre etc. Se tiver mais sobre a gente vai averiguar se realmente é aquilo, da onde saiu aquilo, como saiu aquilo, pra gente poder ter uma certeza de postar. É o que eu te falei, a gente não vai postar nada se a gente não tiver certeza, então a gente sempre verifica, né? Primeiro a gente verifica, até mesmo verificar com os próprios atores, com Casey, e é basicamente isso, se não tiver nada lá, a gente vai ver da onde foi tirado aquilo, mas a gente busca sempre o máximo de informação possível para que a gente possa passar. Há pouco tempo atrás saíram coisas que tipo, falando sobre gravação e etc., mas a gente acabou nem publicando porque a gente não tinha certeza, né? É o que eu te falei, a gente não vai publicar sem veracidade alguma, né, sem uma certeza (Entrevistado 7).

Ainda que a página seja formada por fãs, os integrantes valorizam a responsabilidade que possuem ao disseminar informação de modo consciente para o seu público, apresentando as fontes utilizadas e informando que nada vai para a página sem antes passar pelo crivo de todos os membros. Nesse contexto, retomamos as dimensões da mediação da informação propostas por Gomes (2014, 2019, 2020), sobretudo a dialógica, ética e política, que destacam a função conscientizadora e inclusiva da mediação e do mediador nas ações realizadas em prol do debate, do respeito e do compromisso com a veracidade.

Na pergunta subsequente, nosso intuito foi saber quais ações interativas com os seguidores são promovidas pelos administradores do portal e de que forma o retorno mediante número de comentários, curtidas e compartilhamentos influencia a organização, planejamento e publicação dos conteúdos. Os entrevistados alegaram que um dos principais fatores é pensar constantemente que o trabalho da equipe é algo feito de fã para fã, como mencionado nos relatos a seguir:

Essa parte eu acho que entra basicamente tudo o que a gente já conversou. Como eu falei, a gente sempre teve um contato de fã pra fã. Então foi... A página, tipo, desde o começo, um pensamento totalmente enraizado é que a gente não vai robotizar a página. Então, a gente vai deixar isso de fã para fã, vai ter interação. Como eu falei, eu acabo que sou a que mais sempre interagi. Ano passado eu fiquei um pouco afastada. No ano passado, as interações deram uma diminuída, apesar de ainda acontecer, mas não daquela forma que o pessoal via no começo. Por exemplo, o pessoal que acompanhava a primeira página via que tinha muita conversa, mas a gente sempre busca interagir até pra entender como as pessoas estão vendo o nosso post e como as pessoas reagem àquilo pra gente poder ver como fica melhor postando. Porque, por exemplo, formas de interpretação. A gente sabe como o nosso público interpreta tais informações, então a gente sabe como postar elas. A gente sabe, por exemplo, quando é um rumor; quando é uma notícia, quando é uma entrevista. Então, é realmente pra entender o público, entender a nossa conta, e poder trazer algo melhor. E realmente aquilo é de fã pra fã, porque ali é que o seu universo muda, é onde as pessoas se sentem confortáveis de conversar com a gente, interagir com a gente, porque nós não somos nada mais do que nós mesmos, então é um lugar onde... [pausa] Nossa, a gente criou, realmente foi... a gente criou um ambiente dessa maneira (Entrevistada 6).

Acho que a gente sempre vai pensar no “o que a gente gostaria de ver”, sabe?, se fosse a gente ali como seguidor; falando como seguidor, até porque também somos de outros portais, acompanhamos outras coisas e tem coisas que a gente gosta de ver que às vezes nos instigam ou que nos encorajam de certa maneira em algo. Então é basicamente isso, né? Tipo, de fazer alguma brincadeira saudável que vai fazer todo mundo querer participar, que são legais. Algumas perguntas instigadoras ou que dividem opiniões, sabe? É bem legal de fazer isso. E é basicamente isso, tipo, a influência é do que a gente, pelo menos pelo meu ponto de vista, é do que a gente gostaria de estar vendo, né, enquanto seguidor (Entrevistado 7).

As atividades de interação desempenhadas pela equipe levam em consideração o ponto de vista pessoal como fã, ou seja, não parte da suposição comercial, mas da experiência imersiva, de se colocar no lugar do público, da valorização do olhar do outro e do desejo de

ser surpreendido, acolhido e escutado. O componente emocional e afetivo observado por Jenkins (2009) e Shirky (2011) nas relações grupais são facilmente observados nos relatos dos entrevistados 6 e 7, que veem a participação dos seguidores como uma forma de estreitar laços e entregar os melhores resultados possíveis em termos de publicações realizadas na página, sempre se colocando no lugar do receptor, ou seja, os seguidores. Outro destaque vai para o relato da Entrevistada 6 ao informar que a equipe não tem interesse em “robotizar a página”, pois o que move os integrantes é a dinâmica fluida, natural, interativa e, ao mesmo tempo, complexa da relação estabelecida de fã para fã, algo similar a Teoria Queer, que rejeita padrões engessados e categoriais fixas, como discutimos previamente.

Visando compreender o papel das redes sociais *online* na popularização tanto do livro quanto do filme, para a próxima pergunta partimos do pressuposto de que as atividades de divulgação e circulação de informação realizadas nos perfis da VBSA Brasil, bem como o engajamento dos fãs que acompanham a *fanbase*, auxiliaram no alcance de novos públicos. Com essa finalidade, escolhemos um dos relatos que trouxe ideias semelhantes às compartilhadas pelos demais entrevistados a respeito das iniciativas da comunidade estudada.

Eu acho que é muito impossível você querer acompanhar uma história, um filme, um livro sem que você queira encontrar um lugar para se informar sobre isso. Então quando você assiste um filme, quando você lê um livro e você gosta muito daquilo, você quer consumir a maior quantidade de conteúdo possível daquela história. E eu acho que o VBSA Brasil faz isso. O VBSA Brasil, além de dar a notícia, também publica as fotos, também faz com que você consiga encontrar um lugar para você falar sobre o que você ama. Porque o VBSA é sobre isso, é sobre você pegar esse espaço que a gente cultiva e você poder falar ali com a gente sobre os assuntos que você ama, sobre as pessoas que você ama, sobre os personagens que você ama, sobre os atores que você ama. E eu acredito que fazendo isso, você consegue fazer com que o filme sempre fique relevante, o livro sempre seja relevante, e faz com que as pessoas queiram continuar ali, do lado da fanbase, do lado da história, e isso é muito importante para fazer com que essa história nunca morra (Entrevistada 1).

Sendo assim, a Entrevistada 1 evidenciou um aspecto já discutido nas seções teóricas desta pesquisa em diálogos com autorias como Fiske (1992), Jenkins (2009), Borges (2024), Dumont (2020) e tantos outros, seja pelo viés do acesso à informação, cultura ou da literatura: a busca pelo pertencimento. O cerne da cultura de fãs são as práticas motivadas pelo desejo de compartilhar, interagir, conhecer, ressignificar. Todos estes elementos configuram características observadas no ato de mediar, sobretudo porque quando alguém busca por algo nas trocas mediacionais, este “algo” assume diversas interpretações dependendo da forma como o objeto informacional dialoga com suas necessidades. Isto é amplamente discutido por Almeida Júnior (2009, 2015) ao abordar a mediação da informação, mas é também

compatível ao conceito de cultura de Feitosa (2016), afinal nomear o nada exige um processo coletivo de significação.

Consequentemente, iniciando as perguntas sobre as práticas mediadoras com o intuito de reunir as principais noções observadas pela equipe da VBSA Brasil, questionamos aos entrevistados como cada um percebe o processo de mediação informacional no trabalho desempenhado de forma isolada e colaborativa. Assim, partindo dos relatos, inferimos que as concepções de mediação da informação nas falas das entrevistadas, assim como apresentam características em comum, também trazem elementos distintos.

Tudo que é publicado na nossa fanbase é publicado com muito cuidado, né? Todas as traduções que são feitas, tudo que é citado é feito com muito cuidado. Nós tentamos sempre fazer com que a informação chegue para quem lê muito próximo de como nós recebemos essa informação, seja de forma de tradução, seja de forma de foto, para que não ocorra nenhum tipo de desvio, essa é uma das nossas maiores preocupações, que o que nós informamos, nós queremos que o que nós informamos seja o que nós recebemos de informação, para que seja o mais verídico possível. E eu acho que esse trabalho é muito importante porque hoje, na realidade que nós vivemos, tudo se é tirado muito do contexto e eu acredito que você saber como você passa uma informação é às vezes mais importante do que a informação em si, para que ela seja recebida da maneira correta. Então eu percebo que o nosso trabalho, ele é fundamental nessa parte, porque ele faz com que a gente consiga entender uma notícia e passá-la para frente de uma forma que todas as pessoas que lerem também entendam da forma como ela tem que ser entendida (Entrevistada 1).

Eu acho que o nosso papel vai além de informar, né? Ele é sobre criar um espaço de troca, um ponto de encontro pra quem ama essa história, quem ama o livro, quem ama o filme, quem já gostava dos atores, quem descobriu os atores e agora acompanha tudo que eles fazem. É um trabalho, e eu falo sim trabalho, que exige responsabilidade, porque a gente sabe o que a gente publica, pode influenciar a percepção das pessoas. Se eu fizer uma tradução errada e postar e por um descuido ninguém notou, é uma coisa que pode se espalhar; espalhar; espalhar; e rodar o mundo, porque tem gente que vai usar aquela informação que eu usei, tipo, sei lá, na Espanha e em outro lugar, porque considera nossa página uma página de muita confiança, né? Tem pessoas querendo ou não que às vezes acham que é uma página oficial e tudo. Não, assim, não é uma página oficial mesmo, né? É uma página dedicada a eles, mas que não tem ninguém ali da profissão cuidando, né? São as pessoas comuns, que realmente a gente pode cometer erros, mas por conta disso, existe um extra cuidado, né? Essa mediação da informação. Justamente porque isso pode afetar tantas pessoas de tantas formas (Entrevistada 3).

Embora ressaltem a responsabilidade e a ética, a curadoria e organização das informações disponibilizadas no website e nos perfis nas redes sociais digitais, outros aspectos apontados foram a criação de um espaço acolhedor, o trabalho de tradução dos conteúdos, a edição de vídeos e imagens e tantos outros. Além disso, todos os integrantes reconhecem o seu papel enquanto mediadores da informação, mas destacam a importância de lembrarmos que também são fãs assim como os seus seguidores, e não profissionais como

bibliotecários, arquivistas, agentes culturais, jornalistas e demais profissões que lidam com a circulação da informação.

Todavia, os relatos reforçam uma característica singular a respeito da compreensão do que de fato é mediar. Para os entrevistados, existe um forte entendimento sobre o que eles fazem ou não na página, mas em momento algum a mídia é colocada à frente do trabalho da equipe. Em outras palavras, as falas apontam que é uma atividade consciente e que exige responsabilidade, mas a divulgação da informação no ambiente digital e as ferramentas utilizadas para tal são apenas meios para um fim, que é informar. Considerando isso, Santaella (1996) defende que o primeiro nível dos processos comunicativos da mediação não surge das mídias, mas da linguagem, dos signos, dos códigos, dos pensamentos e das dúvidas, que elas transmitem e a qual estão veiculadas.

No tocante às iniciativas promotoras de inclusão e respeito às diferenças, perguntamos aos entrevistados como o trabalho realizado pelos integrantes do portal VBSA Brasil, ao mediar informações, pode contribuir no combate a preconceitos e opressões, bem como fortalecer a representatividade e o empoderamento dos seus seguidores. Desse modo, selecionamos dois dos sete relatos obtidos que sintetizam a opinião da equipe acerca das suas ações mediadoras a favor da visibilidade LGBTQIAPN+.

Eu acho que essa contribuição vem muito da criação de um espaço seguro, sabe? Porque a página tá ali falando abertamente sobre uma história LGBTQIA+, e a gente sabe que o público da página e o público do filme, do livro, é um público majoritariamente da comunidade, sabe? Então eu acho que é criar um espaço em que as pessoas possam ser elas mesmas, sabe? E que a gente possa dividir esse amor por uma história queer. E quando a gente tem a capacidade de ajudar também, por exemplo, quando a gente fez uma vaquinha pra homenagear o filme, quando o filme fez um mês, para homenagear o filme na Times Square. E todo o dinheiro que veio a mais, que não foi usado para essa homenagem, a gente doou para uma instituição que acolhe pessoas da comunidade que estão em situação de vulnerabilidade. Então eu acho que é isso, sabe? Poder usar a plataforma para o bem e também criar um espaço em que as pessoas sintam que elas estão seguras, em que elas podem ser elas mesmas e acompanhar uma história que fortalece esse sentimento (Entrevistada 2).

Olha, eu acho que o peso disso também afeta a gente. Porque, por exemplo... O Alex ele é um personagem latino, além de LGBT, ele é latino, o Henry também é LGBT. E tipo, as pessoas, elas comentam muito, elas fazem muitos relatos de como a página ajuda elas a aceitarem, de como elas se descobriram com o livro. Então tipo, o impacto, ele não é só uma coisa tipo, ah eu vou chorar. [pausa] É... não é uma coisa tipo assim... ah, a gente vai lá e faz um post sobre isso. É tipo assim, cara, você fez uma pessoa conhecer quem ela é. Tipo, realmente se olhar no espelho e falar, caramba, eu existo, sabe? Então... Eu acho que é muito importante. Tem ADMs da página que, tipo, também falam isso. A [Entrevistada 4], ela é um exemplo. Ela tem tatuagem pro Alex, porque ele é bissexual também, né? E eu acho que... Ele impactou a vida dela de forma, tipo, ela faz parte do VBSA Brasil, agora ela espalha isso com as pessoas. E só da página existir, a gente poder contar que é isso, já é um impacto. Tanto na nossa vida, quanto nas das outras pessoas, sabe?

Porque... Também tem o fato de que, tipo assim, livros assim sempre existiram, mas as pessoas vão falar disso. As pessoas liam escondido, elas... existiam poemas já, essa literatura LGBT já existia há muito tempo, só que as pessoas não falavam sobre isso. Só da página existir já é uma conquista. Ela poderia ter, sei lá, 12 seguidores, que já estão compartilhando suas histórias de aceitação. E é importante, sabe? É, tipo, real. As pessoas existem, elas estão aqui, elas podem falar sobre isso hoje. Então, é, tipo, já é algo enorme. A gente não tem nem como descrever como é grande. Acho que pra muita gente o Alex é a figura, sabe?, porque muita gente fala isso. O Henry é muito importante também, óbvio, mas o Alex, por ele ser latino como a gente, né? Ele já traz as duas identidades, então acho que ele é mais próximo. É muito lindo ouvir sempre. A gente sempre sente que faz sentido, sabe? O tempo que a gente leva pra fazer as coisas. Faz sentido quando vocês compartilham as histórias de vocês. É muito importante (Entrevistada 5).

Neste sentido, Farias e Varela (2017, p. 93) defendem que “O empoderamento, a intervenção e o protagonismo social são integrantes fundamentais para a produção de um modelo de mediação da informação planejado, construído e experimentado em uma comunidade”, seja física ou digital. No que se refere às ações em prol do empoderamento, os respondentes observam que sua maior contribuição é proporcionar um espaço seguro para que os seus seguidores possam interagir uns com os outros e partilhar experiências.

Outra ação relatada por mais de duas pessoas em seus depoimentos foi o processo de arrecadação financeira para homenagear o filme e os envolvidos na produção com um vídeo na *Times Square*, em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Neste contexto, a Entrevistada 2 informou que todo o dinheiro que ultrapassou o valor estipulado para o pagamento da ação foi doado para uma instituição que acolhe pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ que estão em situação de vulnerabilidade, uma atitude inspiradora, de grande impacto e que consideramos com potencial para fortalecer o empoderamento dessas pessoas.

Por fim, o terceiro e último bloco compreendeu as questões sobre a **Percepções acerca da adaptação audiovisual da obra**. Em vista disso, as perguntas tiveram como foco assimilar a opinião da equipe sobre o longa-metragem, a pré-estreia no Brasil como um reflexo da popularidade da *fanbase*, as considerações a respeito dos impactos da história na vida dos seguidores e as expectativas para o segundo filme.

A primeira questão – décima terceira na ordem do roteiro –, teve como finalidade compreender a relação dos administradores com a adaptação fílmica lançada em 2023 e como foi acompanhar cada uma das etapas (pré-produção, produção e lançamento) e a percepção pública nas redes sociais. Como boa parte dos integrantes ingressaram em momentos diferentes na equipe, os relatos foram mistos. Contudo, os entrevistados revelaram a existência de uma relação afetiva, porém complexa, entre fã, obra literária e adaptação.

Nossa, quando eu soube que iria ter o filme e o Alex seria o Taylor, eu acho que isso tem um impacto muito grande pra mim, porque eu sou fã do Taylor Zakhar desde 2020, e foi logo quando eu li o livro, acho que um pouco depois. E aí quando eu conheci ele e virei fã dele, eu falei “não gente, ele é o Alex, pelo amor de Deus”, e aí depois ele virou o Alex, sabe? E é uma obra que sempre teve muita importância pra mim, e aí, e eu sou muito fã de filme, né, eu consumo muito do audiovisual, posso dizer que talvez mais do que a literatura, porque eu vejo mais filmes e sério, eu consumo muito mais o audiovisual do que a literatura. [...] Mas eu fiquei muito empolgada, com bastante medo, confesso, porque a gente sabe que as adaptações costumam não ser as melhores, principalmente para quem já leu o livro e tudo mais, e tem um afeto tão grande ao livro, mas eu sempre estive muito aberta e eu acho que foi muito doido a percepção do público. Porque quando o Taylor foi anunciado, teve muita rejeição do público, tipo muita rejeição, tivemos comentários racistas no post de divulgação do elenco, então foi muito difícil, principalmente eu como fã do Taylor conhecia ele e tudo. Então foi muito difícil assim. Mas sempre foi... Acho que o público tem uma força muito grande e uma voz muito grande de opinião mesmo, né? Então tudo tem limite, mas se não gostou, não gostou. Só que na internet não, né? Na rede social eles vão falar, né? [...] E depois que foi lançado, tiveram algumas críticas, mas todo mundo gostou tanto, todo mundo ficou tão maluco, tão... todo mundo amou realmente tanto, que foi muito bonito de ver, sabe? Muita gente conhecendo o livro por causa do filme. Eu acho que isso foi muito legal também, porque o filme estourou de uma maneira que ninguém esperava, a gente não esperava. E muita gente conheceu o livro por conta do filme. E isso foi... foi algo muito bonito de ver. As pessoas vendo o filme e depois lendo o livro e ficando muito fãs da obra, depois indo pro portal e a gente tendo lá, que a gente já tinha falado aqui, né? O lugar que reúne todos os fãs, que tem um monte de informação pro pessoal consumir e reafirmar esse amor pela obra. Então é muito legal ver a percepção do público e poder ser esse lugar que eles vão correndo, sabe? (Entrevistada 4).

As respostas fornecidas pela equipe, assim como no trecho acima, indicaram aspectos como a identificação pessoal com os personagens e o carinho pela história, a valorização de obras LGBTQIAPN+ como *Vermelho, Branco e Sangue Azul* adaptadas para o audiovisual e o impacto positivo e participação da comunidade de fãs após o seu lançamento. No entanto, o depoimento da Entrevistada 4 também relatou suas preocupações iniciais em relação à fidelidade do filme ao texto original, considerando outras adaptações que não foram bem-sucedidas, e principalmente a rejeição do público à escalação do elenco.

A Entrevistada 5 também trouxe um relato semelhante acerca de comentários racistas postados nas redes sociais a respeito da escalação do ator Taylor Zakhar Perez, intérprete do personagem Alex Claremont-Diaz na adaptação filmica.

Olha, o começo foi uma negação bem grande pro público, porque o Taylor não era quem eles esperavam, por conta da capa do livro brasileira ser diferente da gringa. Só que como o livro é feito por uma produtora gringa, obviamente eles fariam fiel à capa gringa. Então, mas eu entendo que muitas pessoas não entendem porque esse tipo de informação não chega neles, mas foi bem difícil das pessoas aceitarem, inclusive eu tive um processo de amadurecimento também, porque tipo, no começo eu não entendia, mas eu aprendi muito com isso também, eu assumo os meus antigos erros. Eu aprendi bastante, eu aprendi a gostar muito do Taylor e ver que não é sobre uma figura em si, é sobre um ator. Ele entregou o talento dele, sabe? Ele realmente fez jus ao Alex, porque ele tinha tudo que o personagem precisava para

representar o Alex. E a gente sabe, né? Quais eram as questões das pessoas com o Taylor que não era só por causa do cabelo dele, né? Vamos falar as verdades aqui. Muito racismo também envolvido. A gente entendeu que as pessoas não queriam um personagem como o Taylor representando elas e tipo assim... foi pra elas ficarem quietas mesmo e perceberem que eles existem e que elas vão ter que ver eles na TV sim, entendeu? Então, foi um processo pra todo mundo amadurecer também, acho que foi muito importante. Porque se você for comparar com o Henry, não teve muitas críticas ao personagem, foi mais direcionado ao Taylor e a gente sabe o motivo. Então, a gente tentava manter a cabeça fria [...] E aí, com as pessoas sendo racistas, né, só literalmente que eu tenho que falar sobre isso, as pessoas... a gente lidava, se a gente via comentários muito criminosos a gente bloqueava, a gente não tolera esse tipo de atitude. Agora, se eram razões sobre a capa, a gente tentava explicar e tal, mas só em comunicar. E as pessoas só realmente aceitaram quando elas viram o trabalho dele. E falando como uma pessoa que consome muito cinema, às vezes nem, tipo, essa comparação não faz sentido porque o personagem, a entrega dele vai muito do roteiro também. [...] (Entrevistada 5).

Bento (2022) explica que os estudos da branquitude tem como fundamento os trabalhos do sociólogo William Edward Burghardt Du Bois, que remete preconceito racial e o racismo estrutural como base da sociedade norte-americana, algo similar a história do Brasil que, mesmo com a criação de leis que penalizam essas condutas, ainda apresenta casos de discriminação na contemporaneidade. Em relação ao universo de *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, a pauta a respeito da cor da pele do protagonista Alex sempre foi alvo de comentários na internet, mas que alcançou um outro patamar após a confirmação do elenco.

O ator Taylor Zakhar Perez é americano de ascendência mexicana, assim como o personagem interpretado por ele. Todavia, durante o período de gravação do filme, muitos fãs demonstraram rejeição com a sua escolha para o papel, usando como argumentos a insatisfação com a qualidade da sua atuação em trabalhos anteriores e a sua altura em relação ao ator Nicholas Galitzine – intérprete do príncipe Henry – o que para os fãs era uma problemática, visto que no livro Henry é mais alto, mas que não teve tanto impacto quanto o preconceito racial. No entanto, estes comentários foram tomando outras proporções, como citado pelas entrevistadas 4, 5 e 6, e que, apesar da última mencionada não ter seu depoimento destacado diretamente na pesquisa, também expressou indignação a respeito desse comportamento por parte de algumas pessoas na internet.

Embora os administradores tenham relatado que tal conduta foi reprovada e gerou indignação e ações diretas como bloqueio dos comentários e publicações exigindo respeito, além de apontar que depois do lançamento do longa-metragem este comportamento cessou, ainda podemos notar os contornos problemáticos dessa postura por parte do público. Portanto, podemos observar que mediante a obra, o racismo é subvertido, pois muitas pessoas não

gostaram da escolha do ator no começo, mas logo após a estreia abraçaram a produção audiovisual, o elenco e a história, mesmo com suas mudanças em relação ao material original.

Entretanto, é importante pensar que sim, a arte ocupa um papel de combate ao preconceito, transformando o entretenimento em ato político que desestabiliza as estruturas de poder, mas não é a única responsável pelo fim destas práticas racistas que tomam proporções violentas na internet, onde a informação se propaga com facilidade – seja para o melhor ou para o pior. Nesse sentido, ressaltamos que portais como a VBSA Brasil e tantos outros que dialogam com públicos plurais precisam adotar medidas mais rigorosas e sem tolerância para que este tipo de situação não se repita, não apenas em relação aos atores, como ocorrido com Taylor Zakhar Perez, o intérprete de Alex, e demais membros do elenco, mas também entre os seguidores das páginas.

Dando continuidade a análise, a antepenúltima pergunta teve como intuito apreender a opinião dos entrevistados acerca da relevância da *fanbase* brasileira, partindo do pressuposto de que o filme teve uma pré-estreia no país. As respostas obtidas apontam para uma valorização dos fãs brasileiros, não apenas no contexto da comunidade que acompanha *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, como também pela popularidade e engajamento natural que as pessoas no Brasil costumam ter em relação a algo que seja de seu interesse, como apresentado nos seguintes depoimentos:

Nossa, super, super. Assim, eu acho que brasileiro, num panorama geral, tem essa fama de ser o fã apaixonado, né? Então a galera vem fazer show aqui e sai boba, né? Porque brasileiro é barulhento, brasileiro é empolgado, muito mais do que o resto costuma ser, né? A gente já tem essa fama de ser meio fanático pelas coisas. Eu acho que a gente sente tudo de uma forma muito apaixonada, né? A gente, tudo é muito a flor da pele pra gente. Então total, sabe? Acho que a fanbase brasileira tem uma baita de uma relevância. E a gente percebe muito isso pela página também. Por ter se tornado uma página tão grande, e pelo convite, sabe? Por eles terem chegado em fãs brasileiros e terem levado fãs brasileiros para lá, para Los Angeles para assistir a screening e terem feito uma screening antecipada no Brasil, sabe? Porque não foi tipo todos os países tiveram, foi uma coisa muito selecionada, então a gente percebe que tem uma... que foi especial, sabe? Porque eles tinham essa noção de que poderia trazer resultados, porque, enfim, fã brasileira é fã brasileiro, sabe? A gente sua a camisa mesmo em relação àquilo que a gente é apaixonado (Entrevistada 2).

Como muitos dos próprios artistas internacionais que vêm pra cá falam, o brasileiro é muito caloroso, né? O brasileiro quando pega pra gostar de alguma coisa, a gente gosta e a gente não larga. E eu acho que ter uma fanbase brasileira sobre essa obra e reunir todos os fãs brasileiros dessa obra que leram o livro, que viram o filme, é de uma força surreal, assim. E eu acho que eles viram muito isso nessas exhibições, nas pré-estreias. Eles viram o quanto de repercussão teve, o tanto de comentário, o tanto de resultado, de feedback positivo que eles tiveram e eu acho que a fanbase brasileira sempre vai conseguir reafirmar o quão incrível a gente é. E a gente tem muita relevância por causa disso mesmo, de a gente ser caloroso, de a gente gostar de verdade, de a gente ter essa cultura de admiração por artistas, de valorizar, de

amor mesmo, de se dedicar, sabe? De tirar de momentos da nossa vida pra poder se dedicar, por exemplo, na página e juntar a maior quantidade de fãs possível pra que o serviço de streaming, pro elenco, para a produção ver o quão caloroso a gente é e o quanto a gente gosta. Eu acho que a gente tem muito isso também de demonstrar, então, eu acho que é por isso que a gente tem tanta relevância. A gente gosta de demonstrar, a gente não gosta de ficar quieto, a gente não gosta e posta um tweet. A gente abre fã-cube, a gente, sabe? ... Então acho que é muito isso (Entrevistada 4).

Diante dos trechos citados, partilhamos do mesmo pensamento da equipe, visto que existem inúmeros relatos na internet e fora dela que corroboram com essa perspectiva de que os fãs brasileiros são muito apaixonados, acolhedores e engajados quando gostam de determinados conteúdos e artistas. Essas características podem chamar bastante atenção das empresas, que enxergam nessas ações a possibilidade de um retorno financeiro imediato e a longo prazo (Jenkins, 2009).

Com relação às repercussões da obra na vida das pessoas que seguem o portal, perguntamos aos administradores se eles conseguem identificar os impactos da obra, tanto literária como audiovisual através das interações com o público nas publicações da página. Os depoimentos foram bastante emocionantes e demonstraram que a equipe observa esses impactos como algo que transcende dados numéricos, pois, neste íterim, são construídas e nutridas relações genuínas e simbólicas com os seguidores.

Nossa, sim, sim. Eu acho até que você é um exemplo perfeito disso, né? Tipo, como essa obra consegue tocar a gente ao ponto de, tipo, eu vou fazer um trabalho de mestrado sobre ela. Mas é algo que a gente vê nos nossos seguidores, nas interações, nos quotes, nos tweets. Existe essa paixão, né? E é um impacto muito positivo. A obra teve um impacto muito positivo. E quando a gente conversa entre, assim, nós pessoas do fandom, quando nós conversamos umas com as outras, é sempre uma sensação muito semelhante, né? De acolhimento, de ter encontrado a história no momento que precisava encontrar, de ter se sentido representado, de ter se sentido visto. E o próprio Taylor, né? Quando ele fala dos fãs que chegam nele e falam “eu tava planejando me matar e esse filme salvou minha vida”, né? Então eu acho que é um sentimento coletivo, assim, um sentimento de amor e de gratidão coletivo muito forte, e eu acho que isso é muito bonito (Entrevistada 2).

[...] Eu acho que o maior impacto, porque são tantos de verdade, mas o que eu mais... o que vem na minha cabeça e que eu sinto no coração é sobre se ver representado, se ver representado, sentir confortável consigo mesmo e ter coragem, sentir muita, muita coragem ao ponto de iniciar um relacionamento, de contar pra família, de comprar um livro, de comprar o livro... E eu lembro assim de um caso que a família não aceitava nem esse tipo de livro, nem aquele livro, né? E aí como essa pessoa foi abraçada por essa comunidade depois que postou isso e eu lembro que eu fiz um comentário como administradora dando apoio, né? É muito lindo, é significativo, ninguém vai tirar isso da gente (Entrevistada 3).

Nossa, tipo, qualquer tipo de ação que a gente for fazer, as pessoas, elas aparecem, elas falam os motivos. Tipo, você tem a tatuagem. Tem muita gente que marca a gente quando faz a tatuagem e mostra. Tipo assim, aquelas pessoas decidiram em algum momento da vida delas que a primeira tatuagem da vida delas vai ser sobre o livro. Então, quer dizer que é importante. Pessoas que se assumem, pessoas que descobrem coisas sobre elas porque elas leram o livro. Por exemplo, não é só a

questão LGBT, o Henry é muito oprimido em várias questões na vida dele, e o livro fala muito sobre ele ser uma pessoa, ele não consegue ser quem ele é, ele tem alguns pensamentos depreciativos por ele estar triste o tempo inteiro, por ele não ter a identidade dele à mostra, sabe? E as pessoas se identificam muito com isso também, porque às vezes elas não podem ser quem elas são e elas, tipo assim, a vida delas é triste. E aí elas compartilham com a gente, tipo, “ah, eu comecei a terapia porque eu percebi que eu estava deprimido”, “eu me assumi”, tipo, é muito importante, sabe? Tipo, muda a vida das pessoas. Eu acho que isso não é nem só sobre a vida, é sobre a literatura em si. Porque ela faz esse tipo de importância na vida das pessoas, abre os olhos. E é conhecimento, né? Conhecimento muda a vida, então acredito que seja isso. Então, muita gente não sabia que o livro existia e conheceu por causa do filme, porque teve o trailer do filme e tal. E aí, tipo, pessoas LGBT+ viram que ia sair um novo livro... um novo livro, não, me confundi. Um novo filme LGBT, daí as pessoas viram e tipo, ah, eu quero conhecer mais. E a página cresceu de jeito assim... quando o filme foi lançado, a página cresceu... surreal. Então, muita gente chegou ali no Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil por causa do filme mesmo, por causa do trailer. Muita gente chegou por causa das propagandas da Amazon. Teve gente que foi indicação por causa do filme, mas por ser um filme LGBT, as pessoas viram. Tem gente que acompanha esse tipo de notícia, né? Tipo, “ah, fez um filme novo LGBT.” As pessoas conheceram e depois conheceram o livro. Então, acredito que o mesmo impacto que o livro teve, o filme também. Tipo, as pessoas enxergaram aqueles personagens em suas vidas, sabe? Da mesma forma. Isso é muito legal, tem poucos relatos disso, inclusive. E tipo assim, acho que a gente percebe também, a gente sabe disso, é uma coisa que a gente sempre soube, que a literatura não chega tão fácil nas pessoas. [...] (Entrevistada 5).

A análise dos relatos indica que os administradores reconhecem como a literatura, especialmente com protagonismo LGBTQIAPN+, pode impactar e mudar a vida das pessoas, com seu aspecto transformador que funciona como um meio para o conhecimento de si e do mundo. Outros pontos captados que destacamos são: fomento da esperança, acolhimento, identificação, representatividade e gratidão coletiva por parte dos fãs, a percepção sobre amor e direitos, bem como as demonstrações de carinho mediante vínculos que ultrapassam o interesse pelo objeto como os depoimentos nas redes sociais *online* e tatuagens. Esses e outros relatos da equipe mostram que *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, seja na condição de livro ou filme, não se trata apenas de uma comédia romântica LGBTQIAPN+, mas uma história que ajuda diversas pessoas a encontrarem um porto seguro perante os desafios cotidianos.

Além disso, a resposta da Entrevistada 5 nos ajudou a refletir sobre como adaptações audiovisuais podem não apenas atingir novos públicos e proporcionar outros contatos com a narrativa, como também fortalecer movimentos sociais, atrelando entretenimento com resistência política. Fehrle (2019) indica que nos ambientes de convergência cultural, as plataformas midiáticas atuam como parte de uma nova práxis, pois evidenciam os textos, filmes e demais materiais derivados do original, mas também permitem uma valorização do que as pessoas fazem com estas produções – como as *fanarts*, *edits*, projetos, *fanfics* e tantas outras manifestações culturais. Neste processo, “a interatividade da internet desterritorializa” (Canclini, 2008, p. 52), mas ao mesmo, tempo aproxima pessoas de diversos lugares, que

encontram nestas páginas a oportunidade de conectar-se por interesses em comum, afinal, a sociabilidade não tem mais como fator decisivo um lugar físico para ocorrer (Castells, 2003). Contudo, além dos conteúdos sobre determinado objeto cultural, esses sujeitos conseguem estreitar relações, compartilhar suas experiências pessoais e desenvolver afetos.

Embora a discussão suscitada por Feitosa (2016) seja a respeito da mediação cultural, resgatamos suas percepções neste contexto para explicar que essas ações mediadoras observadas no trabalho desempenhado pela equipe da VBSA Brasil, sejam elas informacionais, culturais ou da leitura, permitem aos indivíduos não apenas obter informação, mas refletir sobre o que é acessado. Desse modo, possibilita-se interpretá-la, ressignificá-la, adaptá-la e utilizá-la individualmente e na coletividade para gerar mudanças significativas. Nesta perspectiva, adicionamos o pensamento de Certeau (2013) ao declarar que mesmo na cultura do cotidiano as pessoas são agentes ativos que se apropriam e reapropriam os produtos e normas culturais de sistemas dominantes. Estas são características intrínsecas ao ser humano, mas que podem ser potencializadas pela cultura participativa, sobretudo de fãs.

Para a última pergunta, questionamos sobre as expectativas em relação à sequência do primeiro filme, anunciada em 2024 e que até o momento está em período de produção. Neste sentido, trouxemos três dos sete relatos que expressam de forma compatível os sentimentos da equipe a respeito do segundo filme:

Eu acredito que Casey, depois que o livro foi lançado e o filme foi lançado, trouxe muitos spoilers do que vai ser feito, né? E é muito bom porque eu literalmente gostei de tudo que foi dito até agora. Eu acho que aquele adendo do final, que saiu na edição de colecionador vai conseguir... consegue trazer pra gente muito do que vai ser feito do que vai ser falado, né? Eu acho que a preparação do casamento dessa forma tão fofa que foi contada é muito importante e eu quero que isso esteja na sequência, com certeza. Mas eu acredito que duas coisas que eu gostaria muito que tivesse é a relação deles após se assumirem na posse da presidente eu gostaria muito de saber como que eles lidaram com o assédio do público. E isso não teve nesse filme, espero que tenha no próximo, e também ver a saída do Henry da família real. Isso é muito importante para ele como personagem e eu acredito que desenvolver isso na sequência vai ser muito importante. Acho que essas são as minhas maiores expectativas. Eu espero que a gente tenha um terceiro que conte o casamento, mas obviamente isso não foi dito em lugar nenhum, por mais que seja um desejo do Taylor, que seja uma trilogia. [risadas] Mas a gente tem que só torcer. A minha maior expectativa, nesse momento, é que ela aconteça logo, que essa sequência aconteça logo, para que a gente possa matar a curiosidade e a saudade também (Entrevistada 1).

Ai, eu tô muito animada! Eu tô insanamente animada! Eu tô muito curiosa pra ver qual direção vai tomar, mas eu confesso que eu tô tentando baixar a guarda. Não quero ter expectativa, quero ser surpreendida. Eu espero que a sequência aprofunde mais ainda, óbvio, nos personagens. Eu tenho certeza que eles vão fazer isso, que vai manter o coração da história intacto. E... Existem, né, pessoas que acham que talvez não vai ser exatamente como no livro, eu não me preocupo muito com isso, confesso. Vai ser relevante da mesma forma, eu quero ver o desenvolvimento do relacionamento do Alex e do Henry, o que é que aconteceu depois, gente? O que

aconteceu depois? Como é que eles estão? O que eles estão fazendo? Será que eles vão morar juntos um dia? O que será que vai... se tiver alteração será que vai ser para uma vida fora daquele contexto de presidência? Será que eles vão conseguir morar juntos, ter um apartamento? O que é que vai ter que vai ser o plot twist, assim... [risadas] Eu tenho tantas perguntas, na minha cabeça são mais perguntas, né? São tantas possibilidades e honestamente eu sou completamente apaixonada, o que acontecer eu vou ficar feliz. A minha expectativa é só mantendo o coração da história intacto, façam o que quiser. [risadas] Eu quero muito saber, claro, como que eles vão lidar com os desafios, o que vem depois, né? Eu quero que eles tenham um “felizes para sempre”, eu acho que isso vai acontecer, mas o que eu fico mais curiosa, que sim, posso chamar então de expectativa para responder essa pergunta, seria o que vai fazer, o que vai desestabilizar eles? Pode ser tanta coisa, né? Pode ser tanta coisa, mais de uma coisa, e acho que é isso que eu mais tô ansiosa, sim. E vai ser suprida em breve, felizmente (Entrevistada 3).

As expectativas? As expectativas estão altas. Porque, assim, a gente sabe que tiveram cortes, né, no primeiro filme, inclusive de um final. Era um final alternativo, aonde teve os cortes. Eu não sei ainda, pra mim, tipo assim, “a minha expectativa tá alta por quê?” Eu sempre confiei. No primeiro filme, que foi direção do Matthew, eu confiei muito, muito, de olhos fechados, eu nunca duvidei nem por um segundo, assim, do que tava sendo feito. E esse segundo, ainda mais tendo o Matthew e Casey ainda mais... com uma participação maior ainda no filme, tipo assim, eu confio porque, assim, as pessoas falam, falam, falam, mas, assim... se tem um diretor que já trouxe de uma maneira tão linda o primeiro filme, junto com autore, que literalmente escreveu o livro, se tá ali é porque fazia sentido e é para estar na história. Então, assim... eu confio de olhos fechados, eu confio vendada. O que vai sair, vai ser bom. Se for para ter uma trilogia, vai sair, vai ser bom. Porque eles não fariam algo... como o Matthew, quando ele era perguntado por um segundo filme, antes da confirmação, ele falava que eles nunca fariam algo só por fazer, só porque daria dinheiro. Eles fariam algo se tivesse a fazer. Se tiver uma história para ser contada, eles vão fazer. Então eu imagino que deve ter muita coisa para esse segundo filme com Casey, porque ele é quem escreveu a história. Então assim, se eles chegaram ao consenso de um segundo filme, é porque realmente tem história para ser contada, e a gente sabe que tem. Porque, por exemplo, só no capítulo extra tem algum furo de 5 anos, que eles não vão deixar aquilo ali, é realmente para uma oportunidade futura. Então, eu realmente tenho muita esperança, minhas expectativas estão altas. E eu tenho certeza que não vão ser quebradas, porque eu confio de olhos fechados, assim, 100%, de verdade (Entrevistada 6).

Todos os entrevistados relataram altas expectativas e convicção no projeto, destacando seus desejos e motivações para confiar no que está por vir. Dentre elas, ressaltamos o desenvolvimento de arcos deixados em aberto como a relação do casal protagonista após assumirem publicamente o relacionamento, além da adaptação e/ou aproveitamento das cenas cortadas que foram gravadas para o primeiro filme, mas não entraram na edição final, como o final alternativo e cenas queridas pelos leitores. Vale ressaltar que após a estreia do filme, alguns dos cortes foram disponibilizados pela *Prime Video* nos perfis em redes sociais *online* da empresa, como forma de agradecimento e comemoração pelo sucesso do filme.

Outros aspectos apontados foram a inclusão de cenas abordadas na seção extra da edição de colecionador do livro, lançada em 2022, o acréscimo de material inédito, o que tem gerado empolgação por parte dos administrados do portal, e por fim a possibilidade de um terceiro filme, um rumor que tomou força após especulações na internet e o desejo do elenco

de continuar trabalhando juntos. Algo em comum em todas as respostas fornecidas foi a confiança em Matthew Lopes, diretor do primeiro longa-metragem que também será responsável pela sequência, e Casey McQuiston, *autore* do livro e pessoa encarregada pelo roteiro da adaptação. Para a equipe da VBSA Brasil, o envolvimento de ambos no projeto é visto como garantia de sucesso, pois partem do pressuposto de que os dois serão fiéis ao material original, além do comprometimento em entregar um filme que faça jus à comunidade de fãs com uma história significativa e emocionante.

Ao descrever os três elementos nucleares que englobam o conceito de adaptação – isto é, a transposição de várias obras, a apropriação/recuperação, e o engajamento intertextual –, Hutcheon (2013, p. 30) salienta que o processo de adaptar, seja visando reinterpretações do texto original e o lucro das indústrias midiáticas, possibilitam que o material seja “uma derivação que não é derivativa, uma segunda obra que não é secundária - ela é a sua própria coisa palimpséstica.” Indo um pouco mais além, observamos um quarto aspecto: o diálogo com os fãs, que criam novas camadas de significado.

Em relação às respostas sobre a sequência, verificamos que a fidelidade dos entrevistados persiste, porém, existem também sentimentos como a curiosidade, a perseverança e a aceitação ao novo, bem como o respeito a obra e as pessoas envolvidas na produção. Diante disso, a próxima subseção dá continuidade aos depoimentos, todavia, partindo da perspectiva dos seguidores do portal na rede social *online X*.

6.2.2 Seguidores da página

O segundo instrumento de coleta de dados (Apêndice B) utilizado nesta pesquisa foi o questionário *online*, que ficou disponível para preenchimento entre os dias 19 de fevereiro e 10 de março de 2025, e buscou conhecer os leitores e fãs brasileiros de *Vermelho, Branco e Sangue Azul* (VBSA) inseridos no contexto digital, sobretudo na rede social *online X*. As perguntas foram dispostas em quatro blocos temáticos, que, com exceção do primeiro (perfil dos seguidores), foram estabelecidos de acordo com as categorias de análise pontuadas na seção com os procedimentos metodológicos do estudo, que também foram norteadores para separar os segmentos por tema no roteiro das entrevistas conduzidas com os administradores do portal “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil” (VBSA Brasil).

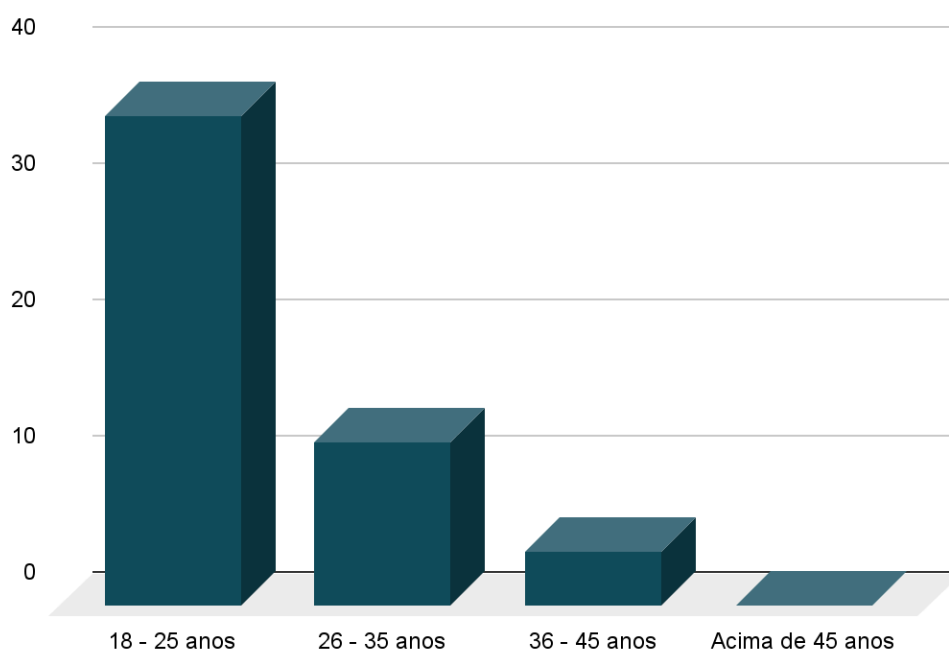
Assim, o primeiro bloco de perguntas buscou traçar um perfil dos seguidores do portal e suas características pessoais. Realçamos que as respostas destas questões resultaram em valores quantitativos para a pesquisa, mas que foram analisados pelo viés qualitativo.

Ademais, embora a amostra seja pequena se comparada a quantidade de seguidores que a página possui – atualmente com 32.711 seguidores –, todos os 52 respondentes aceitaram participar da pesquisa após as explicações fornecidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), presente no Apêndice B com base no modelo que consta no Apêndice C que foi apresentado a equipe da VBSA Brasil, e trouxeram contribuições significativas para entendermos a relação da comunidade de fãs de VBSA com as versões da história.

Para conhecer as particularidades dos seguidores, a primeira seção trouxe questões relacionadas a faixa-etária, identificação étnico-racial, identidade de gênero e orientação sexual, sendo as três últimas categorias formuladas conforme critérios do questionário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aplicados nos domicílios brasileiros (IBGE, [2023]) e ampliados segundo as nomenclaturas apresentadas nas seções teóricas da pesquisa, em especial no primeiro que abordou as temáticas relativas à Teoria *Queer*.

Logo, apesar da classificação indicativa da obra literária e filmica ser a partir dos 16 anos – devido à presença de conteúdo sexual e menção ao uso de drogas lícitas como o álcool –, estabelecemos 18 anos como idade base para a coleta do questionário, em razão de questões éticas e legais, posto que, indivíduos que alcançam a maioridade, não necessitam de autorização parental para participar de estudos dessa natureza. Sendo assim, o gráfico a seguir corresponde à idade dos respondentes.

Gráfico 1 - Faixa etária dos participantes



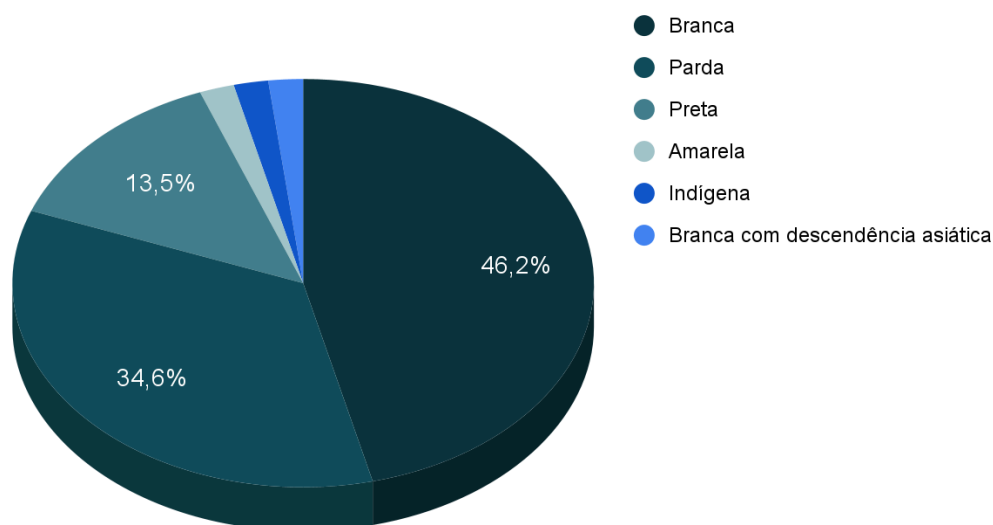
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Diante da ilustração do gráfico, podemos notar que as idades foram divididas da seguinte maneira: 36 participantes possuem entre 18 e 25 anos, compreendendo a maior porcentagem da coleta (69,2%), seguido do segundo grupo com 12 pessoas (23,1%) na faixa etária entre 26 e 35 anos, e o terceiro e menor grupo com 4 pessoas (7,7%) com idades entre 36 e 45 anos. Além destes, também colocamos no questionário o item “Acima de 45 anos”, todavia, nenhum dos respondentes marcou a opção.

Apoiado nisso, constatamos que o público que acessa os conteúdos da página é majoritariamente jovem, dialogando inclusive com a idade dos personagens do livro. Neste sentido, Passo e Cavalcante (2024, p. 15) argumentam que este interesse do público juvenil por uma literatura representativa pode ser explicado por fatores como a “[...] expansão das políticas públicas voltadas para os direitos da comunidade LGBTQIAPN+ e pelo aumento do diálogo em torno da identidade de gênero e orientações sexuais na internet, na escola e no meio familiar.” A respeito das duas últimas instituições sociais, e adicionando as religiões e o Estado, apesar de não podermos mensurar seus impactos na relação dos respondentes com obras *queer*, é pertinente ressaltar que estas atuam como estruturas formadoras e, portanto, também desempenham múltiplas funções, positivas e negativas, ao moldar os comportamentos, experiências, valores, tradições e conhecimentos das pessoas.

Segundo Sardenberg (2018, p. 22), o rompimento “[...] com as amarras dos condicionamentos da dominação patriarcal [da branquitude e heteronormativas] e, em especial, com a subordinação, não é algo instantâneo [...]”, mas um processo contínuo que depende de uma série de fatores, que muitas vezes podem enfrentar obstáculos que geram incertezas e desmotivam o avanço pessoal. No entanto, a literatura, o cinema, o teatro, a música e tantas outras manifestações culturais e artísticas são fortes aliadas para manter a chama da liberdade, autonomia e empoderamento acesas.

Neste sentido, compreendemos que a partir do contato com os textos, sejam estes escritos ou não, os jovens se permitem fazer associações com suas vivências, sentir indignação com as injustiças, ressignificar experiências e entender o mundo (Petit, 2010). Em consonância, ressaltamos que as produções literárias e audiovisuais, mesmo na condição de material ficcional, atuam muitas vezes como um reflexo da sociedade. No que tange especificamente a literatura, podemos dizer que a partir das representações dos personagens, e considerando o seu viés emancipatório, transformador e capaz de fortalecer, empoderar e formar novos leitores, diversas vidas são impactadas de maneiras inimagináveis, seja pelo acolhimento, visibilidade ou pela identificação.

Gráfico 2 - Identificação de cor/raça

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

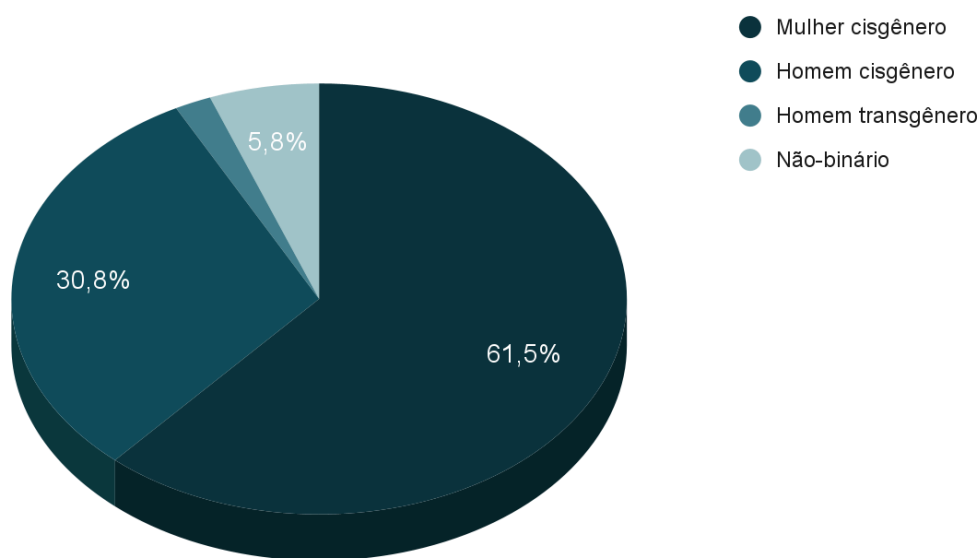
Referente a identificação étnico-racial, o Gráfico 2 evidencia as porcentagens de acordo com as respostas coletadas, a saber: 46,2% (24) dos participantes se autodeclararam brancos, 34,6% (18) como pardos e 13,5% (7) como pretos, enquanto amarelos, indígenas e branco com descendência asiática corresponderam a 1,9% (1), respectivamente. A presença e diversidade de seguidores não-brancos, mesmo que no caso da amostra representem um número reduzido, nos permitiu observar que obras de temática LGBTQIAPN+ também encontram públicos diversos que engajam com essas produções, e isso pode ser justificado por vários motivos.

Na história de *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, Alex e Henry são os protagonistas e ambos se identificam como latino e branco, respectivamente. Entretanto, além destes personagens, a narrativa apresenta outros que são de extrema importância para a representação e empoderamento étnico-racial de seus leitores, como Percy Okonjo, ou simplesmente Pez, o melhor amigo de Henry que, tanto no livro quanto no filme, é uma pessoa negra. Outrossim, destacamos a irmã de Alex, June Claremont-Diaz, que só aparece nos livros, mas que também é mexicana-americana⁴⁸, além de outros personagens latinos como Oscar Diaz e Rafael Luna. Nos relatos dos administradores do portal, percebemos como a presença destes personagens na história é significativa, especialmente porque o Brasil faz parte da América Latina, o que possibilita uma identificação das pessoas com essas figuras tão

⁴⁸ Termo utilizado para se referir a pessoas que têm ascendência mexicana e vivem/foram criados no território dos Estados Unidos.

queridas pelos leitores e espectadores. Neste contexto, resgatamos as palavras de Malta, Flexor e Costa (2020, p. 2) ao declararem que “a ficção se alimenta do cotidiano, assim como serve de inspiração para as práticas sociais”, ou seja, as produções midiáticas recriam a realidade de forma simbólica, contribuindo para representações de grupos sub-representados. Portanto, quando encontramos personagens com características e vivências semelhantes, conseguimos nos conectar com muito mais profundidade as narrativas consumidas.

Gráfico 3 - Identidade/Expressão de Gênero



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

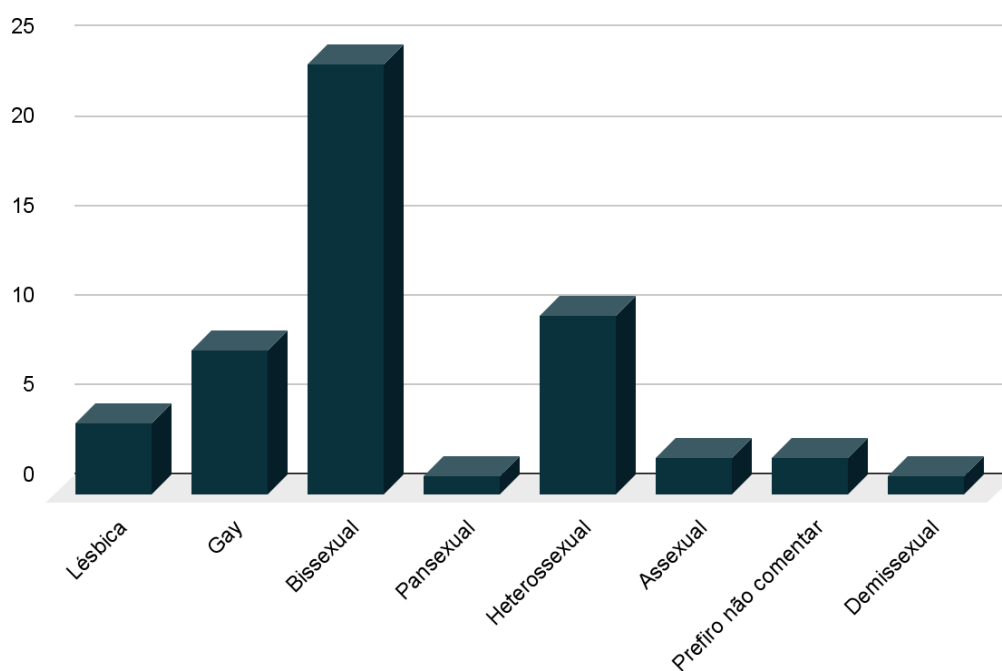
No que tange às identidades de gênero, é possível verificar no Gráfico 3 as porcentagens referentes às respostas obtidas. Assim, 61,5% (32) dos respondentes são mulheres cisgênero, 30,8% (16) se identificam como homem cisgênero enquanto 1,9% (1) como homem transgênero e 5,8% (3) como não-binários. Vale ressaltar que nenhum dos participantes marcou os itens mulher transgênero e prefiro não declarar.

Oliveira, Gomes e Costa (2020, p. 75) afirmam que “onde há poder há também resistência”, mas que mesmo com essas estruturas opressoras existem “nessa cultura corpos que conseguem subverter as normas, instaurar novas formas de comportamento, inaugurar outros processos de experimentação do próprio corpo, da sexualidade e do prazer”, os sujeitos *queer*. Na realidade da amostra, podemos observar que, embora os números apontem para uma predominância de homens e mulheres cisgênero, pessoas trans e não-binários também encontram espaço de representação na página e na obra. A respeito da adaptação filmica,

destacamos a atriz Aneesh Sheth, uma pessoa trans que faz parte do elenco do filme interpretando a agente Amy Gupta, responsável pela segurança de Alex e da sua família.

Como a “sexualidade é genial, e não genital” (Oliveira; Gomes; Costa, 2020, p. 76), seguimos com a última questão do primeiro bloco, cuja finalidade foi verificar as orientações sexuais dos respondentes para investigar se o público que consome os conteúdos publicados pela VBSA Brasil faz parte da comunidade LGBTQIAPN+.

Gráfico 4 - Orientação sexual dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Assim, finalizamos com a apuração dos resultados que apontaram para uma predominância de pessoas que se identificam como bissexuais (24 - 46,2%). Na sequência, o segundo maior grupo incluiu heterossexuais (10 - 19,2%), seguido de gays (8 - 15,4%) e lésbicas (4 - 7,7%). As orientações com menor incidência foram: assexual (2 - 3,8%), demissexual (1 - 1,9%) e pansexual (1 - 1,9%). Além disso, dois respondentes optaram por não comentar a respeito.

Em concordância com os dados contidos no gráfico, os relatos presentes nas questões posteriores em outros blocos indicam que um dos motivos para o envolvimento dos participantes com a obra foi a autodescoberta e autoaceitação de sua sexualidade a partir da leitura da história do Alex, personagem bissexual. Fiske (1992) observa que a formação de *fandoms* é comumente associado aos gostos culturais de grupos marginalizados – com exceção dos esportes como o futebol, que em muitos casos reflete estruturas sociais mais

amplas de machismo e heterossexualidade compulsória da perspectiva masculina –, sobretudo aqueles desempoderados e impactados por aspectos interseccionais como gênero, idade, religião, classe, região territorial, orientação sexual e raça (Akotirene, 2019; Crenshaw, 2002).

Logo, não foi uma surpresa receber este quantitativo em relação à bissexualidade dos respondentes, porém, o número considerável de sujeitos que se identificam como heterossexuais nos fez ponderar que, apesar dessas pessoas não compartilharem os mesmos sentimentos que outros podem ter verbalizado por fazer parte da comunidade LGBTQIAPN+, ainda assim o seu envolvimento com o livro e o filme demonstra que não necessariamente é preciso partilhar das mesmas experiências, pois ainda é possível se entreter, apreciar e respeitar as produções.

Em seguida, o segundo bloco buscou abranger a categoria **Experiência como fã no *fandom***, com perguntas voltadas para a relação dos seguidores com outras pessoas que fazem parte da *fanbase*, bem como o livro *Vermelho, Branco e Sangue Azul* e o filme homônimo. Destarte, a primeira questão captou a respeito do contato inicial dos seguidores com o universo de VBSA, cujos dados foram organizados no seguinte quadro:

Quadro 4 - Inserção dos fãs no *fandom*

Pergunta	Opções	Respostas dos participantes
Como você conheceu o universo de Vermelho, Branco e Sangue Azul e se tornou fã?	Pelo livro	39 (75%)
	Pelo filme	8 (15,4%)
	Pelos dois ao mesmo tempo	5 (9,6%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Sendo assim, os resultados apontaram para uma maior incidência de pessoas que tiveram um primeiro contato com *Vermelho, Branco e Sangue Azul* pela sua versão em livro, o que nos chamou bastante atenção, pois a partir destas respostas, inferimos que a página possui um vínculo mais expressivo de leitores do que de espectadores. Portanto, o número de respondentes que conheceu pelo filme e pelas duas versões da história ao mesmo tempo, foi inferior se comparado àqueles que tiveram conhecimento da obra em primeira instância.

Nesta perspectiva, recuperamos Dumont (2020, p. 23) para corroborar a percepção de que, mesmo com o surgimento de outros meios, aquele que se sobressai como “[...] grande meio de difusão da informação é a escrita, utilizada não só no suporte mais tradicional, o papel, como também no meio digital e nas mensagens via Internet.” Por consequência, deduzimos a partir de nossas percepções pessoais e observando de outros leitores que muitas

pessoas preferem ler o livro antes de assistir a sua adaptação, seja no formato de filme ou série, algo explicado por diversos fatores psicológicos, afetivos e culturais.

Desse modo, podemos citar como exemplos o estímulo a criatividade, ou seja, o ato de ler nos permite construir cenários e personificar personagens em nossas mentes, assim como a satisfação pela comparação das características descritas na obra com a adaptação do roteiro e interpretação dos atores. Outrossim, destacamos a imersão no universo, pois os produtos audiovisuais nem sempre conseguem abranger a magnitude dos detalhes que um livro apresenta, e o que chamamos de “hierarquia literária” ou o processo sociocultural no qual muitos sujeitos consideram o livro como superior as suas adaptações.

Fehrle (2019) argumenta que, na era da convergência, a adaptação deve ser entendida como um processo dinâmico e intermediário, no qual as narrativas se reinventam constantemente e são influenciadas pela inserção das tecnologias e pela imersão das pessoas na cultura participativa, que se apropriam tanto do texto original como dos produtos resultantes que coexistem e podem assumir níveis de importância para seus públicos. Dando continuidade a relação dos seguidores com o livro e o filme, perguntamos aos participantes acerca da leitura da obra. Por se tratar de uma questão de múltipla escolha, o quadro a seguir apresenta as porcentagens conforme as três categorias de respostas pré-estabelecidas.

Quadro 5 - Experiências com o livro

Pergunta	Opções	Respostas dos participantes
Você leu o livro antes ou depois da adaptação para filme?	Antes do lançamento da adaptação	43 (82,7%)
	Depois do lançamento da adaptação	5 (9,6%)
	Não li o livro, assisti apenas ao filme	4 (7,7%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Em conformidade com os dados dispostos no quadro anterior ao apresentado acima, percebemos nas respostas do Quadro 5 que a maioria dos participantes preferiu ler o livro antes do lançamento do filme. Em relação àqueles que leram após a adaptação ou apenas assistiram o longa-metragem, houve uma pequena distância no número de respostas, com uma diferença de uma pessoa de um item para outro. Hutcheon (2013) e Sanders (2016) alegam que analisar uma adaptação audiovisual implica no reconhecimento da obra cânone e, nessa circunstância, significa que com frequência o livro é priorizado pelo público. Desse modo, os dados indicam que a maior parte da amostra dos seguidores tem um envolvimento expressivo com a obra de Casey McQuiston, pois tiveram um contato prévio com a história. Entretanto,

não podemos esquecer que aqueles que indicaram a leitura após o lançamento ou apenas ter assistido ao filme também possuem vínculos com o universo de VBSA.

Iniciando as perguntas abertas do questionário, questionamos os seguidores sobre a importância do livro e do filme *Vermelho, Branco e Sangue Azul* em suas vidas. Os depoimentos foram variados e citaram como exemplos ser a sua primeira leitura de romances *queer*; a busca por conforto e identificação, o interesse por literatura LGBTQIAPN+ e por temáticas afins retratadas na obra como política, bem como a oportunidade de ver a comunidade LGBTQIAPN+ sob outro olhar que não fosse de sofrimento e opressão, entre tantos outros. Um dos relatos que mais chamou nossa atenção foi da Participante 14, que trouxe a seguinte justificativa: “*Minha sobrinha de 14 anos me indicou o livro, foi um gesto de confiança dentro da autodescoberta dela e de começar a se abrir pra mim*”.

Além deste, o depoimento da Participante 17 trouxe a relevância da obra enquanto motivadora no processo de autodescoberta e aceitação de sua orientação sexual, pois de acordo com ela “*Minha jornada em relação a minha identidade queer é semelhante à do Alex. Eu consegui me ver nele, e isso facilitou bastante a minha autoaceitação*.” O acesso a produções LGBTQIAPN+, em especial, livros e filmes, como no caso desta pesquisa, ajudam no enfrentamento de preconceitos e estereótipos, bem como contribui para a suspensão da invisibilidade imposta as identidades e sexualidades dissidentes. A seguir, apresentamos algumas outras experiências relatadas.

Eu me identifiquei muito com o Alex quando li o livro em 2019. O Bolsonaro tinha pouco tempo de governo e eu precisava muito ter esperança e força para lutar por um mundo melhor e o Alex me deu isso. Mas essa relação com a história mudou no último ano quando meu pai morreu de câncer e passei a me identificar com o Henry e seu luto. Então a história foi importante para mim em dois momentos diferentes (Participante 6).

Para mim, o livro traz uma abordagem de poder ter um romance entre dois homens da forma mais doce e natural possível, apesar dos empecilhos. é uma leitura que eu gostaria de ter quando mais novo, e o filme... é a comédia romântica que eu queria ver na sessão da tarde, poder ver um filme leve como esse depois de adulto preenche um lugar muito especial no meu coração (Participante 10).

Tanto o livro quanto o filme possuem um valor sentimental muito grande pra mim, pois consumí ambos em momentos não tão bons da minha vida, mas poder me desligar um pouco dos problemas e acompanhar a história de Henry e Alex me ajudou mesmo que indiretamente (Participante 18).

Simplesmente por questões de validação enquanto ser humano, o fato de ser uma obra abertamente LGBTQIAPN+ que gera em nós um sentimento de "possibilidades", pois apesar de ser uma obra fictícia ela tem todas as possibilidades de ser algo "real". Isso, para mim, é o ponto crucial de qualquer história LGBTQIAPN+ (Participante 19).

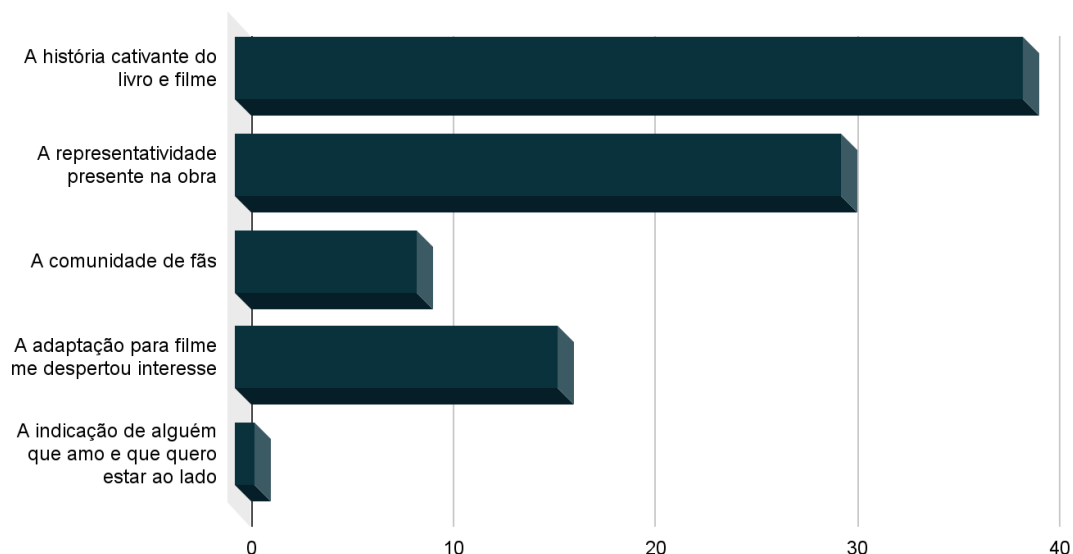
Ele traz um romance em um cenário onde política e identidade se entrelaçam, mostrando que o amor pode ser revolucionário. Para mim, é um lembrete de que narrativas LGBTQ+ merecem espaço, profundidade e finais felizes. É sobre quebrar barreiras, sobre se permitir sentir e sobre a esperança de um mundo onde ser quem você é não seja um ato de resistência, mas simplesmente existir (Participante 52).

Os comentários compartilhados demonstram múltiplas formas de identificação por parte dos respondentes em relação ao universo de VBSA. Dentre os elementos observados, destacamos a identificação com os personagens e suas orientações sexuais, o valor sentimental, de escapismo e de acolhimento após a perda de um familiar, a ressignificação e validação da representatividade LGBTQIAPN+, entretenimento, presença de relacionamentos *queer* de forma aberta, sem tragédias e estereótipos, entre outros. Dantas e Moura (2013, p. 5) relatam que “Os fãs movidos por esse sentimento de devoção a uma particular fonte textual são focados em elevar e partilhar conhecimento da obra original”, paixão essa que pode também resultar em vínculos pessoais e fomentadores de mudanças.

Em tempos de censura, de governos opressores, incertezas, adversidades e questionamentos sobre o mundo e nossas convicções, o ato de ler cativa, acolhe, ressignifica, reconstrói, responde e provoca novas indagações, afinal, “é um dos atos mais transformadores da existência humana, pois não só abre espaço para o autoconhecimento, como amplia a visão que temos do outro, principalmente, daqueles que vivem uma realidade diferente da nossa” (Cavalcante; Barreto; Sousa, 2020, p. 12). Do mesmo modo, a cultura pop, mesmo quando parece apenas entretenimento num primeiro instante, também atua como um mecanismo poderoso que oferece símbolos, linguagens e meios para a construção de identidades coletivas e o respeito e compreensão das diferenças através da ficção (Gonzatti, 2017; Jenkins, 2009).

Ademais, salientamos que a literatura quando não é imposta, assume um caráter de fortaleza, sendo consumida com naturalidade e prazer. Além disso, para muitas pessoas, a leitura pode ser emancipatória, uma porta de entrada para um mundo de possibilidades. Diante dos depoimentos, evocamos Petit (2010) ao mencionar que quando uma narrativa não é forçada aos leitores, ela pode ser rapidamente internalizada e apreciada por estes, tornando-se parte de quem são e, por consequência, proporciona reflexões acerca de suas próprias histórias, mesmo que por um viés protetor.

Esta perspectiva concatena aproximações com as respostas obtidas na questão 8 (Gráfico 5), que nos permitiu averiguar as motivações dos participantes da pesquisa em fazer parte do *fandom* de *Vermelho, Branco e Sangue Azul* e interagir com outras pessoas no âmbito digital.

Gráfico 5 - Motivações para fazer parte do *fandom*

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Assim como em outras questões, concedemos nesta a oportunidade de marcar mais de uma opção. Logo, os dados presentes no gráfico nos mostram que a maior parte dos seguidores da amostra, cerca de 75%, consideraram como principal fator motivacional para fazer parte da *fanbase* a história do livro e filme. Por outro lado, 57,7% responderam que a representatividade LGBTQIAPN+ foi algo mais decisivo para sua inserção no *fandom*, reforçando a importância de narrativas *queer* na atualidade e como elementos como a diversidade, inclusão e identificação são essenciais para o público jovem.

Além disso, 30,8% afirmaram que a adaptação fílmica foi o que despertou seu interesse, o que corrobora com a visão de autores como Jenkins (2009) ao discutir acerca do impacto das transmídias nas relações estabelecidas pela cultura participativa. Outrossim, 17,3% alegaram que a comunidade de fãs motivou sua participação, demonstrando o valor dado às interações, debates e possíveis amizades resultantes das trocas entre pessoas reunidas por uma paixão em comum.

Por fim, apenas uma pessoa escolheu a opção “outros” acompanhada de um relato muito especial. A Participante 14 além de marcar um dos itens listados descreveu que o seu envolvimento com o universo de VBSA foi motivado pela indicação de alguém amado, reforçando o elo afetivo com a história, com uma pessoa próxima e com a comunidade de fãs. Esses sentimentos de coletividade, pertencimento, identificação, visibilidade e tantos outros são alguns dos aspectos destacados por Borges (2024), Dumont (2020), Petit (2010), Passo e Cavalcante (2024) e demais autorias ao discutirem a respeito do acesso à informação, em

especial aquela que é fruto da literatura, como promotora de apropriações leitoras e empoderamento dos sujeitos.

Encerrando o segundo bloco, a nona pergunta teve como propósito verificar a opinião dos seguidores a respeito da história antes do lançamento do filme em 2023. Apesar de ser uma questão de múltipla escolha, a opção “outros” – utilizada em boa parte das perguntas fechadas para oferecer mais liberdade aos respondentes mesmo com a listagem pré-estabelecida das respostas – resultou em três depoimentos distintos.

Quadro 6 - Opiniões sobre a história antes do lançamento do filme

Pergunta	Respostas dos participantes	Porcentagem
Qual era a sua opinião antes do lançamento do filme a respeito da história criada por Casey McQuiston?	Estava muito animado(a) e esperava uma adaptação fiel ao livro	27 (51,9%)
	Estava animado(a), mas com receio de mudanças na história	14 (26,9%)
	Não estava animado(a), pois prefiro o livro	0 (0%)
	Não conhecia a história antes do filme ser anunciado	7 (13,5%)
	Preferi não ter expectativas já que o histórico de adaptações de livros em filmes tem uma tendência a acabar tirando muitas coisas boas da obra e deixando com quase nada	1 (1,9%)
	Não vi o filme, apenas li o livro	1 (1,9%)
	Estava animadíssimo e esperava sim uma história ao menos parcialmente fiel, mas também super disposto a aceitar mudanças, em outras palavras, o que viesse era visto como lucro por mim hehe	1 (1,9%)
	Estava animada, e não esperava uma adaptação fiel	1 (1,9%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Diante dos dados apresentados, o Quadro 6 revelou que a maior incidência de fãs (51,9%) afirmou ter altas expectativas em relação à adaptação, esperando por um filme que fosse fiel ao livro, demonstrando forte apego e carinho ao material original, à medida que 14 participantes (26,9%) declararam animação, mas, ao mesmo tempo, estavam receosos ao ponderar sobre possíveis alterações na história. Em seguida, 7 respondentes (13,5%) indicaram não conhecer o livro antes do anúncio do filme, uma resposta diretamente associada a dados que apresentados posteriormente a respeito da relação dos fãs com o filme e como este serviu como porta de entrada para novos leitores. Apenas um participante manifestou não ter criado expectativas devido a experiências negativas com outras adaptações audiovisuais.

As outras respostas apontaram o seguinte: um respondente declarou estar animado, mas sem expectativas e disposto a aceitar possíveis mudanças no roteiro comparado a obra original, outra pessoa respondeu que estava animada, mas não esperava por uma adaptação fiel e houve um participante que afirmou não ter assistido ao filme, mantendo-se fiel à obra literária. Nenhum participante colocou o filme como preterido, algo que consideramos positivo. Portanto, os dados sinalizam que o *fandom* de VBSA é engajado e valoriza o trabalho da pessoa autora, do diretor, elenco e demais envolvidos.

O terceiro bloco teve como objetivo precípua abordar as **Práticas de mediação e da cultura participativa na internet** a partir do viés dos respondentes. Neste sentido, para a décima pergunta do questionário, realizamos o seguinte questionamento: “Como você considera que a divulgação feita pelos fãs, especialmente por páginas como ‘Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil’, influenciou na adaptação do livro para filme?”

Os resultados obtidos foram diversificados, mas evidenciaram a respeito das ações de divulgação e disseminação da informação desempenhadas pelos fãs, tanto produtores quanto consumidores. Assim, uma parcela dos comentários coletados pode ser localizada no quadro a seguir. Essa organização permitiu visualizar com clareza as informações, facilitando posteriormente a análise e a interpretação dos dados.

Quadro 7 - Divulgação dos fãs como fator de influência a adaptação

Participante	Respostas
4	De extrema importância porque, veja bem, se os fãs não comessem a falar bastante do livro no tumblr, no twitter e tiktok, por exemplo, talvez nenhum estúdio de cinema pensaria em fazer uma adaptação. É o movimento do fandom, e criações de páginas de fãs como a VBSABr (que veio com a divulgação da adaptação) que são o verdadeiro motor propulsor disso tudo.
6	Acho que a divulgação não influenciou na adaptação em si da história para um filme já que adaptação foi comprada pela Amazon antes do lançamento do filme. Mas a divulgação com certeza foi importante para o sucesso do filme.
15	Acredito que, ao comentar sobre um determinado assunto na internet de forma frequente, ele ganha fama. Assim, cada vez mais pessoas tendo conhecimento da obra influenciou para os produtores se motivarem mais na adaptação.
19	Eu vou a partir de um olhar crítico, afinal não podemos ser ingênuos e imaginar apenas que foi feito sem motivações. Acredito que a divulgação foi um ponto crucial para evidenciar ao mercado cinematográfico que a adaptação do livro traria sim algum tipo retorno financeiro, afinal há um público consumidor fiel lá fora que atenderá a demanda. Eu mesmo só assinei a Prime Video para poder dar stream no filme.
21	Creio que hoje os fãs tem a capacidade de interferir positivamente na adaptação de

	obras literárias e podem realmente se mobilizar e defender a originalidade das personagens de suas histórias queridas, isso faz os roteiristas e a indústria do cinema e streaming repensarem seus atos e se aproximar ao máximo do que o público fã tanto almeja.
31	Extremamente importante... Penso que as páginas de fãs tem um papel importantíssimo na divulgação de qualquer projeto... É uma forma de divulgar o trabalho de nossos artistas e histórias favoritas e de quebra atingir mais e mais pessoas.
34	Recebemos tão poucas obras do mundo queer que quando encontramos um livro bom começamos a fazer muita divulgação por cima. Vejo algumas pessoas marcando produtoras de filmes para que elas visualizem a obra. Considero a divulgação bastante empenhada em levar para o cinema cada vez mais obras (de boa qualidade) sobre a comunidade LGBTQIAPN+.
43	Acho que serviu para trazer mais pessoas para o fandom e ajudou a mostrar o livro para o Brasil. O que ajudou muito para o processo de adaptação.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

As respostas destacadas ratificam como a cultura de fãs é fundamental para o sucesso de um produto midiático, algo que já havíamos dialogado textualmente com autorias como Jenkins (2009), Silveira (2010), Shirky (2011) e demais pessoas pesquisadoras da temática de cultura participativa. Os respondentes do questionário reconhecem a importância da divulgação e mobilização dos fãs nas redes sociais digitais como *Tumblr*, *X*, *TikTok* e *Instagram* como influenciadora no mercado cinematográfico, sobretudo com foco nas adaptações. Um outro relato complementar é o da Participante 18, que afirmou só saber da existência do filme graças ao trabalho de divulgação da VBSA Brasil.

Porém, nem todos os respondentes relataram o mesmo acerca da divulgação da história na internet como impulsionadora para a sua adaptação. A Participante 3, por exemplo, informou não ter prestado atenção nessas iniciativas e, portanto, não soube identificar se de fato contribuiu para este processo. Outra opinião similar foi da Participante 39 que concedeu o seguinte depoimento: “*Não acompanhei estas divulgações feitas por fãs, então acredito não ter uma opinião competente e/ou estruturada.*”

Partindo destes relatos, ressaltamos que apesar de nem todos os respondentes demonstrarem atenção ao trabalho de divulgação da equipe que administra o portal, é preciso considerar que este aspecto é natural em contextos de engajamento digital, sobretudo porque nem todos os fãs obrigatoriamente acompanham tudo o que é publicado, assim como nem sempre possuem interesse em interagir com outros, como discutido por Acosta (2019).

Em muitos casos, os usuários nas redes sociais *online* limitam-se a consumir os conteúdos de forma passiva, sem se envolver diretamente. Além disso, é válido salientar, em

consonância ao pensamento de Martino (2014), que nem todas as pessoas que interagem e apreciam produtos culturais são consideradas fãs, pois os graus de envolvimento ultrapassam a simples cultura de curtir, comentar e compartilhar propaganda na internet.

Ademais, indo na contramão de Thompson (1998), consideramos que sugerir a ideia de que a criação dos *fandoms* decorre da relação de dependência das plataformas digitais e ferramentas tecnológicas para existir é uma visão reducionista, visto que desconsidera a existência de *fandoms* não-digitais e de eventos organizados pelas comunidades, assim como de pessoas que não tem acesso à internet, mas apreciam determinado livro ou filme. Não podemos negar que as tecnologias de fato ajudam e potencializam os processos de agrupamento e trocas com outros indivíduos, mas, é preciso percebê-las como meios facilitadores para ampliar a comunicação, e não como o único espaço para fortalecer os laços nas comunidades de fãs.

Adiante, a próxima questão teve como finalidade averiguar de que maneira os seguidores percebem a relação dos fãs com o livro e o filme. A pergunta foi formulada com opções de múltipla escolha, contudo, possibilitou que mais de um item pudesse ser marcado se porventura o participante optasse. Além disso, a opção “outros” permitiu com que diferentes respostas fossem aceitas caso as categorias estabelecidas não fossem suficientes. Desse modo, o quadro 8 contém um resumo dos dados coletados.

Quadro 8 - Relação dos fãs com o livro e o filme

Pergunta	Respostas dos participantes	Porcentagem
Como você observa a relação dos fãs com as duas versões de Vermelho, Branco e Sangue Azul? Se necessário, marque mais de uma opção.	A maioria dos fãs gosta tanto do livro quanto do filme	28 (53,8%)
	Muitos fãs preferem o livro, mas também apreciam o filme	27 (51,9%)
	O livro é mais apreciado pelos fãs do que o filme	3 (5,8%)
	Há divisões no <i>fandom</i> entre os que preferem o livro e os que preferem o filme	13 (25%)
	O filme atraiu novos fãs que não conheciam o livro	35 (67,3%)
	Também há os fãs que gostam apenas do filme porque não quiseram/não tiveram interesse/não tiveram a oportunidade de ler o livro até o momento (não que isso tenha problema nenhum), pensei mais em quem optou apenas pelo filme por ora e está contente com isso, pois vejo este tipo de opinião passar algumas vezes por mim nas redes sociais.	1 (1,9%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Assim, os resultados revelaram uma pequena diferença entre dois grupos dos seguidores da amostra da pesquisa: 53,8% (28) acreditam que a maioria dos fãs gosta igualmente do livro e do filme, enquanto 51,9% (27) acham que muitos preferem o livro, mas também gostam do filme. Outras percepções apuradas indicam que 67,3% (35) consideram que a adaptação foi responsável por atrair novos fãs que não conheciam o livro e 25% (13) observam divisões no *fandom* de VBSA, isto é, de pessoas que preferem o livro e outras que preferem o longa-metragem. Por fim, as outras respostas compreenderam 5,8% (3) de respondentes que percebem um favoritismo do livro em relação ao filme.

Além destas, um participante (1,9%) utilizou a opção outros e deixou o seguinte relato: *“Também há os fãs que gostam apenas do filme porque não quiseram/não tiveram interesse/não tiveram a oportunidade de ler o livro até o momento (não que isso tenha problema nenhum), pensei mais em quem optou apenas pelo filme por ora e está contente com isso, pois vejo este tipo de opinião passar algumas vezes por mim nas redes sociais.”* Embora pareça bem dividido, a somatória das respostas indica que há um equilíbrio na relação dos fãs com ambas as versões da história, algo intrigante, pois sabemos que nem sempre o público que consome adaptações costuma gostar do trabalho resultante do texto original. Contudo, como afirma Georgi (2015, p. 22, tradução nossa), “na narrativa transmídia, o ideal é que cada versão seja autônoma e forneça uma nova entrada no mundo da história”, logo, as pessoas não precisam consumir tudo (livro e filme) para entenderem a história principal, bem como respeitar as diferenças da adaptação.

A respeito da opinião dos fãs sobre o trabalho realizado pela equipe do portal investigado, a Tabela 1 apresenta os dados numéricos segundo uma escala com os extremos de concordância a discordância, partindo de “muito eficiente” até ineficiente, mas com a inclusão das categoriais “não sei avaliar” e “outros”. A resposta obtida em “outros” veio de um participante que não possui conta no X e que provavelmente acessou o *link* do questionário por indicação de amigos ou pela divulgação paralela na rede social *Instagram* feita por alguns amigos da autora desta pesquisa.

Esta pergunta serviu como base para a formulação da questão posterior, que coletou respostas abertas e mais descritivas, e a combinação dos dados de ambas nos proporcionou decifrar percepções completas, detalhadas e mais complexas acerca da visão dos seguidores da página no que se refere as ações mediadoras desempenhadas pelos administradores da página na rede social digital X.

Tabela 1 - Trabalho realizado pela equipe da VBSA Brasil

Pergunta	Muito eficiente	Eficiente	Pouco eficiente	Ineficiente	Não sei avaliar	Outros
Qual é a sua opinião sobre o trabalho realizado pelos administradores do site e do perfil no X (antigo Twitter) da “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil”?	31 (59,6%)	14 (26,9%)	0 (0%)	0 (0%)	6 (11,5%)	1 (1,9%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os dados demonstram que a maioria dos respondentes considera as ações promovidas pelos integrantes da VBSA Brasil como muito eficiente ou eficiente, enquanto 6 participantes não souberam avaliar. Acreditamos que este último grupo escolheu esta opção por não acompanhar de perto o trabalho da equipe, mas não descartamos a possibilidade de a escolha ter sido motivada por outros fatores.

Em seguida, perguntamos “Como você percebe o trabalho realizado pela equipe responsável pelo site e pelo perfil no X no que diz respeito à mediação da informação?”, o que nos possibilitou coletar respostas diversificadas. Embora alguns respondentes tenham indicado não acompanhar o perfil ou as publicações dos conteúdos elaborados pelos administradores da página, a grande maioria dos participantes respondeu que o trabalho dos integrantes da VBSA Brasil é respeitoso, ético, atualizado e informativo, além de que muitos consideram o portal como um canal de fácil acesso que torna suas publicações como entrevistas, notícias, imagens e afins, seja nas redes sociais *online* ou no *website*, acessível e bem elaborado.

Apesar de termos reforçado a partir dos conceitos propostos por Almeida Júnior (2009, 2015), Araújo (2018) e Carvalho, Nascimento e Bezerra (2018) a ruptura com a noção de que o processo mediacional ocorre como uma ponte, não podemos esquecer que para algumas pessoas esta analogia ainda é utilizada, como podemos notar no relato do Participante 19: “*Muito boa, afinal eles fizeram essa ponte entre as notícias sobre a obra e o filme. Muitos de nós não temos tanto tempo para acompanhar, então ter uma página nos informando sobre tudo que os fãs precisam saber é um ótimo ponto mediacional.*”

Contudo, outros depoimentos trouxeram perspectivas pessoais e coletivas sobre a atuação do perfil como um espaço de encontro, seja este informacional ou social. Assim,

separamos alguns dos relatos no Quadro 9 para exemplificar como os participantes enxergam o trabalho realizado pelos administradores da página.

Quadro 9 - Percepções das práticas de mediação da informação

Participante	Respostas
4	Eu segui a página quando ela tinha por volta de 100 e poucos fãs, porque eu procurava por uma fonte que pudesse me trazer rápido as informações que estavam por vim e nunca me arrependi desse follow (que virou back depois 😊), porque eles sempre traziam tudo muito rápido e de fontes confiáveis - o que é super importante. Essa eficiência reflete até mesmo em informações que sejam boatos, porque eles sabem separar e pontuar corretamente os fatos, seja sobre o filme, o cast e a produção.
15	O perfil é por onde recebo primeiro a maior parte das informações em relação ao filme/livro e que são verídicas, então os considero eficientes.
23	A dedicação que a equipe de vbsabrazil é significativa na apresentação de curiosidades e novidades existentes sobre a obra. Manter o site e o perfil ativo e com publicações relevantes atraem mais ainda perfis de usuários que se interessam pelo assunto. Colabora também na estimulação de novos leitores bem informados, na obtenção de notícias com veracidade e originalidade no compartilhamento sobre a obra.
45	Muito bom. Um fandom muito competente com as informações e também muito responsável. Na pesquisa anterior, sobre heartstopper, não coloquei a crítica que o fandom acaba por condenar comportamentos relacionados a sexualidade. Já nesse fandom não houve essa negativa ao explorar a sexualidade dos personagens, o que achei perfeito tanto pelo momento atual de tentarem atenuar a comunidade LGBTQIA+ quanto pela própria complexidade dos protagonistas.
51	Um trabalho muito bem feito, sabendo mediar e transmitir as informações sobre o livro, a adaptação, premiações, sobre a sequência, e sempre atualizando sobre a equipe do filme.
52	Eles fazem uma mediação cuidadosa, filtrando rumores, trazendo atualizações confiáveis e garantindo que os fãs tenham acesso a informações precisas sobre o universo de Vermelho, Branco e Sangue Azul. Além disso, criam um espaço seguro para discussões, ajudam a manter o hype, a saudade e fortalecem o vínculo entre público e produção. Sem esse trabalho, a experiência dos fãs seria muito mais dispersa e confusa.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Ao debater sobre a mediação, Almeida Júnior (2009) analisa que embora, esteja envolvida e orientando as atividades em todas as etapas da atuação profissional nos ambientes de informação, esta pode ser observada de forma implícita e explícita. Nas atividades realizadas e relatadas pela equipe da VBSA Brasil, bem como os depoimentos dos seguidores, podemos identificar as duas mediações. Assim, no que concerne às práticas implícitas, destacamos a curadoria de temáticas que são do interesse do público que acompanha a página,

a organização do website, os trabalhos de tradução das entrevistas, o armazenamento de imagens, vídeos e reportagens e o processamento dessas informações.

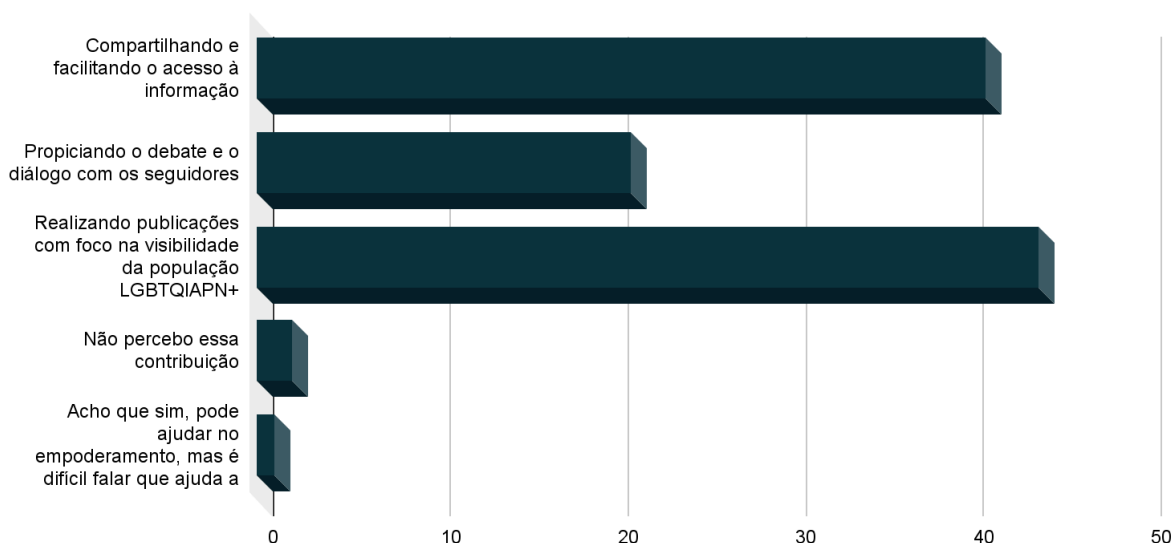
Já a mediação explícita foi indicada pelos respondentes do questionário como as ações que envolvem a sua presença, mesmo que no âmbito digital, o que corrobora com o pensamento de Almeida Júnior (2009) a respeito das ações mediadoras. Neste sentido, os participantes apontaram a eficiência da equipe ao disponibilizar conteúdos diversos, a criação de um espaço acolhedor e colaborativo para discussões, o estímulo a leitura, bem como o compromisso com a veracidade das informações divulgadas.

A respeito do processo colaborativo da mediação em ambientes digitais, Silva (2009) destaca que essas ações já não estão mais centralizadas nos especialistas como bibliotecários, museólogos, agentes culturais e demais profissionais mediadores, pois com a inserção no ciberespaço, novas oportunidades são geradas e outros agentes informacionais assumem essa postura mediadora. No contexto do trabalho realizado pela equipe da VBSA Brasil, podemos verificar que as ações desempenhadas pelos integrantes têm um peso significativo na vida de seus seguidores, seja pela divulgação do livro e do filme, ou pelas interações dialógicas com o público, ou pela disponibilidade de conteúdos.

Todos esses elementos compõem, em sua concepção basilar, a atuação de um mediador, mas é necessário ver até que ponto essas práticas oportunizam a democratização da informação e não geram adversidades como a desinformação, a opressão e tantos outros males. Logo, perceber mediante os depoimentos das entrevistas que os administradores do portal da VBSA Brasil reconhecem a importância e responsabilidade das ações desempenhadas pelos integrantes, e que os fãs enquanto seguidores também observam, identificam e apoiam o trabalho da página, apontando ser bem-feito, consciente, cuidadoso, seguro e respeitoso, demonstra o comprometimento da equipe em ir além do entretenimento, disponibilizando conteúdos que fazem a diferença na vida das pessoas.

Associada à 13ª questão, em relação às ações promovidas pelo portal como forma de contribuir para a visibilidade, apropriação e protagonismo, temas recorrentes desta pesquisa, questionamos aos respondentes de que forma o público percebia as ações realizadas pelos administradores da “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil” como um meio para combater desigualdades e auxiliar no empoderamento das pessoas. Para facilitar a recuperação dos dados e obter respostas mais precisas, listamos cinco alternativas, possibilitando aos participantes a opção de marcar mais de um item, se necessário. Logo, o gráfico a seguir mostra a incidência dessas respostas.

Gráfico 6 - Contribuições sociais da equipe da VBSA Brasil nas redes sociais *online*



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Considerando a amostra de 52 respondentes e a possibilidade de escolher mais de uma opção, obtivemos os números a seguir, apresentados na ordem decrescente: o maior incidência dos participantes (44 - 40,4%) escolheu o item “Realizando publicações com foco na visibilidade da população LGBTQIAPN+”, seguido do segundo maior grupo (41 - 37,6%) que marcou a opção “Compartilhando e facilitando o acesso à informação” e do terceiro (21 - 19,3%) que optou por “Propiciando o debate e o diálogo com os seguidores.” Por outro lado, 2 participantes afirmaram não perceber as contribuições da página em nenhuma das alternativas, enquanto uma pessoa utilizou o item “Outros” e elaborou uma resposta diferente.

O participante em questão corresponde ao número 33 e relatou o seguinte: “*Acho que sim, pode ajudar no empoderamento, mas é difícil falar que ajuda a combater desigualdade*”, o que nos levou a refletir sobre a complexidade dessas relações, afinal, discutimos nas seções teóricas e em acordo com autorias como Gomes (2014, 2019, 2020) e Farias e Varela (2017) que as práticas de mediação estimulam o protagonismo e a autonomia dos sujeitos, assim como colaboram para o seu empoderamento.

No entanto, é importante evidenciar que esta também propicia condições favoráveis para o enfrentamento à desigualdade, censura, opressão, violência e intolerância, sobretudo quando assume o seu caráter político e articula ações cooperativas vinculadas as práticas educativas, formativas e críticas. Dentre as possibilidades de execução dessas atividades, citamos treinamentos, oficinas, guias, participação em editais públicos e tantas outras.

Desse modo, cabe chamar para essa conversa Assis e Santos (2022) que, ao abordarem a mediação e a atuação dos profissionais da informação, sinalizam que o mediador é aquele

que está a favor da relação de convergência informacional entre sujeito e texto, mas é também o agente que promove as possibilidades de apropriação e ressignificação das pessoas, dos grupos que pertencem e do meio social. Além disso, destacamos a visão de Sardenberg (2018, p. 27) ao falar sobre o processo de empoderamento segundo a ativista Srilatha Batliwala, que o vislumbra não como algo “[...] linear, mas sim como espiral” que impacta todos os envolvidos, isto é, o sujeito, sua comunidade, o mediador, as instituições e a sociedade. Portanto, podemos concluir que nesta conjuntura, as práticas mediadoras que buscam empoderar as pessoas, mesmo que indiretamente, atuam no fortalecimento destes indivíduos que, mais confiantes e conscientes do seu papel no mundo, tornam-se capazes de lutar contra os sistemas hierárquicos de poder e opressão.

Em consonância, perguntamos aos respondentes se eles gostariam de deixar algum relato complementar à questão anterior. Por não ser uma pergunta de caráter obrigatório, apenas 15 participantes colaboraram com suas percepções acerca do trabalho da VBSA Brasil como um portal suscetível ao acesso, apropriação e circulação da informação, as quais enfatizamos quatro que se dispuseram a elaborar respostas completas e explicativas.

É um portal muito acessível, então é possível se atualizar e formular sua opinião por lá; fora que traz mais visibilidade para comunidade LGBTQIAPN+ pois o tema do livro/filme em si já é relacionado à isso, e sempre que têm campanhas e ações relacionadas ao tema a página divulga também (Participante 11).

É muito necessário que haja páginas como essa, com pessoas dedicadas não somente à obra, como também ao que ela representa, e em uma rede social como o X (antigo twitter), que tem um público tão grande, há a oportunidade de se conscientizar as pessoas e mostrar a importância do diálogo sobre relacionamentos e pessoas LGBTQIAPN+ (Participante 20).

Utilizar das mídias sociais como ferramentas para a divulgação de uma obra lgbtqiapn+ ajuda o usuário interessado em interagir com outras pessoas que apoiam a comunidade a trocarem experiências de leituras, adaptações cinematográficas e conhecimentos entre si. É um momento de acolhimento de pessoas que se interessam e lutam pela mesma causa (Participante 23).

Eles realmente têm um papel essencial no combate à desinformação, pois não apenas trazem conteúdos confiáveis e traduzidos, mas também se asseguram de que as informações cheguem de forma clara e acessível a todos, com legendas e uma comunicação inclusiva. Ao abordar temas como representatividade, política e direitos LGBTQIAPN+, eles conseguem conectar os seguidores a questões sociais importantes, muitas vezes com ações práticas, como abaixo-assinados, que reforçam a relevância desses debates (Participante 52).

Os respondentes trouxeram alguns aspectos pertinentes a respeito das ações de mediação realizadas pelo portal. Dentre os comentários concedidos, destacamos a visibilidade de conteúdos LGBTQIAPN+ e temas relacionados à comunidade, à promoção de um espaço

de acolhimento e de trocas/interações relacionadas ao livro, à adaptação e suas experiências pessoais, bem como o combate à desinformação, com o uso de fontes confiáveis e traduzidas para uma linguagem clara, objetiva e acessível. A respeito do acolhimento no contexto da mediação, Prado (2020) aponta que o ato de acolher nas ações mediadoras deve ser reconhecido como um princípio fundamental, sobretudo no que concerne oportunizar um ambiente receptivo, respeitoso e que compreenda as interseccionalidades, posto que, para além de atender às necessidades informacionais, o mediador também precisa estar ciente da sua responsabilidade humana e social em reconhecer o outro.

Outrossim, o portal também apresenta uma forte conscientização política, visto que compartilham com frequência regular, e para além das postagens sobre o universo de VBSA, publicações em apoio ao movimento LGBTQIAPN+, como o dia da visibilidade trans, mês do orgulho e tantas outras datas significativas para a população sub-representada, transformando uma página de entretenimento também em um espaço de mobilização e representação.

Ao discutir sobre a exequibilidade das práticas da mediação dialética, Martins (2019, p. 152) propõe que essas atividades possam ser entendidas não somente como “[...] intervenientes diversos (técnicos, semiológicos, materiais e simbólicos) das dinâmicas da produção, circulação, recepção e apropriação da informação”, mas assumir, ao mesmo tempo, um vínculo real com as estruturas políticas, econômicas, culturais, históricas e sociais, que se articulam numa rede complexa e que, assim como mantêm o sistema ativo, também ocultam suas contradições.

Neste ínterim, os mediadores, sejam eles profissionais que estão na ambiência de equipamentos de informação e cultura ou que atuam em outros contextos, precisam estar atentos a estas dinâmicas, contribuindo para desvelar as desigualdades, opressões e padronizações, bem como transformar essas estruturas por meio de trocas coletivas que oportunizem o uso, acesso, apropriação e reprodução informacional. E, embora a equipe da “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil” não seja formada por bibliotecários, agentes culturais, museólogos e demais profissionais da informação, salientamos as contribuições dos seus membros em desempenhar ações mediadoras de forma consciente e responsável, assumindo a função de mediadores. Neste sentido, observamos uma relação direta com as dimensões ética, política e dialógica de Gomes (2014, 2019, 2020), sobretudo quando associamos aos relatos das entrevistas. Para ilustrar, trouxemos a captura de tela de uma publicação realizada pelos administradores da página na rede social *online* X no Dia Nacional do Orgulho LGBTQIAPN+.

Figura 22 - Publicação relacionada ao Dia Nacional do Orgulho LGBTQIAPN+



Fonte: X (2025). Captura de tela realizada no dia 26/03/2025.

Por fim, o quarto e último bloco foi pensado consoante a categoria **Percepções acerca da adaptação audiovisual da obra**, com questões centradas no filme, nos impactos da história na vida das pessoas, a importância dos fãs e as expectativas para a sequência. Abrindo a última seção, questionamos aos participantes sobre a opinião a respeito da adaptação de *Vermelho, Branco e Sangue Azul*. Na perspectiva de Hutcheon (2013), a popularidade e a fidelidade ao texto original, ou seja, o livro, não garantem que a adaptação será tão bem-sucedida, assim como subvertê-lo não resultará em aceitação por parte dos fãs. Porém, a adaptação de *Vermelho Branco e Sangue Azul* se mostrou fiel ao material de origem, e mesmo com algumas alterações, a obra fílmica foi bem recebida pelo público.

Sendo assim, a coleta dos dados nos permitiu concluir que a maioria dos respondentes teve uma percepção positiva em relação ao filme, correspondendo a 82,7% (43 pessoas) que marcaram a opção “gostei muito”. Outro grupo dos participantes declarou que gostaram do longa-metragem, “mas esperavam mais” (11,5% - 6 pessoas), enquanto 3,8% (2 pessoas) consideraram o filme “mediano”.

Em contrapartida – e aqui ressaltamos algo considerado como positivo –, nenhum participante marcou o item “não gostei”, e apenas 1 pessoa (1,9%) indicou ainda não ter assistido ao filme, demonstrando que a obra foi bem recebida pela maior parte do público que respondeu ao questionário. Deste modo, a Tabela 2 apresenta os referidos dados.

Tabela 2 - Percepções sobre a adaptação de *Vermelho, Branco e Sangue Azul*

Pergunta	Gostei muito	Gostei, mas esperava mais	Achei mediano	Não gostei	Ainda não assisti
Como você se sente a respeito da adaptação fílmica lançada em 2023?	43 (82,7%)	6 (11,5%)	2 (3,8%)	0 (0%)	1 (1,9%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

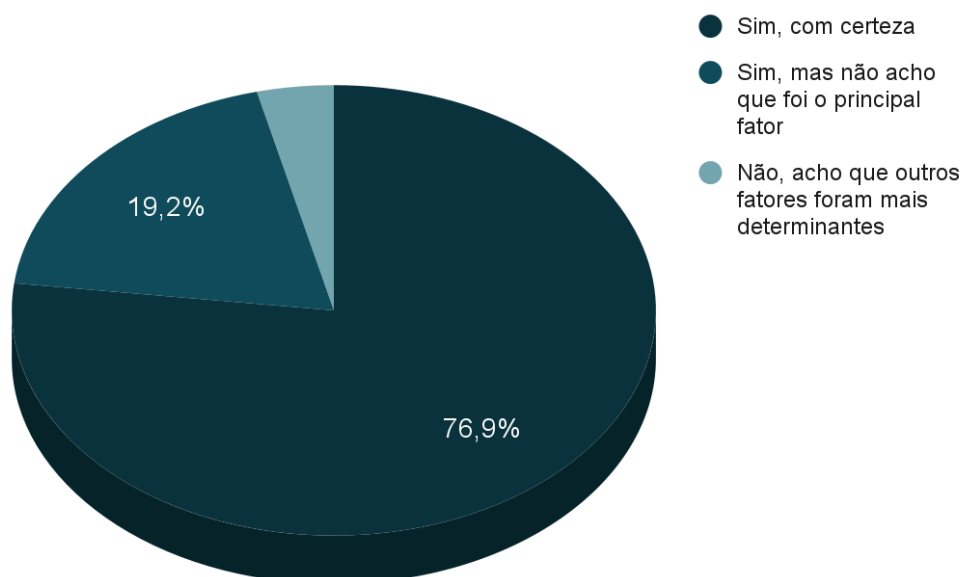
Hutcheon (2013) esclarece que, quando se trata das adaptações, criação e recepção são elementos intrinsecamente entrelaçados no processo de consumo, não apenas por aspectos financeiros e mercadológicos, como também pela percepção dos públicos, fãs ou não do material original, que podem reagir de diversas maneiras no que se refere a sua interação com o universo adaptado. Neste contexto, Sanders (2016) alega que as regras de operação para adaptação de um material, independente da sua origem (jogos, livros, histórias em quadrinhos) não implicam que este será aceito de forma passiva pelo público, afinal de contas, na cultura de fãs não há disposição para passividade. Por conseguinte, mesmo nas comunidades de fãs e fora delas, algo que prevalece é o espaço, seja físico ou digital, para a consulta, o acesso e o debate acerca das adaptações e dos sentimentos em relação a elas.

Em seguida, para investigar a noção dos respondentes a respeito do potencial dos fãs brasileiros, foi elaborada uma questão com o intuito de saber se os participantes reconhecem o seu engajamento como motivadores para a inclusão do Brasil nos eventos promocionais do filme na época de seu lançamento.

Assim, observamos num primeiro momento que a maioria dos participantes considera que a *fanbase* brasileira tem influência (76,9%), enquanto outro grupo (19,2%) acredita que sim, existe relevância, porém não como fator primordial para o filme ter recebido exhibições no Brasil para além do serviço de *streaming* da *Prime Video*. Por outro lado, 2 participantes (3,8%) responderam que a *fanbase* não tem tanto impacto, e por isso outros fatores foram mais decisivos para a empresa exibir a adaptação em outro país em conjunto às pré-estreias

presenciais nos Estados Unidos e Reino Unido, países com mercados estratégicos e um maior envolvimento na produção do longa-metragem.

Gráfico 7 - Relevância da *fanbase* brasileira



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Buscando pensar em possíveis motivações para fundamentar o debate, revisitamos o texto original – isto é, o livro de Casey McQuiston – e relembremos a primeira vez em que os protagonistas tiveram um contato direto, o que culminou num desentendimento. Na ocasião, ambos estavam no Rio de Janeiro em virtude dos Jogos Olímpicos de 2016, o que seria uma coincidência considerada divertida para exibir o filme ao Brasil, mas que não pode ser vista como motivação suficiente para justificar a exibição em território nacional, posto que no roteiro do longa-metragem esta informação foi reformulada, com os personagens se conhecendo numa Conferência Climática em Melbourne, na Austrália. Além disso, o evento de exibição do filme ocorreu em São Paulo, o que destoa da referência presente no livro.

Outros fatores que podem ser levados em consideração para explicar a escolha do Brasil são os acordos de distribuição e as restrições contratuais, ou seja, a plataforma de *streaming* da Amazon (*Prime Video*) ter fechado contratos em alguns países para gerar engajamento, patrocínios e investimentos de empresas locais, bem como estratégia de *marketing* para alcançar novos públicos. Porém, como foi relatado pelos administradores da VBSA Brasil, o número de pessoas convidadas ao evento foi limitado, o que corrobora com a nossa perspectiva de que a ideia original era realizar um evento para os fãs em comemoração.

Como complemento aos dados presentes no gráfico, deixamos um espaço abaixo da pergunta para que os participantes tivessem a possibilidade de justificar, de forma voluntária, suas respostas ao item anterior. Desse modo, 29 pessoas deixaram comentários acerca da questão 16, dos quais destacamos alguns a seguir:

Pra mim, pelo menos, a comunidade brasileira parecia muito engajada. Eu só soube do filme por conta das notícias em redes sociais através dos fãs (Participante 20).

Honestamente, falando um pouco sobre ser fã brasileiro de quaisquer tipo de coisa que seja, me parece que é uma "essência" diferente do que ser um fã de outra nacionalidade, não posso dizer com certeza porque nessa vida nunca fui de outra nacionalidade heheh no entanto, me parece que sentimos e expressamos as coisas de forma diferenciada da maioria. E isso não é diferente com o VBSA, digo, nós marcamos presença e fazemos barulho, acredito que está em nosso cerne como fãs hehe. Além disso, acho que contribuiu muito ter acesso à essas exibições locais, elevou muito o pensamento de várias pessoas que desacreditavam que o filme pudesse ser bom (porque não parecia para eles) e que não gostava do Alex sendo interpretado pelo TZP (antes mesmo de conseguir assistir o filme) (Participante 27).

O Brasil tem conseguido ter bastante voz por meio da internet, o que tem trazido a atenção de muitos países para nós. Claro que alguns nos vêem apenas como números a acrescentar, mas acredito que outros realmente nos vêem como um público que consome uma boa arte e a quem eles querem manter um certo vínculo singelo (Participante 34).

Um país com uma fanbase forte e bem estruturada é mais facilmente visto pela empresa do que apenas fãs "soltos" pelas redes sociais, então o trabalho da fanbase em atrair fãs e divulgar a adaptação com certeza foi reconhecido e influenciou na exibição do filme do Brasil (Participante 41).

A fanbase brasileira tem um poder enorme! Eles sabem como dar aquele empurrãozinho no filme, seja bombando nas redes sociais com campanhas ou aparecendo nas exibições e eventos. O filme fala sobre identidade, amor e política, e esses temas realmente ressoam com a realidade do Brasil. Por isso, a contribuição da galera brasileira é essencial pro sucesso mundial do filme (Participante 52).

As respostas mencionadas refletem como os respondentes identificam a cultura do *fandom* como uma força econômica e midiática que consegue influenciar decisões da indústria. Entretanto, é necessário ressaltar que as grandes empresas produtoras e distribuidoras de conteúdo enxergam nessa relação entre fã e produto um cenário onde o público é visto como retorno de investimento. Portanto, é estabelecido um equilíbrio de dois polos: a afetividade da experiência proporcionada aos fãs e a lógica econômica mediante a monetização das emoções e ações de engajamento destes grupos. Neste contexto, Jenkins (2009, p. 97) afirma que,

Embora haja um crescente interesse pela qualidade da experiência do público, as empresas de mídia e de marcas ainda se debatem com o lado econômico da economia afetiva – a necessidade de quantificar o desejo, de mensurar as relações e

de transformar o envolvimento em commodities – e, talvez o mais importante, a necessidade de transformar tudo o que foi mencionado acima em retorno financeiro.

Portanto, não há como desassociar a cultura de fãs também dos interesses comerciais das indústrias culturais, como as produtoras televisivas e cinematográficas, por exemplo (Fiske, 1992). Desta maneira, a economia afetiva (Jenkins, 2009) pode enfrentar alguns obstáculos, afinal, medir aspectos subjetivos, como as conexões e sentimentos do público em relação aos produtos midiáticos e culturais como os filmes, em métricas e lucros financeiros não certificam necessariamente que estas obras comprovam o seu valor e impacto.

Por isto que para averiguar essa característica no que se refere a *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, a penúltima questão buscou analisar como os participantes observavam os impactos da obra, tanto literária como audiovisual, na sua vida. Embora a maior incidência das respostas tenha declarado impactos significativos e profundos como a autoaceitação e autodescoberta através da leitura, o aumento no consumo de livros e filmes com foco em personagens e relacionamentos LGBTQIAPN+, refúgio em momentos de dificuldade, a construção de um pensamento crítico e político, dentre tantos outros apontamentos, é válido destacar que nem todos se sentiram dessa forma.

Assim, trazemos o relato da Participante 42 que respondeu o seguinte: “*Apesar de se tratar de um tema super importante e que deve sempre ser debatido na sociedade atual, não acho que teve um impacto real na minha vida, foi um livro/filme que eu li/vi, gostei, comentei com amigos e foi isso.*” Ainda que as versões da obra não tenham impactado a participante, servindo mais como entretenimento, é possível notar que esta reconhece a importância da história e das temáticas presentes nela, indicando uma consciência crítica. Dando continuidade, a respeito das outras respostas obtidas, compilamos no Quadro 10 alguns dos comentários obtidos.

Quadro 10 - Impactos da história na vida das pessoas

Participante	Respostas
1	A complexidade de todos os personagens, mas em específico os dois principais, Alex e Henry, é apresentado de uma forma linda e humana, fazendo com que o leitor/espectador se identifique e se sinta ainda mais próximo e representado por eles e pelas relações que acompanhamos na obra. Desde o meu primeiro contato com a obra me senti abraçada pelas características de ambos, pela forma como são mostradas, e mesmo os desafios que ambos enfrentam, há questões que refletem na minha vida pessoal (orientação sexual, relação com familiares e amigos, medos, forma de ver o mundo) e foi - e ainda é - muito importante pra mim a maneira como tudo isso foi abordado no livro e no filme.

7	Tanto filme quanto o livro veio pra mim em um momento em q eu precisava de um escape, e me incentivou e influenciou a voltar a ler, eu conheci e aprendi muitas coisas novas através dessa obra, autores, filmes e fiz novos amigos.
17	A jornada da bissexualidade de Alex é muito similar a minha, o que, na época em li o livro, foi crucial para minha autoaceitação. E, como uma pessoa que sofre de depressão, sentir que Henry merecia amor, me fez buscar tratamentos alternativos para que eu conseguisse me enxergar com os mesmos olhos que eu enxergava o Henry.
19	Sim. A obra traz à tona esse sentimento de possibilidades, nós enquanto pessoas queers saímos daquele segundo plano, do caricato, do alívio cômico, para algo mais complexo, a partir da obra é possível gerar em nós esse sentimento de "eu posso ser protagonista" ou "eu posso amar a quem quero sem sofrer retaliações" e por aí vai.
20	Sim. Eu sempre busquei ler e ver muito sobre relacionamentos LGBTQIAPN+, não somente por apreciar a construção das histórias e as questões que as envolvem, como também por fazer parte da comunidade e querer conhecer mais sobre cada vivência. Foi muito rico e divertido acompanhar o livro e o filme, é inspirador ver obras românticas que não retratam relacionamentos heterossexuais exclusivamente, a diversidade precisa ser mostrada.
23	Teve importância na minha construção crítica sobre a temática. Colaborou no debate sobre a relevância de ter mais obras com foco na comunidade, e não só para a comunidade, que explora outros tipos de gêneros sem ser apenas com foco no drama e finais tristes que a vida de uma pessoa lgbtqiapn+ geralmente vivencia no mundo real. O filme ao explorar política junto a um romance homoafetivo, trouxe mais proximidade com o mundo real e mostra com uma certa dose de humor e leveza que em qualquer ambiente está sujeito a ter representatividade e diversidade. Toda forma de amar é válida seja ela onde florescer.
38	Por ser heterossexual, não passo por nenhum dos problemas retratados no romance dos dois, mas vejo muito dessa questão política no mundo atual, onde as pessoas precisam muitas vezes esconder quem são por medo da reação do mundo.
47	Ver pessoas queer em posições de poder e tendo pensamentos críticos realistas sobre a situação do mundo em que vivem foi muito importante pra mim. Cresci monetariamente privilegiado porém sem liberdade ou amor incondicional, assim como Henry. Vê-los trocando emails e remetendo a figuras históricas também foi algo que me tocou, pensar em quantos outros relacionamentos homoafetivos ou transfetivos existiram entre pessoas relevantes para a história e talvez jamais descobriremos. Me fez refletir sobre o passado da história LGBTQ+, e quanto progresso ainda precisa acontecer para que TODOS, independente de classe social e status, consigam ter orgulho de sua identidade de gênero/orientação sexual sem ter medo de represálias ou exclusão social.
52	Com certeza! A obra tem um impacto profundo, principalmente por abordar temas que falam sobre identidade, amor e a importância da representatividade. A história me fez refletir sobre como as nossas experiências podem ser moldadas por quem somos e como o amor, de qualquer forma, é algo que merece ser celebrado e respeitado. Tanto o livro quanto o filme trouxeram uma sensação de pertencimento, me mostrando que podemos ser autênticos, mesmo quando o mundo ao nosso redor não entende ou aceita de imediato. A adaptação

	audiovisual, em particular, trouxe uma nova camada emocional à história, tornando-a mais palpável e, de certa forma, mais próxima da minha realidade. Ele me lembra que há força na vulnerabilidade e que, juntos, podemos fazer barulho, lutar por nossos direitos e, ao mesmo tempo, amar quem queremos.
--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Como mencionado anteriormente, a maior incidência dos relatos destacou que a história de Alex e Henry exerceu uma influência positiva em suas vidas, ocasionando reflexões e mudanças expressivas tanto na perspectiva da leitura e do consumo de filmes com temática LGBTQIAPN+ como pessoais. Ainda que historicamente as sociedades venham produzido e reproduzido uma “erótica da verdade que estimulou a heterossexualidade primeiramente nos romances literários e posteriormente no teatro, cinema, radionovelas, telenovelas, séries, músicas, etc”, podemos notar que pouco a pouco essa perspectiva da heterossexualidade compulsória tem sido questionada pelos grupos minorizados, como mulheres e a comunidade LGBTQIAPN+ (Romeiro, 2019, p. 33).

É importante salientar que nem todos os respondentes são pessoas que fazem parte da comunidade *queer*, contudo, mesmo aqueles que se identificam como heterossexuais reconhecem a necessidade de representação dos grupos socialmente marginalizados, bem como conseguem relacionar aspectos da obra a sua compreensão do mundo e da importância de dar voz e espaço para outras pessoas. Sendo a comunidade LGBTQIAPN+ um dos grupos sociais que mais reivindica oportunidades de representação, visibilidade e respeito, ter esse reconhecimento nas produções culturais como a literatura, o cinema e a televisão promovem potenciais transformações que também fortalecem os enfrentamentos aos sistemas hierárquicos de poder e opressão e aos discursos tendenciosos e cheios de preconceito que incentivam a violência escrita, física, verbal e simbólica (Borges, 2024; Malta; Flexor; Costa, 2020; Silva, 2012). Além destes, separamos o depoimento do Participante 21, que nos contou sobre sua experiência trabalhando numa biblioteca e a recepção do livro neste ambiente informacional pelos frequentadores do espaço.

Lembro de trabalhar na biblioteca e com isso surtir uma febre poderosa de pedidos do livro, quando do seu lançamento e da sua alta divulgação nas redes sociais na internet, tanto que nossa biblioteca à época, comprou mais de 15 exemplares e eles eram sempre emprestados e reservados com uma procura curiosa e sensacional pela história... A literatura LGBTQIAP+ ganhou bastante destaque nos últimos anos no cenário editorial brasileiro, tanto que outros livros e sucessos literários da mesma temática foram adquiridos pela biblioteca e sempre requisitados pelos nossos clientes (Participante 21).

Esta resposta nos mostrou como a visibilidade gerada pelos fãs nas redes sociais *online* impactam diretamente na inserção e acesso à literatura LGBTQIAPN+ nas bibliotecas. Contudo, Martino (2014) observa que embora as TDIC ofereçam uma variedade de ferramentas e meios para propagar informação, bem como potencializam discursos e transformações sociais, elas só ganham força por conta das trocas humanas e pela influência da cultura, ou seja, pelos valores, emoções, vivências e contextos.

Neste sentido, Cavalcante e Souza (2016, p. 2) argumentam que quando os leitores inseridos desde muito cedo em uma cultura digital e colaborativa desenvolvem “[...] novos gestos e habilidades, se apropriando e, ao mesmo tempo, criando elementos que condizem com os diferentes discursos travados no espaço virtual.” No contexto do depoimento acima, inferimos que as interações na internet, sobretudo nas discussões dos leitores acerca de obras LGBTQIAPN+, manifestaram-se de forma concreta fora dela, repercutindo na procura por estes livros nos acervos e, conseqüentemente, na ampliação do acervo consoante as necessidades informacionais destes usuários.

Outrossim, a continuidade dos empréstimos nas bibliotecas indica que este tipo de literatura possui um público engajado, e que uma vez oferecida a oportunidade de acesso às narrativas que trazem diversas formas de representatividade *queer*, tem-se a compreensão de que não se trata de algo “efêmero”, mas do anseio partilhado por todos os seres humanos: a busca pelo pertencimento, mesmo que este seja encontrado nas páginas dos livros.

Outro ponto a ser acentuado é o papel dos mediadores – de informação, cultural e da leitura – no acesso dos usuários às obras de temática LGBTQIAPN+ nos ambientes informacionais, sejam eles físicos ou digitais. Como discutimos previamente, por meio das ações mediadoras e da assimilação das dimensões abordadas por Gomes (2014, 2019, 2020), os sujeitos podem transformar suas realidades, compreender os desafios cotidianos e se apropriar das informações disponibilizadas nestas interações com objeto, mediador e ambiente. Portanto, o mediador deve estar disposto a ouvir as necessidades do público, bem como assumir uma postura acolhedora e observadora, mas sem excluir o processo de autonomia e protagonismo das pessoas que estão sendo atendidas.

Nesta conjuntura, Gomes (2019, p. 19) reforça que a prática da mediação não deve ser neutra, visto que o profissional precisa ter

A consciência de que o trabalho informacional de preservação da memória social; do desenvolvimento das atividades de acesso e uso da informação; de construção do espaço dialógico; crítico e criativo, promotores do processo de apropriação da informação, evidencia o protagonismo como meta central do trabalho com a informação, assim como a mediação da informação e suas dimensões como

fundamentos que sustentam a efetividade deste fazer humano no que tange a sua responsabilidade social.

Por fim, a última pergunta, assim como no roteiro das entrevistas realizadas com os administradores da VBSA Brasil, buscou captar a percepção dos seguidores a respeito da sequência da adaptação e suas expectativas para o futuro. A questão apresentava respostas prontas de múltipla escolha, porém, deixamos a opção “Outros” como uma alternativa para aqueles que quisessem desenvolver comentários mais elaborados acerca dos seus sentimentos em relação à continuação do universo de *Vermelho, Branco e Sangue Azul*. Assim, visando reunir as respostas de uma forma que facilitasse a sua visualização, compilamos os resultados no Quadro 11.

Quadro 11 - Expectativas para a sequência do filme

Pergunta	Respostas dos participantes	Porcentagem
Recentemente foi anunciado pela Amazon Prime Video que o filme terá uma continuação. Quais são as suas expectativas para a sequência?	Estou muito animado(a) e acredito que será uma ótima sequência	29 (55,8%)
	Estou animado(a), mas com receio de que não seja tão bom quanto o primeiro filme	13 (25%)
	Estou animado(a), mas sem grandes expectativas	5 (9,6%)
	Não estou animado(a), pois acredito que a história original já foi bem contemplada	3 (5,8%)
	Prefiro esperar mais informações serem divulgadas antes de expressar minha opinião	1 (1,9%)
	Concordo com as duas últimas alternativas. Estou animada que terá mais desse universo, mas com muito receio da continuação que não existe nos livros. Não faço ideia do que pode ser abordado mais, para mim é desnecessário, mas como fã serei servida de qualquer jeito	1 (1,9%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A maioria dos respondentes relatou estar com expectativas para a sequência, porém, apenas 29 participantes (55,8%) marcaram a opção sem ressalvas a continuação do universo de *Vermelho, Branco e Sangue Azul*. Por outro lado, os outros dois grupos que demonstraram animação também escolheram os itens que carregam certa apreensão, com 13 participantes (25%) relatando ter receio de que o segundo filme não seja tão bom quanto o primeiro e 5 participantes (9,6%) alegaram que apesar do entusiasmo, não possuem grandes expectativas.

Em relação ao número de respondentes que não demonstraram animação com a notícia da sequência, a amostra coletou 3 respostas (5,8%). Os participantes que marcaram

este item alegaram que, no seu ponto de vista, a história original já foi bem contemplada no primeiro filme, sem a necessidade de uma sequência da obra. Somente um participante marcou a opção “Prefiro esperar mais informações serem divulgadas antes de expressar minha opinião”, assim como uma única pessoa escolheu a opção “Outros”, na qual descreveu estar animada, mas com receio da continuação, além de acreditar que esta é excedente, mas que como fã, poderá aproveitar o filme.

Embora as respostas da amostra demonstrem o interesse do público em ver a história sendo prolongada e ganhando novos contornos, não podemos esquecer da parcela que parece incerta quanto a confirmação de um segundo filme, sentimento comum dentro e fora do universo de fãs, afinal, a continuidade de algo pode causar desconfiança, dúvidas e hesitações por parte do público que consome produtos culturais numa comunidade de fãs. Jenkins (1992, citado por Dantas; Moura, 2013) caracteriza os fãs como pessoas com um comportamento nômade, pois seus interesses mudam com frequência e seus *fandoms* também, permanecendo nesta equação o apelo pela produção e experiência coletiva em comunidade que estes agrupamentos proporcionam, e não o amor pela obra original.

Apesar de discordarmos deste pensamento, compactuamos com a visão de Jenkins, Green e Ford (2015) ao afirmarem que a essência de todas as coisas é a propagação e a capacidade de transmutação, e uma vez que alcançam a quietude, ou seja, não geram novos debates e estagnam, muitas vezes isto representa o fim das ideias, ou ao menos uma pausa.

Diante deste cenário de incertezas, as atividades realizadas pela VBSA Brasil podem contribuir positivamente para fortalecer os vínculos entre a obra e os seguidores da página, promovendo ações mediadoras como publicações temáticas sobre o filme e o livro, a constância das *watch parties* realizadas com a comunidade que acompanha o portal, projetos em parceria com outras páginas literárias com foco em livros LGBTQIAPN+, bem como enquetes para saber, com um maior aprofundamento, quais as expectativas do público, buscando formas de contornar o labirinto de receios. É correto afirmar que o trabalho de mediação realizado pela equipe que administra o portal encontra alguns obstáculos na perspectiva dos relatos como os que citamos em última instância. Contudo, é a partir dos desafios que surgem as oportunidades de se reinventar, num processo cíclico que propicie aos usuários – aqui descritos como o público que segue a página –, ter acesso a novas informações, assim como apropriar-se e empoderar-se por meio delas.

Os relatos obtidos com a aplicação de ambos os instrumentos foram cruciais para entender a dinâmica dos fãs produtores e consumidores no âmbito digital e tudo aquilo que move cada pessoa envolvida nos processos advindos dessa “mediação em rede” observada ao

longo da pesquisa. Assim, concluímos que existe não somente uma vontade de informar e ser informado, mas uma necessidade de acolhimento, o desejo pela conexão e pertencimento, e a oportunidade de criar espaços onde os conteúdos sejam acessados, bem como discutidos, valorizados, visibilizados e apropriados pelas pessoas que interagem nas comunidades.

Por conseguinte, encerramos aqui a análise e interpretação dos dados da pesquisa, tanto no que se refere as inferências a partir dos depoimentos provenientes das entrevistas com os administradores da VBSA Brasil, quanto em relação à participação dos seguidores da página na rede social X que responderam ao questionário *online*. Desse modo, apresentamos na seção a seguir as considerações finais da dissertação, com o intuito de retomar os objetivos e refletir acerca dos resultados obtidos, bem como sintetizar as principais contribuições e possibilidades de pesquisa que versem sobre as temáticas estudadas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Você é amado. Eu envio meu amor para você, e você o envia de volta para mim. [...] Seja todas as coisas lindas que você é, e seja sem pedir desculpas. Por toda a eternidade.

(Entrevista com o Vampiro de Anne Rice, 2022, tradução nossa)⁴⁹

Após percorrer a trajetória de seis seções com discussões muito caras sobre o objeto de estudo, às pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+ e à CI, chegamos enfim às considerações finais da pesquisa. A seção leva este título porque a ideia de nomeá-la como “conclusão” parece impor um imediatismo aos diálogos realizados com afincos, embora possamos estabelecer o exato instante do seu começo, meio e fim. No entanto, quando refletimos a respeito do fenômeno da cultura de fãs, bem como sobre a literatura e a produção audiovisual LGBTQIAPN+, o primeiro pensamento que cruza nossas mentes é o seguinte: estamos apenas começando. E com isso queremos dizer que o nosso recorte representa uma pequena parte deste universo fascinante e repleto de representatividade, amor, diversidade, interseções, luta e visibilidade.

Neste sentido, apresentamos nesta seção nossas interpretações no processo desta caminhada, do desenvolvimento das seções teóricas, das entrevistas realizadas, das respostas obtidas com aplicação do questionário e da importância do nosso objeto em tantas instâncias. Inicialmente, a escolha de abordar *Vermelho, Branco e Sangue Azul*, sobretudo a comunidade de fãs da obra literária e filme homônimo, para além da identificação pessoal da autora desta dissertação, nos concedeu uma oportunidade ímpar de acompanhar todo o processo de antes, durante e após a adaptação de um livro, sendo uma experiência singular, sem sombra de dúvidas. Contudo, no decorrer da escrita, coleta e análise dos dados, nos deparamos com algo proporcionalmente forte e motriz, como as ondas de um mar revolto.

Essa história, um romance entre dois homens com realidades tão distintas de seus leitores e espectadores, têm um impacto tão intenso na vida de várias pessoas que encontraram nas páginas do livro e na interpretação de atores um conforto e força impossíveis de mensurar, e ler os relatos foi como acessar um mundo particular, mas, ao mesmo tempo, colaborativo. Cada comentário foi marcante, e ter a oportunidade de lê-los foi um privilégio.

Desse modo, assumimos nesta pesquisa a responsabilidade de fazer jus aos depoimentos fornecidos pelos participantes, assim como entender os processos da mediação

⁴⁹ No original: “You are loved. I send my love to you, and you send it back round to me. [...] Be all the beautiful things you are, and be them without apology. For all eternity.”

informacional como promotora de apropriação, uso, compartilhamento, ressignificação e acesso à informação diante da cultura participativa de fãs de obras LGBTQIAPN+. Assim sendo, cumpre esclarecer que os desdobramentos da investigação só foram possíveis com a compreensão do fenômeno da cultura participativa de fãs e das práticas mediacionais no âmbito digital. O levantamento bibliográfico e documental, bem como a natureza da pesquisa foram essenciais para podermos alcançar os objetivos sem grandes desafios ou incoerências.

A partir disso, definimos como objetivo geral do estudo investigar as práticas de mediação informacional e o vínculo estabelecido pela cultura participativa sob o olhar da comunidade leitora da obra *Vermelho Branco e Sangue Azul*, que por sua vez nos permitiu captar percepções a respeito da adaptação fílmica lançada em 2023. Para respondê-lo, traçamos um percurso teórico e metodológico, construído ao longo das seções anteriores a esta, e estabelecemos objetivos específicos para guiar nossas investigações.

No que concerne ao primeiro objetivo, a sua finalidade foi verificar como as Mediações, a Teoria *Queer* e a Cultura Participativa, elementos basilares desta pesquisa, se entrelaçam no contexto da relação entre fãs, obras literárias e adaptações audiovisuais LGBTQIAPN+. Portanto, compreendemos que este objetivo foi contemplado nas seções teóricas, pois foram estabelecidos vínculos entre os temas em cada subseção. Assim, a Teoria *Queer* tem como intuito questionar as normas de gênero e sexualidade, e, relacionada aos fãs de narrativas LGBTQIAPN+, contribui para uma série de fatores, como a ressignificação e desconstrução de representações, a identificação pessoal e coletiva, o empoderamento e autoconhecimento, entre tantos outros, além de reforçar a noção de que fãs não são passivos no processo de uso, circulação, produção e apropriação da informação, elementos que estão diretamente relacionadas às ações mediacionais.

No que concerne à fase de construção teórica, refletimos sobre o termo *queer* e seus usos, as identidades e expressões de gênero e orientações sexuais, o movimento LGBTQIAPN+ no contexto do Brasil, e a literatura como questionadora de opressões sistemáticas. Nosso propósito foi contribuir para debates que pudessem ser associados a cultura participativa, sobretudo dos fãs *queer* que não apenas produzem e consomem elementos culturais, mas reinventam, argumentam, reivindicam, legitimam e lutam de forma coletiva por mudanças e avanços que geram espaços e representações simbólicas. Acerca das mediações informacionais, em especial as ações mediadoras potencializadas no âmbito digital, observamos que a inserção das tecnologias oportuniza vínculos, promove representatividade, reconhecimento, protagonismo e autonomia, assim como possibilita um novo olhar para as práticas realizadas pelos profissionais da informação e demais agentes.

Por intermédio da literatura científica, das matérias de jornais e demais documentos acessados e utilizados para embasar os debates teórico-conceituais, constatamos que a Mediação – em especial da Informação, mas sem deixar de lado as características rizomáticas das Mediações Cultural e da Leitura –, a Teoria *Queer* e a Cultura Participativa formam uma intensa e dinâmica rede que possibilita inúmeras conexões e transformações nas comunidades de fãs, mas, ao mesmo tempo, de forma isolada na vida de cada um.

Por conseguinte, quanto ao objetivo de analisar a percepção dos criadores de conteúdo do portal e redes sociais *online* nomeados “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil” acerca do seu trabalho de disseminação da informação sobre ambas as versões de VBSA, este foi atingido na etapa das entrevistas, sobretudo com a análise dos relatos obtidos pelos administradores da página no X. As respostas fornecidas pelos membros da equipe demonstraram não apenas o comprometimento em gerir, criar e compartilhar informações ao público que acessa o perfil, como indicaram a responsabilidade e afetividade dos integrantes com o livro e o filme, a pessoa autore, o elenco, o diretor e todos os envolvidos na produção.

No que tange o terceiro e último objetivo, isto é, examinar como as práticas mediadoras realizadas pelos fãs da obra influenciaram a sua adaptação fílmica, ressaltamos que este foi alcançado após os procedimentos de coleta e análise da participação tanto da equipe da VBSA Brasil quanto dos seguidores que aceitaram responder o questionário *online*. Ambos os grupos participantes apontaram para o papel da página e dos fãs globais e brasileiros em divulgar a obra, promover diálogos com as pessoas no contexto digital e fora dele, assim como a criação de espaços como o *website* e os perfis nas redes sociais *online* com um amplo acervo textual e iconográfico que facilita o acesso às informações sobre o universo de *Vermelho, Branco e Sangue Azul*.

Na perspectiva dos administradores e dos seguidores, essas iniciativas foram cruciais para que a obra alcançasse popularidade na internet, “estourando a bolha” e conquistando o interesse de empresas, potenciais leitores e, anos mais tarde, de espectadores. Desse modo, as características de mediação da informação elencadas pela equipe da VBSA Brasil foram similares às observadas pelos seguidores, das quais destacamos a veracidade das informações publicadas, as interações com o público, a disponibilidade de conteúdos e a criação de um espaço seguro e acolhedor para discussões.

Em síntese, urge destacar que os mediadores, independente da sua área de atuação e do ambiente onde realizam suas atividades, tem um papel mister na promoção do protagonismo, autonomia, apropriação, criticidade e empoderamento das pessoas *queer*, principalmente pelo que fato de que, para muitas pessoas LGBTQIAPN+, encontrar obras literárias e audiovisuais

e informações sobre a comunidade e suas vivências é o primeiro passo para fortalecer as identidades e o seu lugar no mundo. Assim, propiciar diálogos e ambiências acolhedoras é uma forma de contribuir para a validação de suas experiências e das histórias acessadas.

Embora tenhamos alcançado resultados satisfatórios e coerentes com o que foi proposto nos objetivos, também encontramos algumas limitações no processo de escrita. A exemplo, citamos o desenvolvimento teórico da seção “A Cultura da Convergência e o olhar do outro”, que só tomou forma como gostaríamos após a visita técnica da autora desta dissertação a Universität Vechta, na Alemanha, e o acesso à biblioteca e ao catálogo *online* da referida universidade, onde foram encontrados materiais que ajudaram a compreender com afincos os temas discutidos na referida seção.

Outro percalço enfrentado foi em relação à etapa de aplicação dos instrumentos, sobretudo na coleta dos dados das entrevistas. A respeito disso, inicialmente esperávamos um número menor de administradores do portal, devido à percepção que tínhamos sobre portais criados por fãs terem equipes com poucas pessoas, e diante da quantidade de perguntas elaboradas para o roteiro, somado as adaptações necessárias para que a maior parte dos integrantes pudesse participar, com algumas entrevistas conduzidas pelo WhatsApp e outras pelo Google Meet, o tempo destinado para uma análise mais detalhada foi reduzido comparado com o que havíamos planejado. Entretanto, os obstáculos nos ajudaram a pensar em outras saídas para dar continuidade a pesquisa sem tantas divergências, bem como proporcionaram alternativas antes inimagináveis, porém bem-vindas e compensadoras.

Ademais, esperamos que esta pesquisa seja apenas o começo, como uma semente que, se cultivada com os devidos cuidados, resultará em vários frutos, ou melhor, estudos sobre as temáticas abordadas nesta dissertação. Em tempos de incertezas, censura, privações de direitos e o avanço de governos com políticas de extrema-direita ao redor do mundo, falar sobre amor em todas as suas formas é um ato de resistência, e dar espaço para que grupos marginalizados tenham suas histórias contadas, seja na ficção ou mediante depoimentos, pesquisas e demais possibilidades, é também uma maneira de dizer “você existe, são importantes e nós estamos aqui para apoiar e lutar por cada um.”

Além disso, consideramos que os assuntos debatidos demandam novas abordagens e aprofundamentos teóricos e sociais, sobretudo na seara da CI, uma área com inúmeras possibilidades de contemplar, potencializar e contribuir para a visibilidade de grupos sub-representados no contexto científico. Em virtude disso, pesquisas que possam dar continuidade a rede teórico-conceitual estabelecida entre Teoria Queer, Mediação da Informação e Cultura Participativa, ou que tenham como foco outros grupos que pertencem à

comunidade LGBTQIAPN+, como lésbicas, bissexuais, pessoas trans e demais representações, considerando e relacionando aspectos interseccionais a análise são algumas das sugestões de possíveis percursos para estudos futuros.

Por fim, encerramos esta dissertação ressaltando a passagem presente na epígrafe desta seção, uma cena da série de televisão *queer* norte-americana “Entrevista com o Vampiro”, baseada nos livros de Anne Rice, com o propósito de deixar um recado para os leitores deste trabalho e para a comunidade LGBTQIAPN+: mesmo que o mundo lá fora seja cruel e visceral, não desistam de lutar pelo que acreditam com toda a força que reside em seu interior. Assim como Lestat disse a Louis diante do altar, sejam todas as coisas lindas que são, sem medo, sem pedir desculpas, sem se esconder. Vocês são amados.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Taylor J. A Fan's Notes: Thomas Hirschhorn's Material History. *In*: GRANT, Catherine; LOVE, Kate Random (orgs.). **Fandom as methodology**: a sourcebook for artists and writers. London: Goldsmiths Press, 2019. p. 25-44.
- AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Sociedade e Estado**, v. 15, n. 2, p. 303–330, jun. 2000. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/44600>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019. 152 p.
- ALMEIDA, Diego. Vermelho, Branco e Sangue Azul entra para o Top 3 de maiores romances do Prime Video. **Observatório do Cinema**, São Paulo, 16 ago. 2023. Disponível em: <https://observatoriodocinema.com.br/filmes/vermelho-branco-e-sangue-azul-entra-para-o-top-3-de-maiores-romances-do-prime-video/>. Acesso em: 6 jun. 2025.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 89-03, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/170>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Mediação da Informação e da Leitura, 2007. *In*: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - SECIN, 2., 2007, Londrina. **Anais eletrônicos** [...] Londrina: UEL, 2007. Disponível em: http://eprints.rclis.org/13269/1/MEDIA%C3%87%C3%83O_DA_INFORMA%C3%87%C3%83O_E_DA_LEITURA.pdf. Acesso em: 15 jul. 2024.
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Top 10 Most Challenged Books of 2023 | Banned Book. **American Library Association**, Chicago, 2024. Disponível em: <https://www.ala.org/bbooks/frequentlychallengedbooks/top10>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- ANCIB. Coordenações e Ementas de GT. **Ancib**, 2024. Disponível em: <https://ancib.org/coordenacoes-e-ementas-de-gt/>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários: pluralidade teórica, diversidade de objetos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo, **Anais eletrônicos** [...] São Paulo: ANCIB, 2008. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/view/3027/2153>. Acesso em: 2 ago. 2024.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de. Novo quadro conceitual para a ciência da informação: informação, mediações e cultura. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17, 2016, Salvador. **Anais** [...] Salvador: UFBA, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/119671>. Acesso em: 24 jul. 2024.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

ASSIS, Pamela Oliveira; SANTOS, Raquel do Rosário. O ato de ler e a mediação da leitura conscientes: perspectivas fundamentadas nas dimensões da mediação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 27, n. 1, p. 106–125, 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/43754>. Acesso em: 17 maio 2024.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (Antra). **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023**. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais). Brasília, DF: Distrito Drag; Antra, 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BENTES PINTO, Virginia; CAVALCANTE, Lidia Eugênia. Pesquisa Bibliográfica e Documental: o fazer científico em construção. In: BENTES PINTO, Virginia; Vidotti, Silvana Aparecida Borsetti Gregório; CAVALCANTE, Lidia Eugênia. **Aplicabilidades Metodológicas em Ciência da Informação**. Fortaleza: Edições UFC, 2015. p.15-34.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 148 p.

BERGAMO, Mônica. Bolsonaro disse à Playboy que já 'brochou'. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 set. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2022/09/bolsonaro-disse-a-playboy-q-ue-ja-brochou.shtml>. Acesso em: 11 fev. 2025.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019. 184 p.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Sobre a Fenomenologia. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha (org.). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Editora Unimep, 1997. p. 15-22.

BORGES, Guilherme Pereira Rodrigues. Tradução de literatura queer brasileira: uma análise da antologia cuier (2021). **Revista de Literatura, História e Memória**, [S. l.], v. 20, n. 35, p. 1–23, 2024. DOI: 10.48075/rlhm.v20i35.31860. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/31860>. Acesso em: 3 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 jan. 1989. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm. Acesso em: 8 nov. 2024.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. **Curso Promoção e Defesa dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+**. Brasília: Enap, 2023. Disponível em: <https://www.escolavirtual.gov.br/curso/950>. Acesso em: 24 fev. 2024.

BUFREM, Leilah Santiago; NASCIMENTO, Bruna Silva do. A questão do gênero na literatura em Ciência da Informação. **Em Questão**, v. 18, n. 3, p. 199-214, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/33285>. Acesso em: 2 fev. 2024.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 16, n. 44, p. 173-185, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9854>. Acesso em: 26 jun. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CAIXETA, Izabella. Nova bandeira LGBT inclui cores trans, intersexo e da luta antirracista. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 7 dez. 2022. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/12/07/noticia-diversidade,1430519/nova-bandeira-lgbt-inclui-cores-trans-intersexo-e-da-luta-antirracista.shtml>. Acesso em: 25 fev. 2024.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2015.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 05., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso: 29 jun. 2024.

CARVALHO, Ana Cristina Guimarães; NASCIMENTO, Maria Gezilda e Silva; BEZERRA, Midinaí Gomes. A mediação da informação na narrativa oral e na história de vida: proposições dialogais. **RDBC**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 16, n. 2, p. 461-482, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8651516>. Acesso em: 16 jul. 2024.

CARVALHO, Ketryn. Chanacomchana: Conheça a história do Stonewall brasileiro. **Observatório G**, São Paulo, 9 jun. 2019. Disponível em: <https://observatoriog.com.br/noticias/cultura/chanacomchana-conheca-a-historia-do-stonewall-brasileiro>. Acesso em: 18 fev. 2024.

CARUSO, Gabriela. O vazio deixado pelas referências que se vão – Ou: perdemos bell hooks. **FGV Direito Rio**, Rio de Janeiro, 16 dez. 2021. Disponível em: <https://direitorio.fgv.br/noticia/o-vazio-deixado-pelas-referencias-que-se-vaou-perdemos-bell-hooks#:~:text=bell%20hooks%2C%20assim%20mesmo%2C%20em,e%20n%C3%A3o%20em%20sua%20pessoa>. Acesso em: 10 fev. 2025.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2008. A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999. A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 2

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. **Mediação da leitura e formação do leitor**. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2018. (Curso Formação de Mediadores de Leitura; v. 1).

CAVALCANTE, Lidia Eugenia; BARRETO, Damaris Queiroz; SOUSA, Laiana Ferreira de. **Mediações de leitura: o ato de ler que nos conecta**. Fortaleza: Edições Pausa, 2020.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia; SOUZA, Laiana Ferreira de. Leitura, letramento digital e competência em informação. **Revista Tecnologias na Educação**, ano 8, v. 17, p. 1-12, dez. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/22737>. Acesso em: 18 ago. 2024.

CAVALCANTI, Marcyceis Maria; PAJEÚ, Hélio Márcio; BUFREM, Leilah Santiago. Produção científica brasileira em ciência da informação acerca do tema censura: uma aproximação temática. **Informação & Informação**, v. 27, n. 1, p. 301-319, 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44825/pdf>. Acesso em: 04 jul. 2024.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO PROF. DR. LUIZ MOTT - CEDOC. Jornal Lampião da Esquina, edição nº 0 (experimental), abril de 1978. **Grupo Dignidade**, 2021. Disponível em: https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/0-ed-jornal-lampiao-da-esquina-abril-1978/?order=ASC&orderby=date&perpage=12&pos=0&source_list=collection&ref=%2Fjornal-lampiao-da-esquina-1978-1981%2F. Acesso em: 18 fev. 2024.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 316 p.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 5, n. 11, p. 173–191, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 15 jul. 2024.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora UNESP, 1998.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário**. São Paulo: Editora Iluminuras LTDA, 1997.

COOBAN, Anna. Fenômeno “Barbenheimer” pode ser a salvação da indústria cinematográfica pós-pandemia. **CNN Brasil**, São Paulo, 24 jul. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/fenomeno-barbenheimer-pode-ser-a-salvacao-da-industria-cinematografica-pos-pandemia/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

CORTÊS, Gisele Rocha; SOARES, Gilberta Santos; NOBRE, Amanda Lara Ferreira; SANTOS, Marizele Coutinho. Mulheres trans e espaço LGBT: informação e resistência. *In*: ROMEIRO, Nathália Lima; MARTINS, Carlos Wellington; SANTOS, Bruno Almeida dos (orgs.). **Do invisível ao visível: saberes e fazeres das questões LGBTQIA+ na Ciência da Informação**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2019. p. 417-446. (Selo Nyota)

COSTA, José Fernando Andrade. Quem é o “cidadão de bem”? **Psicologia USP**, v. 32, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/wZ8DHtsYrgSc7tTZKJZSszS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 jul. 2024.

COSTA, Robson Santos. Informação e memória cultural na era transmidiática: as adaptações dos quadrinhos marvel para o cinema. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18, 2017, Marília. **Anais [...]** São Paulo: ANCIB, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/104723>. Acesso em: 2 ago. 2024.

COSTA, Anum. No princípio era o verbo... e o verbo era queer. **Ruído Manifesto**, Mato Grosso, 4 jul. 2024. Disponível em: <https://ruidomanifesto.org/1-ensaio-no-principio-era-o-verbo-e-o-verbo-era-queer-por-anum-costa/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 fev. 2025.

CRIPPA, Giulia; ALMEIDA, Marco Antonio de. Mediação cultural, informação e ensino cultural. mediation, information and education. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.13, n.1, p.189-206, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1173>. Acesso em: 29 fev. 2025.

DARNTON, Robert. **Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 259 p.

DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos na França pré-revolucionária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 455 p.

DANTAS, Georgia Geogletti Cordeiro; MOURA, Maria Aparecida. O universo cultural e criativo de fãs e suas implicações na produção de conteúdos: uma abordagem informacional. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14, 2013, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: ANCIB, 2013. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/#/v/184481>. Acesso em: 28 ago. 2024.

DIAMOND, Lisa. **Why the “born this way” argument doesn't advance LGBT equality** | Dr. Lisa Diamond | TEDxSaltLakeCity. [Salt Lake]: TEDx Talks, 18 dez. 2018. 1 vídeo (14min53s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RjX-KBPmvgg4&t=893s>. Acesso em: 24 fev. 2024.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Construtos próprios sobre leitura na Ciência da Informação. In: DUMONT, Lígia Maria Moreira (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação: diálogos, fundamentos, perspectivas**. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2020. cap. 1, p. 21-52.

EL PAÍS Brasil. O que Bolsonaro já disse de fato sobre mulheres, negros e gays. **EL PAÍS Brasil**, 7 out. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277_033603.html. Acesso em: 11 fev. 2025.

ENTREVISTA com o Vampiro de Anne Rice: 1ª temporada. Produtor e Roteirista: Rolin Jones. Elenco: Jacob Anderson; Sam Reid; Bailey Bass; Eric Bogosian; Asaad Zaman. Estados Unidos: AMC, 2022. 7 episódios (5h 38 min.). Título original: Anne Rice's Interview with the Vampire. Disponível em: https://www.primevideo.com/-/pt/detail/0IJQ2835R6JL66MRTBQAZSMFQJ/ref=atv_dp_amz_c_TS8274d9_1_1?jic=16%7CCgNhbgWwSA2FsbA%3D%3D. Acesso em: 10 jun. 2025.

ESPINDOLA, Carolina Bonoto. Cidadania na sociedade em rede: o ciberativismo e o combate à LGBTfobia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE, 3. 2015, Santa Maria. **Anais [...]** Santa Maria: UFSM, 2015. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/563/2019/09/3-5-1.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2025.

ESQUERDA DIÁRIO. LGBTfobia | 12 vezes que Bolsonaro mostrou que é inimigo declarado das LGBTQIAP+. **Esquerda Diário**, 29 out. 2022. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/12-vezes-que-Bolsonaro-mostrou-que-e-inimigo-declarado-das-LGBTQIAP>. Acesso em: 11 fev. 2025.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes. Mediação e competência em informação: proposições para a construção de um perfil de bibliotecário protagonista. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, Brasil, v. 6, n. 2, p. 106–125, 2015. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v6i2p106-125. Disponível em: <https://revistas.usp.br/incid/article/view/101368>. Acesso em: 2 ago. 2024.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes; VARELA, Aida. A mediação da informação e o protagonismo social: experimentando a construção de um modelo em uma comunidade brasileira. **Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información**, Ciudad de México, v. 31, n. 73, p. 91-110, 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-358X2017000300091&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 22 jul. 2024.

FEITOSA, Luiz Tadeu. Complexas mediações: transdisciplinaridade e incertezas nas recepções informacionais. **Informação em Pauta**. Fortaleza, v. 1, n. 1, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/3064/2695>. Acesso em: 11 abril 2024.

FEITOSA, Luiz Tadeu. Cultura, mídia e mediação da informação: aspectos culturais transdisciplinares. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18, 2017, Marília. **Anais [...]** São Paulo: ANCIB, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/104004>. Acesso em: 2 ago. 2024.

FEHRLE, Johannes. Introduction: Adaptation in a Convergence Environment. In: FEHRLE, Johannes; SCHÄFKE-ZELL, Werner (orgs.). **Adaptation in the Age of Media Convergence**. Amsterdam: Amsterdam University, 2019. p. 7-30.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. Ponto e contraponto: harmonias possíveis no trabalho com histórias de vida. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org). **A Aventura (auto)bibliográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 531-548.

FISKE, John. The cultural economy of fandom. In: LEWIS, Lisa A. **The adoring audience: fan culture and popular media**. London: Routledge, 1992. p. 30-49.

FLUTUA. Intérprete: Johnny Hooker; Liniker e os Caramelows. Compositor: Johnny Hooker. In: Coração. Intérprete: Johnny Hooker. [meio eletrônico]: Johnny Hooker [Independente], 2017. 1 CD, faixa 6.

FOLHAPRESS. Rosely Roth lê jornal 'Chana com Chana'. **Folhapress**, São Paulo, 1 jun. 1985. Disponível em: <https://folhapress.folha.com.br/foto/24437272>. Acesso em: 17 mar. 2025.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

GARCÊS-DA-SILVA, Franciéle Carneiro; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; ROMEIRO, Nathália Lima; PIZARRO, Daniella Camara; SALDANHA, Gustavo Silva. Branquitude desvelada: investigando o vocabulário racial nos estudos críticos em biblioteconomia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]** Vitória: UFES, 2024. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/342851>. Acesso em: 18 jun. 2025.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEORGI, Claudia. Reconsidering Convergence Culture and Its Consequences for Literary Studies. In: GEORGI, Claudia; GLASER, Brigitte Johanna (orgs.). **Convergence Culture Reconsidered**. Göttingen: Universitätsverlag Göttingen, 2015. p. 13-29.

GERHARDT, Tatiana Engel; RAMOS, Ieda Cristina Alves; RIQUELMO, Deise Lisboa; SANTOS, Daniel Labernarde dos. Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 67-90.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46–59, 2014. DOI: 10.5433/1981-8920.2014v19n2p46. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>. Acesso em: 5 ago. 2024.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 10–21, 2019. DOI: 10.21728/logeion.2019v5n2.p10-21. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644>. Acesso em: 24 abr. 2025.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1–23, 2020. DOI: 10.22478/ufrpb.1809-4783.2020v30n4.57047. Disponível em: <https://periodicos.ufrpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57047>. Acesso em: 5 ago. 2024.

GONZATTI, Christian. **Bicha, a senhora é performática mesmo**: sentidos queer nas redes digitais do jornalismo pop. Orientador: Ronaldo Cesar Henn. 2017. 238 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <https://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6902>. Acesso em: 18 jun. 2025.

GONZATTI, Christian. Um manifesto queer para decolonizar a cultura pop. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 3, n. 16, p. 156–168, 2021. DOI: 10.9771/peri.v3i16.38341. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/38341>. Acesso em: 6 ago. 2024.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Observatório 2023 de Mortes Violentas de LGBT**. In: Relatórios anuais de mortes LGBTI+, 2024. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, n. 22, p. 201–246, jan. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/cVkrGkCBftnpY7qgHmzYCgd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 abril 2025.

HENN, Ronaldo; MACHADO, Felipe Viero Kolinski; GONZATTI, Christian. Todos nascemos nus e o resto é drag: performatividade dos corpos construídos em sites de redes sociais. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 42, n. 3, 2019. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3243>. Acesso em: 6 ago. 2024.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Questionários**. IBGE, [2023]. Disponível em: <https://anda.ibge.gov.br/sobre/questionarios.html>. Acesso em: 25 mar. 2025.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Panorama do Censo 2022**. IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed., 11 set. 2020. Disponível em:
<https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao>.
 Acesso em: 28 jul. 2024.

JENKINS, Henry. Star Trek Rerun, Reread, Rewritten: Fan Writing as Textual Poaching. *In*: PENLEY, Constance et.al (org.). **Close Encounters: Film, Feminism, and Science Fiction**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991. 171-204.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da Conexão: Criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2015.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. ed. rev. ampl. Brasília, DF, 2012. E-book (42 p.). Disponível em:
<https://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2024.

JOUE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Unesp, 2002.

KIES, Bridget. Saying “I Don’t”: Queer Romance in the Post–Marriage Equality World. **Journal of Popular Romance Studies**, Chicago, v. 13, p. 1-15, 2024. Disponível em:
<https://www.jprstudies.org/2024/03/saying-i-dont-queer-romance-in-the-post-marriage-equality-world/>. Acesso em 31 jul. 2024.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LAVIN, Maud. Strangenesses: Cao Fei’s Haze and Fog, 2013, and AMC’s The Walking Dead, 2010–Present. *In*: GRANT, Catherine; LOVE, Kate Random (orgs.). **Fandom as methodology: a sourcebook for artists and writers**. London: Goldsmiths Press, 2019. p. 107-125.

LIMA, Celly de Brito; PERROTTI, Edmir. Bibliotecário: um mediador cultural para a apropriação cultural. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 161-180, 2016. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/28319>. Acesso em: 2 ago. 2024.

LIMA, Gláucio Barreto de; SANTOS, Raimundo Nonato Ribeiro dos. O campo da informação no ordenamento político de gênero. *In*: ROMEIRO, Nathália Lima; MARTINS, Carlos Wellington; SANTOS, Bruno Almeida dos (Orgs.). **Do invisível ao visível: saberes e fazeres das questões LGBTQIA+ na Ciência da Informação**. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2019. p. 41-70. (Selo Nyota)

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Cinema e Sexualidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 81-98, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6688>. Acesso em: 28 jul. 2024.

LLOYD, Annemaree. Trapped between a rock and a hard place: what counts as information literacy in the workplace and how is it conceptualized? **Library Trends**, v. 60, n. 2, p. 277–296, 2011. Disponível em: <https://researchoutput.csu.edu.au/en/publications/trapped-between-a-rock-and-a-hard-place-what-counts-as-informatio>. Acesso em: 20 fev. 2025.

LUCCA, Bruno. Nova bandeira LGBT+ inclui símbolos trans, intersexo e antirracismo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 dez. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/12/nova-bandeira-lgbt-inclui-simbolos-trans-intersexo-e-antirracismo.shtml>. Acesso em: 25 fev. 2024.

MACHADO, Patrícia Aparecida; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Novas práticas juvenis de leitura – cultura digital e formas de apropriação. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão, v. 33, n. 1, p. 48–67, 2020. DOI: 10.47250/intrell.v33i1.14176. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/14176>. Acesso em: 3 jul. 2024.

MALTA, Renata; FLEXOR, Carina; COSTA, Aianne. Uma nova velha história: sobre censura e literatura LGBT+. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 61, e6110, 2020, p. 1-13. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/i/2020.n61/>. Acesso em: 7 jul. 2024.

MANIFESTO QUEER NATION. Tradução de Roberto Romero. **Cadernos de Leitura**, Belo Horizonte, n. 53, 2016. Disponível em <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno-n-53-manifesto-queer-nation/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

MARCIANO, João Luiz Pereira. Abordagens epistemológicas à Ciência da Informação: fenomenologia e hermenêutica. **TransInformação**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 181-190, set./dez., 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/Gs4Fmw4MbM3rrcpTJYYWMtP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTELETO, Regina; COUZINET, Viviane. Mediações e dispositivos de informação e comunicação na apropriação de conhecimentos: elementos conceituais e empíricos a partir de olhares inter cruzados. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 2013. DOI: 10.3395/reciis.v7i2.450. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/450>. Acesso em: 12 jan. 2025.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARTINS, Ana Amélia Lage. Mediação: categoria lógica, ontológica, epistemológica e metodológica. **Investigación Bibliotecológica**, v. 33, n. 80, p. 133-154, 2019. Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/58036>. Acesso em 10 fev. 2025.

MARTINS, Carlos Wellington Soares. Pode, na Ciência da Informação, o LGBTI+ falar?. **Ciência da Informação Express**, Lavras (MG), v. 2, p. 1-7, 2021. DOI: 10.60144/v2i.2021.30. Disponível em: <https://cienciadainformacaoexpress.ufla.br/index.php/revista/article/view/30>. Acesso em: 28 fev. 2024.

MENDONÇA, Ismael Lopes; FEITOSA, Luiz Tadeu; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Por uma relação cultural com a informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/498>. Acesso em 12 fev. 2025.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=adapta%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 25 ago. 2024.

MIGUEL, Luis Felipe. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira. **Cadernos Pagu**, n. 62, p. e216216, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/CsFcz5vm5bLShxPN3LHDYkk/>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, n. 21, p. 150-182, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/BkRJyv9GszMddwqpncrJvdn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 02 fev. 2024.

MISKOLCI, Richard. Não somos, queremos – reflexões queer sobre a política sexual brasileira contemporânea. In: COLLING, Leandro (org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011, p. 37-56. (Coleção CULT; n. 9). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/2260/5/stonewal-40-cult9-RI.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2023.

MOURA, Maria Aparecida. Cultura informacional, redes sociais e lideranças comunitárias: uma parceria necessária. In: MOURA, Maria Aparecida (org.). **Cultura informacional e liderança comunitária: concepções e práticas**. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2011.

McQUISTON, Casey. **Vermelho, branco e sangue azul**. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Seguinte, 2019.

NIKLAS, Jan. Governo Bolsonaro suspende edital com séries LGBT para TVs públicas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 ago. 2019. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/governo-bolsonaro-suspende-edital-com-series-lgbt-para-tvs-publicas-23891805>. Acesso em: 11 fev. 2025.

OCTAVIANO, Véra Lucia C; REY, Carla Monte; SILVA, Kelly Cristina da. Informação e censura no Brasil: da formação do Estado à 'Era do Real'. **Transinformação**, n. 1, v. 12, p. 59-71, 2000. Disponível em: <http://www.BRAPCI.inf.br/index.php/res/v/115213>. Acesso em: 4 jul. 2024.

OLIVEIRA, Mayllon Lyggon de Sousa; GOMES, Suely Henrique de Aquino; COSTA, Deyvisson Pereira da. Meu corpo, meu lugar ou como o *queer* é uma heterotopia para além da cultura. In: GOMES, Suely Henrique de Aquino; OLIVEIRA, Mayllon Lyggon de Sousa. **Disputas na sociedade midiaticizada**: controvérsias, conflitos e violência. Goiânia: Gráfica UFG, 2020. P. 57-78.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. 347p.

PARIZANI, Raphaella. The Beatles, a mercadoria juvenil da década de 1960: uma Análise do Filme A Hard Day's Night (1964): an analysis of A Hard Day's Night (1964). **Anagrama**, São Paulo, Brasil, v. 15, n. 2, 2021. DOI: 10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2021.192644. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/1-16>. Acesso em: 10 set. 2024.

PASSO, Leandra Alencar Soares Lima de. **Leitura no ciberespaço**: o fenômeno das webcomics e o seu impacto para o protagonismo literário de jovens LGBTQIA+. Orientadora: Lídia Eugênia Cavalcante. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de Graduação em Biblioteconomia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/69946>. Acesso em: 18 jun. 2025.

PASSO, Leandra Alencar Soares Lima de; NUNES, Jefferson Veras; CAVALCANTE, Lídia Eugenia. Pela visibilidade das minorias: análise da produção científica da primeira edição do gt-12 no encontro nacional de pesquisa em pós-graduação em Ciência da Informação de 2022. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, São Cristóvão. **Anais [...]** São Cristóvão: UFS, 2023. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/258568>. Acesso em: 18 jun. 2025.

PASSO, Leandra Alencar Soares Lima de; CAVALCANTE, Lídia Eugenia. Literatura lgbtqiapn+ para o público jovem no Brasil: análise da atuação da editora seguinte. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]** Vitória: UFES, 2024. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/341911>. Acesso em: 18 jun. 2025.

PASSO, Leandra Alencar Soares Lima de; LOBO, Tayssa Nobre. MEMÓRIA, ATIVISMO E VISIBILIDADE: o Legado de Rosely Roth no Movimento Lésbico-Feminista Brasileiro. **História e Cultura**, Franca (SP), v. 17, n. 2, p. 45-71, 2024. Disponível em: <https://seer.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/4612>. Acesso em: 18 jan. 2025.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M.; FUJINO, A.; NORONHA, D. (orgs). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007, p. 47-96.

PETIT, Michèle. “Construir” leitores? In: LUCCHESI, Marco. **Formação de leitores e construção da cidadania**: memória e presença do PROLER. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008. p. 17-22.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2010.

PRADO, Juliana. Bienal do Livro bate recordes de venda e público em 2023; saiba os números. **CBN**, São Paulo, 10 set. 2023. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/419208/bienal-do-livro-bate-recordes-de-venda-e-publico-e.htm>. Acesso em: 1 ago. 2024.

PRADO, Marcos Aparecido Rodrigues do. O acolhimento como princípio da mediação da informação. **Folha de Rosto**, Cariri, v. 6, n. 3, p. 5-13, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/398>. Acesso em: 06 jun. 2025.

PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA. **Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero**. jul. 2007. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/gays/principios_de_yogyakarta.pdf. Acesso em: 10 set. 2022.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes**: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RECORD. **Brasil em Discussão - 13/05/2012**: “Preconceituoso com orgulho”, diz Jair Bolsonaro. Realização de Jornal da Record. São Paulo: Record, 19 dez. 2012. 1 vídeo (56min 3s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mj7Hlyf3I6A>. Acesso em: 10 fev. 2025.

RIBEIRO, D. Stonewall: 40 anos de luta pelo reconhecimento LGBT. In: COLLING, Leandro (org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011, p. 153-156. (Coleção CULT; n. 9). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/2260/5/stonewal-40-cult9-RI.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2023.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**: estudos gays, gêneros e sexualidades, Natal, v.4, n.5, p.17-44, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 15 fev. 2025.

ROMEIRO, Nathália Lima. **Vamos fazer um escândalo**: a trajetória da desnaturalização da violência contra a mulher e a folksonomia como ativismo em oposição a violência sexual no

Brasil. Orientador: Prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra. 2019. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1074>. Acesso em: 3 fev. 2024.

SAMPAIO, Denise Braga. **A memória, a informação e o silêncio da lesbianidade no Serviço Nacional de Informação, nas décadas de 1970 a 1980**. Orientadora: Profa. Dra. Izabel França de Lima. Coorientadora: Profa. Dra. Maria da Luz Olegário. 2021. 172 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22978>. Acesso em: 19 jul. 2024.

SANDERS, Julie. **Adaptation and Appropriation**. 2. ed. London: Routledge, 2016.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Comunicação).

SANTOS, Andréa Pereira dos. Práticas de leitura: censura e preconceito nos meandros da história. In: DUMONT, Lígia Maria Moreira; MENDONÇA, Ismael Lopes (orgs.). **Leitor, leitura e seus contextos: livro de estudos**. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora; PPGCI/UFMG, 2021. p. 55-89 (Selo Nyota).

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SANTOS, Raimundo Nonato Ribeiro dos; TARGINO, Maria das Graças; FREIRE, Isa Maria. A temática diversidade sexual na Ciência da Informação: a perspectiva da responsabilidade social. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, p. 114-135, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/30216/1/2017_art_rnrsantos.pdf. Acesso em: 20 jan. 2024.

SANTOS, Raimundo Nonato Ribeiro dos. **Regime de informação das políticas públicas LGBTI+ no Brasil**. 2020. 160 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/52012>. Acesso em: 3 fev. 2024.

SANTOS, Raquel do Rosário; SOUSA, Ana Claudia Medeiros de; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Os valores pragmático, afetivo e simbólico no processo de mediação consciente da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 26, n. 1. P. 343-368, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/158631>. Acesso em: 14 jan. 2025.

SÃO PAULO (Estado). Lei nº 10.948, de 5 de novembro de 2001. Dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, Poder Executivo, São Paulo, 6 nov. 2001. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2001/lei-10948-05.11.2001.html>. Acesso em: 8 nov. 2024.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. **Inclusão Social**, Brasília, DF, v. 11, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4106>. Acesso em: 4 mar. 2025.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the Closet**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1990.

SERTÓRIO, Beatriz. Virginia Woolf e Judith Teixeira: vozes queer na sociedade oitocentista. Blogue Somos Livros, **Bertrand**, 25 jan. 2024. Disponível em: <https://www.bertrand.pt/blogue-somos-livros/livrolicos/artigo/virginia-woolf-e-judith-teixeira-vozes-queer-na-sociedade-oitocentista/237226>. Acesso em: 16 jan. 2025.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos. **Leitura**, Maceió, v. 1, n. 49, p. 83–108, 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/946>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SILVA, Armando Malheiro da. Mediações e mediadores em Ciência da Informação. **PRISMA.COM**, Porto, n. 9, p. 68–104, 2009. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2057>. Acesso em: 25 ago. 2023.

SILVA, Bárbara Damiane da; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Práticas de mediação cultural nas bibliotecas públicas municipais de Londrina/PR. **Biblionline**, João Pessoa, n. 2, v. 13, p. 30-43, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/32967/18819>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SILVA, Carlos Robson Souza da; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. Mediação cultural da informação: por uma relação entre informação, cultura e mediação na produção de sentidos e significados sobre o real. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 8, n. esp, p. 237–251, 2023. DOI: 10.36517/ip.v8iesp.89241. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/89241>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SILVA, Estevam. 92 anos de Cassandra Rios, a escritora mais censurada do Brasil. **Opera Mundi; Pensar a História**, São Paulo, 3 out. 2024. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/pensar-a-historia/92-anos-de-cassandra-rios-a-escritora-mais-censurada-do-brasil/>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SILVA, Jaíne Chianca da; CORDÃO, Michelly Pereira de Sousa. Boletim Chanacomchana: a construção do Movimento Lesbiano Brasileiro. **Revista Historiar**, Sobral, v. 13, n. 25, p. 140-155, 2021. Disponível em: <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/412/333>. Acesso em: 20 fev. 2024.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44.

SILVEIRA, Stefanie Carlan da. **A cultura da convergência e os fãs de Star Wars**: um estudo sobre o conselho Jedi RS. 2010. 204 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/25129>. Acesso em: 2 set. 2024.

SOARES, Gilberta Santos. **Sapatos Tem Sexo? Metáforas De Gênero Em Lésbicas De Baixa Renda, Negras, No Nordeste Do Brasil**. 2016. 278 f. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/23896>. Acesso em: 20 jan. 2025.

TED. **How TED works**. TED, c2019. Disponível em: <https://www.ted.com/about/our-organization/how-ted-works>. Acesso em: 24 fev. 2024.

TERRA. Bolsonaro: “Prefiro filho morto em acidente a um homossexual”. **Terra**, São Paulo; Porto Alegre, 8 jun. 2011. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>. Acesso em: 11 fev. 2025.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. **Linhas de pesquisa**. Fortaleza: PPGCI, [2024?]. Disponível em: <https://ppgci.ufc.br/linhas-de-pesquisa/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

VANIN, Luís Fernando; OLIVEIRA, Ana Cláudia Perpétuo de. Jornal Lampião da Esquina: um acervo relevante para a cultura LGBTQ+ na biblioteca pública. In: ROMEIRO, Nathália Lima; MARTINS, Carlos Wellington; SANTOS, Bruno Almeida dos (orgs.). **Do invisível ao visível**: saberes e fazeres das questões LGBTQIA+ na Ciência da Informação. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2019. p. 303-345. (Selo Nyota)

VERMELHO, Branco e Sangue Azul (filme). Direção: Matthew López. Produção: Greg Berlanti e Sarah Schechter. Estados Unidos: Amazon Prime Video, 2023. 121 min.

WARNER, Michael. Introduction: Fear of a Queer Planet. **Social Text**, n. 29, p. 3–17, 1991. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/466295>. Acesso em 06 jun. 2025.

WARNER, Michael. **Fear of a queer planet**: queer politics and social theory. Minnesota: Minnesota Press, 1993.

WILDE, Oscar. **A decadência da mentira e outros ensaios**. Tradução de João do Rio. Jandira: Principis, 2020.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Este apêndice corresponde ao roteiro na íntegra com as questões utilizadas na condução das entrevistas com os administrados responsáveis pelo site/portal e pelas redes sociais *online* “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil”.

PARTE 1 - Caracterização do tipo de fã (produtor ou consumidor)

Identificar o público entrevistado a partir da triagem entre administrados do site/portal e uma amostra dos fãs da obra. No caso deste roteiro, trata-se dos administradores da “Vermelho, Branco e Sangue Azul Brasil”.

PARTE 2 - Roteiro da entrevista

Experiência como fã no *fandom*

1. Como você conheceu o livro e se tornou fã da obra?
2. Qual é a importância que o livro Vermelho, Branco e Sangue Azul tem para você?
3. Quais foram as suas motivações para publicar conteúdos relacionados a obra na internet?
4. Quando você ingressou como parte da equipe que faz a curadoria e publicação no portal de notícias Vermelho, Branco e Sangue Azul (VBSA) Brasil?
5. Como você consegue conciliar as suas responsabilidades pessoais e o tempo dedicado à página?
6. Existe algum momento ou conquista específica que tenha fortalecido o sentimento de realização da equipe responsável pelo portal?

Práticas de mediação e da cultura participativa na internet

7. Quais funções você desempenha como parte da equipe? Descreva as ações realizadas.
8. De que maneira é identificada a veracidade das informações selecionadas para publicação no site e nas redes sociais? Como a página lida com rumores a respeito de ambas as versões da obra, elenco e autore?
9. Quais ações de interação com os seguidores são promovidas pelos administradores do portal? Como isso influencia o conteúdo publicado?

10. Como você considera que as publicações realizadas nos perfis nas redes sociais contribuíram para a popularização do livro e do filme?
11. Como você percebe o trabalho realizado pela equipe como um processo de mediação da informação?
12. De que forma o trabalho dos administradores da página, ao mediar informações e promover diálogos entre os seus seguidores, contribui para o combate e a subversão das desigualdades, bem como o empoderamento das pessoas?

Percepções acerca da adaptação audiovisual da obra

13. Como você se sente a respeito da adaptação filmica lançada em 2023 e o processo de acompanhar a percepção pública nas redes sociais?
14. O filme teve exhibições locais para além do serviço de *streaming* em alguns países e o Brasil foi um dos selecionados. Você considera que a *fanbase* brasileira tem uma forte relevância? Por quê?
15. Você consegue identificar os impactos da obra, tanto literária como audiovisual, na vida das pessoas que seguem o portal?
16. Em 2024 foi anunciado pela *Amazon Prime Video* que o filme terá uma continuação. Quais são as suas expectativas para a sequência?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS SEGUIDORES

Este apêndice corresponde ao roteiro na íntegra com o termo de consentimento e as questões utilizadas no questionário *online* aplicado com uma amostra de fãs que acompanham o trabalho realizado pelos administradores do site/portal e perfis nas redes sociais intitulado “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil”.

PARTE 1 - Caracterização do tipo de fã (produtor ou consumidor)

Identificar o público entrevistado a partir da triagem entre administrados do site/portal e uma amostra dos fãs da obra. No caso deste apêndice, trata-se dos seguidores do perfil na rede social X “Vermelho, Branco & Sangue Azul (VBSA) Brasil”.

PARTE 2 - TCLE e Questionário

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de mestrado intitulada “**SE A VIDA IMITASSE A ARTE: MEDIAÇÕES EM REDE NA CULTURA PARTICIPATIVA DOS FÃS DE LITERATURA *QUEER* COMO ESTÍMULO PARA ADAPTAÇÕES AUDIOVISUAIS**”, que corresponde a um estudo acerca das práticas de mediação da informação promovidas por fãs de literatura *queer* nas redes sociais. O objetivo geral desta pesquisa é investigar as práticas de mediação informacional e o vínculo estabelecido pela cultura participativa sob o olhar da comunidade leitora da obra Vermelho Branco e Sangue Azul (VBSA). A finalidade está nas possíveis contribuições para a produção científica e de caráter sociocultural acerca da temática de representatividade LGBTQIAPN+ e de literatura *queer* no campo da Ciência da Informação.

O foco deste questionário é compreender a respeito do papel dos fãs no processo de adaptações audiovisuais de livros LGBTQIAPN+, com foco na obra Vermelho, Branco e Sangue Azul, de Casey McQuiston.

Os dados coletados serão utilizados na dissertação de Leandra Alencar Soares Lima de Passo, sob orientação da Prof. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante Lima, para obtenção do título de mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Os resultados obtidos por meio deste questionário serão apresentados na dissertação de mestrado que está em desenvolvimento, e que estará disponível na íntegra no Repositório Institucional da UFC em um determinado período após a defesa.

A sua participação é voluntária e não trará complicações legais, e as respostas fornecidas serão usadas estritamente para fins acadêmicos, podendo resultar em outras posteriores publicações científicas (artigos, capítulos de livros e afins). Além disso, asseguramos de que as informações concedidas serão mantidas em sigilo, dando ao participante a segurança do anonimato, assim como declaramos que a desistência na participação e a retirada do consentimento a qualquer momento não lhe causará danos.

Este questionário está dividido em quatro partes: **1) Perfil dos seguidores, 2) Experiência como fã no *fandom*, 3) Práticas de mediação e da cultura participativa na internet, e 4) Percepções acerca da adaptação audiovisual da obra.**

A pesquisa é rápida e simples, levando em torno de 10 a 20 minutos para ser respondida, sendo um formulário com 18 questões abertas e fechadas. Em caso de dúvidas, você pode nos contatar pelo e-mail presente ao final do termo de consentimento ou ao final do preenchimento do formulário.

Por fim, agradecemos pela sua colaboração!

Mestranda: Leandra Alencar Soares Lima de Passo

E-mail: leandra.alencar.passo@gmail.com

Orientadora: Profª. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante Lima

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará (PPGCI/UFC)

Declaro que fui devidamente esclarecido(a) sobre a pesquisa de forma clara e objetiva. Informo que estou ciente do meu direito de interromper a participação e consentimento, bem

como de solicitar novas informações se desejar e que devo receber uma cópia das respostas fornecidas no questionário.

*** Indica que a resposta é obrigatória**

Você concorda em participar do presente estudo?*

- ☐ Aceito participar da pesquisa
- ☐ Não aceito participar da pesquisa

Perfil dos seguidores

1. Faixa-etária*

- ☐ 18 - 25 anos
- ☐ 26 - 35 anos
- ☐ 36 - 45 anos
- ☐ Acima de 45 anos

2. Identificação Étnico-racial*

- ☐ Branca
- ☐ Parda
- ☐ Preta
- ☐ Amarela
- ☐ Indígena
- ☐ Outro: _____

3. Identidade de Gênero*

- ☐ Mulher cisgênero
- ☐ Mulher transgênero
- ☐ Homem cisgênero
- ☐ Homem transgênero
- ☐ Não-binário
- ☐ Prefiro não declarar

4. Orientação sexual*

- ☐ Lésbica
- ☐ Gay
- ☐ Bissexual
- ☐ Pansexual

- ☐ Heterossexual
- ☐ Assexual
- ☐ Prefiro não comentar
- ☐ Outro: _____

Experiência como fã no *fandom*

5. Como você conheceu o universo de Vermelho, Branco e Sangue Azul e se tornou fã?*

- ☐ Pelo livro
- ☐ Pelo filme
- ☐ Pelos dois ao mesmo tempo

6. Você leu o livro antes ou depois da adaptação para filme?*

- ☐ Antes do lançamento da adaptação
- ☐ Depois do lançamento da adaptação
- ☐ Não li o livro, assisti apenas ao filme

7. Qual é a importância que o livro e o filme Vermelho, Branco e Sangue Azul tem para você?*

8. O que te motivou a fazer parte do *fandom* de Vermelho, Branco e Sangue Azul?*

- ☐ A história cativante do livro e filme
- ☐ A representatividade presente na obra
- ☐ A comunidade de fãs
- ☐ A adaptação para filme me despertou interesse
- ☐ Outros: _____

9. Qual era a sua opinião antes do lançamento do filme a respeito da história criada por Casey McQuiston?*

- ☐ Estava muito animado(a) e esperava uma adaptação fiel ao livro
- ☐ Estava animado(a), mas com receio de mudanças na história
- ☐ Não estava animado(a), pois prefiro o livro
- ☐ Não conhecia a história antes do filme ser anunciado
- ☐ Outros: _____

Práticas de mediação e da cultura participativa na internet

10. Como você considera que a divulgação feita pelos fãs, especialmente por páginas como Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil, influenciou na adaptação do livro para filme?*

11. Como você observa a relação dos fãs com as duas versões de Vermelho, Branco e Sangue Azul?*

- ☐ () A maioria dos fãs gosta tanto do livro quanto do filme
- ☐ () Muitos fãs preferem o livro, mas também apreciam o filme
- ☐ () O livro é mais apreciado pelos fãs do que o filme
- ☐ () Há divisões no *fandom* entre os que preferem o livro e os que preferem o filme
- ☐ () O filme atraiu novos fãs que não conheciam o livro
- ☐ () Outros: _____

12. Qual é a sua opinião sobre o trabalho realizado pelos administradores do site e do perfil no X (antigo Twitter) da “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil”?*

- ☐ () Muito eficiente
- ☐ () Eficiente
- ☐ () Pouco eficiente
- ☐ () Ineficiente
- ☐ () Não sei avaliar
- ☐ () Outros: _____

13. Como você percebe o trabalho realizado pela equipe responsável pelo site e pelo perfil no X (antigo Twitter) no que diz respeito à mediação?*

14. De que forma as ações promovidas no site e nas redes sociais da VBSA Brasil, ao mediar informações e promover diálogos entre os seus seguidores, contribuem para o combate às desigualdades e o empoderamento das pessoas? Se necessário, marque mais de uma opção.*

- ☐ () Compartilhando e facilitando o acesso à informação
- ☐ () Propiciando o debate e o diálogo com os seguidores
- ☐ () Realizando publicações com foco na visibilidade da população LGBTQIAPN+
- ☐ () Não percebo essa contribuição
- ☐ () Outros: _____

Se possível, explique a resposta da pergunta acima.

Percepções acerca da adaptação audiovisual da obra

15. Como você se sente a respeito da adaptação filmica lançada em 2023?*

- ☐ () Gostei muito
- ☐ () Gostei, mas esperava mais

- ☐ Achei mediano(a)
- ☐ Não gostei
- ☐ Ainda não assisti

16. O filme teve exibições locais para além do serviço de *streaming* em alguns países e o Brasil foi um dos selecionados. Você considera que a *fanbase* brasileira tem uma forte relevância?*

- ☐ Sim, com certeza
- ☐ Sim, mas não acho que foi o principal fator
- ☐ Não tenho certeza
- ☐ Não, acho que outros fatores foram mais determinantes
- ☐ Talvez, mas não sei dizer o motivo
- ☐ Outros: _____

Se possível, explique a resposta da pergunta acima.

17. Você consegue identificar os impactos da obra, tanto literária como audiovisual, na sua vida? Se possível, fale um pouco sobre.*

18. Recentemente foi anunciado pela *Amazon Prime Video* que o filme terá uma continuação. Quais são as suas expectativas para a sequência?*

- ☐ Estou muito animado(a) e acredito que será uma ótima sequência
- ☐ Estou animado(a), mas com receio de que não seja tão bom quanto o primeiro filme
- ☐ Estou animado(a), mas sem grandes expectativas
- ☐ Não estou animado(a), pois acredito que a história original já foi bem contemplada
- ☐ Prefiro esperar mais informações serem divulgadas antes de expressar minha opinião
- ☐ Outros: _____

Obrigada pela sua participação!

Gostaria de expressar suas dúvidas, sugestões ou opiniões? Deixe aqui o seu comentário ou entre em contato pelo e-mail leandra.alencar.passo@gmail.com!

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Este apêndice corresponde ao modelo do termo de consentimento enviado por e-mail aos administradores do site e redes sociais *online* “Vermelho, Branco & Sangue Azul Brasil”.

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de mestrado intitulada “**SE A VIDA IMITASSE A ARTE: MEDIAÇÕES EM REDE NA CULTURA PARTICIPATIVA DOS FÃS DE LITERATURA *QUEER* COMO ESTÍMULO PARA ADAPTAÇÕES AUDIOVISUAIS**”, que corresponde a um estudo acerca das práticas de mediação promovidas por fãs de literatura *queer* nas redes sociais. O objetivo geral desta pesquisa é investigar as práticas de mediação informacional e o vínculo estabelecido pela cultura participativa sob o olhar da comunidade leitora da obra Vermelho Branco e Sangue Azul (VBSA). A finalidade está nas possíveis contribuições para a produção científica e de caráter sociocultural acerca da temática de representatividade LGBTQIAPN+ e de literatura *queer* no campo da Ciência da Informação. Os dados coletados serão utilizados na dissertação de Leandra Alencar Soares Lima de Passo, sob orientação da Prof. Dra. Lídia Eugenia Cavalcante Lima, para obtenção do título de mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Desse modo, solicitamos a sua colaboração com uma entrevista a respeito do papel dos fãs no processo de adaptações audiovisuais de livros LGBTQIAPN+, com foco na obra Vermelho, Branco e Sangue Azul, de Casey McQuiston. Ressaltamos que as respostas fornecidas serão usadas estritamente para fins acadêmicos, podendo resultar em outras posteriores publicações científicas (artigos, capítulos de livros e afins). Asseguramos ainda que os dados coletados e demais informações concedidas serão mantidas em sigilo, dando ao participante a segurança do anonimato. Além disso, declaramos que a desistência na participação e a retirada do consentimento, a qualquer momento da condução da entrevista ou logo após, não lhe causará danos. Por fim, agradecemos a sua colaboração.

Eu, _____, informo que fui devidamente esclarecido(a), de forma escrita e verbal, sobre a pesquisa, os procedimentos metodológicos utilizados e o

direito de interromper a participação, bem como estou ciente do recebimento de uma cópia deste documento.

Declaro o meu consentimento.

Fortaleza, ____ de _____ de 2025.

Assinatura do(a) participante entrevistado(a)

Assinatura da pesquisadora

ANEXO A – E-MAIL ENVIADO A EQUIPE DA VBSA BRASIL

Convite para Participação em Entrevista



Leandra Alencar <leandra.alencar.passo@gmail.com>
para contato ▾

quinta, 23/01, 14:55 ★ ☺ ↶ ⋮

Prezados(as) administradores do portal Vermelho Branco e Sangue Azul Brasil,

Meu nome é Leandra Alencar Soares Lima de Passo, sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal do Ceará (PPGI-UFC), e a minha orientadora é a Profa. Dra. Lídia Eugenia Cavalcante Lima.

Estou enviando este e-mail com o intuito de convidá-los para participar de uma entrevista. O título da minha dissertação é "SE A VIDA IMITASSE A ARTE: MEDIAÇÕES EM REDE NA CULTURA PARTICIPATIVA DOS FÃS DE LITERATURA QUEER COMO ESTÍMULO PARA ADAPTAÇÕES AUDIOVISUAIS", e escolhi como objeto de estudo a obra Vermelho Branco e Sangue Azul, sua adaptação para filme e o trabalho realizado pelos administradores do portal VBSA Brasil.

Envio em anexo o roteiro da entrevista, bem como o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) com as devidas informações, nos formatos DOCX e PDF.

A entrevista será realizada através da plataforma Google Meet, com data e horário a serem definidos conforme a disponibilidade dos membros da equipe. Gostaria também de informar que a entrevista será gravada, exclusivamente para fins de análise posterior, garantindo que todos os dados serão tratados com confidencialidade e usados apenas para fins acadêmicos.

Caso aceitem o convite, por favor, indiquem a disponibilidade nas próximas semanas, e ficarei ao seu dispor para agendar o encontro na data e horário mais adequados.

Desde já agradeço pela atenção e a colaboração de vocês e me coloco à disposição para quaisquer dúvidas que possam surgir.

Atenciosamente,

Leandra Alencar
Mestranda em Ciência da Informação - PPGCI
Representante Discente PPGCI-UFC (2023-2025)
Bacharela em Biblioteconomia
Universidade Federal do Ceará (UFC)

3 anexos • Verificado pelo Gmail ⓘ



 **TERMO DE CONS...**

 **TERMO DE CONS...**

 **ROTEIRO DA ENT...**